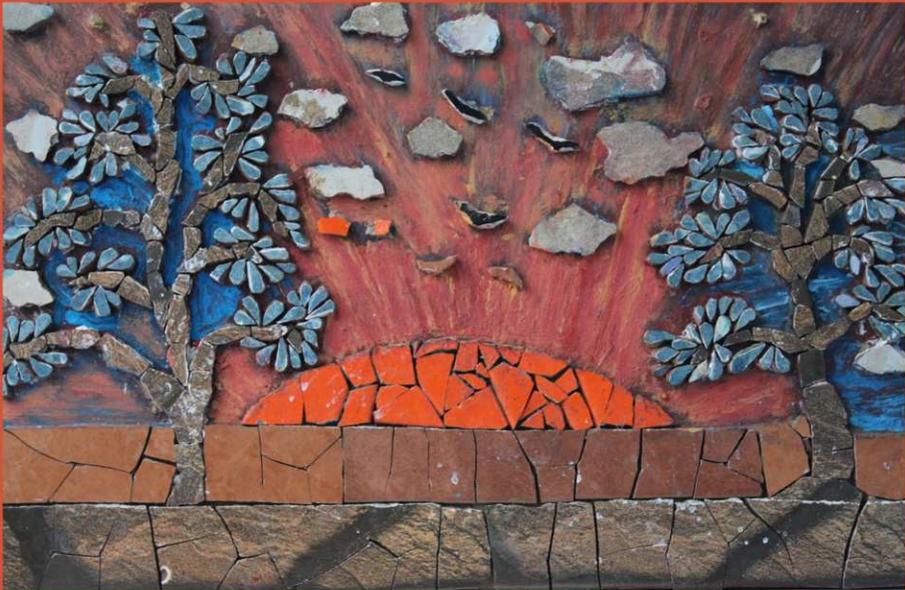


Série Arte Popular, Cultura e Poesia

LITERATURA E SAÚDE PÚBLICA

VOLUME 1

A NARRATIVA ENTRE A INTIMIDADE,
O CUIDADO E A POLÍTICA



Frederico Viana Machado
Isabel Cristina de Moura Carvalho
Janaina Liberali

ORGANIZADORES



Frederico Viana Machado
Isabel Cristina de Moura Carvalho
Janaina Liberali
ORGANIZADORES

Série Arte Popular, Cultura e Poesia

LITERATURA E SAÚDE PÚBLICA

VOLUME 1

A NARRATIVA ENTRE A INTIMIDADE,
O CUIDADO E A POLÍTICA

1ª Edição
Porto Alegre
2021

editora



redeunida

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrove.**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;*

Alcindo Antônio Ferla – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

Àngel MartínezHernáez – *Universitat Rovira i Virgili, Espanha;*

Angelo Stefanini – *Università di Bologna, Itália;*

Ardigó Martino – *Università di Bologna, Itália;*

Berta Paz Lorido – *Universitat de les Illes Balears, Espanha;*

Celia Beatriz Iriart – *University of New Mexico, Estados Unidos da América;*

Denise Bueno – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

Emerson Elias Merhy – *Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil;*

Èrica Rosalba Mallmann Duarte – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

Françisca Valda Silva de Oliveira – *Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil;*

Izabella Barison Matos – *Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;*

Hêider Aurélio Pinto – *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil;*

João Henrique Lara do Amaral – *Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;*

Célio César Schweickardt – *Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;*

Laura Camargo Macruz Feuerwerker – *Universidade de São Paulo, Brasil;*

Leonardo Federico – *Universidad Nacional de Lanús, Argentina;*

Lisiane Böer Possa – *Universidade Federal de Santa Maria, Brasil;*

Liliana Santos – *Universidade Federal da Bahia, Brasil;*

Luciano Bezerra Gomes – *Universidade Federal da Paraíba, Brasil;*

Mara Lisiane dos Santos – *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;*

Márcia Regina Cardoso Torres – *Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil;*

Marco Akerman – *Universidade de São Paulo, Brasil;*

Maria Augusta Nicoli – *Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália;*

Maria das Graças Alves Pereira – *Instituto Federal do Acre, Brasil;*

Maria Luiza Jaeger – *Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;*

Maria Rocineide Ferreira da Silva – *Universidade Estadual do Ceará, Brasil;*

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – *Universidade Federal do Pará, Brasil;*

Ricardo Burg Ceccim – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;*

Rodrigo Tobias de Sousa Lima – *Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;*

Rossana Staeve Baduy – *Universidade Estadual de Londrina, Brasil;*

Sara Donetto – *King's College London, Inglaterra;*

Sueli Terezinha Goi Barrios – *Associação Rede Unida, Brasil;*

Túlio Batista Franco – *Universidade Federal Fluminense, Brasil;*

Vanderléia Laodete Pulga – *Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;*

Vera Lucia Kodjaoglanian – *Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil;*

Vera Maria Rocha – *Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;*

Vincenza Pellegrini – *Università di Parma, Itália.*

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista

Jaqueline Miotto Guarnieri

Alana Santos de Souza

Márcia Regina Cardoso Torres

Renata Riffel Bitencourt

Arte da Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

Ilustrações de Capa e Seções

Trabalhadores e usuários do CAPS AD III Amanhecer da cidade de Canoas/RS

Fotografias

Janaina Liberali

Revisão

Tânia Mara Vanin Cassel, Beatriz Vincent, Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, Arthur Fernandes, Cláudia Gomes Fonseca, Claudson Faustino, Cupertino Freitas, Débora Pontes, Deyse Souza Alves, Jardel Garcia, Lucas Kirschke da Rocha, Marcos Aguiar Ribeiro, Maria Teresa Machado, Núbia Rodrigues

Amigos Leitores

Adilson Barbosa Jr., Adolfo Pizzinato, Aline Hernandez, Amana Mattos, Analice Palombini, Anderson Almeida, Andrea Zanella, Angélica Amâncio, Carlos Alberto Steil, Carlos Falci, Cássia Beatriz Batista, Daniel Albinati, Daniel Canavese, Deborah Castro, Djulia Justen, Douglas Silva, Felipe Comunello, Fernando Carrera, Frederico Salmi, Gustavo Frade, Gustavo Ramos, Heloisa Sousa Pinto Netto, Johann Heys, Julio César Matias, Leonardo Antunes, Lisiane Boer Possa, Luciana Barone, Maria Lúcia Miranda Afonso, Maria Luiza Nogueira, Mário Eugênio Saretta Poglia, Marta Orofino, Monika Dowbor, Núdia Fusco, Pedro Augusto Papini, Renata Pekelman, Robson Nascimento da Cruz, Stela Nazareth Meneghel, Vitor Grunvald

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M149L Machado, Frederico Viana; Carvalho, Isabel Cristina de Moura; Liberali, Janaina (orgs.).

Literatura e Saúde Pública: a narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política – Volume 1 / Organizadores: Frederico Viana Machado; Isabel Cristina de Moura Carvalho e Janaina Liberali; Prefácio de João Guilherme Dayrell.– 1. ed.– Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2021.

273 p. (Série Arte Popular, Cultura e Poesia, v. 6).
E-book: 5,9 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-87180-60-1

DOI: 10.18310/9786587180601

1. Conselhos de Saúde. 2. Planejamento em Saúde. 3. Porto Alegre. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

21-3018056

CDD 614:800

CDU 614:82

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Programas de saúde pública; Literatura.

2. Saúde pública; Literatura.

Catalogação elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

*Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS. Fone: (51) 3391-1252*

www.redeunida.org.br



SUMÁRIO

PREFÁCIO | Saúde pública por meio da literatura.....7

João Guilherme Dayrell

INTRODUÇÃO | Literatura e Saúde Pública: A narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política..... 13

Frederico Viana Machado, Isabel Cristina de Moura Carvalho, Janaina Liberali

I Encontros, saberes e culturas..... 21

Vida, cura e morte Magüta..... 23

Jefter Haad

Presente de garimpeiro 45

Andréa Amorim

Ver com os ouvidos e escutar com os olhos..... 49

Andréa Amorim

Médica com fronteiras: A história da médica cubana Isabel 51

Ester Cristina Machado Ruas

O Médico e o Pintor 71

Antonio Vladimir Félix-Silva, Cássio Marques Ribeiro

Não! O amor não findará..... 83

Adriano B. Espíndola Santos

II Temporalidades e Ficcionalidades	87
Morbus Gallicus.....	89
<i>Beatriz Rodrigues Lopes Vincent</i>	
Carta de Ivan Ilich	109
<i>Maria Angélica Beraldo Suzuki</i>	
Sociobiologia de porcos humanizados — uma quase ficção científica.....	117
<i>Marcello André Barcinski</i>	
Auris	121
<i>Jardel Lucas Garcia</i>	
Ecos.....	143
<i>Jardel Lucas Garcia</i>	
Pestilentia.....	159
<i>Raísa Rios Lodi Guedes</i>	
III Outras razões	173
Ensaio clínico	175
<i>Ana Lúcia Mandelli de Marsillac</i>	
O Endereço	181
<i>Aleff Silva Aleixo, Camilla de Melo Silva, Maristela de Melo Moraes, Alyne Alvarez Silva</i>	
Leonor e o futebol de garagem.....	195
<i>Fabício Silveira</i>	
Pomposas Alienações.....	203
<i>Maxsuel Mendonça dos Santos, Clara Caroline dos Santos Silva, Jayara Mikarla de Lira, Jocellem Alves de Medeiros, José Jailson de Almeida Júnior, Henry Walber Dantas Viera</i>	

Desenclausurando Paolo	207
<i>Stefano Fontana, Tuliola Lima</i>	
Diário de um Cláudio	219
<i>Luna Cassel Trott</i>	
Entre ruas e muros, um sonho de liberdade	225
<i>Débora de Bitencourt Féll, Vera Lúcia Pasini, Analice de Lima Palombini</i>	
Lampejos, apesar de tudo	241
<i>Amanda Cappellari, Lílian Rodrigues da Cruz</i>	
A janela	249
<i>Tátia Rangel</i>	
O ouvido e a formiga.....	253
<i>Aline R. Nascimento [Aiakos]</i>	
Atrás dos muros as pessoas são azuis.....	257
<i>Ana Lúcia Silva</i>	
louca poética da vida.....	261
<i>Mário Francis Petry Londero</i>	
IV Emergência	265
Emergência	267
<i>Ricardo Augusto Pessoa Braga</i>	



PREFÁCIO

Saúde pública por meio da literatura

João Guilherme Dayrell

Associar *literatura e saúde pública*, como se pretende neste livro, pode parecer, sobretudo aos olhos dos familiarizados com cada um destes campos, algo insólito. Diante das razões que fundamentam tal junção, este sentimento apenas se intensifica, pois, surpreendentemente, não foi a incontornável pandemia do *Coronavírus*, cujos efeitos se estendem dos anos de 2019 ao presente, que a motivou. Entretanto, uma prosaica experiência em sala de aula, quando Frederico Vianna Machado, professor adjunto do curso de Saúde Pública da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e organizador da presente coletânea de textos literários, desenvolveu, a partir do primeiro semestre de 2018, uma série de atividades com seus alunos do bacharelado na qual os instigava, finalmente, a *ficcionalizar*, por meio da escrita, suas atividades e reflexões com a saúde pública. O retorno não apenas surpreendeu como impeliu Machado a lançar uma chamada livre na *internet* convidando à contribuição com esta publicação, sendo o único porém a obrigação de os proponentes se submeterem a uma ou mais rodadas de avaliação por pareceristas externos. Com isso, teve-se a felicidade de expandir, ao Brasil, o que se restringia ao espaço de uma sala de aula e ao referido corpo discente.

De fato, o contexto era uma Escola de saúde, cuja vocação interdisciplinar abrange, em maior medida, profissionais deste campo como, por exemplo, enfermeiros, médicos e fisioterapeutas: muito distante, portanto, das Letras, na qual os Estudos Literários são abrigados e que se avizinha, por sua vez, às chamadas Ciências Humanas. A ponte, talvez, coubesse à Psicologia, não fortuitamente, área de formação de Machado – embora poderíamos pensar nas próprias ramificações das Ciências Sociais, como Sociologia e Antropologia. Porém, como dizíamos, se o

contexto era a saúde, a isca, ao contrário, foi a própria literatura, pois a concepção do projeto surge após a leitura, por Machado, de *Sonhos tropicais*, que o médico especializado em saúde pública, professor e escritor gaúcho Moacyr Scliar publica em 1992 e no qual temos narrado, paralelamente à estória de uma polonesa que emigra ao Brasil – e, aqui, acaba por se prostituir –, a luta do médico e sanitarista Oswaldo Cruz contra a epidemia da varíola que assolava o Rio de Janeiro na passagem do século XIX ao XX. Após conseguir, junto ao Congresso, a obrigatoriedade da vacinação, o sanitarista assiste emergir, em meio à população – instigada por oligarcas cafeicultores, militares, monarquistas e republicanos conservadores – uma onda de obscurantismo na qual pululavam precursoras da nossas *fakenews*: entre as quais, aquela segundo a qual o vacinado adquiriria formas de uma vaca devido ao fato de parte dos insumos do medicamento ter o animal como origem.

É inevitável, claro, o paralelo com o nosso presente, quando a mesma classe dominante, agora com o incremento do aparato narco-evangélico-miliciano, difunde o perigo do humano, após a injeção, ver-se, como n’*A metamorfose*, de Franz Kafka, transformado num monstruoso animal – na infeliz versão brasileira, o jacaré¹. Todavia, o fato de ponto de partida desta coletânea ser a literatura nos diz muito de sua natureza: pois não se trata, aqui, de por em paralelo literatura e saúde pública para, daí, em movimento comparativo, traçar possíveis encontros e óbvias diferenças. Afinal, não estamos no campo da reflexão, mas, ao contrário, naquele da *práxis* artística, ou seja: *Literatura e saúde pública* é, antes de tudo e como já sinalizado, um livro de literatura atravessado, tanto na forma como no sentido, pelas mais variadas dimensões e vicissitudes do corpo a corpo com a saúde pública brasileira. Logo, a lírica e a prosa, mesmo quando deixam escapular algum sotaque acadêmico-científico, são os instrumentos por meio dos quais se manifestam o imenso leque de patologias do corpo social e do indivíduo que nele se insere; assim como as formas encontradas pelo Estado, no âmbito do periférico capitalismo latino-americano, de atenuá-las ou agravá-las. Afinal, como já lembrou Caetano Veloso numa canção, o certo já foi – e pode voltar a ser, a depender das reviravoltas políticas – “louco tomar eletrochoques”².

1 Segundo a tradução de Modesto Carone, da seguinte maneira o romance que Kafka escreve em 1912 e consegue publicar, entretanto, somente três anos depois, inicia-se: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” (KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução e posfácio: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 6)

2 VELOSO, Caetano. “O estrangeiro”. In: *O estrangeiro*, 1988.

Disso emerge uma pergunta prosseguida de um esclarecimento, a ser feito antes de encerrarmos, a saber: quais as implicações de se usar a arte para abordar a saúde pública? Não se pode respondê-la, no entanto, sem se atentar ao fato de que a saúde do corpo social não é, por incrível que pareça, ponto estranho à literatura – e é para a literatura que devemos olhar em primeiro plano aqui –, mas foi, durante séculos, uma de suas funções mais requisitadas, ao menos por um certo extrato de sua produção e reflexão acerca do seu fazer que se tornaram, por sua vez, hegemônicos em diversos períodos como, finalmente, no século XIX francês. Em 1880, por exemplo, o renomado escritor Émile Zola se inspirava no tratado de medicina *Introduction à l'Étude de la Médecine Expérimentale*, escrito em 1865 pelo médico Claude Bernard, com a finalidade de embasar seu manifesto *Le roman expérimental*, cuja ideia era, basicamente, de que o romancista funcionasse como um observador e, posteriormente, um experimentador: primeiro, tirava espécie de retrato dos fenômenos naturais, seus automatismos e condicionantes, e, depois, fazia-os “variá-los ou modificá-los”³. Com isto, tornar-se-ia juiz “de instrução dos homens e de suas paixões”⁴, o que permitiria limpar o corpo social das suas patologias e fazer o homem reinar perante à natureza. Não muito distante de Zola, o Romantismo alemão, como notou Roberto Machado em *O nascimento do trágico*: de Schiller a Nietzsche, valeu-se da catarse aristotélica para pensar a arte como uma *purgação*. Nela, o espectador se coloca na pele do herói trágico que entra, por sua vez, em desgraça ao se deixar guiar por suas paixões. Recebida a lição de moral via compaixão pelo sofrimento alheio, o espectador, visando ter um fim distinto, internaliza a necessidade de controlar seus impulsos corpóreos, o que o possibilita participar da vida política e contribui, finalmente, para manter saudável o corpo social. Por fim, lembramos que a catarse enquanto dispositivo moralizante operado pela arte foi, um pouco antes, muito importante à sátira barroca, como notou João Adolfo Hansen: “(...) misógina, crítica à simnia, glotoneria, usura (...), crítica dos judeus”, aos negros, às práticas sexuais não heterossexuais, a sátira barroca, por meio do murmúrio, da fofoca, arquivava, controlava os comportamentos, produzindo, como diz Hansen, um “dirigismo político aristotelicamente determinado: uma catarse, purgação das paixões, como arte de persuasão”⁵ e correção da natureza decaída na

3 BERNARD, Claude apud ZOLA, Émile. O romance experimental e o naturalismo no teatro. Introdução, tradução e notas: Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982, p. 29.

4 ZOLA, Émile. O romance experimental e o naturalismo no teatro. Introdução, tradução e notas: Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982, p. 29.

5 HANSEN, João Adolfo. A sátira e o engenho. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo:

qual o corpo condiciona a alma. Realizando uma autoproclamada “limpeza”, ela, ao delatar, livrava a cidade da “corrupção”.

Quem seria contra a saúde do corpo social? Ora, como se vê, passando do antropocentrismo ao racismo, o que é entendido como saúde varia de acordo com o contexto. O exemplo máximo estaria, obviamente, na ideia de pureza e assepsia nazifascista, que parece querer voltar a nos assombrar. Voltando ao caso do Romantismo alemão, como mostrou Roberto Machado, sua ideia de purgação entra em colapso quando Friedrich Nietzsche, n’*A origem da tragédia*, escrito por volta de 1872, nota uma tradição trágica não edipiana, mas dionisíaca: nela, ao contrário, o “indivíduo subjetivo” é obrigado a “aniquilar-se no total esquecimento de si mesmo”⁶, assim como acaba a exploração do homem pelo homem e, finalmente: “a natureza, alienada, inimiga ou subjugada, celebra sua reconciliação com o filho pródigo, o homem”, pois “os animais falam, já a terra produz leite e mel, por que a voz do homem adquiriu uma ressonância de ordem sobrenatural. O homem (...) sente-se Deus (...), deixa de ser artista para se tornar obra de arte.”⁷ Mas não só: a literatura, em seus momentos mais altos, soube ser uma aguda consciência crítica dos limites do dirigismo que opõe, enquanto *pathos*, doença, o corpo à inteligência, substituindo, como numa espécie de biopolítica⁸ *avant la lettre*, uma concepção autêntica de saúde por uma mera submissão e controle dos corpos e da imaginação à moral dominante, isto é, à arbitrariedade da norma. Pensamos, aqui, na ironia de um Machado de Assis, quando, em 1822, publica o conto “O alienista”, no qual um médico inaugura um hospício numa cidade e, ao diagnosticar a “anormalidade mental” dos habitantes, para usar as palavras precisas do crítico literário Antônio Cândido, “percebe então que os germes de desequilíbrio prosperam tão facilmente porque já estavam latentes em todos; portanto, o mérito não é da sua terapia”, ou seja, de seu método experimental. “Não haveria um só homem normal, imune às solicitações das manias, das vaidades, da falta de ponderação?”, pergunta-se Cândido, ao que completa: “analisando-se bem, vê que é o seu caso; e resolve internar-se, só no casarão vazio do hospício, onde morre meses depois. E nós perguntamos: quem era louco?”⁹

Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 200.

6 NIETZSCHE, Friedrich. *A origem da tragédia*. Tradução: Joaquim José de Faria. 13ª Edição. São Paulo: Centauro, 2004, p. 23.

7 *Ibidem*, p. 37.

8 O conceito é de Michel Foucault e diz basicamente da opção da Modernidade por gerenciar os corpos transgressores e/ou patológicos ao invés de abandoná-los, tal como se daria no Ancien Régime. Cf. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

9 CÂNDIDO, Antônio. *Esquema Machado de Assis*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 7.

Poderíamos nos estender a outros contos de Machado nos quais as contradições de determinados conceitos de saúde colocam médicos e cientistas em delicadas e sombrias situações, a exemplo de “Conto alexandrino”¹⁰ ou a “Causa secreta”¹¹. Poderíamos, também, avançar à literatura dita “canônica” e mostrar como ela não apenas foi um lugar especial de confronto consciente em relação à norma, mas experiência dionisíaca e emergência afirmativa de formas de vida que excedem seus limites. Poderíamos falar do homoerotismo entre os jagunços de Guimarães Rosa; nas vertigens femininas do humano em Clarice Lispector; na irrupção e transgressão das formas naturais em Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto; no caráter indomesticável da própria linguagem – ou serial das coisas que ela tenta apreender? – na poética abertamente antirracista de Ricardo Aleixo; nos diários de Carolina Maria de Jesus como sobrevivência em meio à barbárie do capitalismo. Poderíamos, para tanto e a título de contraste, lembrar que, até 1990, a Organização Mundial de Saúde entendia as relações homossexuais como uma doença. Que o regime do *apartheid* na África do Sul, em sua inspiração nazifascista, nivelava pessoas negras a animais, enquanto recebia o apoio de líderes do mundo liberal como, por exemplo, da primeira ministra britânica Margaret Thatcher. Que, na passagem dos anos 90 aos 2000, a cada cinco minutos, no Brasil, uma criança morria de fome. Que, durante a pandemia do *Coronavírus*, explodiu, no país, o número de feminicídios. Que as comunidades indígenas enfrentam, no presente, uma ofensiva brutal de invasões e ameaças. Ou, enfim, que assistimos, como vem nos alertando intelectuais como Ailton Krenak e Davi Kopenawa, a uma emergência climática que coloca em xeque o modo de vida ocidental e o modo de produção capitalista.

Poderíamos, mas não é o caso. Porque este texto se destina simplesmente a introduzir, ao leitor, a coletânea *Literatura e saúde pública*. Não nos caberia, por outro lado, descrever o que o leitor encontrará, o que será um tanto melhor e mais prazeroso que ele descubra com o caminhar de seus próprios olhos. Avisamos, a título de curiosidade, que não passamos pelos tópicos listados acima fortuitamente, pois se poderá encontrar aqui, tanto na lírica quanto na prosa, imagens e ações que tangenciam a questão da loucura e os limites da racionalidade; a atuação de

10 Publicado por Machado em 1883 no jornal *Gazeta de notícias* e, no ano seguinte, recolhido pelo autor no volume *Histórias* sem data.

11 Originalmente publicado em 1885, também no periódico *Gazeta de notícias*.

profissionais da saúde em meio a terras indígenas e demais questões que dizem respeito aos povos originários; a experiência da exclusão social no contexto urbano do capitalismo em seu atravessamento por questões de suma importância para a saúde pública como uso de drogas, aborto, insegurança alimentar, más condições de higiene; diversas formas e vicissitudes do homoerotismo, assim como variadas dimensões das experiências sexuais não heterossexuais; o cotidiano de médicos, enfermeiros e demais profissionais etc.

E o que significaria abordar este universo por meio da arte, da literatura? Talvez porque ela permita ao espectador se colocar na pele de cada “eu lírico”, de cada protagonista não para purgar, isto é, receber, como explicado, uma lição de moral que o convida a se livrar de toda paixão e, conseqüentemente, se anestésiar¹². Mas o contrário, a saber: a poesia e a prosa são, aqui – e como acontece na arte mais autêntica –, a oportunidade para o leitor adotar o ponto de vista do outro, ou seja, trocar, por um minuto, de perspectiva e se colocar em meio a uma experiência híbrida na qual suas vivências e percepções se misturam às de outrem. Entre muitas outras coisas, com isso a literatura não somente produz uma sensibilização, ou seja, reativa corpos e visões de mundo automatizadas, insensíveis às violências banais do cotidiano, mas, principalmente, opõe-se à ideia de que as pessoas e a natureza são coisas, números, dados estatísticos e convida, enfim, à formação de uma concepção de Saúde Pública que esteja à altura disso.

* * *

João Guilherme Dayrell é doutor em Estudos Literários pela UFMG e mestre em Literatura pela UFSC.

12 Cf. BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestésica: o “ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin re-considerado. Tradução: Rafael Lopes Azize. Revista Travessia. Florianópolis. n.33, ago.-dez. 1996.



INTRODUÇÃO

Literatura e Saúde Pública: A narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política

*Frederico Viana Machado
Isabel Cristina de Moura Carvalho
Janaina Liberali*

O projeto “Literatura e Saúde Pública: a narrativa entre a intimidade, o cuidado e a política”, lançado em 2019, é uma parceria entre a Editora Rede Unida e o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LAPPACS/UFRGS). A proposta se inspira, inicialmente, em um exercício de escrita criativa utilizado em sala de aula para trabalhar a história das políticas de saúde no Brasil. Nesse exercício, as/os alunas/os são convidadas/os a escrever uma narrativa ficcional que envolva o sistema de saúde, evocando fatos e características históricas estudadas em aula. A obra *Sonhos Tropicais*, de Moacyr Scliar, é uma referência para este exercício. Nesse livro, Scliar cria um romance ambientado nas políticas públicas de saúde do início do século passado, tratando com sensibilidade os elementos do sanitarismo campanhista e articulando desde as tramas políticas arquitetadas pelas elites econômicas até a vida cotidiana da população mais pobre.

A força com que esse exercício mobiliza os afetos e os esforços das/os alunas/os nos levou a buscar diálogos literários fora dos muros da universidade. Além disso, sabemos que as vivências profissionais e o contato com os diferentes campos e territórios da saúde produzem encontros e experiências riquíssimas, cuja beleza, intensidade e significado ultrapassam os limites da escrita técnica e científica. As principais perguntas abertas pelo edital foram: “*Como pode a literatura e a política servirem de inspiração mútua nos dias de hoje? O que o*

tensionamento entre ficção e realidade pode nos fazer apreender sobre as políticas públicas de saúde?”

Ficamos surpresos com a receptividade da proposta e com as formas criativas, afetuosas e potentes com que as/os autoras/es responderam ao desafio posto pelo projeto. Ao todo, entre contos, crônicas e poesias, 72 submissões foram aceitas e seguiram para avaliação. Dentre estas, 49 textos cujas narrativas se entrelaçam às “Políticas Públicas de Saúde” foram aprovados e compõem os dois volumes desta coletânea. Este livro integra a série Arte Popular, Cultura e Poesia, da Editora Rede Unida, que discute as intensas relações entre arte e saúde que ocupam os espaços de reflexão e interação dos atores que compõem o campo da saúde coletiva brasileira.

Diferentemente da tradicional revisão por pares, utilizada na avaliação de manuscritos em periódicos científicos, os membros da banca receberam a alcunha de “Amigo Leitor”. Ser um amigo leitor (ou amiga leitora), como o definimos, significou ser um parecerista especial. Embora lhe pertencesse a crítica, seu objetivo maior foi ajudar a melhorar a qualidade do texto. Coube ao amigo leitor ler os trabalhos e relatar suas impressões e os sentimentos despertados, mas também indicar as fragilidades na escrita e partes do texto pouco trabalhadas, cujas/os autoras/es poderiam desenvolver, dar mais corpo, além de sugerir revisões específicas. Com a intimidade que existe entre amigas/os, o Amigo Leitor pode adentrar na escrita do outro, acompanhado pela consciência da singularidade que caracteriza um texto literário.

Como escreveu Giorgio Agamben, “a amizade é o compartilhamento que precede qualquer divisão, porque o que há para partilhar é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse con-sentir original, que constitui a política¹.” Cada texto foi avaliado por pelo menos dois “Leitores Amigos” com trajetórias “mais acadêmicas” e “mais literárias”, agregando percepções e diálogos que aproximassem os campos da saúde e da literatura.

Nossa proposta convocou a criatividade de todas e todos que quiseram refletir sobre a realidade das políticas de saúde no Brasil, com narrativas que tensionaram a realidade e a ficção. Estas narrativas compõem um mosaico de produções heterogêneas, relacionando variados períodos históricos, variadas

1 AGAMBEN, Giorgio. O amigo, Chão de feira, 2007, p. 5.

políticas públicas, categorias sociais diversas, tecnologias e suas incidências sobre os corpos, aprisionando ou expandindo limites. Foram abordadas diferentes enfermidades, peregrinações nos sistemas de saúde e pelos territórios diversos e singulares e as burocracias que desafiam a vida. Foram evocados corpos doentes ou adoecidos, vulneráveis ou vulnerabilizados, enfrentando kafkianas burocracias do Estado, e também criando alternativas de fuga e de modos de vida, desbravando a selvageria do capitalismo, desvelando nuances do sistema sensíveis às fragilidades do corpo e da alma. Da mesma forma, são heterogêneos os formatos e linguagens utilizadas: contos, prosas poéticas, poesias, cordéis, entre outras, que aprofundam a riqueza deste trabalho.

As políticas públicas de saúde, nesta proposta, deixam de ser vistas apenas como um conjunto de programas, protocolos, instituições, redes de atendimento, e ganham carne, corpo, sangue e suor. Os modos como são afetados, no dia a dia, pacientes e profissionais da saúde, estão situados na trama dos encontros humanos, onde a vulnerabilidade de ambos os lados, do paciente e dos profissionais, produz os excessos da experiência vivida, ultrapassa os protocolos e exige ser dita, escrita, ficcionada, elaborada. São estas produções narrativas que, ao seu modo, transpõem sintomas individuais e institucionais em uma miríade de cenários figurados, tão ricos quanto só a arte pode criar para, ao mesmo tempo, ultrapassar e tornar sustentável o vivido. As descrições/invenções de realidades matizaram o contato do corpo com a norma, com o Estado e com as políticas públicas da saúde, abrindo a experiência do adoecer e do cuidar para novos significados e sensibilidades que a escrita imaginativa pode produzir.

No encontro entre a produção intelectual e científica e a criação artística e literária, nos chama a atenção a questão da autoria. Diferentemente dos artigos e livros acadêmicos, no âmbito literário é incomum encontrarmos textos com mais de um autor. Neste livro, temos textos de poucas páginas que somam autores, trazendo da cultura acadêmica para a literatura modos habituais de coletivizar a reflexão e a escrita. Isto nos leva a refletir sobre os múltiplos sentidos da “autoria” e da “obra”: *O que é ser autor/a? O que é compartilhar a autoria de uma obra?*

A ordem dos textos foi construída, por nós organizadoras, por critérios relacionados às temáticas abordadas em cada conto, mas que obviamente estão pautados pela percepção subjetiva que cada um deles nos causou, por meio de

contrastes, associações e evocações. Alguns textos trabalham conjuntamente diversos temas, fazendo com que qualquer ordenamento seja imperfeito e contingente, tal qual a relação entre as categorias e a realidade, os mapas e os territórios. Preferimos adotar uma disposição que produzisse sentido do que algum critério objetivo, como ordem alfabética, por exemplo. Cada um dos textos é independente, possibilitando que o livro seja lido em qualquer ordem. Entretanto, acreditamos que todos juntos constroem um sentido potente e expressivo do imaginário das políticas de saúde e do seu entorno.

Na primeira sessão, que intitulamos “Encontros, saberes e culturas”, reunimos seis contos que se aproximam pelo tema do encontro entre realidades culturalmente diversas que emergem nas intervenções clínicas. Em três deles, o foco narrativo está nas/os profissionais de saúde: dois contos relatam agentes de saúde atuando em comunidades indígenas, enquanto o terceiro traz a bem-sucedida atuação de uma médica cubana que tem seu trabalho interrompido com o final do Programa Mais Médicos. Outros dois textos têm como foco os sujeitos da intervenção médica: num deles a narrativa se desencadeia a partir de um curumim que «vê» um grito e, no outro, uma comunidade sertaneja é relegada ao abandono com o final do Programa Mais Médicos. A eles, soma-se um conto que toma como cena ficcional os saberes e fazeres da arte e do cuidado de si, a partir da vivência de artistas de rua.

A segunda sessão, intitulada “Temporalidades e Ficcionalidades” reúne seis contos que têm em comum a temática dos deslocamentos entre passado e futuro. Dois textos nos remetem ao passado histórico, como o conto sobre a amizade entre o poeta Raymundo e o médico Oswaldo (baseado em fatos reais?) e o outro que retoma o personagem da obra de Tolstói, “A morte de Ivan Ilitch”, e ficcionaliza o processo de adoecimento e os cuidados paliativos, numa carta imaginada do protagonista Ivan Ilitch, deixada à sua esposa. Os outros contos nos lançam para futuros distópicos, no melhor estilo de ficção científica.

Na terceira sessão do Volume 1, denominada “Outras razões”, são apresentados doze textos que trazem experiências ambientadas em questões e práticas de cuidado relacionadas à saúde mental. Aqui, o leitor pode percorrer muros, isolamentos e outros estigmas da vida dentro e fora do manicômio. O convite é o de adentrar a loucura em primeira pessoa. Do mesmo modo, é possível

vislumbrar subjetividades e ambientes moldados pelas formas outras da razão, através dos olhos dos pacientes e das/os profissionais (enfermeiras/os, psicólogas/os, médicas/os, psiquiatras, acompanhantes terapêuticas/os, auxiliares, entre outras/os viventes do mundo “psi”), que são, de certa forma, aqueles a quem cabe acompanhar, apoiar, tratar, conter, e suportar o sofrimento mental.

A quarta sessão, com um conto, emergiu de uma urgência, a de trazer para o corpo literário do livro uma narrativa sobre a Pandemia. Agradecemos ao escritor Ricardo Braga a gentileza de nos ceder este conto, de onde roubamos o título para a sessão de encerramento deste volume.

Quando o projeto foi concebido, a pandemia causada pela SARS-CoV2 não estava no horizonte. Mesmo assim, não faltaram nesta coletânea situações de descontrole de epidemias e cenários sanitários distópicos, evidenciando que, na imaginação de quem vive desde dentro os meandros da saúde, essas cenas não estavam assim tão distantes da realidade. A imaginação, seja ela antecipadora ou não de situações por viver, é um dos motivos pelos quais o espaço da criação literária se torna uma abertura fundamental para, em diversos planos, nos preparar para o devir, integrar o passado, inventar utopias, reagregar coletivos, e mobilizar afetos para o contínuo desafio que é atuar na saúde.

Este projeto foi construído a muitas mãos e corações que se empolgaram com a proposta e doaram seu talento, seu tempo e sua energia para que ele se concretizasse. Agradecemos a todas/os que colaboraram para a realização deste trabalho tão gratificante e do qual tanto nos orgulha fazer parte. Agradecemos a Editora Rede Unida que acolheu entusiasticamente a proposta desse projeto, e também pelo competente e relevante trabalho editorial que tanto contribui para o pensamento crítico em saúde no Brasil. Nos contatos com a editora foram cruciais os diálogos com Alcindo Ferla e Gabriel Calazans Baptista.

Agradecemos especialmente a colaboração do Dr. João Guilherme Dayrell, que assina o prefácio do Volume 1 e participou da concepção do projeto e da condução do processo avaliativo. Da mesma forma, agradecemos a Ricardo Braga e a Stela Nazareth Meneghel. Ricardo Braga assina o prefácio do Volume II. Stela Meneghel assina o posfácio, que está ao final do Volume II, mas que discute esta coletânea como um todo. Esses autores trazem uma importante contribuição ao presente trabalho, com escritas de rara beleza, refletindo sobre possibilidades

de compreensão sobre a relação entre literatura e saúde pública e cotejando a particularidade de cada texto.

Agradecemos também o trabalho voluntário e dedicado dos “Leitores Amigos”, creditados neste livro, que enriqueceram o processo editorial com conversas e trocas sensíveis e edificantes. O trabalho de revisão de português foi todo realizado de forma voluntária. Agradecemos especialmente a Tânia Cassel, que revisou todos os textos do Volume 1, e Beatriz Vincent, que revisou a maior parte dos textos do Volume 2, mas também aos demais membros da equipe de revisão que está creditada no início deste livro.

Agradecemos ainda, a equipe de trabalhadoras/es e as/os usuárias/os do CAPS AD III Amanhecer da cidade de Canoas/RS, que gentilmente cederam suas obras para estampar a capa e outras páginas deste livro. Nosso muito obrigado à Alessandra Giovanella, coordenadora da Oficina de Artes deste dispositivo de saúde tão potente, que com sua criatividade e empolgação inspira a todos que participam desse espaço. Nosso agradecimento também à Diretoria de Políticas e Ações em Saúde Mental, que compõe a gestão da saúde no âmbito do município de Canoas.

Por fim, o agradecimento mais importante se destina às autoras e aos autores que aceitaram o desafio posto por este projeto, enviaram seus trabalhos e participaram ativamente dos passos finais de organização do livro com ideias e sugestões e, sobretudo, com a paciência e compreensão que tiveram pelos atrasos e contratempos ao longo do percurso. Nesta eterna luta contra o sucateamento das políticas públicas, frente a todos os desafios para fazer das práticas de cuidado um exercício de afirmação da vida, a imaginação é fundamental para reinventarmos utopias, reagregarmos coletividades e mobilizarmos afetos para o contínuo processo de fazer saúde. Viva o SUS!

* * *

Frederico Viana Machado é psicólogo, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE/UFRGS). Coordenador do Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS/UFRGS).

Isabel Cristina de Moura Carvalho é psicóloga, mestre e doutora em Educação, e tem Pós-doutorado em antropologia. É bolsista produtividade do CNPq. Atualmente é professora na Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora na Universidade Estadual de Campinas.

Janaina Liberali é enfermeira e mestra em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Enfermeira da Fundação Municipal de Saúde da cidade de Canoas/RS.



I

Encontros, saberes e culturas



Vida, cura e morte Magüta

Jefter Haad

“Yo’i deixou essa festa como símbolo sagrado para que nós, nossos filhos e netos não possamos esquecer das tradições. Acontece quando uma menina vira moça e pode ser influenciada pelos maus espíritos. A menina é isolada da tribo, deixada no mosquiteiro em cima do turi, podendo falar somente com a mãe e a tia, ninguém mais. Lá dentro ela aprende a tecer bolsas, pintar cerâmica e fazer fios de tucum, enquanto a família prepara a festança que pode demorar dias, semanas e até meses.”

Ângela olhava o contorno de suas mãos enquanto aprisionava o medo de si mesma ao longo do Solimões. O cheiro do húmus naquelas águas misturou-se ao assombro de sua psique, às lembranças que lhe amputaram o espírito, e ao pesadelo que – no fundo – ainda a envenenava.

— Vê as sumaúmas, Dra.? – Martín, o agente comunitário de saúde indígena, desacelerou a lancha enquanto adentravam o novo trecho de mata – Aqui começa Bom Pastor. Desde os pés de copaíba até os limites cercados, tudo isso já é a comunidade.

Ela organizou os cabelos sob o boné da vigilância como se o gesto lhe suavizasse a aparência, abrandando a tensão de um encontro que tirava seu sono há dias.

— Aqui a linha de frente é modesta. – Martín continuou – Os madeireiros ainda não atravessaram os limites da aldeia, o que não ameniza o medo de visitas como essa, é claro.

Ela apertou os dedos em seu banco enferrujado ao perceber o primeiro sinal de vida humana no período das duas horas navegadas. Um cartaz decrépito em língua indígena surgiu na margem esquerda do rio Solimões. “Terra de Tupã”, ele dizia.

A mulher sentiu um súbito espasmo na nuca lembrá-la do fio de dúvidas que ainda lhe perturbava. “Seria este o momento de seguir em frente? Após quanto tempo uma mãe é capaz de lidar com a perda de sua filha? Seriam aqueles

nove meses? Ou quem sabe os nove anos seguintes à tragédia? O que pensam as outras mães? Elas também sentem que, na verdade, precisam de nove vidas para recomeçar a viver? Quantos milênios são precisos para reaprender as amarguras do mundo?” Ângela pressentiu que jamais teria a resposta.

— A Sra. não precisa fazer isso, Dra. — Martín percebeu a distância entre a mulher e seu subconsciente — A vigilância entende o seu caso e tem um ótimo quadro de pessoal que também pode lidar com isso.

— Obrigada pela consideração, mas pretendo continuar.

— Imagino que seja frustrante ouvir sempre a mesma coisa de tudo mundo, mas espero que a Sra. entenda que é livre para abortar a missão a qualquer momento.

A mesma onda de piedade e boas intenções repetia-se ao decorrer dos meses. Conselhos virtuosos sobre a vivência do luto, o falso espaço imposto por amigos e colegas do trabalho. Todos eles ressoando como vozes tremidas à limítrofe condição da mãe desestabilizada. “Tome o tempo que precisar, querida. Estaremos aqui para o que precisar.”, “Não seja tão precipitada! Por que não fica em casa mais umas semanas? Descanse um pouco mais essas olheiras.”, “O luto passa, Ângela. O emprego acaba. As horas, os meses, os anos. Tudo passa.”. O mesmo discurso em diferentes palavras hasteava a bandeira incapacitante de sua perda. Sentindo-se violada, Ângela era exposta à piedade alheia como um triste exemplo de mulher sozinha, tentando afogar os ressentimentos no melhor que sabia fazer de sua vida: trabalhar.

— Não vim até aqui para turismo, companheiro. A comunidade precisa de uma dentista, e, ao que me disseram no polo-base, sou a única qualificada para isso. Vamos focar nossas energias em fazer o serviço e esquecer essa conversa de uma vez por todas, okay?!

Martín calou-se o trajeto inteiro entre a atracação da lancha e os primeiros passos rumo a mata densa. Ângela enrijeceu ao sentir o tremor na espinha passar por suas vísceras, rumo ao limbo interno de seu desespero. Sentiu aquilo tudo se misturar ao verde viçoso do mato e o vigor pútrido de estrume, vindo de longe, resguardando-se no pouco de experiência que suas três primeiras rugas lhe incumbiam.

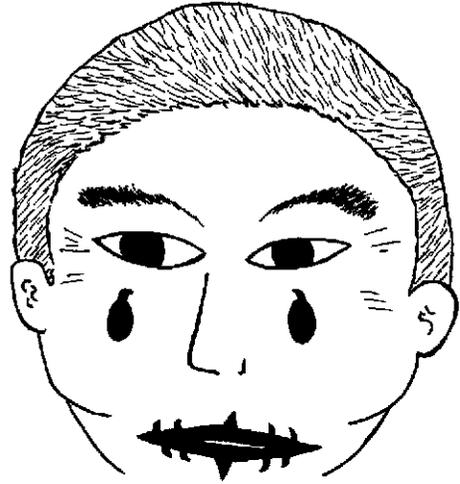
Agora, por fim, haviam chegado à terra dos deuses — santuário da vida selvagem —, lar dos que viviam sob o crivo de Tupã e seus caprichos. Lugar de

ancestralidade divina em pleno subterfúgio ameríndio, a comunidade do povo Ticuna – os autodenominados Magüta.

*

O chefe da comunidade foi o primeiro numa sequência vigorosa de cumprimentos. E o vazio que emanava das pessoas da aldeia que se escondiam entre frestas, tocos e palhas foi o suficiente para Ângela entender o pavor do conflito entre as civilizações. Era ela, naquele instante, a homem-branco símbolo da recente e sangrenta tomada de terras. Os índios viam nela o semblante frio dos seus filhos mortos, a carnificina, o privilégio humano de tomar para si o que era de todos. Sob sua figura corpulenta tremiam e temiam. “Chegou o homem-branco com seus apertos de mãos. Demorará quanto tempo até essa mão também decidir apertar o gatilho?”

Martín pôs-se entre o líder e sua esposa, apressando-se numa modesta formalidade em língua nativa. Ângela notou a fluidez das palavras entre o agente de saúde e o chefe da tribo, até o velho – em suas rugas singelas e pinturas no rosto – olhar em sua direção, estendendo-lhe a palma da mão, consentindo, no fim das contas, com a fragilidade de seu povo frente à ameaça de mais um recém-chegado.



— Zaquiel é um dos meus nomes. Pode me chamar assim. – disse o homem numa junção de espanhol e português. – Vieste por causa da menina?

— Isso. – Afirmou em nervosismo.

Martín continuou a conversa em língua Ticuna, buscando o devido respeito à tensão causada pela chegada de ambos. Somente Ângela entendia o quanto o suor nas costas do parceiro media a tensão latente a falsas interpretações.

— Ela está há oito dias na casa de Zaquiel. – Martín traduziu simultaneamente – Sua febre começou há cinco dias e já não consegue mais abrir a boca. Tiveram que

levá-la para casa dele por conta das rezas e das esfinges espirituais que não podem sair de lá. Então levaram a menina para deixá-la próxima ao santuário. Ele diz que notificou o polo-base antes de ontem, por um pedido desesperado da mãe da garota.

— E por que colocaram a vigilância nisso? Até onde sei, o polo-base e o próprio exército também cobre essa área de atendimento.

Martín repassou a pergunta em dialeto a Zaquiél, tendo a resposta prontamente traduzida:

— Inaiê não é a única tomada pela fúria dos espíritos. Aqui o povo todo está passando por moléstias. *Yo’i* tem castigado a ele próprio, sua esposa e filhas. Todo índio da aldeia paga o preço pela desobediência.

O líder deu as costas num símbolo de orgulho, fazendo questão em demonstrar sua parcela de desprezo aos visitantes. Ainda assim, Martín o seguiu em prontidão à consonância daquele discurso, levando Ângela à um pequeno contingente de curiosos que rodeava o leito da garota enferma.

No fundo de um quarto abafado, no casebre principal, pendia uma rede solitária, marcando a silhueta de um corpo fraco, rodeado por máscaras carrancudas feitas de madeira, palha, sálvia, capim-santo e outras ervas. Uma mulher choramingava o que parecia ser um corinho aos pés da jovem desacordada, segurando um antepasto verde de cheiro desagradável, enquanto lamentava pelo corpo e o espírito de seu bem mais precioso.

Não foi preciso chegar mais perto para saber que algo apodrecia naquele ser humano. O engodo purulento da doente empestava o quarto com o odor pútrido de um descaso, aparentemente, atribuído à fúria dos deuses daquela gente. A menina desfalecida, com suor pelo corpo todo e os cabelos espalhados, cultivava um abscesso colossal no lado esquerdo do rosto, onde a pele e nuances da face indicavam a toxicidade dos seus últimos dias de vida. Ângela equiparou a assimetria daquela feição à um monstro de seus antigos pesadelos; múltiplos inchaços pela face, cor pálido-acinzentado, olhos comprimidos e boca entreaberta devido ao trismo. Para a mulher, aquela era bem mais que uma simples enferma perdida num coma; era o coletivo de todas as desgraças de uma terra amaldiçoada.

— Ela estava no *turi* quando desmaiou. – Zaquiél, o líder, disse num português fragmentado – Era o terceiro dia da festa, e no terceiro dia a mãe e tia devem arrancar os cabelos da menina, pouco a pouco, até a tinta do jenipapo ficar pronta.

“Jesus Cristo! Ela está morta. Ela está morta! Que tipo de ajuda esses malucos querem?!”

— Mas *Yewae* interrompeu essa etapa do rito. Escolheu nossa tribo para mostrar sua ira e levou o espírito dela para a mata, junto aos outros mortos. Não deu nem tempo de completar o segundo cântico. O *jenipapo* apodreceu logo em seguida, e hoje faz oito dias.

“Não é possível que ainda esteja viva com todo esse inchaço e secreção. É impossível!”

— Primeiro veio o calor. — *Zaqui*el prosseguiu — A pele esfriava durante o dia e esquentava durante a noite. Depois o hematoma na cara cresceu de repente e impediu a garota de abrir o olho e a boca. Não demorou até que deixasse de comer e afundasse nesse sono.

“Mas ela não está dormindo, ela está morta! Morta! Por que demoraram tanto para pedir ajuda?”

— Mas ele não veio levar somente *Inaiê*. A tia ficou mal da cabeça, em seguida. As crianças pegaram diarreia. Os homens passaram a coçar moléstias que antes não cuidavam. Os dentes das pessoas estão caindo, a chuva está salobra, os porcos e galinhas estão morrendo, e isso tudo é culpa nossa. Essa é a ira sobre meu povo.

Ângela precisou tocar na frente de *Inaiê* para constatar o improvável. A menina ardia numa brasa invisível, enquanto conversavam frente ao seu leito. *“Jesus misericordioso. Ela está viva!”*

— Tentamos a reza do ancião, os bichos da floresta e as ervas que conhecemos. Nada adiantou até a mãe dela chorar pela ajuda de vocês. O que duvido que resolverá. Se *Tupã* a quis desse jeito, então é desse jeito que deve ser! Se ela não foi forte o bastante para se tornar moça, então nós também somos culpados. O nosso corpo é um só; menino, bicho, homem, mulher, tudo junto! O medo dela é o medo de todos. A fraqueza dela também é a nossa fraqueza. Então, se cai sobre ela o mal dessa festa inacabada, será para todos o castigo que aos poucos já nos mata.

— É sobre um ritual, *Ângela*. — *Martín* sussurrou à mulher, certificando-se de que era ouvido — Para eles uma festa, na verdade. A festa da Menina-moça. *Inaiê* adoeceu em uma das fases do rito, e por causa disso eles acham que os espíritos estão castigando a aldeia toda com algum tipo de epidemia.

Ângela deslizou a mão pelos braços da doente, absorvendo o fogo que a consumia, e, feito correnteza que se transforma em enxurrada, recobrou os sentidos

de um pesadelo maior que sua descrença em tudo. Diante de si estava a filha e o câncer que a consumira. Os olhos cinzentos escondidos, a face tóxica, o ar úmido e podre; era a própria Débora em seu leito, deformada pelo beijo da morte que há muito lhe rondava. Depois disso, não houve muito o que dizer, apenas, deixar que todas as lágrimas retidas após o acontecido brotassem ali, em solo Ticuna.

— Ângela. Ângela!

Martín procurou esconder a agitação de um dos temores que agora se tornou palpável. Os meses de Ângela em seu luto não a tornaram preparada para o retorno à rotina de dentista. Sua cabeça ainda estava doente – e no fundo ele nunca duvidou disso –, assim como o espírito, o ânimo e o coração. A teimosia da mulher driblou a equipe de saúde inteira, agora colocando em risco a missão que os dois, há dias, prepararam executar.

— Ângela! O que deu em você? – ele sussurrou alto o suficiente para acordá-la daquele transe em espiral.

— Ela está viva Martín, e fervendo em febre. Olhe você mesmo! Está entrando em sepse por conta do abscesso. Uma angina, provavelmente.

Zaquiél se portou inquieto à agitação dos forasteiros.

— A garota já devia estar internada há dias! – Ângela enfatizou enxugando o rosto úmido pelas lágrimas – Como vocês deixaram isso evoluir a esse ponto?! Ela está à beira da morte, gente! Provavelmente já começou o ritual com esse inchaço no rosto. Como ninguém notificou esse quadro antes?! Não trouxemos equipamento para isso! Nos disseram que era uma queixa de dor de dente, e só! Essa menina precisa ser internada!

— Arrume as coisas dela Zaquiél, e diga à mãe para nos acompanhar. Vamos levá-la a Benjamim Constant.

O líder enrijeceu o rosto marcado pelo tempo, e sem pestanejar repreendeu os visitantes com a fúria da qual guardava aos inimigos.

— Eu sabia! Eu sabia! Vocês percorrem essa distância toda, trazem seus lixos, suas máquinas. Nós deixamos vocês entrar. Nós confiamos em Martín, e agora me dizem que querem levar a aldeia para a cidade?! NUNCA, é o que eu digo! Nunca os Ticunas vão deixar a sua terra para morrer longe de casa, na terra de homem boçal. Vocês chegam, tomam as nossas terras, matam o nosso povo e acham que podem nos separar da família?

Zaquiél bradou tão alto, que, por um segundo, Ângela teve a impressão que dali seriam expulsos a terçadadas.

— Eu não permito! EU PROIBO!

Martín em pleno nervosismo ingressou numa conversa tumultuada em dialeto, buscando apaziguar o acontecido com suas habilidades de intérprete e intermediário. A vila inteira correu até a porta do casebre, espiando por entre as brechas mais uma confusão ocasionada pelo homem-branco.

E sob muitas palavras irreconhecíveis, Ângela pressentiu a resistência do líder indígena em tirar o seu povo da aldeia, assim como sua negativa em trazer gente nova até eles. O aumento das invasões noturnas, tal qual as mortes e o fogo que traziam aos Ticunas, enfraquecia a cada dia o seu povo. E permitir a entrada de outros forasteiros sob a promessa de ajuda seria mais uma forma de baixar as guardas, favorecendo a entrada do inimigo. Para Zaquiél, aquela seria a última tentativa de interferência do mundo externo ao povo Magüta. Tudo que ultrapassasse as vontades do líder da aldeia, estaria entregue às providências de *Yo'i* e *Tupã* que, desde os primórdios, nunca lhes faltaram à assistência.

Com olhos preocupados, Martín virou-se à mulher, detalhando as condições da tribo por assistência médica. Ou a dupla prestaria o serviço in loco, pelo tempo que fosse preciso, ou que nem se dessem ao trabalho de trazer mais gente, pois estes seriam recebidos com arcos e flechas.

— Não há o que se discutir, então. – Ela disse ao fim de tudo – Vamos tentar terapêutica antibiótica em dose de ataque. O efeito pode demorar alguns dias, mas é o único material que trouxemos conosco.

— Você não entende Ângela, eu não posso ficar aqui por “alguns dias”, eu tenho uma família para cuidar lá na cidade!

— Pois bem, eu fico, então. – respondeu quase de imediato.

— Como assim, você fica? Você sabe como funciona o nosso trabalho, você conhece as suas atribuições. Ela precisa ser encaminhada para atenção terciária. Você conhece o protocolo bem melhor do que eu, e sabe que estamos numa zona de risco. Sabe o que os termos éticos explicam sobre essas situações.

— Martín, a infecção dela será generalizada em poucos dias, ou, quem sabe, até horas. Horas! Acha mesmo que dá tempo de voltarmos à base, solicitarmos uma equipe médica e eles chegarem aqui a tempo de encontrarem-na viva? O

próprio Zaquiél deixou claro que não vai permitir. Isso agora é conosco, Martín. A vida dela depende de nós, da nossa tentativa.

— Você não entende?! Estaremos no meio de uma guerra se continuarmos no meio desse povo! Uma guerra por território, por madeira! É a merda da máquina coronelista matando a tiro índio que interfere no negócio deles. Aqui não tem polícia, Ângela. Houve um ataque há menos de quinze dias próximo daqui, três homens e uma criança morreram no confronto. Agora eu te pergunto, como é que fica a minha reputação na aldeia depois de ter trazido uma mulher histérica, que intimida o líder deles a levar uma garotinha para a cidade grande?!

Para a mulher, palavras não costumavam surtir grandes efeitos. E, apesar de sentir a vulnerabilidade de suas guardas vindo à tona, Ângela manteve a rigidez sob o semblante ao recusar outras formas de argumentos.

— Conheço seus medos Martín, também compartilho deles. Mas o quão infelizes seríamos se optássemos por não enxergar além dos outros e além de todos os códigos de ética. Estou quebrada, parceiro, compreendo isso. Mas hoje eu decido ficar e encarar o fim disso, mesmo que seja através da minha índole duvidosa e de tantas outras imperfeições. Não irei deixá-la aqui para morrer, Martín. Não sem ao menos tentar. Por isso, eu fico.

*

“Não existe cerimônia mais bonita! O canto, a dança, as flautas, as máscaras, tudo é feito para trazer a alegria, e mostrar aos espíritos e às árvores a gratidão do nosso povo. O cântico é alto, para espantar o espírito dos homens brancos que lutamos no passado, e para proteger a garota dos agouros que vem das folhas e dos troncos da floresta. Mas quando os demônios da noite resistem na garota, impedindo o andamento da cerimônia, não é somente a menina quem sofre as consequências, mas toda a tribo cai em desgraça também.”

Dia 01

Como esperado, Martín não voltou atrás em sua palavra, e pouco o culpo pela escolha, já que não paro de me perguntar se, caso ainda tivesse família, teria optado em seguir com essa loucura. E mesmo sem entender os conflitos de uma

possível resposta, eu me privo em procurar essa paz de espírito que – a princípio – acreditava encontrar nos confins desta terra, mas que, ao final das contas, só me faz lembrar da constante ameaça que sonda a minha saúde, assim como a integridade daqueles que acreditaram em mim a ponto de aceitarem a minha permanência.

Aqui na vila a terra é vermelha, sem aquele tom barrento mesclado ao pó e ao húmus. Seu calor é centralizado, as sementes não criam raízes decrepitas sob profundidade, sequer se dão ao luxo da dúvida quando o assunto é fertilização. O cheiro do povo me lembra o cheiro das águas, dos nutrientes provindos do barro. As faces exibem o semblante cianótico de uma gente doente, que conhece o processo de cura tanto do corpo como da alma, mas que demonstram nos olhares estreitos o medo da guerra, da arma de ferro do homem-branco. Aqui a terra é vermelha e por isso me pego, quase sempre, repetindo a mim mesma: “isso não é sangue, isso não é sangue”.

*

Como entender a complexidade de uma célula, em seu ciclo apoptótico? A ciência é o cérebro por trás disso, do entendimento obstinado dos processos fisiológicos do ser humano? Ou há algo a mais detrás da morte prematura de uma criança, cuja expectativa de vida foi brutalmente interrompida? A filosofia Ticuna presta o seu ponto de vista a este processo, o que nos leva para além das barreiras do pensamento holístico, designando a forma do mundo e a peculiaridade das coisas à hierarquia espiritual de fundo naturalista. O homem como sendo o tudo, e o tudo englobando todas as coisas. As aves, peixes, mamíferos, insetos e plantas, sendo o ecossistema originado pela seiva das árvores, e distribuídos na terra como o pólen semeado pelo vento. Fertilizando os rios e criando os primórdios da civilização humana como hoje a conhecemos. E se talvez para muitos seja difícil associar a convenção indígena para a origem do mundo como um vínculo normal de crença adstrita, encarar o processo saúde-doença nessas comunidades, para estes, poderá significar um verdadeiro emaranhado de problemas – o que, para Ângela, não foi diferente.

Ver, todos os dias, a comunidade invadindo seu espaço de atuação para incorporar andiroba, mastruz e copaíba às pílulas de Amoxicilina administrada à Inaiê, reduzia seu ego profissional a uma mera expectadora de xamanismo. Ainda que tivesse as 24h ao lado da menina, trocando os panos de água quente,

administrando soro intravenoso e complexos vitamínicos, sempre alguém da aldeia surgia com uma nova receita ou palpíte quanto ao caso, levando-a ao entendimento profundo sobre o que tudo aquilo significava para aldeia.

No terceiro dia, durante a aferição de pressão da menina prostrada, uma senhora pálida surgiu com um cocar de penas amarelas nas mãos, ajustando-o na cabeça da garota desacordada, como se o verdadeiro lugar do ornamento fosse sempre aquele. E, ignorando a presença da mulher-branca ao seu lado, a anciã pôs-se a cantar um hino triste, ainda que Ângela o considerasse a coisa mais bela que já escutara na vida. A senhora massageou os braços, os pés e a garganta da menina, como se enxergasse o caminho da disseminação infecciosa, acreditando que – acima de tudo – O Criador restauraria a saúde de Inaiê, para que, dessa forma, toda a tribo também fosse curada. Nesse dia, a dentista não teve certeza quanto à eficácia do gesto sobre a saúde da garota prostrada, mas, certamente, compreendeu a profundidade dos costumes indígenas no processo de cura coletiva, já que sentira um calor diferente numa parte pedrada de seu próprio coração, ainda soterrado pelo luto.

*

Dia 06

Parece que me privei do mundo para mergulhar no vazio anêmico desta cólera. A aldeia arrasta seus corpos fragilizados somente para comer ou beber a água do rio. É como se apodrescessem por dentro, numa onda coletiva de desânimo suicida. O próprio som da mata, às vezes, reflete o agouro dos dias que – aparentemente – são infinitos. Não há silêncio na tribo. Não, silêncio é utopia. O que se ouve na madrugada é um zumbido humano, uma histeria contida pela carne debilitada. Às vezes é um choro vibrante que percorre as raízes e brotos da lama Magüta, outras vezes é o unísono abafado dos pesadelos que transpõem o plano onírico do inconsciente adoentado. E feito ciranda, eu me vejo presa nessa dança da morte. De um lado a persistência física que nos faz continuar vivendo, do outro a certeza de que o fim está próximo – seja ele por bem, ou por mal. Não há segurança abaixo das árvores, nem liberdade no perfume da relva. Não há sensação de segurança, no fim das contas; ainda que gozem do leito de seus antepassados, a vigília do homem branco recai sobre o medo de perderem suas

terras consagradas. E com os dias a vida padece sobre meus olhos, me alcançando a cada novo adoentado, à espreita de uma sanidade que há muito se perdeu nos braços do luto, do sangue e da guerra.

*

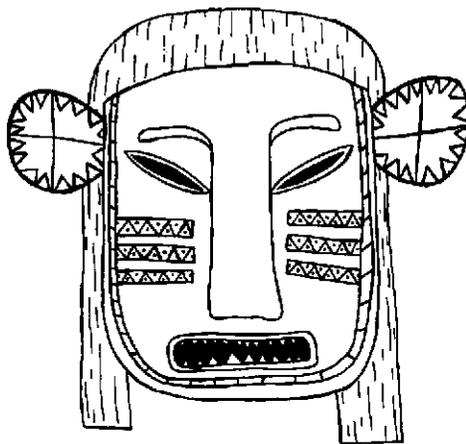
Numa madrugada sem lua, os estrondos de um novo ataque atravessaram a floresta, despertando a aldeia com a luta voraz entre o homem-branco e os índios mais jovens do povoado. Ângela souo frio ao imaginar o quão próximo poderiam estar da comunidade, sendo inevitável especular que, um dia, esta guerra alcançaria as crianças, mulheres e anciãos da aldeia, dissecando pela raiz a árvore genealógica daquele nicho de pluralidade. “Queira Deus isso não aconteça”, ela pensou enquanto ouvia a porta de tapumes trepidar com a entrada de uma mulher às pressas. Era a mãe de Inaiê que, frenética, despertou com o barulho num impulso materno de acolhimento à vida e suas brevidades. Marta – como o líder a chamava em português – correu para os braços da filha desacordada, chorando copiosamente, desenrolando uma fala complicada de ser ouvida, mas leve de se sentir.

A mãe, com medo de a guerra invadir a aldeia esta noite, despedia-se da filha com uma sinceridade poucas vezes presenciada por Ângela, que observava a cena no meio-tom das sombras. Ângela quis estar no meio daquele abraço, agregando sua parcela de tristeza à frustração dos antibióticos que quase não demonstravam efeito. Mas acima de tudo, ela desejou que Marta compreendesse sua língua só por um instante, enquanto verbalizava a sua própria ferida sangrenta como forma de reconforto:

— Marta, eu também tive esses batimentos, a arritmia do medo. Antes do diabo me tirar tudo, eu tinha esse mesmo espírito, essa voz oca. Quis gritar no início, quando comecei a perder as esperanças, mas depois entendi que um grito nunca é o mesmo quando a vida perde o sentido. Eu perdi o diamante da minha vida. A única parte de mim que brilhava para o mundo quando tudo era escuro e sem vida. E perdê-la dessa forma parecia tão inevitável naquele momento, que a única reação que tive foi de me distanciar da verdade cada vez mais – a cada novo medicamento, nova sessão de radioterapia ou o surgimento de novas feridas. E veja como estou hoje em dia. Por conta disso eu carrego a culpa de jamais ter me despedido apropriadamente, e, portanto, nunca ter me desligado de uma doença que acabou afetando a minha

família inteira. Chore o quanto for preciso. Abraça-a o mais forte que puder. E guarde esse instante como se fosse o último, já que – na verdade – ele talvez o seja.

Na porta do casebre um curumim de barriga proeminente escondia-se detrás de uma das grandes máscaras carrancudas do ritual da Moça-nova. Era o irmão caçula de Inaiê que acompanhou a mãe até metade do trajeto, trazendo consigo a máscara soturna das boas intenções – quase maior que o seu próprio corpinho sem roupa –, a fim de assustar o demônio da irmã com a maior referência de medo que já teve na vida. Após isso, as bombas e tiros lá fora não duraram mais que vinte minutos. Mas com a quietude veio o eco; o eco de dias iguais mergulhados em incertezas.



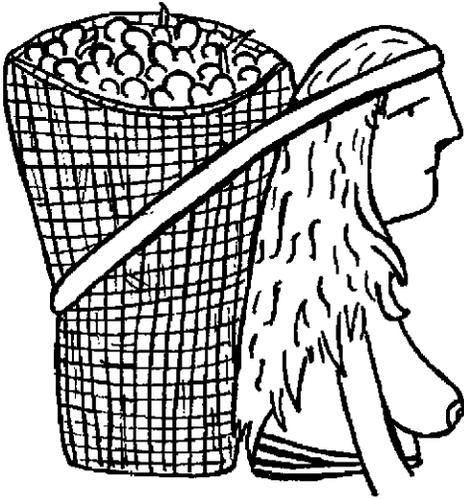
*

“A mãe e os familiares pintam a menina com o sumo do jenipapo, enchem-na de ornamentos, de folhas e penas. Ela ajoelha-se diante da tribo enquanto o cântico da vida adulta é feito por todos. E, de olhos vendados, cada um arranca uma madeixa dos seus cabelos. Mecha por mecha, a menina sente o peso e a responsabilidade da vida adulta. Ela está sendo transformada, enquanto os espíritos do mau afastam-se, esquecendo a mocinha que chora nos braços da mãe, transformada, fortalecida.”

Dia 13

Ontem senti-me tão longe de casa quanto o possível ao banhar-me no igarapé do Capacete – a principal fonte de nutrientes da aldeia. Muitas mulheres saíram da água com a minha entrada no riacho, e as poucas que permaneceram evitaram qualquer contato. Ainda sou, ao que parece, o reflexo dos inimigos que sondam suas terras e lhes tiram a paz de espírito. E apesar das necessidades fisiológicas de compartilhamento nos tornarem iguais sob o aspecto anatômico, a característica

humana me faz parecer um monstro invasor que mais atrapalha do que beneficia. Muito disso se deve ao fato da maioria não acompanhar os cuidados que tenho em monitorar Inaiê dentro da choupana. E é justamente por isso que muitas delas ainda não sabem, mas talvez Inaiê saia viva dessa enfermidade já que uma fístula extra bucal tem drenado boa parte do abscesso purulento, o que tem feito a infecção reduzir drasticamente. Coisa difícil de explicar, eu sei, mas sinto como se, de alguma forma, aquilo que está dentro dela buscase – insistentemente – meios de abandonar o seu corpo. Um prognóstico difícil da minha ciência pôr em minúcias.



No finalzinho da tarde, quando os mosquitos surgiram na superfície – no que descobri ser uma espécie de toque de recolher da tribo –, as últimas mulheres alcançaram a margem numa linha reta, sem dizer coisa alguma. E eu, seminua e vulnerável à dificuldade de contato com os locais, me conformei em prosseguir sozinha, vendo-as recolher os cestos abarrotados de umaris maduros colhidos no dia. Sozinha com o canto dos pássaros noturnos. Sozinha.

*

O dia amanheceu num cântico ritmado de expectativa. Zaquiel, o líder, entrou na choupana com o grupo falante de mulheres com o seio de fora. Com a maioria delas Ângela estivera acostumada a lidar, fosse no banho de riacho, no forno farinheiro, na cacimba de água, etc. Mas naquele dia todos trouxeram consigo a personalidade primitiva que, no fim das contas, preenchia o bem-estar de uma vida conectada à natureza.

Nos pescoços, os caroços da bacaba uniam-se num colar lustroso ao centro do peito e as mulheres, em seus corpos cor de jambo, carregavam consigo cabacinhas repletas de uma gosma verde-amarronzada. Para o interior do casebre, o grupo levou taquaras e chocalhos revestidos de muitas cores, desenhos,

miçangas e fiapos. Ângela sequer havia acordado quando chegaram, mas ao que parecia, isso estava longe de ser um problema ao contingente animado.

Num furdunço de línguas enroladas, os Ticunas rodearam Inaiê em sua rede, meneando a atmosfera entre o mundo carnal e o espiritual. Duas delas beijaram os pés da menina adormecida, o líder coroou Inaiê com angélicas e erva-brava, apertando-lhe a fronte num sussurro esquisito. De repente a mãe da menina explodiu num choro sincero de desespero. Era um pranto grosso de cansaço e medo, alto o bastante para despertar o coro profuso de orações e unguentos macerados.

Ângela ergueu-se de pernas bambas do tapete em que dormira. Quis soar invisível ao contingente visitante, apesar de não ser preciso muito diante do clamor cerimonial dos indígenas. Foi depois desse dia que as coisas realmente mudaram. A energia carregada e purulenta da adolescente pareceu esvair-se no período de poucas horas, dando a entender a eficácia do tratamento antibiótico administrado há semanas. Zaquiel deixou a choupana com um ar preocupado, apesar da fé proferida sob a adolescente, e, quase que instantaneamente, Ângela soube que não se tratava somente de uma cura isolada. Em suas mãos tinha a responsabilidade imposta por Tupã em preparar a menina para o fim do ritual que libertaria o seu povo, trazendo de volta a saúde da aldeia e a proteção de suas terras contra os animais da selva de pedras.

*

Dia 19

Hoje o polo-base me deu um prazo de seis dias para deixar a comunidade por boa vontade e voltar a Benjamim Constant para finalizar o processo de escala em serviço prestado. Foi o próprio Martín quem surgiu na aldeia com a notícia, mesmo sem deixar claro se há relação direta com os frequentes e violentos ataques à comunidade. Para ele, voltar a este campo de guerra não deve ter sido fácil – eu imagino. Foi possível ver em seus olhos o fuzuê construído pela mídia sobre os confrontos. “O jornal local publicou o ataque de ontem. Parece que não tinha hora melhor para você se meter nessa bagunça.” ele disse. E não demorou muito para informar o que, de fato, tinha vindo dizer: “A sede entende a sua preocupação, Ângela. Sabe que a comunidade está precisando de ajuda, mas essa, *definitivamente*, não é a hora certa. Seis dias é o prazo máximo que eles podem

acobertar essa sua loucura. A força militar vai intervir no confronto em uma semana, e se a polícia chegar aqui e ver uma mulher da cidade no meio deles, o negócio vai ficar sério para todo mundo. E como cidadão parte indígena, eu entendo a sua preocupação, mas essa sua aproximação com os índios só piora as coisas para todo mundo. Já chega, camarada. Nós já fizemos o possível.”

Não precisei dizer muito sobre minha decisão final quanto ao assunto, e ainda assim Martín deixou a aldeia com a consciência livre de seu envolvimento naquele caso. O medo – confesso – retornou como nas noites anteriores, sorrateiro, mas implacável, o que não me impediu de permanecer firme na decisão. Inaiê têm demonstrado sinais consistentes de melhoras, e, sinceramente, creio que seis dias sejam mais que o suficiente para Tupã realizar o seu plano para com o povo Magüta.

*

Vinte e um dias e só então Ângela se sentiu segura quanto à exodontia do resto radicular responsável pela doença da menina. A pele ainda ardia num morno acima do normal, quase nada se comparado ao quadro agudo de antes. Ainda não era indicado o procedimento – ela sabia disso muito bem –, mas o que seria pior do que a tentativa de um novo avanço? Afinal de contas, já era nítido para ela que o processo de cura envolvia somente uma parcela tímida de seu próprio capital médico-científico. Na terra dos Magüta a cura parecia vir da natureza, dos espíritos que ela esconde e da influência de toda a tribo nesse processo. Nesse período de quase um mês, Ângela foi capaz de agarrar-se à verdade que, como profissional, destituía-lhe o status de salvadora: a crença do povo é, na verdade, o seu principal veículo de cura.

*

“Por fim, todas as mulheres e crianças correm para se lavar no rio. As águas levam para longe o que restou do choro e da vida antiga. Agora a aldeia tem uma mulher formada, graciosa aos olhos de Yo’i, que abandonou a infância feito um fantasma velho que em mais nada seria capaz de causar dano. Ela, agora, faz parte da chama que compõe o ardume do povo Magüta.”

Dia 23

Minhas costas doíam pelas vinte e três noites intermitentes de sono sob tapumes. Meus olhos já se mostravam fundos no reflexo do riacho, as mãos secas, a pele vermelha e malcheirosa – já não era mais a mesma, e o meu próprio reflexo confirmava isso. Entretanto, o que meus olhos não enxergavam, era a transformação que crescera em mim ao longo desses dias. A dor da perda estava lá, presente, como sempre esteve, mas junto dela estava o afeto pela história Magüta.

O ano do trauma ainda latejava, mas essa tal força obscura em doar-me foi ainda maior. Assim me entreguei à causa de tal forma que despi minhas vaidades e orgulho em prol do invisível; das vontades de Tupã sobre a odisseia daquela criança indígena. E dia após dia, a garota ressurgia – fosse com o piscar dos olhos, ou com o movimento dos lábios secos –, até o momento crítico de erguer-se para além da fragilidade, exigindo o ritual da Moça-nova, o que, de fato, ainda lhe era um direito.

Inaiê deixou a choupana de braços dados com a mãe, já pronta para tudo o que o lhe aguardava. A face ainda inchada pelo abscesso, os olhos amarelos e a pele cinza, exibiam um rosto sorridente pela expectativa daquilo que – ao seu ver – não deveria mais ser retardado. As tias, num pranto profundo, beijaram-lhe os pés enquanto os homens e as crianças vertiam lágrimas de alívio. “Aí vem a mocinha” eles diziam numa empolgação ímpar, com os braços agitados acima das cabeças demonstrando gratidão à bondade dos espíritos. De longe era impossível distinguir o pranto das inúmeras vozes – o lamento do coro era quase fúnebre, diferente das lágrimas e sorrisos de boas-vindas –, o que trazia ao ambiente a brusca ruptura entre incapacidade física e a fé nos espíritos antepassados.

De repente, as escaras daquele povo verteram-se em pó diante da cena, dissipando as doenças e o choro, a eminência da morte e o medo. Ver Inaiê pintada dos pés à cabeça, ornada em cipós trançados e caminhando como antes, trouxe o fôlego que todos precisavam para lutar contra os maus espíritos. A diarreia, vômitos, fraqueza e outras moléstias sumiram sob a graça de Tupã, dando a tribo uma nova oportunidade de espantar à cólera de seres malignos – e, no que dependesse do vigor de cada um deles, a concretização do ritual da Moça-nova marcaria o recomeço de suas vidas.

O cortejo de mulheres com tacapes nas mãos seguiu ao centro de um enorme círculo, dançando num sincronismo que já parecia ensaiado. Enquanto

isso os homens de braços entrelaçados juntaram-se a dança, percorrendo as brechas deixadas pelo balé das senhoras. O restante da tribo fazia barulho da forma em que podia. E no meio daquilo tudo, um lapso de emoção que apertava em minha garganta afrouxou o choro que eu contia a todo custo, onde, com a visão embaçada pelas lágrimas, pude sentir meu corpo atravessando o tempo, me levando de volta há quase dois anos, num ambiente abarrotado por aplausos, choros e gritos semelhante aos daquela cerimônia Ticuna. Estava na festa de 15 anos de Débora. E lá estava ela, brilhando no vestido mais caro de sua vida. Aquele sorriso adolescente ao qual eu morria e matava em prol de preservá-lo. Os cachos delicados espalhados pelo ombro, tão parecidos com os meus. A decoração em tons tangerina que, segundo ela mesma, era tendência entre as meninas da época. O seu pai, meses antes da separação, fingindo conhecer os passos de dança da debutante. Os avós, os amigos, a família inteira. Tudo ali, na minha frente, mais vivo do que nunca.

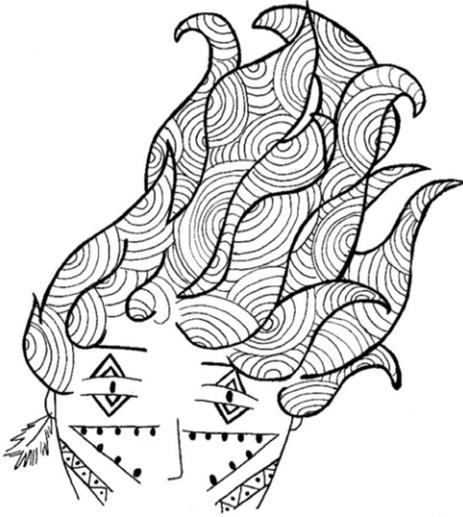
— Débora! Minha filha! Deb! – eu gritei no meio da festa, procurando abraçá-la tão forte a ponto de trazê-la de volta à vida – Eu estou aqui, querida. Eu... Eu...

— Doutora! – Zaquiel apertou meu braço, em meio ao pranto das lembranças – Venha conosco. Chegou a hora.

De volta à aldeia em festa, um gosto metálico na boca me fez estranhar o lapso de tempo sofrido de repente. O líder com suas pacíficas rugas e tinta de jenipapo no rosto me via relutante, enquanto segurava-me pelo braço, tentando me erguer a todo custo em direção a próxima etapa ritualística. Tentei livrar-me de suas mãos, insistindo a todo custo em permanecer debaixo do umarizeiro onde estava; seja lá o que tenha ocorrido, dessa vez eu agarraria minha filha com mais força e nunca mais nos separaríamos. Zaquiel insistiu sorridente, me vendo encharcar de lágrimas e suor como uma criança teimosa, quase irritada pela brevidade das circunstâncias. “Vamos doutora, chegou a hora.”, ele insistia, “Não! Me deixe aqui, sozinha. Por favor! Por favor!”. “Venha comigo, doutora, e veja por si mesma.”, “Não! Não!”, e lágrimas de desespero surgiram no meio de tudo aquilo. Precisava ficar sozinha, estática por um momento, nem que fosse para recuperar o fôlego daquela viagem dolorosa. E mesmo sobre os ataques daquela histeria, Zaquiel preservou sua mansidão sorridente e seguro do processo ao qual todos estávamos destinados a sofrer. Até sua voz chegar cristalina aos meus ouvidos, num sussurro capaz de persuadir-me a entregar tudo de mim à verdade daquele processo.

— Deixe acontecer. — Ele disse — Não resista. Esteja aberta para a cura.

Como se eu entendesse cada expectativa do momento, meus pés então seguiram os de Zaquiel, até o encontro de toda a aldeia em uma enorme cobertura



de palha, onde Inaiê encontrava-se rodeada de gente chorosa, que rezavam numa voz oscilante entre a glória e a esperança. Ali a menina estava rodeada pelos seus, tomada por um êxtase impresso no olhar, refletindo o gozo íntimo de uma adolescente que se enchia mais e mais de suas origens.

Dali saíam cânticos e choro de alegria, o próprio sopro da floresta embalava os homens e curumins na euforia, o que não foi difícil de reconhecer, entre linhas, que detrás do

verdadeiro motivo se escondia a cura. Inaiê era muito mais do que o motivo, ela era o centro de tudo, do recomeço, da opulência, da saúde da tribo; ela era o tudo. E foi neste embalo que a mãe da menina lhe segurou firme a cabeça, onde num suspiro difícil, mas satisfeito, arrancou uma mecha do cabelo da filha. Depois veio o irmão e fez o mesmo, e depois as tias, os avós, o líder da tribo, os curumins e – por último – os jovens homens de corpos formados. A cabeça da menina reagia com firmeza a cada repuxo do escalpelamento. Enrijecendo o rosto durante o ato, Inaiê escolheu passar pela prova de olhos fechados, escondendo a dor física de sua aldeia em processo de transformação. O seu rosto ornado em tinturas belíssimas ficou encharcado de lágrimas, enquanto o tranco dos puxões a tornava uma moça Magüta. Gotículas de sangue desabrocharam no escalpo, e, assim que a voz desatou em gritos, minha visão embaçou novamente e fui transportada para os últimos dias de minha filha.

— Filha. Filha! Você me escuta?

Débora se olhava no espelho de casa, com os olhos vermelhos e o rosto inchado – a radioterapia lhe trouxera úlceras na boca, e o volume dos cabelos fora reduzido à metade. A partir de seu reflexo ela arrancava cada um dos poucos cachos da cabeça como se os punhados lhe refletissem a falta de esperança na

jornada. Já não faziam sentido o conforto fraternal, o apoio dos pais, a comunhão dos mais próximos; ela sentia o fim mais perto conforme os chumaços se atulhavam, empilhando-se na alvenaria ao decorrer dos segundos.

— Querida... Eu te amo tanto. – disse baixinho na esperança de não perder os detalhes daquela visão arrebatadora. O que não foi suficiente diante dos gritos enérgicos da tribo, me fazendo recobrar os sentidos e voltar minha atenção a jovem praticamente iniciada.

Inaiê coberta por um suor viscoso tremia num choro intermitente a cada novo puxão de cabelo. Tinha para si, agora, a prova de que o mundo era o seu corpo, e seu corpo era o templo de cada homem, mulher e criança Ticuna.

Zaquiél talvez fosse o único que, na verdade, compreendesse o real significado daquilo, perdendo-se num mantra que só ele entendia, enquanto o resto de nós rodopiava ou cantava um corinho de êxtase pelo fim daquela era sombria. Ali se quebravam as correntes do corpo e da alma, a doença carnal sendo naturalmente expurgada e a paz do índio voltando a ser o ponto alto daquela civilização.

O cardume de gente me empurrou ao reboliço de pés descalços que estremeciam a terra batida, todos em círculos, numa sintonia difícil de explicar. E no meio disso eu chorava como eles, vivendo uma luta diferente em mim mesma, ainda que sentisse o mesmo galopar de mudanças se aproximando. Agora brilhante pela mistura de sangue, urucum e fios de cabelo grudados na pele, Inaiê – agarrada à mãe – gritava o som da vitória; o brado do santo espírito da mata.

Foi quando o cortejo de índios amontoados na cerimônia conduziu o último passo à consolidação do ritual da Moça-nova: a purificação dos corpos sob as águas do Capacete. E mesmo sabendo que ainda era uma forasteira àquele nicho, seguiu os seus passos na intenção de também beber daquela fonte de vida. “E se Débora surgir outra vez, sadia, como antes do câncer? E se dessa vez eu puder gritar mais alto, atravessando os limites da ilusão com minha voz? Se ela me ouvisse talvez soubesse o quanto me arrependo de não ter ido ao seu enterro, de não ter lhe dado o último beijo, de não ter sido forte o bastante para vê-la num caixão, sendo soterrada a sete palmos abaixo de mim.” Por esse motivo seguiu a trilha Ticuna entre as palmeiras da vila, chegando na fonte da fertilidade daquele território: o igarapé do Capacete.

Lá, Inaiê e suas tias mergulharam primeiro. A moça banhava a firmeza de suas antigas fragilidades, sentindo a cabeça lisa enquanto banhava-se, deixando a

correnteza levar para sempre as mazelas de sua tribo, o mal agouro, as inimizades e quebrantos. Depois dela, os curumins, anciãos, homens e mulheres que buscavam a cura também mergulharam, emergindo sob a sensação de pertencer a uma tribo sortuda que fora escolhida pelos deuses.

A água, por mais fria que estivesse, só esquentou ainda mais os ânimos – ao menos foi o que pude notar enquanto flutuava em meios aos índios. O fluxo caudaloso de cada ondulação batia em meu rosto de forma sublime, me trazendo a arritmia do que seria a cura aos dissabores que alimentara há muitos meses.

— Débora! Débora!

O riacho fez meu corpo rodopiar num sentido capaz de construir detalhe por detalhe do funeral perdido de minha filha. As flores mofadas, o povo melancólico, o caixão imponente no centro de tudo; após isso, já não havia diferença entre a água que vertiam de meus olhos e a correnteza que ainda me sustentava. Foi então que vi o seu rosto sem vida.

Não era a mesma menina que trazia gatinhos abandonados para casa, ou que odiava sorvete servido na casquinha; aquela que sempre ria ao lembrar da vez em que quase pôs fogo no seu quarto, enquanto brincava de casinha, ou que me abraçou forte nos meses consecutivos à separação. Não era dela aquele rosto morto e inchado no interior do caixão; ao menos, não era aquela a versão que eu conhecia.

— Minha florzinha, desculpe a mamãe por ter lhe deixado sozinha naquele dia. Desculpa por eu não ter conseguido levantar da cama de tanta dor na alma. Por eu ser assim tão frágil e volátil. Por não viver normalmente como você queria que eu fizesse. Por eu querer, diariamente, um pouquinho mais de ti; da tua presença, da tua lembrança.

Ainda flutuando, debrucei-me no caixão envernizado, procurando atravessar, de alguma forma, a matéria física ao encontro do que restou da minha menina.

— Me perdoa, querida. Eu não quero mais nada, apenas... perdoe-me.

Neste segundo, eu senti o perfume dela. Camomila, o mesmo do Natal antes de sua morte. E quando dei por mim, estava debruçada junto ao seu corpo jovem, agora de volta à cama da UTI dos seus últimos dias. Mas diferente de antes, seu rosto tinha um sorriso, ainda que de olhos fechados, e a tive em meus braços por alguns segundos enquanto seu corpo regredia num estágio de involução, passando, bem na frente dos meus olhos, por todas as fases de sua breve existência: adolescência, pré-adolescência, criança e, por último, bebê. Mas

antes que seu espectro deixasse meus braços rumo ao infinito, eu abracei aquele corpinho tranquilo sussurrando em seu ouvido:

— Filha, eu te carrego aqui dentro para sempre, assim como eu disse para ti todos os dias na cama do hospital, “eu te amo sempre, e sempre, e sempre, e sempre, e sempre...”

O afago daquele abraço tão sofrido me fez perceber que, aos poucos, eu perdia a respiração. Foi então que uma força estranha me devolveu às correntezas do Capacete, no coração da aldeia. Zaquiel agarrou-me com força, me trazendo de volta à superfície. Com o pulmão em chamas, e as narinas ardendo pelos litros de água que invadiram meu organismo, pude ouvir o grito de festa do povo pintado. Celebravam o fluxo soturno da minha aparente sobrevida e o ciclo regenerado da mulher transformada pela filosofia indígena. O que me leva a crer que aquela não foi somente uma jornada de morte e ressurreição para o povo Ticuna, foi também a odisséia da vida na mata, para o encontro de uma autêntica cura Magüta.

*

Em 28 de março de 1988, dois dias após a cerimônia da Moça-nova, madeireiros armados invadiram a tribo Ticuna, atirando, matando e ferindo indígenas que, surpreendidos, não reagiram à matança. 16 mortos por arma de fogo e dezenas de feridos estão entre as vítimas do que ficou conhecido como o Massacre da “Boca do Capacete”, ocorrido a 1.116 quilômetros de Manaus – capital do Amazonas. Dentre estes, 09 continuam desaparecidos por terem seus corpos desovados no leito do rio Solimões. Zaquiel, o líder, e o irmão mais novo de Inaiê estão entre os que nunca foram encontrados.

* * *

Todas as ilustrações são desenhos do autor.

Jefer Haad é cirurgião-dentista e mestrando em Saúde Bucal Coletiva pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é residente de Manaus, e atua como escritor e pesquisador em saúde pública.



Presente de garimpeiro

Andréa Amorim

Foi numa noite em trabalho de campo que acordei na casa onde estava. Dormia nas ocas porque tinha medo de ficar sozinha nos alojamentos, sempre distantes e sujeitos a ataques de onça... A princípio, como estava sonolenta, não entendi a cena que via: uma jovem adolescente se debatia na rede cercada de várias pessoas. Eu não entendia se estavam batendo nela ou a segurando. Parei alguns minutos, ainda deitada na rede, sem saber se me levantava. Como a cena demorasse a passar resolvi levantar, pois podia ser uma crise epiléptica ou algo em que pudesse ajudar. Perguntei se podia ajudar. De pé enxerguei melhor: de fato, a moça se debatia, e como são muito fortes, eram necessárias várias pessoas para contê-la. Foi quando um homem mais velho me disse que não me preocupasse, porque era “doença de índio”.

Essa categoria “doença de índio” trata das coisas que nós, médicos, não conseguimos entender nem resolver. Tentei entender melhor: “Mas por que estavam contendo a moça?” Ele me explicou que se não fizessem, ela iria para o mato e não voltaria mais, e seria perigoso para ela. A situação durou algum tempo mais. Voltei à rede, mas não consegui dormir logo, preocupada. No dia seguinte, examinei a moça, ela não falava português e o tradutor me dizia que não sentia absolutamente nada e não conseguia contar sobre o que acontecera à noite.

Eu estava num trabalho prioritariamente voltado à detecção de Tuberculose, pois sabia-se que havia muitos casos na aldeia. O trabalho era intenso. A auxiliar de enfermagem que deveria me acompanhar, enquanto o pequeno avião que me trouxe manobrava, teceu uma história, quase vomitando as palavras, sobre muitos “mal-estares”. Logo percebi que estava desesperada para sair da aldeia. Quando eu disse: “Filha, aproveita o avião e vai pra casa, que você precisa descansar”, a mulher ajoelhou no chão e beijou várias vezes, constrangedoramente, minha mão. Resultado: fiquei com uma equipe pequena, eu e os agentes indígenas de saúde que falavam pouco o português.

Era um momento conturbado na aldeia. Muitos aviões de garimpeiros assediavam as lideranças para entrar para procurar ouro na área. Traziam pilhas,

carne de frango e outros produtos de escambo. Como se trata de um povo muito alegre e de temperamento forte ouvia-se, do entardecer até noite adentro, músicas que variavam entre a trilha sonora da família dinossauro, música eletrônica, forró, rock e até música erudita, ligadas ao mesmo tempo em aparelhos sonoros cheios de luzes piscantes de pessoas com tênis que acendiam.

Conversei muito com o cacique sobre essa situação. Na mesma época, os Yanomami estavam sob a intervenção da polícia federal para a retirada de garimpeiros de seu território, e muitos índios morreram. O chefe não era Yanomami, mas ouvia pelo rádio as notícias. Eu alertava para aquela situação dos parentes e que não seria boa para seu povo. Ele me escutava com calma e falava na língua dele “eu sei *menire*, eu sei”. Também ouvi de lideranças mais jovens, em relação a esse assunto, frases como: “A gente vai morrer mesmo, daqui a um tempo não vai ter mais índio, então me deixe aproveitar enquanto eu estou vivo” ou “estou cansado de fazer a roça”. Sem perspectivas para pensar gerações futuras.

Nesse contexto, e com o trabalho árduo do dia, o barulho me incomodava muito. Procurava me distrair brincando e aprendendo canções com as crianças, ou simplesmente me sentava à porta da casa, voltada para o centro, olhando as várias fogueiras e tentando me concentrar na voz do velho que falava alto alguma história sobre os antigos enquanto percorria o grande círculo em que se dispunham as ocas. Estava cansada. Deitava na rede, mas mesmo depois de todos deitados, os rádios continuavam a poluir o ar, então não conseguia dormir. Levantei da rede e uma velha veio perguntar o que me incomodava. Ao falar que era o som, pediu para os da casa desligarem e ficamos pelo menos só com os barulhos de fora.

Depois de dois dias dormia mais pelo cansaço. Despertei com a mesma cena, a mesma jovem. Nessa hora, porém, pude tentar examiná-la: sem liberação de esfíncter, sem febre, com semblante assustado, se mexia muito e, dessa vez, só pude acompanhar o grupo tentando contê-la sem machucá-la. No dia seguinte, novo exame, nova conversa com o intérprete e novamente nenhuma resposta.

À noite, o mesmo quadro pela terceira vez. Passaram-se dois dias e mais outra adolescente, em outra casa, teve o mesmo quadro. Mais alguns dias já eram cinco adolescentes com o mesmo sintoma.

Comecei a formular hipóteses. Arbovirose? Encefalite? Mas nada sustentável. Como passavam bem o dia, sem nenhum outro sintoma? Doença de índio?

Até que uma noite o quadro tomou alguns homens jovens. Se para segurar uma moça era necessário mais ou menos cinco adultos, para segurar um homem era necessário muitos homens. Toda a aldeia paralisou. Fiquei com medo que eles decidissem fugir todos pelo mato, com certeza eu não conseguiria acompanhá-los.

Não dormimos a noite toda, e a velha que cuidava de mim me alertou para não chegar muito perto, um dos homens havia tentado atirar no grupo que o segurava.

No dia seguinte, a mesma tentativa de examinar e conversar. Então, o homem da espingarda que falava bem o português me explicou: “Na hora a gente não vê os parentes, doutora... na hora o que eu vi foi muita coisa feia e eles queriam levar meu espírito, por isso dá vontade de fugir ou atirar”.

Há alguns dias eu tentava, por rádio, discutir o caso, mas não conseguia. A liderança me chamou e disse que ia pedir pajé de outra etnia para ajudar. O erveiro da aldeia buscava ervas de dia e passávamos os remédios em todos, nos apoiando nesse cuidado. Tive que interromper o trabalho de tuberculose.

Nesse meio tempo fui chamada novamente pela liderança, que me disse que só liberariam o recurso para fretar o avião e trazer os pajés a pedido meu. Sabia que naquele momento estava numa situação difícil, porque meu chefe nunca aprovaria tal procedimento. Nem sempre as pessoas que ocupam cargos de chefia têm a compreensão da complexidade das situações de campo. Então escrevi o radiograma para quem liberava o recurso com um discurso pensado para os altos funcionários indígenas da FUNAI. Mais ou menos assim: “Estamos enfrentando uma situação que foge da minha competência e que as lideranças e comunidade definem como doença de índio. A comunidade pede a presença dos pajés que, tenho certeza, saberão conduzir o problema e amenizar o sofrimento da aldeia”. Com esse documento, o frete do avião foi liberado, chegou até a aldeia dos pajés, mas na última hora uma das lideranças desse outro povo não permitiu que nos ajudassem, aflorando rusgas antigas. Mesmo com o avião, o recurso foi gasto e os pajés não vieram.

Ficamos mais alguns dias nesse caos, continuamos passando as ervas em todos. Aos poucos, a situação foi se controlando, até que passou por completo.

Hoje fico com algumas hipóteses. Histeria coletiva? Algo do alimento vindo de fora? Veneno no alimento? Assédio cultural? Exposição excessiva a ruídos? Doença de índio? Violação de valores e crenças?

Passados alguns meses, escutei dos pajés que, mesmo sem autorização, eles rezaram de longe por todos os amigos do outro povo e por mim. Não tive mais explicações. O encontro entre culturas é algo apaixonante e desafiador. A História brasileira está repleta de momentos de massacre e grande violência no encontro da sociedade envolvente com povos originários. Como exercitar a ecologia dos saberes, no dizer de Boaventura Souza Santos, no espaço de convivência? Como atuar para que esse encontro não seja violento e de imposição de uma cultura sobre outra? As canções que aprendi com as crianças naquele período ainda ecoam em mim... e me tranquilizam, quando percebo que, passados muitos anos, o genocídio continua... até quando?

* * *

Andrea Lúcia Torres Amorim é médica, terapeuta comunitária, educadora popular, jongueira. Trabalhou com saúde de povos indígenas, população em situação de rua e populações vulnerabilizadas no SUS. Fez mestrado e doutorado em saúde coletiva.



Ver com os ouvidos e escutar com os olhos

Andréa Amorim

O menino entrou na mata como de costume. Caminhava atento: “a mata é sua escola”, explicara tio Aliseo (nome de vento). O córrego cantava sua canção matinal da cheia. Vários pássaros conversavam e galhos de árvores e folhas se mexiam denunciando passos leves de mamíferos diurnos ou dos rebeldes noturnos, que ainda investigavam o lugar buscando abrigo para descansar da longa jornada anterior. Seu ouvido aguçado enxergava cada detalhe do caminho, porque os ouvidos dos guerreiros, ainda que sejam jovens, enxergam muita coisa.

Mas naquele dia foi diferente. Foi surpreendido por passos firmes dos caçadores. Pensou que estavam atrás de algum bicho, talvez uma anta, não havia cachorros desta vez. Ficou escondido com medo de ser repreendido ou de que o mandassem voltar para não atrapalhar a empreitada. Seu pequeno corpo era muito eficaz em camuflar-se nas folhagens e formigueiros da mata fechada. Seguiu milimetricamente os passos dos caçadores deixados na trilha.

Foi nesse cenário, entre escuro e luz, que seus olhos depararam com algo que os ouvidos não puderam ver nem decifrar. Era assim: homens ainda de pé, um cai, outros correm, logo adiante dois caem e o último segue com os cavaleiros em seu encaço. Dois homens, um cavalo malhado, o outro preto. Os homens vestiam roupa e um chapéu. Não se pintavam como os outros adultos, parentes do menino.

Sem o ouvido, o menino não podia ver. Tudo que seus olhos percebiam era caótico e rápido demais para que sua compreensão pueril alcançasse. Sem o ouvido, o menino se sufocava, o coração disparado pulava no peito. Sentia uma terrível vontade de chorar e o ar faltava. Por que os caçadores haviam caído? Quem eram os homens em cima do cavalo? Tudo era vertiginoso para o menino... até que a última imagem (que nunca mais sairia de sua mente) explicou cabalmente o acontecido. Um dos homens do cavalo agarra o último caçador pelos cabelos longos e atinge seu pescoço com um golpe do facão enferrujado tirado do conjunto de coisas que levava em sua cela... O sangue jorra, a boca se abre, mas o menino

não escuta o grito, sem entender o porquê... vê o grito! A partir daquele momento, descobre que demoraria muito a voltar a enxergar com os ouvidos, estava surdo pelos tiros que derrubaram os caçadores (o menino antes não conhecia armas de fogo). Agora, o menino escutaria com os olhos. As imagens impregnadas na mente povoariam de fantasmas seus sonhos, mesmo que tentasse esquecê-las distraído com a vida que seguia. Até que um dia sonharia em voltar para a mata perigosa.

“Não atiro pelas costas, eu enfrento meu inimigo olhando no olho, com a borduna na mão”, disse o cacique Damião, que, junto com seus guerreiros e companheiros de luta, devolveu Maraiwatsede, a mata perigosa, a seu povo.

* * *

Andrea Lúcia Torres Amorim é médica, terapeuta comunitária, educadora popular, jongueira. Trabalhou com saúde de povos indígenas, população em situação de rua e populações vulnerabilizadas no SUS. Fez mestrado e doutorado em saúde coletiva.



Médica com fronteiras:

A história da médica cubana Isabel

Ester Cristina Machado Ruas

FRONTEIRA: Lugar que assinala o início de um outro território, ao qual nosso olhar buscará atribuir uma conformação, tentará compreender em sua inteireza. Esse TERRITÓRIO mudará para sempre nossa compreensão do mundo. Mas nosso olhar, aquele que trazemos de outros mundos, também será parte deste espaço que se abre à nossa frente (ARAUJO, 2002)¹.

Conte! Conto sim.

Conte-me uma história... Conto ou narrativa?

Enquanto conto, narro a história de Isabel.

Sentada na mureta banhada pelo Atlântico, Isabel pensa nas fronteiras da sua vida. Olha ao longe e nada vê além do horizonte. É lindo! Sim, o horizonte não tem limites. Mas Isabel tem o mar como limite. Sentada naquela mureta, o desejo imenso de ser um pássaro para poder dar um “voão” e ultrapassar seus limites. Cruzar a fronteira era como descortinar novos horizontes.

Araujo² descreve fronteira como “um lugar marcado pela interseção entre o que se conhece e o que está por se conhecer”, este era exatamente o sentimento de Isabel. De sorriso largo e olhos castanhos, Isabel ficou circunscrita ao território onde vivia, pois sempre quis ajudar as pessoas de *Las Villas*, localizada ao sul do arquipélago. Filha de trabalhadores do campo, tornou-se médica muito jovem. Oriunda de um país comunista, pôde realizar o seu sonho ao se especializar em medicina geral e integral.

1 ARAÚJO, Inesita Soares de. Mercado simbólico: interlocução, luta, poder: Um modelo de comunicação para políticas públicas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, 2002.

2 Ibid p. 24

Percorria grande parte da ilha, visitando os moradores em suas casas, conhecendo-os de forma completa. Fez da medicina um instrumento de luta, o meio encontrado para mudar o seu território, levar bem-estar, acolhimento e conhecimento.

Realizada na profissão, Isabel casou-se e teve uma menina de olhos cor de mel. Vida tranquila na ilha caribenha. Cuba tem uma das melhores taxas de alfabetização do planeta e o serviço de saúde é universal e de qualidade – embora os salários dos profissionais sejam muito aquém das expectativas.

Inquieta, o olhar de Isabel buscava ultrapassar os limites de seu território, ir além daquele “marzão”, ampliar a sua compreensão de mundo, levando consigo a crença na educação em saúde como política pública. Numa perspectiva discursiva, sua voz faria a travessia além-mar, criando amálgama com outras vozes, articuladas no propósito da melhoria de vida de outros cidadãos, mesmo que para isso fosse necessário alterar modos e estilos de vida.

O objetivo de Isabel era fazer circular o discurso de promoção da saúde, de Cuba para além-mar. *Na ilha, qualquer paciente que chegue para uma consulta e precise de qualquer tipo de atendimento, terá com rapidez. Se há um paciente com uma doença que necessite de diagnóstico mais preciso e necessita de exames, é enviado imediatamente para o hospital. Uma vez internado, não sairá de lá sem o diagnóstico e o tratamento correto. Essa prática vale para todos os moradores da ilha, porque a saúde é gratuita e os níveis de atendimento estão bem integrados. Essa coordenação entre os serviços é um fluxo contínuo e nenhum paciente fica sem diagnóstico e atendimento.*

O discurso da Isabel era convergente com o núcleo discursivo central da sociedade cubana. Fernando González³, chefe da missão médica cubana, amplifica o discurso estatal quando reafirma em entrevista ao Diário Granma, órgão oficial do Partido Comunista de Cuba, a vocação de “construir, em outros territórios, o sistema sanitário idealizado pelos comandantes das nossas revoluções”.

A circulação desses discursos é, por excelência, o espaço estratégico da comunicação, onde a negociação dos sentidos se faz mais intensa. Com essa crença, Isabel pela primeira vez consegue sair de Cuba para conhecer novas culturas. Deixa nos braços do marido sua filha, já com saudades em seu coração, mas esperançosa, porque o exercício de sua profissão proporcionaria melhores condições à saúde

3 DIÁRIO GRANMA. Cuba reforça cooperação bilateral com o envio de 500 médicos para Caracas, 2018. Disponível em: <http://www.granma.cu/mundo/2018-11-11/refuerza-cuba-con-500-especialistas-su-abrazo-medico-a-venezuela-11-11-2018-18-11-24>. Acesso em: 6 maio 2019.

de novos cidadãos e melhoria financeira para a família. Ela foi uma dentre os 140 mil técnicos e médicos especializados em medicina geral integral que embarcaram rumo à Venezuela para apoiar a direção e assistência em instituições de base naquele país. Cooperação na área da saúde, em resposta ao Plano aprovado pelo Presidente Nicolás Maduro. Tal missão médica foi denominada pelo governo da Venezuela de “Misión Barrio Adentro” (Missão dentro do Bairro), programa social com serviços gratuitos em bairros populares venezuelanos.

Isabel desenvolvia um trabalho semelhante ao que atuava em Cuba, visitando os moradores em suas casas, conhecendo a população adscrita de forma integral e sem a barreira da língua. Os discursos se associavam, num movimento sinérgico. *Um trabalho que demanda muito tempo, pois é preciso alterar modos e estilos de vida da população e, a primeira mudança a ser feita é justamente na área da prevenção.*

Isabel trabalhou no Estado de Vargas, conhecendo pela primeira vez outras culturas. No tempo livre que tinha, das alturas da colina de Ávila podia ver o Atlântico, numa costa cercada por palmeiras reais do Caribe e vislumbrar o horizonte e o “marzão” de distância que estava da sua família.

Vozes e discursos circulantes na Venezuela e em Cuba ecoavam na mesma direção, num cenário político-social que definia as condições de consumo da saúde pública.

No decorrer da jornada de trabalho dedicada ao sistema público de saúde, Isabel e os seus colegas cubanos ouviram do presidente venezuelano Nicolás Maduro o reconhecimento de que há muito trabalho ainda por fazer naquele país, mas o “Misión Barrio Adentro” era uma cooperação entre os dois países. Cuba forneceria médicos, treinamento médico e suprimentos médicos gratuitos à Venezuela em troca de petróleo a baixo custo.

O progresso foi rápido e os resultados iniciais promissores. Segundo o Banco Mundial, a expectativa de vida aumentou de 71,8 para 74,1 anos para ambos os sexos e a mortalidade infantil caiu de 26,7 para 14,6 mortes por 1.000 nascidos vivos, entre 1998 e 2013, quando do funcionamento do Programa. O sucesso foi reconhecido no cenário internacional e a Venezuela alcançou a maior parte dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU estabelecidos em 2010⁴.

⁴ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU, 2010. Disponível em: http://centroriosaudegloba.org/?page_id=2077. Acesso em: 1 maio 2019.

No entanto, quando o preço do petróleo começou a cair em 2008 e a política revolucionária de Chávez alienou os investidores estrangeiros, a maré mudou. O impacto no sistema de saúde foi exacerbado. O último relatório oficial do Ministério da Saúde⁵ venezuelano, publicado em 2016 e, os dados divulgados pela revista Lancet em agosto de 2017, publicizava que a situação já era insustentável, revelando um aumento de 65% na mortalidade materna e um aumento de 30% na mortalidade infantil, com 11.466 crianças morrendo naquele ano.

O colapso econômico da Venezuela fez desmoronar o sistema de saúde e o sonho de Isabel. Apesar de entender que sua missão era um ato humanitário entre dois países irmãos, na verdade era uma relação de negócios ultramarinos.

Sem recursos do petróleo, a missão de estarem a serviço do povo e a preocupação em formar novos profissionais da saúde com perfil dos ensinamentos cubanos, ruíram. O empobrecimento do país teve como consequência a falta de recursos para o pagamento de Isabel e seus colegas, o que os obrigou a retornar para Cuba.

O trabalho intenso desenvolvido durante o tempo em que passou na Venezuela não a deixou sentir o tempo passar. Mas, o fato é que o tempo é inexorável. Ao chegar no aeroporto em Havana, a filha que tinha três anos ao sair de Cuba, a recebeu já crescida e comemorava naquela data seus sete anos. De volta aos braços da família e do povo cubano, retomou o atendimento no centro de saúde de *Las Villas* e teve mais um filho, agora um menino.

Mas o sonho é um ideal sem fronteiras e, na vida de Isabel, as fronteiras existem para serem ultrapassadas. Foi só o tempo de gerar e amamentar o menino, agora robusto, que Isabel viu no chamado da presidente Dilma Rousseff a oportunidade que geraria melhoria para a sua família, agora crescida. O anúncio afixado no Posto de Saúde onde atuava dizia que o Brasil estava precisando de médicos para trabalhar em lugares mais remotos, onde havia muita pobreza, regiões carentes de assistência médica. Mais uma vez utilizou o conhecimento em medicina generalista como instrumento para romper fronteiras. *Cuba atendeu ao chamado e tivemos a disposição de vir apoiar o Brasil. Somos as pioneiras na inauguração do Programa Mais Médico (PMM).*

Orgulhosa do seu propósito, Isabel atravessa o Atlântico mais uma vez. Apesar de um novo país, entendia que a política social era semelhante. Mais uma

5 MINISTERIO DEL PODER POPULAR PARA LA SALUD. Boletín Epidemiológico, dez. 2016. Disponível em: <https://www.ovsalud.org/descargas/publicaciones/documentos-oficiales/Boletin-Epidemiologico-2016.pdf>. Acesso em: 30 abril 2019.

vez os povos comungavam do mesmo discurso como lugar de luta e mudança, numa única linguagem: A saúde como direito de todos.

Segundo Andrade *et all*⁶, esse enunciado está presente em distintas formulações do campo discursivo da Medicina de Família no Brasil e no mundo. Essa é a base da prática clínica do Médico de Família, o Método Clínico Centrado na Pessoa. A proposição sobre a importância de tratar as pessoas como sujeitos dotados de autonomia e dimensões para além da racionalidade biomédica.

Com 22 anos de formada, Isabel chega ao Brasil deixando para trás marido e um casal de filhos. Ao pisar no solo da capital Brasília foi levada, imediatamente, para um hotel onde ficou por 21 dias recebendo informações sobre o Sistema Único de Saúde e visitando unidades de saúde. Ali percebeu que, apesar de ser a mesma prática que desenvolvia em Cuba, uma nova fronteira teria que ser superada, o idioma. No início foi um pouco difícil, mesmo com as aulas de português ministradas nas três semanas de estada em Brasília.

O critério utilizado para escolha da locação dos cubanos nas unidades de saúde e em seus novos territórios era a ordem alfabética. Isabel foi selecionada para atuar no PMM do arquipélago de Marajó, na cidade de Melgaço, em Belém do Pará. De Brasília foi direto para outro hotel em Belém. Mais aulas, mais informações sobre o território em que iria atuar de alguns representantes do Ministério da Saúde, dirigentes e autoridades que por lá passaram e falaram com todos os profissionais designados para aquele Estado. *Conheci um pouco mais sobre a realidade do lugar onde iria trabalhar, nos relataram os problemas da região e quais eram as principais doenças, por estado e município.*

Curiosa para conhecer seu local de trabalho, Isabel foi para a internet do hotel e digitou a palavra Melgaço, mas só encontrava a cidade de Melgaço, em Portugal. Não havia nada sobre a localização no Brasil, o que lhe causou muita estranheza. Depois de muito afincado e pesquisa encontrou a informação sobre Melgaço no Brasil. Uma cidade com o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, apontado no levantamento feito pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁷.

6 ANDRADE, Henrique Sater de et al. A formação discursiva da Medicina de Família e Comunidade no Brasil. Physis, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, Epub, dez, 2018, 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312018000300606&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 mar. 2019.

7 PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em: 28 abril 2019.

Para Isabel foi um grande susto! E, o impacto foi ampliado quando soube que a viagem até Melgaço era de barco e a travessia durava em torno de 14 horas. Foi uma experiência inesquecível, pois o desconhecimento sobre como seria Melgaço era total, além do que, não tinha ideia de quão grande era o rio. *Em Cuba, os rios são pequenos, curtos e de pouco fluxo. Os maiores rios das duas vertentes existentes - norte e sul -, são o Cauto e o Toa, bem diferentes dos rios brasileiros.*

Isabel nunca havia andado de barco e a sua primeira experiência durou 18h. Embarcou em Bom Jesus e viajou por horas e horas. Amanheceu e ainda estava no navio, observando cada vez mais de perto a região do Marajó, com sua população ribeirinha, suas palafitas e os pequenos barcos com crianças vendendo de tudo. *Durante todo o trajeto notei que as pessoas eram muito pobres, sabia que existia pobreza, mas não dessa forma. Nunca imaginei que isso existisse no Brasil. Sempre conheci o país pela televisão, que divulgava uma outra cara do país. Assistia muitas novelas brasileiras e o que mais se via era o Rio de Janeiro e Florianópolis. Tudo que eu escutava sobre o Brasil era só felicidade, todos moravam bem.* Isabel viu que não era verdade naquele momento.

O destino prega peças. Isabel saiu do arquipélago de Cuba em busca de novos horizontes e culturas, rompendo fronteiras, ultrapassando limites e, acabou ficando limitada ao arquipélago de Marajó. Ihada mais uma vez, agora pelas águas dos rios Pacajá, Anapu, Camaripi, não mais pelo Oceano Atlântico. Num destino há mais de 16 horas do continente.

Ao pisar em Melgaço senti uma terra arenosa que só planta açaí e abacaxi, com uma cultura de subsistência ínfima. Meu olhar só avistava palafitas, que enchem com a cheia dos rios. Ao entrar nessas casinhas muitas vezes só há paredes e o teto não tem janelas, não tem porta, não tem uma cozinha dentro de casa, não tem cama, não tem praticamente nada. A cidade não tem comércio, fábricas e apenas um único mercado com poucas e caras mercadorias. As pessoas, em sua maioria, não têm dinheiro para comprar nada, dificultando a aquisição por parte da população de mercadorias básicas.

Além do mercado e da única farmácia, existem ainda o caminhão de lixo e a Prefeitura, como geradores de emprego. Já vi muita pobreza, mas nada comparado ao que encontrei em Melgaço. Miséria, necessidades primárias de alimentação não atendidas, nem de saneamento, pouco menos de educação e diversão. Um conjunto de elementos que o ser humano precisa, mas não os moradores daquele arquipélago de Marajó.

Quase metade da população é analfabeta. Segundo dados do censo do UNB⁸, “12 mil dos 24 mil habitantes da cidade não são alfabetizados e apenas 681 pessoas frequentam o ensino médio. O município não consegue montar Ensino de Jovens e Adultos. As pessoas são pobres e precisam trabalhar. O município carece de programas para sucesso escolar”.

Cabe aqui trazer a discussão de Araujo,⁹ *das tensões entre campos de força e de poder*. A autora recorre ao conceito de articulação, o que permite “compreender o modo pelo qual as fontes, campos, instâncias, comunidades discursivas e fatores de mediação se combinam ou disputam espaço, nos fluxos entre Centro e Periferia discursivos”. Para Isabel o problema está na distribuição de renda que não oportunizou àquela população as condições básicas para sobrevivência, como saúde e educação. Somam-se a isso as enormes famílias de dez a dezenove filhos que vivem do Bolsa Família. Crianças que por sua vez são engravidadas pelos próprios familiares, já aos 13 anos. Na escala do poder discursivo, a comunidade de Melgaço ocupa uma posição periférica, sem poder de barganha, sem voz no mercado simbólico¹⁰.

Diálogo, acolhimento, interlocução

Não tomo consciência de mim mesmo a não ser através dos outros, é deles que recebo as palavras, as formas, a tonalidade que formam a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo revelando-me para outro, através do outro e com a ajuda do outro (BAKHTIN, 1988, p.121)¹¹.

Em Melgaço, o acolhimento foi muito bom, as pessoas precisavam muito de nós, necessitavam de atendimento médico. O profissional que atendia anteriormente só ficava na comunidade por dez dias, retornando ao continente. O atendimento na unidade era por demanda espontânea e muitos ficavam sem assistência. Era uma população muito carente, por onde começar o meu trabalho? Optei pelo diálogo.

Diálogo é considerar a escuta do cidadão e sua relação com a sociedade. E, com base nele, fazer circular uma comunicação capaz de ir além da informação, de fato, que

8 UNB/NESP/Observatório da Política da Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. Análise de Contexto de Melgaço (PA), 2015. Disponível em: <http://www.saudecampofloresta.unb.br/wp-content/uploads/2014/09/Perfil-Melga%C3%A7o.pdf>. Acesso em: 1 junho 2019.

9 Ibid, p.262.

10 BOURDIEU, Pierre. O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação. Campinas-SP: Papirus, 2000.

11 BAKHTIN, M. A estética da criação verbal. Martins Fontes. São Paulo, 1992.

afete o cidadão a ponto de provocar mudanças comportamentais. Bakhtin¹², cunhou o conceito “dialogismo”, que enfatiza a lógica do discurso, da interação social, constituindo um “trabalho vivo de comunicação”.

Mas, para empreender esse processo dialógico, o idioma foi a primeira barreira. *No começo das consultas, havia uma pessoa ao nosso lado para traduzir caso o paciente não conseguisse entender o que dizíamos. Depois, com a saída dessa pessoa, ficou um pouco mais difícil. Os usuários esperavam que os estrangeiros do PMM já chegassem falando e entendendo o português...mas não foi bem o que aconteceu. No entanto, aos poucos, a comunidade foi se adaptando. Nós procedíamos à consulta e o paciente nos entendia. E, caso houvesse alguma dificuldade de diálogo, repetíamos até ele compreender as orientações gerais e o tratamento. Outro agravante a essa situação era o analfabetismo, assim tínhamos de explicar muito bem todo o tratamento prescrito.*

Além da oralidade, tive alguns entraves com relação à escrita. Os encaminhamentos, os protocolos para especialidades, os nomes de exames, são diferentes. Já é difícil, muitas vezes, usar alguns termos técnicos na nossa língua natal, imagine tendo de traduzir para outro idioma. Esse foi um obstáculo importante que causou estranhamento inicial nas interações sociais. Com o tempo esse embaraço foi se desfazendo e tornando mais fluido o trabalho.

O idioma de fato foi uma barreira na comunicação dialógica. Mas as relações entre médico e paciente foram sendo construídas e as dificuldades com a linguagem sendo superadas na busca da percepção do outro. Compreender como os sujeitos sociais constroem seus significados por meio da “apreensão, compreensão e expressão narrativa da realidade”, como cita Motta.¹³

Perceber o outro passa também pela linguagem corporal e cultural. Isabel narra essa alteração da cultura médica percebida pela população, uma diferença no cuidado e no atendimento entre os médicos brasileiros e os cubanos, que atuam com educação em saúde. Éramos duas médicas cubanas para atender uma população de quase 22 mil habitantes, distribuída ao longo do rio. Em Melgaço, a população não está centrada na cidade, o que dificulta o seu deslocamento. No início trabalhamos por demanda espontânea para ter uma primeira aproximação com os pacientes, conhecer suas necessidades, tomar contato dos principais problemas e doenças.

12 Ibid, p.111

13 MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística, 2011. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2012.

Pouco a pouco, fomos traçando novas estratégias para melhorar a saúde da população. *As consultas eram intermináveis e a demanda reprimida por atendimento era muito grande. As pessoas chegavam de madrugada para marcar consulta, vinham nos barquinhos depois de viajarem entre 12 e 20 horas para serem atendidas, gerando filas enormes. Atendíamos a todos.*

Além de conquistar a confiança e o apreço da comunidade, acolhendo cada paciente, Isabel concentrou o seu trabalho na promoção e prevenção da saúde. Os resultados iniciais foram positivos, a começar pela criação de grupos de gestantes, hipertensos, diabéticos e puericultura, além da orientação aos pacientes sobre o que é a Medicina de Família, ajudando a desafogar o atendimento nas unidades de média complexidade.

Ao orientar a população sobre a Medicina de Família, constatou que a dificuldade de compreensão dos moradores humildes e pobres da periferia de Melgaço não está na linguística e sim na aceitação das mesmas como digna de um atendimento de qualidade, como cita Vitor Valla¹⁴: “Elas são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade e, dessa forma, fazer uma interpretação que contribui para a avaliação que nós fazemos da mesma sociedade”.

Pelo alto índice de analfabetismo, Isabel dedica um tempo maior ao acolhimento dos pacientes e intensifica o cuidado na percepção do outro. *Ao prescrever um tratamento, falo bem devagar e também repito. Eu pergunto: Você tem alguma dúvida? Fala para mim o que te disse. Então repito para que ele entenda. A experiência nos diz que nem sempre quando o paciente fala que entendeu, ele realmente entendeu.*

Trabalhou bastante na educação em saúde para a população, orientando sobre estilos de vida, higiene, sobre a água utilizada. Ensinou a lavar as mãos e a ferver a água. As pessoas da comunidade não ferver a água. Muitos, colocam hipoclorito na água, que não é suficiente para eliminar todos os micro-organismos. A água não é potável e a população faz uso da água de rio para beber, se banhar e ali também fazem as necessidades fisiológicas. A água é o problema principal da população, foco de todas as enfermidades, principalmente a verminose. Uma água tratada ajudaria em grande parte a eliminar as doenças e melhoraria a saúde das pessoas. Algumas enfermidades como diarreia, doenças de pele e outras advindas da

¹⁴ VALLA, Victor Vincent. A Crise de Interpretação é Nossa: Procurando compreender a fala das classes subalternas. Educação e Realidade. UFRGS. v. 21, n. 2, 1996.

água são recorrentes, já que o poder público não implementou medidas que revertam esta situação. O mesmo ocorre com a coleta de lixo que é precária. Alimentação é pobre e consiste, basicamente, de farinha com açaí.

A saúde da população nem sempre está voltada à doença ou no atendimento médico. Muitas das vezes, basta orientar a população quanto às práticas do cuidado com a saúde. Além do cuidado com o indivíduo, Isabel desenvolveu ações de saúde coletiva, estabelecendo contatos com a Secretaria de Saúde, Prefeitura e representantes da Câmara Municipal, motivando-os a aprimorar a saúde ambiental, desde o tratamento da água, o recolhimento de lixo até o recolhimento dos cães soltos na rua.

Há muitas coisas que não precisam de recursos financeiros para melhorar a saúde da população, basta que o município e o estado exerçam o seu papel primário de prestação de serviços essenciais à saúde, tais como água potável e saneamento. Qualquer esforço na direção de reduzir as desigualdades na saúde envolve a alteração da distribuição do poder e de renda na sociedade e, na capacitação dos indivíduos para representar de forma eficaz as suas necessidades e interesses.

O desequilíbrio no poder, também se reflete na desigualdade de gênero, prejudicando a saúde de milhões de meninas e mulheres, reduzindo a possibilidade de melhoria de condições de vida. Melgaço é mais um reflexo dessa situação, vide o grande número de adolescentes grávidas na faixa etária de 13 e 14 anos, e as mulheres que geram 8, 10, 15 e até 19 filhos, sem nenhuma ação contraceptiva. Isabel estabeleceu um trabalho de orientação e prevenção com o uso de contraceptivos, conscientizando as mulheres sobre a importância da continuidade do tratamento, percebendo uma mudança visível dessa população feminina. Mas a falta de recursos financeiros para aquisição de medicamentos e/ou a escassez de medicamentos, impediu muitas vezes que as mulheres/meninas prosseguissem com seus tratamentos.

Foram dois anos de trabalho intenso, chegando à exaustão. Mas, segundo a médica, *o que conforta é o reconhecimento da população, o apreço e a gratidão, que a faz suportar todas as adversidades e enfrentar os problemas.*

Durante esses dois anos de trabalho extenuante, Isabel recebia apenas R\$ 700,00 para alimentação e todas as despesas do mês, já que a Prefeitura não

tinha recursos para oferecer a contrapartida, garantida em cláusula contratual. As condições de moradia eram precárias, ela morava numa quitinete, em uma área cercada de enormes dificuldades. O dia era estafante, de casa para o trabalho, sem nenhuma oferta de lazer, nem de comunicação. Os finais de semana eram dedicados aos cuidados da casa e dela própria. No início, ainda iam até Breves (principal cidade da ilha de Marajó, reconhecida pelo título “Capital das Ilhas”), mas a lancha de R\$7,00 passou para R\$20,00, valor que não podia mais arcar.

Mas apesar do isolamento, das fronteiras e das barreiras a serem superadas, Isabel se sentia muito satisfeita e alegre com o carinho dispensado pelos moradores de Melgaço. *Eles estão muito felizes com o trabalho que estamos fazendo. Eles falam bem dos médicos cubanos em todas as entrevistas que dão. Agradecem e dizem que nunca imaginaram que seriam atendidos por médicos que vão às suas casas, por serem muito pobres, ninguém quis ir até Melgaço cuidar deles. É esta forma deles se expressarem que me reconforta e dá força para continuar adiante. Para mim, não importa as condições que eles vivem, é um orgulho poder servi-los.*

A tarefa de Isabel nesses dois anos foi valorizar aquela comunidade, ouvindo cada indivíduo, incentivando-o a perceber que possuem grande conhecimento acumulado e muita experiência de vida. *Essas pessoas vivenciam coisas que a gente não pode nem imaginar.* Ela compreende, devido à sua formação de médica de família que, devido as condições de vida da população, muitas das vezes não conseguiam superar alguns problemas físicos e mentais.

A cidade de Melgaço é a expressão do modo de vida dos ribeirinhos da floresta, que ao migrarem para a cidade e se tornarem moradores urbanos, trouxeram consigo suas tradições, saberes, linguagens, experiências e culturas, que vão contornando e se impregnando na montagem da cartografia urbana. É neste sentido que o professor e historiador Agenor Pacheco¹⁵, autor do “À Margem dos Marajós”, começou a perceber Melgaço como uma “cidade-floresta”, expressão cunhada por ele. “As relações de trabalho, de sociabilidade, de troca, de convivência, assim como a ideia da criação de pinto, galinha, pato e porco nos quintais de uma cidade, mostram os saberes rurais pontuando a vida urbana”.

15 PACHECO, Agenor Sarraf. Cosmologias Afroindígenas na Amazônia Marajoara. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 44, jan. 2013. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10219>. Acesso em: 17 mar. 2019.

Mais dois anos ...

Após dois anos de atuação, o programa de intercâmbio dos médicos cubanos no Brasil, permite um mês de férias. Foi assim para Isabel, refazendo o trajeto que tanto a impactou, percorreu novamente os rios do Pará, agora em direção inversa e, com um novo olhar sobre as populações ribeirinhas, a do pertencimento. Apesar de dois anos ser pouco tempo para mudanças fundamentais, a cubana Isabel formada em medicina há 22 anos, já fez diferença na vida das pessoas de Melgaço. O Programa Mais Médicos possibilitou a Isabel perceber que o *Brasil é um país muito bom, possui muitos recursos financeiros, mas tem muita carência, em todos os sentidos e, ainda há muito por fazer, principalmente em se tratando de saúde.*

Já Cuba, tem uma coisa boa, a área de saúde. Depois da revolução, todos adquiriram direito à saúde gratuita e de qualidade. Foi bom retornar ao meu país, para os braços da minha família. Nós cubanos somos muito família, é o ente que mais respeitamos e estar longe dos seres queridos é muito difícil. Mas como nossa formação visa a ajudar aos mais necessitados, isso nos dá força e nos ajuda a ficar isolados, num arquipélago no Brasil, longe de tudo e de todos, para cuidar daqueles que precisam, pois, as nossas famílias estão bem atendidas aqui em Cuba.

Mas férias de um mês não dá para matar as saudades e ao sair de casa para cumprir mais dois anos no Brasil, já estava saudosa. No retorno, Isabel hospedou-se na residência de Vera, que faz parte do Sindicato dos Bancários e atua na Central Única dos Trabalhadores (CUT). Uma amizade que surgiu na ilha e, naquela ocasião, as apoiava no que fosse necessário. Na porta do apartamento, cartazes do Sírio de Nazareth e da então presidente Dilma Rousseff, além das estrelas do PT e o símbolo da CUT. No interior, a simplicidade e muita hospitalidade. Isabel esperava o dia do embarque na expectativa de um revezamento de médicos, o que não ocorreu. Para ela, seria interessante a troca de médicos do Programa a cada dois anos, pois o profissional teria chance de conhecer outros locais, outras realidades, culturas e costumes. *As doenças da região de Melgaço são bem diferentes das de São Paulo ou Pernambuco. Seria bom que outros profissionais olhassem essa situação, que é bem específica e difícil, para podermos nos nutrir com outras experiências.*

O revezamento não ocorreu, mas Isabel conta agora com o auxílio de mais dois médicos em Melgaço. Eles ficaram responsáveis pelo atendimento na área

rural e, atuavam numa unidade de saúde recém-construída na região. Os médicos deslocavam-se três vezes por semana para atender em torno de 14 mil habitantes, enquanto Isabel foi designada para assistir oito mil moradores da cidade, o que deu um certo alívio. *O pessoal do interior agora é atendido lá, não tendo mais que se deslocar até a cidade de Melgaço, a não ser que precise fazer algum exame.*

Sentindo muitas saudades dos filhos, do esposo e da mãe, a médica segue cumprindo sua missão, com a certeza de que muito já foi feito, mas ainda há muito por fazer para dar uma saúde digna aos moradores dessa região carente do Estado do Pará.

Nesta segunda etapa do trabalho, a estratégia de Isabel foi dar maior atenção ao grande problema que diagnosticou quando de sua chegada, o acompanhamento das doenças crônicas. *Antes os pacientes crônicos tomavam o remédio num dia e depois ficavam meses sem tomar, mas hoje a maioria dos pacientes está dando seguimento correto ao tratamento. Eles criaram o hábito de passar pela unidade e pegar seu medicamento para manter a doença crônica controlada. A mudança já é visível, existe por parte dos moradores a conscientização sobre o tratamento continuado.* Lamenta a falta de recursos financeiros para aquisição de medicamentos, sua escassez continua afetando os tratamentos. *Fico agoniada com casos como o do Sr. Gabriel, que sofre de tuberculose e mora numa comunidade ribeirinha do interior, em uma pequena casa com esposa e dez filhos, em sua maioria crianças. Esse paciente fez tratamento de tuberculose por duas vezes e vários dos filhos precisam realizar os exames complementares, para saber se têm a doença, mas não conseguem se deslocar até Melgaço por falta de recursos financeiros, interrompendo o tratamento, não alcançando a cura e ainda contaminando a família. Sr. Gabriel é um exemplo, mas assim acontece com outros indistintamente que, quando chegam a Melgaço, já estão com a doença muito avançada e, por vezes, vêm a óbito.*

Para além da falta de recursos, outro problema é o atendimento de média e alta complexidade. A oferta de vagas é reduzida, sem contar com a distância que o paciente tem de percorrer quando necessita de um atendimento mais especializado, como cardiologia, ortopedia, cirurgia, fisioterapia etc. Há muitas pessoas com limitações físicas por mordedura de cobras, acidentes e formações congênicas que, precisam de sessões contínuas de fisioterapia, por exemplo. Tem apenas um hospital em Melgaço, mas quando há uma urgência a unidade faz contato e encaminha o paciente para o Hospital Regional de Breves, município mais próximo, que também

não conta com todas as especialidades. Caso que leva o paciente a ser encaminhado para Belém, viagem de 14 horas de barco. Nesse caso, a Secretaria de Saúde paga as despesas de transporte e o paciente fica hospedado em uma casa de apoio que pertence a Melgaço, durante o tempo que durar o tratamento. O hospital regional não é só para Melgaço e Breves, mas para todo o Arquipélago de Marajó, assim há pacientes que passam meses esperando uma vaga. É o caso do atendimento oncológico e das grávidas, que passam os nove meses sem fazer um só exame de ultrassonografia, a maioria dá à luz com ajuda de parteiras.

Há dificuldades de encaminhamento também para os exames de ultrassom, endoscopia, ultrassonografia e outros exames complementares. Em Melgaço são feitos somente os exames de sangue, urina e fezes. Existe aparelho de raio X, mas somente de tórax ou para verificação de alguma fratura e, o aparelho de eletrocardiograma está quebrado.

São muitas coisas que ainda podem ser melhoradas, como a ampliação da cobertura, tanto dos exames complementares, como de especialidades. Sei que Cuba é muito pequena, não é nada comparável ao Brasil, mas o país tratou de levar todo o atendimento especializado para o interior do país. Lá, os níveis de atendimento estão bem integrados, o paciente pode ir a Policlínica e fazer os exames de rotina para todas as especialidades e, caso necessite de um exame mais avançado, é encaminhado para o hospital que o fará com presteza. E, se naquela província, não tiver o exame, o paciente é encaminhado para a província que detém aquele exame. Faz-se essa coordenação rapidamente e nenhum paciente fica sem atendimento e/ou diagnóstico rápido.

Aqui o que acontece, às vezes, é que o diagnóstico e o tratamento demoram tanto que o paciente acaba tendo complicações. Lá qualquer paciente que chegue a uma consulta e precise de qualquer tipo de atendimento, terá isso em tempo. Se há um paciente com uma doença que não tem diagnóstico preciso, é internado no hospital, e não sairá de lá sem o diagnóstico e o tratamento correto. Essa conduta vale para todos os pacientes.

Apesar de reconhecer que o Brasil é um país de dimensões continentais, enquanto Cuba é uma pequena ilha, fator que dificulta o fluxo de pacientes, ressalta a gravidade dos hospitais não estarem dotados dos recursos necessários ao atendimento. Cuba não logrou êxito em um ano, nem em dois ou três. É um trabalho diário, foram muitos anos educando a população para melhorar a saúde dos cubanos. Alterar modos e estilos de vida leva tempo e o primeiro passo a ser dado é a prevenção.

Num processo de universalização e qualificação do direito à saúde no país, o PMM pode nos ajudar a produzir caminhos potentes para a produção de práticas clínicas que defendam, fortaleçam e qualifiquem a Atenção Primária e o SUS.¹⁶

O PMM não avança e muitas das vezes os resultados são insuficientes, não é porque o profissional desconhece o programa e sua doutrina, mas porque as condições de vida da população não permitem que as pessoas consigam superar seus problemas de doença. Acredito que quando a pessoa é muito doente e pobre, não tem como superar suas doenças, mesmo que receba tratamento médico. O diabético pobre não possui recursos para comprar os alimentos que irão permitir a ele que combata a doença.

Então, a formação passa pela compreensão das condições de vida e pela compreensão de como a população lida com essas condições. Em Cuba, desde o primeiro ano o profissional é levado a conhecer como o trabalho funciona na prática. Os estudantes aprendem no consultório médico a aferir a pressão arterial, a pesar, medir a altura, ou seja, a fazer os primeiros contatos com os pacientes, adquirindo os conhecimentos com a população. A formação dura seis anos e meio e tem como base a promoção e prevenção da saúde, que molda o mecanismo de atendimento, a forma de se aproximar das pessoas e de como planejar estratégias para que a população melhore suas condições de vida.

Já a Venezuela não possui a mesma estrutura de Cuba, que conta com Medicina de Família há mais de 30 anos. Lá está sendo criada a estrutura organizacional necessária, incluindo prontuários, horários de consultas, planejamento das saídas para visitas à comunidade, entre outras atividades. No meu caso, eu trabalhei na Amazônia Venezuelana e, tínhamos de nos planejar, levar os alimentos, a fim de que pudéssemos caminhar oito horas no meio do mato para chegar a uma comunidade e atender 40, 60 ou 180 pessoas. O suporte é muito importante, governamental ou não, para melhorar a saúde e as condições das populações que ficam isoladas. O que aprendi em Cuba tive a oportunidade de pôr em prática na Venezuela e isso me deu condições de melhorar minha vida acadêmica e ampliar o meu olhar para outras realidades, cada país, cada região, é um mundo completamente diferente.

No Brasil, o médico, de uma forma geral, está focado no atendimento e na resolutividade da doença. Mas, a Medicina de Família visa outros fatores: biológico, psicológico e social. Por conta disso, é necessário orientar, desde o

16 Ibid, p.9

início da formação médica, quanto ao atendimento biopsicossocial voltados, principalmente para as áreas periféricas mais necessitadas. Num país tão diverso, o profissional de saúde deve estar direcionado para as diversas áreas do conhecimento, com atuação no campo tecnológico, de pesquisa, bem como em toda a estrutura do sistema de saúde. O sistema de saúde brasileiro está estruturado, falta encaixar as peças para que a engrenagem flua.

Mais uma vez, o sonho acabou...

A maior desigualdade se apresenta na circulação, onde há um desequilíbrio flagrante entre as condições desfrutadas pelos núcleos discursivos centrais da sociedade e as que são propiciadas aos núcleos periféricos. E é justamente na circulação que a negociação de sentidos se faz mais intensa (ARAÚJO, 2002)¹⁷.

Interessante observar a tensão entre clínica e política. Temática fundamental que atravessa o “Programa Mais Médico”. Os núcleos discursivos periféricos, aqui representados pelas comunidades com escassez ou ausência de atendimento de saúde, tem nos médicos de famílias a interlocução na defesa de um sistema de saúde público, universal e de qualidade. Já os núcleos discursivos centrais da sociedade trazem na pauta a dimensão liberal do trabalho médico, voltada para a área biomédica. É nesse campo discursivo, de embate entre a ideologização da prática clínica e a formação médica familiar, que findou o sonho de Isabel.

Em novembro de 2018, em nota, o governo cubano se retirou do programa devido a declarações do Presidente Bolsonaro, recém-empossado, “ao questionar a preparação dos nossos médicos”, e pelo fato de o presidente eleito ter dito que modificaria os termos do Programa. Essas novas condições foram consideradas por Cuba como “inaceitáveis” por “descumprirem as garantias acordadas desde o início do programa”.¹⁸ Marca assim, o fim da parceria com o governo cubano.

De acordo com o Ministério da Saúde, o “Programa Mais Médico” funciona desde 2013 e há um total 18.240 vagas, em 4.058 municípios. Cerca de 8.400 dessas vagas são ocupadas por cubanos e, Isabel encontra-se entre elas. O núcleo discursivo central rompe com um percurso que vem sendo construído há cinco anos no país, a presença dos médicos de família cubanos caminhando juntos com os brasileiros

¹⁷ Ibid, p.40

¹⁸ BBC NEWS. Mais Médicos: O que disseram Cuba e Bolsonaro sobre a saída dos cubanos do programa. Nov. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46210587>. Acesso em: 29 maio 2019.

no esforço de desenhar uma formação profissional que prioriza a interiorização do médico. Além de estar voltada ao desenvolvimento de competências mais amplas para os cuidados com as comunidades carentes, e comprometida com a capacitação de profissionais adequados para dar assistência à população brasileira.

Isabel encontra-se no centro discursivo de disputas entre a política e o cuidado, um complexo jogo entre os diversos atores que compreendem, formulam e disputam o formato e o sentido das práticas médicas no país. Arrumando as malas, indigna-se ao ler na mídia a declaração do então Presidente, ao afirmar que o motivo de fazer exigências para o governo cubano é uma “questão humanitária”: “É desumano deixar essas pessoas (os médicos cubanos) afastadas de suas famílias”.

Lágrimas de indignação e tristeza. O que quero é o benefício das pessoas que cuida. Isso deve estar acima de qualquer outro interesse. No meu entender, isso é o mais importante. Tudo o que for melhor para as pessoas que cuidamos é o que devemos defender. Podemos defender formatos diferentes, mas se o objetivo é igual. Muitos brasileiros que interiorizaram suas atividades médicas também estão longe de suas famílias, sentem saudades, mas temos a crença de que é muito bom estar aqui. Melgaço vale esse sacrifício.

Segundo a declaração do governo, que continua: “...não temos comprovação de que eles são médicos mesmo e que estão preparados para atuar”. Com o passar dos anos, Isabel pensou que a tensão e desconfiança geradas no início do Programa pela categoria médica, principalmente quanto à questão da revalidação de diplomas, tinha se diluído. *Acreditava que, depois de passada a tensão inicial relacionada à qualidade da formação profissional, as nossas ações, visando o bem-estar das comunidades assistidas pelo programa, estavam caminhando na mesma direção.*

Apesar da dificuldade de acesso à internet em Melgaço, Isabel consegue acompanhar em *flashes* a justificativa política do governo para rompimento do acordo. Entre as muitas declarações saltou aos olhos a seguinte: “em torno de 70% do salário é confiscado pela ditadura cubana. Isso é trabalho escravo. Não poderia compactuar”¹⁹.

O economista cubano Mauricio Parrondo²⁰ em entrevista à BBC/Brasil disse que apesar dos médicos serem profissionais altamente reconhecidos pela sociedade cubana, “esse reconhecimento não está relacionado à sua renda por

19 VALOR ECONÔMICO. Bolsonaro levanta dúvida sobre formação de médicos cubanos. Jan.2018. Disponível em: <https://www.valor.com.br/politica/5984465/bolsonaro-levanta-duvida-sobre-formacao-de-medicos-cubanos>. Acesso em: 28 maio 2019.

20 BBC NEWS. Mais Médicos: o prejuízo bilionário da saída dos médicos cubanos para a ‘medicina de exportação’ de Cuba. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46247632>. Acesso em: 27 maio 2019.

meio dos salários, estes são insuficientes para cobrir necessidades essenciais”. O especialista diz que “muitos dos profissionais que trabalham no exterior sob contratos estaduais, acabam levando uma vida de ‘austeridade exagerada’ para serem capazes de enviar recursos para familiares e melhorar o padrão de vida na ilha, o que não seria possível com a renda de seus salários em Cuba”.

Isabel, ilustra essa tese: *graças à missão, mobiliei toda minha casa e envio recursos para a melhoria da qualidade de vida da minha família*. No termo técnico assinado entre o Ministério da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), órgão ligado à ONU que atua como intermediário no envio de recursos do PMM, não existem números oficiais sobre o percentual do salário que é de fato repassado para os médicos cubanos no Brasil. Segundo o acordo, mesmo com os descontos, a fatia de salário recebida pelos profissionais no Brasil é muito superior aos rendimentos dos que trabalham nos arredores de Havana: a renda mensal de um médico em Cuba é estimada entre 25 e 40 dólares, ou o equivalente a R\$ 94 e R\$ 150.

A saída de Cuba do PMM, representou um importante baque nas exportações de serviços de saúde da ilha socialista, sua principal fonte de renda internacional. Segundo analistas, na mesma reportagem da BBC/Brasil²¹, os serviços prestados pelos médicos cubanos em 67 países das Américas, da África, da Ásia e da Europa “*é bem mais lucrativo que a exportação de produtos produzidos na ilha, como açúcar, tabaco, rum ou níquel, responde por 11 bilhões de dólares dos 14 bilhões de dólares que Havana arrecada por ano com exportações de bens e serviços, segundo dados da Organização Mundial do Comércio e da imprensa estatal cubana*”.

O que está de fato manifesto nesse rompimento de acordo bilateral? O Brasil, nos dias de hoje, tem autonomia e condições de atender as populações historicamente marginalizadas nos diversos serviços primários e públicos de saúde, nesse modelo de formação e atenção humanizado? Ou a disputa por esse capital humano encobre uma tensão político-econômica entre os dois blocos ideológicos antagonistas?

A nota governamental afirma por fim que, após o término do acordo com Cuba, o governo dará “satisfação para as pessoas que vão ficar desatendidas”, sem detalhar como será solucionada a saída dos médicos. Fato é que Isabel foi embora de Melgaço, com uma pequena bagagem e uma grande tristeza por deixar a população desassistida, sem ter recebido nenhuma explicação.

21 ibid.

Cena final...

Antes de ser apropriado pela população, o cuidado foi transformado politicamente. E Isabel sentada novamente na mureta banhada pelo Atlântico, volta a pensar nas fronteiras... olha ao longe, mas agora, nada vê além do horizonte...

Ester Cristina Machado Ruas é jornalista, vinculada a Universidade Federal Fluminense é Doutora pela Fiocruz em ciências sociais e Pós-doutorado pela Universidade de Aveiro, com experiência na área de gestão e política de comunicação e saúde.



O Médico e o Pintor

*Antonio Vladimir Félix-Silva
Cássio Marques Ribeiro*

No rio de águas doce e salgada e, às vezes, na cachoeira, a menina Bethânia lava crespos cachos, corpo, pele, pelos e cabelos. Lava a alma e as mágoas no olho d'água. Depois, à beira mar, ela pede à mãe Maria para contar novamente a história do médico e do pintor que ela lhe contava em criança.

– Hermeto vive no Brasil há 20 anos. Gullar vive no Brasil há 10 anos. Já passaram por países da Europa e da África, África mãe da pele e dos mundos que nos habitam. Eles têm em comum: a paixão pela vida nômade e por livros, música e artes visuais, além da paixão pelo duende da música, Hermeto Pascoal, pela bruxa da interpretação, Maria Bethânia, e pelo mago da poesia, Ferreira Gullar.

– Personagens da canção da banda Validuaté? – Pergunta, afirmando a menina.

– Sim! Cujo nome, Hermeto e Gullar, remete aos seus nomes. – Você lembra a música?

Com os olhos rasos d'água e ao assovio do vento, a menina dança. Ela dança e canta aos olhos do mar:

– O Hermeto tem os olhos tortos
E o Gullar tem as orelhas grandes
Todo mundo tem algo empenado
Erudito sambista e gigante

A menina com a flor no cabelo
Desejava o céu por sol e lua
Porque eles jamais se juntaram
Mais bonito seriam os dois na rua
(...)

Enquanto Bethânia canta e dança, Maria alimenta o sonho da menina: cursar medicina em Cuba, lá onde a formação do primeiro ao último ano e a atenção primária à saúde são baseadas na integração medicina de família e comunidade, ensino e serviço social.

– Onde Hermeto estudou? – Pergunta a menina.

– Hermeto estudou na Escuela Latinoamericana de Medicina (ELAM). Depois, trabalhou três anos no Congo, como voluntário de um convênio entre Cuba e a Organização das Nações Unidas. Ele colaborou com uma prática de ajuda humanitária que o governo cubano iniciou desde 1963, com o envio da primeira missão médica humanitária à Argélia e que mantém até hoje em parceria com a Organização Pan-Americana de Saúde.

– Como os cubanos do Mais Médico?

– Sim! Como os cubanos que trabalharam no Mais Médico. Mas também, como outros médicos cubanos que foram a Angola, a Cabo Verde, a Moçambique e a Guiné Bissau, durante as guerras de independência ou que trabalharam em outras missões, como as da Venezuela, da Bolívia e do Haiti, país que foi devastado por um terremoto, em 2010, e por um furacão em 2016.

– Hermeto foi ao Congo?

– Hermeto trabalhou no Congo, entre 1996 e 1998. Ele contava: – Encontrei situações muito complexas e problemas muito difíceis de enfrentar no Congo. Nesse cenário de guerra do país africano, havia muito sofrimento, muitas pessoas adoecendo e morrendo; os recursos mais básicos eram escassos, por isso era um grande desafio cuidar da saúde nessas condições de vida precária.

– E quando ele veio ao Brasil?

– Em 1999, aos 28 anos, depois de retornar a Cuba, Hermeto teve a oportunidade de vir ao Brasil realizar uma residência em Psiquiatria, na cidade de São Paulo. Vir ao Brasil era um sonho que ele alimentava desde criança. Durante a residência, ele aproveitava seu tempo livre na faculdade dando aulas; onde, além de ampliar conhecimentos, tecia amizades e relacionamentos.

– E a história da trilogia?

– Das aulas, logo veio um convite para Hermeto participar de uma cerimônia de graduação. Pensou em uma oferenda à musa da poesia que o convidou. Lembrou-se da familiaridade com as artes visuais, mais especificamente

com o desenho, na infância, e com a pintura, na adolescência; então, construiu uma trilogia de quadros acerca da clínica médica: no primeiro, a imagem de um atendimento a uma mulher grávida; no segundo, a imagem da realização de um parto e, no terceiro, uma visita domiciliar à pessoa idosa. No desenrolar desse processo criativo, foi abordado por outros egressos da turma do curso de Medicina. Um deles pagou-lhe uma boa quantia pela trilogia.

– É verdade que ele se apaixonou pelo Brasil?

– Sim! Apaixonou-se pelo Brasil e estava enamorado da noiva brasileira.

– Em 2004, a vida de Hermeto teve uma reviravolta. Coincidiu com o término da residência em Psiquiatria, a notícia de que a companheira estava grávida. Sentiu-se numa encruzilhada de caminhos. Caso decidisse ficar no Brasil, seria considerado desertor pelo governo cubano; de tal modo que só poderia retornar cinco anos depois, já na condição de estrangeiro no seu próprio país.

– E o que ele fez?

– Escolheu não retornar a Cuba. – Dada à condição de estrangeiro, com o fim da bolsa e sem ter o diploma médico validado no Brasil, e na iminência de ser pai, Hermeto se submeteu ao trabalho clandestino. Foi agenciado para fazer plantões, numa cidade próxima à capital paulista, em uma clínica de um amigo. Na clínica, todas as consultas e receitas eram assinadas pelo médico brasileiro, pois ele não tinha registro junto ao Conselho Regional de Medicina. Diante desse caso de falsidade ideológica, Hermeto foi denunciado e teve seu registro médico cubano retido pelo Conselho Federal de Medicina e passou a cumprir uma sentença de 15 anos sem poder exercer a profissão.

– E a grávida que iria ser mãe?

– Essa parte da história, eu lhe contei muitas vezes. – A companheira, estudante de Medicina, depois de concluir o curso e já com a filha, voltou a São Luís, onde exerce a profissão até hoje.

– E o que ele fez?

– A separação forçada da companheira e da filha o colocou numa situação de maior vulnerabilidade. Apesar de continuar recebendo auxílio do amigo da Clínica, a vida passou a requerer de Hermeto uma reinvenção. – Ele contava aos amigos: – Eu desejava encontrar uma saída. Refleti sobre a situação e sobre minhas necessidades. Lembrei-me de como eu me surpreendi com a renda que obtive com

a venda dos quadros da trilogia clínica médica. Pensei, então, é isso que vou fazer: percorrer o Brasil, fazendo da arte produção de vida e da pintura objeto relacional para ocupar ruas, praças e estações, até chegar a São Luís para visitar minha filha. – E assim foi; com o tempo, entre viagens e paragens, de vez em quando, Hermeto vinha ver a filha. Atualmente, em período de férias escolares, a filha vai onde o pai está; assim, acaba conhecendo outras cidades.

– Ah sim! Sei disso. – E Gullar?

– Gullar estudou na Escuela Nacional de Bellas Artes San Alejandro. Depois, formou-se em arquitetura, seguindo a carreira do pai que já havia feito uma residência artística no Brasil. Mais tarde, voltou a pintar telas abstratas no atelier do pai que também produzia obras, cujo estilo de pintura sempre deixava escapar, originalmente, algo de escultura. Nas rodas de conversa, que mais tarde seria convidado a participar, ele gostava de contar: – Em Cuba, há um trabalho psicopedagógico com equipe multiprofissional que identifica talentos, entre a infância e a adolescência; de modo que os incentiva para a formação em esportes, balé, desenho, pintura, cinema e outras artes visuais. – Em criança, eu já sabia o que eu queria ser quando crescesse.

– Mas ele não foi à África? Contesta a menina.

– Não! Entre 2001 e 2002, Gullar abriu mão do trabalho junto à União Nacional de Arquitetos e Engenheiros da Construção de Cuba e passou a ganhar a vida expondo e vendendo suas obras aos turistas em frente ao Capitólio, em La Habana Vieja. Planejava sair do país, com autorização do governo, para poder entrar e sair de Cuba sem problemas, pois era filho único. Um belo dia envolveu-se com uma turista, regularizou passaporte, conseguiu visto da embaixada alemã e autorização do governo cubano, a tão esperada “tarjeta blanca”, que só é dada depois que o migrante recebe carta convite e tem assegurado plano de saúde de parte do país de destino. Depois do projeto de estudo e pesquisa aprovado, Gullar partiu rumo à Europa. Passou um tempo em Weimar, se aperfeiçoando em artes. Nesse período, além de pintar obras abstratas, também dava aulas de dança, cantava e tocava instrumentos de percussão, fazia performances por meio de intervenções artísticas, principalmente, quando viaja a Berlim.

– E ele veio ao Brasil?

– Em 2008, Gullar e seus amigos organizaram uma viagem ao Brasil, por

ocasião do Corpocidade e do *workshop* Corpo, Cidade e Cultura, realizado por estudantes de pós-graduação, nos bairros de Brotas e Plataforma, em Salvador, e do intercâmbio de estudantes da Universidade Federal da Bahia com estudantes da Bauhaus-Universität Weimar.

– Ele também decidiu ficar?

– Ainda não! Depois da passagem por Salvador, ele retornou à Europa; desta vez, à França, à Espanha e à Itália. Gostou muito de Barcelona, mas foi em Paris, onde encontrou melhor acolhimento para tecer sua arte e também um amor que lhe apresentou a cidade. Em 2010 voltou ao Brasil, novamente, para participar do “Corpocidade: debates, ações e articulações”. Oportunidade em que conheceu Luis Antonio Baptista, e assistiu à sua conferência com o tema: *Tartarugas e viralatas em movimento: políticas da mobilidade na cidade*.

– É verdade que ele também se apaixonou pelo Brasil?

– Sim! Depois de experimentar os Corpocidades em Salvador, Gullar deixou a Europa para trás, largou tudo e decidiu ficar no Brasil. Com a economia que fez em euros, comprou uma casa e montou um atelier em São Paulo. Como todo artista que experimenta a vida nômade e trabalha com intervenções artísticas, Gullar enfrentou dificuldades de se fixar em uma cidade e trabalhar entre quatro paredes.

– O que ele fez, então?

– Para amenizar as dificuldades, mudou o estilo e começou a pintar quadros com tinta spray na Avenida Paulista, ao ar livre, tal como fazia em La Habana Vieja. Fez dessa pintura meio de sobrevivência e modo de se relacionar com os brasileiros e de enfrentar o estranhamento que ainda sofria, dada a condição de estrangeiro. Depois, alugou a casa atelier, em São Paulo, atualizou o plano de saúde que herdara da viagem à Europa e decidiu percorrer outras cidades brasileiras, levando sua arte às ruas de pequenos e grandes municípios e encantando as pessoas com as quais se encontrava.

– Gullar seguiu Hermeto?

– Sim! Sem saber, o pintor acabou seguindo os passos do médico quando, em momentos diferentes, cada um se encontrava desterritorializado em São Paulo. – Hermeto e Gullar seguiram em andanças pelo Brasil, até que um dia chegaram à cidade-estação-rio, Parnaíba, no Estado do Piauí. Hermeto chegou em 01 de junho de 2015. Gullar chegou em 21 de janeiro de 2016. Nesse mês e ano,

por ocasião da mostra de cinema francês no SESC Caixeiral, Hermeto e Gullar se conheceram e passaram a experimentar o calor da rua, nas cidades da Planície Litorânea e do entorno do Delta do Parnaíba, especialmente, em Parnaíba onde moraram juntos e viveram praticamente durante três anos e de lá viajavam a São Luís a cada três meses para visitar a filha de Hermeto.

– Ah! Isso eu também sei. – Quantos anos eles tinham, quando se conheceram?

– Eles tinham 45 anos quando se conheceram. Como se não bastasse ter a mesma idade, descobriram que nasceram no mesmo dia, 23 de janeiro, no Hospital Clínico Quirúrgico Hermanos Ameijeiras, em La Habana. Diziam eles: – en el 1971, Año Vigéssimo de La Revolución Cubana.

O mar estava calmo e o silêncio reinou por um tempo. Maria se vê divagando: Hermeto encontra Gullar e Gullar encontra Hermeto. Não apenas se conhecem, mas também se encontram um no outro. Encontram-se nas artes visuais, na escrita, na literatura, na música e no modo de viver. Quanto mais se aproximam, mais se veem um no outro. Tantas coincidências e tantas surpresas em comum que o arquipélago cubano tornou-se um espelho de ilhas que guardam na memória das águas e da pele histórias refletidas tal qual a arte que eles experimentam nas ruas, praças e estações.

Certa vez, Maria escutara Hermeto dizer, ao participar de uma roda de conversa com estudantes de medicina: – Eu fiz desses encontros com Gullar, com a arte e com a rua, minhas linhas de fuga frente aos agenciamentos de um modo de subjetivar privatizado e aprisionado ao individualismo, que não é tão comum no meu país. No Brasil e em muitos países, a vida é fortemente atravessada por instituições como a Medicina cujo saber revela a tradução do poder médico hegemônico. Por isso, aqui, médicos cubanos sofreram racismo institucional, produzido principalmente por instituições que tratam de ditar quem e como se pode exercer o trabalho nos cenários de prática em saúde e sob quais situações e condições.

Em casa, enquanto Bethânia dormia, Maria decidiu escrever, pois pretendia apresentar essa história em um Congresso Internacional de Literatura e Saúde: – A paixão pela leitura, o modo de vida nômade e o olhar *flâneur* sobre a cidade possibilitaram ao médico, Hermeto, e ao pintor, Gullar, a ampliação das observações e múltiplos olhares sobre saúde como produção de vida. – No primeiro aniversário que celebraram juntos, eles conversaram horas a fio; durante

o dia, na Praça da Graça e, seguiram noite à dentro, principalmente, no Porto das Barcas, à beira do rio Igarauçu, onde teceram a rede de causos e contos das cidades pelas quais passaram.

– Jamás pensé que fuese vivir del arte. – Dice Hermeto.

– Yo siempre he vivido del arte.

– Ahora, para mí, el arte es como una cosa espiritual, yo no podría me relacionar con las personas sin el arte. Es un puente para el otro.

– ¿Y la medicina?

– Aún es un sueño. A veces, hasta tengo pesadilla. Sueño que estoy trabajando en la Atención Básica, de beca y con todos los aparatos necesarios, además del estetoscopio. Hay una cola, las personas esperando. Cuando llega la vez del primer paciente y voy a empezar la consulta, entonces, despierto ansioso.

– ¿Entonces, volverás a trabajar en la salud, cuándo cese la pena?

– Sí. Incluso, hago trabajo voluntario en el Hospital Dirceu Arcoverde, aquí en Parnaíba. A los domingos, por la mañana, voy al sector de niños. Tengo un títere, que es médico y payazo. Entonces, cuento narrativas y me alegro mucho con la sonrisa y alegría de los chicos. Volveré a la medicina, pero aún seguiré trabajando con el arte.

Eles não se cansam de falar que é sempre uma surpresa o reconhecimento de sua arte nas cidades por onde passam. Em algumas cidades, nas quais passaram em momentos diferentes, eles concordam que se sentiram mais reconhecidos como artistas que em outras.

– Algunas personas miran el arte por el espectáculo, por el fuego que hacemos al final de cada obra que pintamos y por los aplausos que recibimos por eso, no miran necesariamente el arte. – Dice Gullar.

– En relación a ese fenómeno, dice el filósofo, Walter Benjamin: “en la época de Homero, la humanidad se ofrecía en espectáculo a los dioses olímpicos; hoy en día, ella se convierte en espectáculo para sí misma”.

– Gran parte de las personas están agenciadas por la espectacularización de la vida, como dice Debord, que cualquier alteración en la rutina la toma en esa perspectiva.

Hermeto e Gullar não sabem dizer se o retorno financeiro que têm, no Brasil, é potencializado por que eles são cubanos. E, lá em Cuba, existe um sistema diferente, devido à história política e econômica do seu país de origem.

– Y en Brasil, ¿cómo es la vida en las ciudades donde has estado? –
Pregunta Gullar.

– El calor humano coexiste con la desigualdad social.

– He percibido eso las dos veces que estuve en Salvador y en las otras ciudades por las que pasé. En lo general, la desigualdad económica y social es acentuada por el proceso de urbanización que no ocurre por medio de planificación, como dijo Raquel Rolnik, en el artículo: “10 Anos do Estatuto da Cidade: das Lutas pela Reforma Urbana às Cidades da Copa do Mundo”.

– ¿Y la violencia en las ciudades?

– Tienes que leer el libro “O olho da rua”, de la periodista Eliane Brum. Ella revela un retrato de las ciudades brasileñas. La imagen de la violencia presentada por la autora traduce dos Brazis, dos rostros, superpuestos a la vez, de la realidad vivida en las ciudades. El primer rostro muestra la micropolítica del deseo y resistencia del pueblo frente al modo de vida segmentado de brasileños que son acogedores y afectivos, como has dicho en eso del calor humano, el otro muestra las violencias como marcas de la vida precaria y del cuerpo en escena en la ciudad.

– “Como você fugiu de lá?” – Esta é uma pergunta que algumas pessoas ainda hoje fazem a Hermeto e a Gullar. O espanto de quem se depara com a ocupação poética da cidade por dois cubanos demonstra o estranhamento, às vezes, a rejeição a um não lugar atribuído ao outro em função da crítica ao socialismo ou em função da utopia comunista. Nessas circunstâncias, geralmente, eles afirmam: – Em Cuba, somos muito sociais. Temos uma forma bem solidária de viver e um modo bem familiar de partilhar a vida que só se assemelha ao modo de vida da maioria de artistas nômades nas ruas, nas praças e estações.

Diante de questionamentos acerca de como é Cuba, Hermeto costuma perguntar: – Já assistiram a Memórias do Subdesenvolvimento? Um filme de Tomás Gutiérrez Alea, produzido em 1968. O filme narra os conflitos de Sérgio que fica em Cuba, após a revolução, não por que seja comunista, mas para saber o que irá acontecer depois que Fidel Castro declarou, na esquina das ruas 23 e 12, que Cuba seria socialista. Praticamente citando Sérgio, o personagem do filme, Gullar segue o raciocínio de Hermeto: – Cuba parece um país de cartão postal. Se você tirar uma fotografia hoje da cidade de Havana, ela é igual a uma fotografia de 50 anos atrás. Depois de um tempo em silêncio, Hermeto complementa: –

Muitas mudanças políticas ocorreram e vêm acontecendo nos últimos anos, principalmente, depois que saímos de lá. Mas a imagem que se tem fora de Cuba é a de que se trata de um Estado comunista, totalmente fechado. E Gullar conclui: – Meu país gera uma imagem heterotópica para quem é de esquerda e concorda com Cuba Socialista! E uma imagem heterocrônica para quem é de direita, como se realmente ele tivesse parado no tempo, e seu regime não correspondesse mais ao cenário atual de um mundo globalizado.

Hermeto e Gullar não gostam de fazer comparações, mas para eles é inevitável não falar que a concepção de lugar dos brasileiros difere muito de quem é cubano. Ao menos no que eles guardam na memória da pele e acompanham por familiares, na maioria das situações, eles e as pessoas com as quais têm mais vínculos se sentem pertencentes a Cuba, não necessariamente ao regime político. Mas também não negam a história da revolução e reconhecem a solidariedade como um princípio socialista entre cubanos, como também estão de acordo com a reciprocidade de Cuba na ajuda internacional a outros países, principalmente, na área da saúde.

Quando o assunto é saúde, eles gostam que as pessoas participem da conversa. – Hermeto diz: existe, no Brasil, uma preocupação ou precaução menor das pessoas quando se relacionam ou cuidam do outro no meio urbano. – Gullar exemplifica: em Cuba, somos cuidadosos com o outro; nas ruas, se alguém expressar qualquer gesto que dê indício de que está precisando de ajuda é fácil a pessoa ser cuidada ou questionada se está precisando de ajuda, diferentemente do que experimentei nas ruas das cidades europeias e brasileiras.

Um fato relacionado a cuidado e humanização em saúde é sempre contado por Hermeto: – Era sexta-feira à noite, eu estava com uma amiga no Porto das Barcas, flertando e rindo muito, quando fui sustentar o corpo da minha amiga que se lançou de um pequeno degrau, sofri deslocamento da clavícula, uma Luxação Acromioclavicular - LAC. Fui ao Hospital Dirceu Arcoverde, onde fui atendido por um médico que estava de plantão. O médico se fez de surdo; tal escuta surda não lhe permitiu ouvir minha narrativa acerca do acidente, menos ainda acreditar nessa história de que ele estava diante de um colega de profissão. Colocou apenas uma tira de atadura para sustentar meu braço e meu antebraço, de modo que eu passei o fim de semana sentido dor. Na segunda-feira, por acaso, encontrou-me com um amigo, professor do curso de medicina e partilhei a história. Meu amigo fez registros e postou as fotos no grupo de *whatsapp*

de professores e fez o conto. Um dos professores médicos disse que estaria de plantão, à noite, no mesmo hospital, e se prontificou a me atender. Nem o professor nem eu sabíamos que se tratava do mesmo médico que me atendera na sexta-feira. Desta vez, o médico brasileiro ficou mudo diante de mim e não me atendeu; resmungando, me encaminhou para um colega que também se encontrava de plantão. O outro médico fez os procedimentos necessários, falou-me que sentia muito pelo fato de eu não ter sido acompanhado, no primeiro atendimento, à sala de raios-X. Ao final do atendimento, além da receita dos medicamentos e do exame de raios-X, saí do hospital com uma ficha de encaminhamento para o Centro de Especialidades Médicas, onde passei a ser atendido por um fisioterapeuta, durante um bom tempo.

Gullar ainda fica indignado, ao saber que Hermeto tenha esperado o fim de semana todo, para confirmar o que ele já sabia: – O médico que o atendeu, à primeira vez, fez os procedimentos de maneira errada, por isso foi necessário refazê-los, gerando uma nova situação de sofrimento para quem já estava sentindo dor. Mas, diante de quem participa das rodas de conversa e escuta essa narrativa, Gullar não expressa indignação; pelo contrário, faz questão de reconhecer: – No mesmo hospital, Hermeto passou pelas mãos de dois médicos; um que lhe fez um atendimento desumanizado e outro que lhe fez um cuidado humanizado em saúde, tal qual o fisioterapeuta que seguiu lhe acompanhando.

Hermeto tinha voltado a pintar telas com temáticas semelhantes ao que usou para fazer a trilogia, quando ele se deparou novamente com essas contradições que expressam os reflexos da formação e da identidade de profissionais da medicina no Brasil, além dos paradoxos que envolvem atendimento humanizado e quadros de negligência no atendimento e na prática médica. Nesse mesmo período, conforme diagnóstico dado informalmente por Hermeto, e depois confirmado por outros profissionais, Gullar começou a apresentar sintomas de uma lesão por inalação tóxica, por tempo prolongado e exposição excessiva ao gás que escapa com o uso do spray para pintar e o uso do gás do isqueiro para acender o fogo que se faz necessário para o acabamento de cada obra.

Ele havia presenciado práticas desumanas por parte de alguns médicos nas cidades pelas quais passou na Europa e no Brasil. Por isso, diante desse diagnóstico, Gullar não teve dúvidas, buscou médicos cubanos, na capital do Piauí, onde foi prontamente acolhido, cuidado e atendido por intermediação de outros médicos do

Programa Mais Médico, à época. Em outras cidades, ele já havia presenciado “cuidado e atendimento humanizado a pacientes”, como gosta de falar, fazendo referência à concepção de clínica ampliada e de saúde coletiva que Hermeto costuma defender.

Nas rodas de conversa, Hermeto costuma afirmar que a formação se reflete na prática médica, fazendo referência aos cursos de medicina que a criação e a abertura foram desdobramentos do Programa Mais Médico e cujos projetos pedagógicos estão embasados nos princípios desse programa e no eixo ensino-serviço-comunidade. Ainda assim, ele diz: – o agenciamento do capitalismo ainda é bastante acentuado na formação, no Brasil; mesmo existindo o Sistema Único de Saúde com as políticas de equidade e promoção da saúde, o modelo que prevalece no gigante da América do Sul ainda é o modelo de clínica hegemônico pautado nos procedimentos biomédicos em contraposição ao modelo ampliado de atendimento.

Hermeto vem se preparando para quando seu registro for liberado, ele possa exercer novamente a profissão de médico, por isso, estuda as políticas de saúde. Diz: – Ando lendo autoras e autores para os/as quais o próprio processo de produção/promoção de saúde e cuidado de si torna-se uma instância produtora de subjetividade. Sem dúvida, os processos de subjetivação que marcam os médicos brasileiros são diferentes dos que perpassam a produção de subjetividade de médicos cubanos.

À diferença da maioria da população brasileira, Hermeto e Gullar sabem que em Cuba o médico está para a família e a comunidade assim como o Agente Comunitário de Saúde está para a família e a comunidade no Brasil. Para eles, as experiências de negligências vividas ou presenciadas são comuns na vida de Marias, Bethânias, Pasquais e Ferreiras que procuram os serviços de saúde. Tal situação deságua na saúde coletiva e nas políticas de saúde, de tal modo que faz com que Hermeto afirme: – No Brasil, só vão falar sério sobre o aborto quando for possível aos homens engravidarem, porque a maioria do Congresso é masculina.

Ao fim e ao cabo, o médico e o pintor poderiam ser ou não a mesma pessoa, sendo uma multiplicidade que acaba revelando um cenário de prática em saúde marcado por desigualdade social, violências institucionais, violência de gênero e racismo estrutural que transparecem na hora de pensar e de executar as políticas públicas. Nos cenários caóticos das cidades e nos cenários de precarização da vida no campo e nos territórios das águas, como os do Delta do Parnaíba, a negligência

profissional e a falta de humanização e cuidado na gestão e atenção reforçam um quadro de poder, onde aqueles que operam as instâncias do Estado, muitas vezes, não estão preocupados com a assistência social nem com o andamento das políticas públicas e sua relação com a saúde da população, inclusive com a saúde de quem vive ou trabalha nas ruas, tais como artistas e pessoas em situação de rua.

Hermeto e Gullar, bem como tantos outros artistas nativos e estrangeiros com suas metáforas e histórias de batidas rítmicas poético-políticas, questionam e denunciam a realidade vivida, principalmente, nas cidades que acumulam turistas, blasés, carregadores de carrancas e quimeras no mesmo espaço daqueles que operam o imobilismo para surrupiar e agenciar as vidas e que extraem o que podem do poder público e do país, tratando de destruir políticas como as do Sistema Único de Seguridade Social e do Sistema Único de Saúde.

Ao acordar, Bethânia brinca com Maria: – Nunca chamei Hermeto de pai nem você de mãe. Deve ser porque, muitas vezes, você me contou essa história tal como me contou ontem, sem me revelar as identidades das personagens.

* * *

Antonio Vladimir Félix-Silva é doutor em Ciências Psicológicas pela Universidade de Havana (Cuba). Professor do curso de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Piauí – UFDPAr.

Cássio Marques Ribeiro é psicólogo do Centro de Referência em Assistência Social de Floriano-Piauí. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Piauí – UFDPAr.

Não! O amor não findará

Adriano B. Espíndola Santos

Era pequeno, um sibite baleado, como o povo dizia lá. Um cuidado medonho comigo, para não me perderem. Fui poupado, sem querer. Ajudava o pai na lida depois de o sol serenar.

Minha mente, no entanto, uma engrenagem complexa, detida no resgate de nossas vidas mulambas do sertão; que ao senhor meu pai, seu Chico Ribaça, não servia de nada, só capinar; arar a terra e imolar as mãos, se preciso até verter de si o sangue ainda vivo para renovar a terra, para o comer do dia seguinte vingar. O homem caviloso não sentia dor nenhuma, talvez; mancava vez ou outra, mas nada disso o acuava, tinha duas bocas para dar de comer.

Dona Mundica, a senhora minha mãe, nunca foi triste, na verdade. Era a própria exaltação do feminino, sagrado; de pegar o cabo da enxada e arrancar, até o último pedregulho, qualquer mal que porventura interrompesse o ciclo da vida. Mas numa manhã cinzenta – e eu, incauto, pensando que vinha chuva –, mãe se escanchou no pé da mesa, numa dor lancinante, de cortar o coração e os pulsos, que eu mesmo a senti, com um calafrio dos pés à cabeça a me arrebatar do chão batido; vislumbrei-nos, azoinado do juízo, no derradeiro ponto da passagem terrena.

Pai logo notou, coisa de pressentimento; saiu vexado, abandonando o gado no pasto. Era amor, que eu nunca havia percebido; assim, nunquinha. Impregnou-se numa ânsia de recuperar, custasse o que custasse, a saúde de mãe.

No caminho, no velho Pirilampo, cor de sangue, vinho – própria da nossa estirpe molestada–, pai resmungava, entre lábios, e pedia a Nosso Senhor a salvação; que, se não fosse para si, suplicou desesperado, desse-a a sua mulherzinha, e repetia, coitado, “Não faça falta nesse mundo cão!” – acostumado à invisibilidade secular.

Já no posto de saúde, umas três léguas de distância da localidade, que mais parecia um hospital bem aprumado, recepcionaram-nos o famoso Dr. López; famoso porque era o único, e difundido como santo nos quatro cantos de Brejo. Comprometeu-se, ainda no primeiro olhar, como de fato se doava à comunidade, em buscar uma solução.

Após os exames clínicos, concluiu, com muito pesar, como se fosse sua mãe ou um ente querido deixado na ilha, pelo desprendimento de vir zelar por outros humanos, talvez mais necessitados, carentes de assistência primária; que teria de amansar, ali mesmo, uma desordem severa abdominal. Não havia espaço na capital. Não havia espaço em lugar nenhum.

Pegou mãe, fiapo, com desmedido carinho, no seu colo. Deitou-a na maca, para lhe aplicar umas massagens, umas medicinas naturais, e outras convencionais, como é de lei. Cuidou do corpo e da mente de mãe, feito as benzedeuras do sertão – incorporou nossa sapiência ancestral, que decerto se misturou com as de suas origens, para o nosso bem.

No regresso à casa, ainda no caminho, escutamos no rádio dessintonizado a triste notícia. Não conseguíamos acreditar; não aceitávamos. Os cubanos nos deixariam, mais cedo ou mais tarde. Preguei-me no regaço de mãe; agarrei-o como se agarra um boi fujão – o exemplo de pai, na lida, me fez lembrar a pegada consistente, necessária – e disse-lhe que o tormento se sossega com o amor, sob os auspícios de Nosso Senhor.

Dr. López foi e levou um bocado de gente no coração; deixou-nos órfãos de tudo, de toda uma promessa de redenção. Mãe definhou, rápida e progressivamente – estou certo de que a notícia do abandono forçado do nosso médico apressou o que poderia ser demora.

Com o seu amor pululante, aspergindo pelos poros, milhões, me disse no calar da vida: “Seu lugar, Francisco, não é nos meus braços, ao pé da cama-cafuné, nem de seu pai; o mundo te espera. Pia! Vai, avia!”

Adriano B. Espíndola Santos é natural de Fortaleza, Ceará. Autor dos livros “Flor no caos”, “Contículos de dores refratárias” e “O ano em que tudo começou”. Colabora com a Revista Samizdat. Tem textos publicados em revistas nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária. Membro do Coletivo de Escritores Delirantes. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.



II

Temporalidades e Ficcionalidades



Morbus Gallicus

Beatriz Rodrigues Lopes Vincent

Prólogo

Nos versos de Girolamo Fracastoro, o pastor Syphilis desonra o Deus do sol e é amaldiçoado. Daí teria surgido o nome da doença, conhecida pela obra do médico veneziano publicada em 1531, originalmente em latim, que descreveu patologia, sintomas, diagnóstico e tratamento em detalhes. Fracastoro acreditava que, originária do Novo Mundo, a sífilis teria sido transmitida pelos nativos das Américas a europeus e africanos que ali chegaram no fim do século XV. Inaugurado o comércio transoceânico, o contágio atingiu Índia, China, Japão e Oriente Médio.

Era 2018. Beatriz instalava-se nos Estados Unidos. Dentro do último volume da mudança vinda de navio do Brasil, lá estava o livro. Não o reconheceu, jamais o vira. Era muito antigo e encontrava-se em estado deplorável, páginas consumidas pelo tempo, outras arrancadas. Ao folheá-lo, notou capítulos separados por envelopes envelhecidos. Ela examinou o primeiro deles com delicadeza. Em seu interior, os versos de Fracastoro acompanhavam um discurso em caligrafia rebuscada:

Excelentíssimos Senhores Acadêmicos,

É uma satisfação estar convosco na sede da Academia Imperial de Medicina. Começo por prestar minha homenagem ao ilustríssimo Dr. Bento Gonçalves Cruz, membro da vossa Junta de Higiene, recém-apontado por sua Majestade, o Imperador. Hoje, às portas do século XX, em noite alegre e festiva, celebramos o futuro. Relembremos aqui, contudo, nossos antecessores e seu legado para a humanidade.

Fartas são as evidências de que médicos italianos já implantavam ações emergenciais de saúde há quinhentos anos. Apoiados pelos governos das cidades-estado, impunham quarentenas para conter o avanço das doenças e para lidar com as consequências de sua instalação numa dada região. No

curso do século XVI, essas e outras medidas sofisticaram-se e passaram a ser sistematicamente aplicadas.

Médicos, todavia, eram raros antes dos anos 1700. Ao tentar explicar padrões de adoecimento, recorria-se às teorias e costumes oriundos do folclore ou da religião. Entretanto, peregrinações religiosas em busca de cura resultavam com frequência na disseminação de pragas em escala epidêmica. Se, por um lado, comportamentos e crenças protegiam comunidades, por outro, provocavam doenças e epidemias. Alguns procedimentos ou curavam ou eram inócuos, enquanto outros, como sangrias, acabavam por ser fatais. Avicena e Galeno eram autoridades na Europa e Charaka, muito respeitado na Índia.

Em geral, as ações de saúde realizadas até o século XVIII geravam baixo impacto demográfico. Poucos eram os doentes que dispunham de meios financeiros para contratar médicos, e apenas alguns obtinham o desfecho almejado. Portanto, antes da noção de que as bactérias seriam causadoras de doenças, o saneamento ambiental constituiu a principal medida tomada pelas autoridades. A oferta de água potável, a remoção de dejetos e a dispersão de odores de esgoto protegiam os povos das epidemias.

Conceitos de doença, métodos de tratamento e práticas de higiene do século XVIII guardam pouca semelhança com aqueles adotados nas primeiras décadas do século XIX. Para permitir o avanço da ciência, foi decisiva a organização da profissão médica a partir da criação de escolas e hospitais. No continente europeu, o ambiente hospitalar possibilitou a observação do curso completo das doenças, o estudo de sinais e sintomas e a discussão de causas e condutas. A cura manifestada num paciente seria tentada no seguinte. Além de propiciar aprendizagem, hospitais trouxeram reputação e ganhos financeiros para os mais bem sucedidos. Os médicos foram, assim, incentivados a experimentar; foram empurrados para o empirismo.

Na Europa dos anos 1700 e 1800, a revolução industrial contribuiu para modificações irreversíveis na vida das pessoas, ao ocasionar migrações do campo para a cidade. O adensamento e a superpopulação nos centros urbanos trouxeram adoecimento. Numa escala mais ampla, o momento propiciou inclusive migrações internacionais.

Senhores Acadêmicos, é chegado o alvorecer dos novos tempos. Hospitais e ações de saúde em favor da coletividade serão valorizados. Médicos ganharão

destaque na medida em que o bem estar do trabalhador constitui condição essencial para a produção industrial e para o progresso. Vós sereis os agentes da mudança.

Dr. Jean Frédéric Vincent

Cidade do Rio de Janeiro, outono de 1886.

* * *

Sob o título “*Populations et Plagues*”, o discurso original em francês acabou publicado nos *Annaes da Academia de Medicina*. De passagem pela cidade, o neurologista do *Hôpital de la Salpêtrière* esteve presente na sessão solene da Academia Imperial de Medicina situada na Rua dos Ourives. Diante da seleta audiência, encerrou a noite declamando *Syphilis*.

* * *

Sífilis... Que curioso, pensou então a jovem estudante do curso de medicina. A doença fora mencionada em sua casa algumas vezes. Numa delas, ao folhear a obra “*Medicine, an Illustrated History*”, Beatriz leu em voz alta os versos de Fracastoro. Regina, sua mãe, aproximou-se e sussurrou que o sogro Eduardo havia padecido da terrível doença.

* * *

Entre 1886 e 1896, o Brasil recebeu mais de cinco mil estrangeiros. Além deles, afluíram à cidade do Rio de Janeiro muitos migrantes internos, caracterizando-se ali súbito crescimento populacional. Naquela época, o maior centro financeiro e capital do país oferecia abundante mão-de-obra para a indústria; ali passaram a ser produzidos e consumidos tecidos, calçados, alimentos e bebidas. A nova burguesia prosperou investindo em transportes e serviços.

As condições de saúde da população, entretanto, agravaram-se na última década do século XIX. Em 1891, quase duas mil e quatrocentas pessoas foram vítimas de tuberculose, enquanto outras quatro mil e quinhentas de febre amarela.

A varíola e a malária causavam grande preocupação. Cursando com virulência e abrangência jamais vistas, as epidemias ceifaram muitas vidas ao longo daquele ano. As mudanças nos padrões de adoecimento desafiavam o conhecimento constituído, suscitando embates entre políticos e médicos.

A crise refletia a piora das condições de vida da população trabalhadora. O epicentro do problema era o Rio de Janeiro colonial. Em 1889, o II Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia aprovou um conjunto de medidas sanitárias para a cidade: drenagem e aterro de áreas alagadas; fornecimento de água potável; canalização de esgotos, valas e rios; recolhimento e destruição do lixo; calçamento e lavagem das ruas; conservação das florestas. Prenunciando a era das demolições que viriam nos anos seguintes, os congressistas exigiam a abertura de ruas que fossem corredores de passagem para a brisa que vinha do mar. Também reivindicavam autonomia e força política para que as autoridades sanitárias pudessem atuar com toda liberdade. Proclamada a República, a nova constituição de 1891 entregou ao Estado a responsabilidade pela organização das ações de saúde pública.

Na ocasião, o Doutor Bento Gonçalves Cruz realizou visitas correcionais, fiscalizou moradias, aumentou o número de leitos em hospitais de isolamento e redistribuiu médicos para áreas necessitadas, tendo, porém, alcançado resultados insatisfatórios. Relatório da Inspetoria Geral de Higiene de 1892 contabilizou que, entre os anos 1869 e 1888, cresceu o número de cortiços e de habitantes por cortiço, isto é, houve adensamento da população urbana.

Embora a Inspetoria de Higiene exigisse melhorias nas condições das habitações coletivas, raras eram as determinações para que fossem efetivamente fechadas, pois nem governo nem municipalidade possuíam recursos ou locais para acolher cidadãos desprovidos de outra residência. A Inspetoria via-se impotente também porque proprietários ou arrendatários alegavam falta de recursos para cumprir com as intimações.

Adoentado, Doutor Bento viria a falecer em pouco tempo. Data infeliz. Coincidiu com a formatura do filho Oswaldo na Faculdade de Medicina.

* * *

Mais adiante, Beatriz encontrou um segundo envelope. Ao manuseá-lo, identificou de pronto um timbre conhecido. A carta datada de 1892 deixou-a confusa.

Na pressa, lera 1982, ano em que iniciou seu curso médico. Novo fluxo de pensamentos levou-a para a manhã de inverno de 1989 em que se casou com Maurice.

Félicitations

Ouro Preto, Natal de 1892.

Caro Doutor Oswaldo Cruz,

Venho felicitar-vos por vossa formatura! E tão jovem! Que feito! Dona Amália há de estar orgulhosa. E vosso querido paizinho, onde quer que esteja, haverá de guiar-vos a um futuro brilhante. Teríeis vós herdado dele o pendor para as pesquisas? Quantas descobertas havereis de realizar pelos anos vindouros? Desejo-vos felicidades!

Nosso querido imperador, homem sábio que partiu há um ano (que Deus o tenha!), era fascinado pela botânica e pela biologia. Eu também, como sabeis, além de jurista e poeta, sou um homem curioso. Fui informado de que, em 1854, a cólera tomou Londres de assalto. Quatorze mil casos! Seiscentos e dezoito mortes! Foi então, com muito interesse, que li vossa tese “A veiculação microbiana pela água”. Vossas ideias se revestem do vigor deste fim de século. Brindemos ao advento do microscópio, a Pasteur, Koch e Hansen. Brindemos ao fim das teorias ultrapassadas, dos humores e da putrefação! Será vossa missão buscar novos ares. Que venham os novos tempos!

Há pouco, li matéria a respeito do triste quadro de Edvard Munch – “Det syke barn”. Pensei no sofrimento e melancolia vividos pelo pintor de Cristiania... Sabemos que as conquistas do homem moderno têm empurrando as massas para os centros urbanos. Imagine, Londres e Paris à mercê de moléstias que desafiam autoridades! Sob que condições vivem os mais pobres? E a nossa cidade do Rio de Janeiro? Assusta-me o fato de ser tão aberta ao oceano. Parece-me tão vulnerável! Diariamente os vapores aqui depositam viajantes do mundo todo. A que pragas estaremos nós sujeitos? Deus queira que os governantes da nossa tão jovem República estejam bem preparados.

Hoje, relendo “Sinfonias”, dei-me conta de que já lá se vão quase dez anos dessa minha publicação. Revisitei o prefácio que, como sempre, fez-me pensar no privilégio de ter a pena de Machado a assiná-lo. E que letras elogiosas! Mas, confesso, por vezes não me sinto assim tão merecedor daquelas belas frases. Sabeis Oswaldo, que o parnasianismo é alinhado ao ideal positivista e à objetividade da ciência.

Como nela, a beleza e a perfeição devem ser alcançadas por trabalho incansável, jamais por obra da inspiração. “Arte pela arte”. Para Olavo Bilac, nós, poetas, somos ourives trabalhando uma jóia. À propos de Bilac, pedi a ele exemplar de “Sinfonias”. Explicai-lhe, por obséquio, que é regalo pela sua formatura.

Despeço-me, finalmente, com meu soneto predileto. Que vossos sonhos voem e se realizem no decurso da uma vida próspera e longa. Do vosso admirador e amigo,

Raymundo Corrêa

As Pombas

*Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...*

*E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...*

*Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;*

*No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...
(Sinfonias, 1883)*

Belle Époque Tropical

No Rio de 1896, Raymundo e Oswaldo encontraram-se na Casa Cavé, confeitaria francesa na Sete de Setembro com Uruguaiana. Raymundo passara uma boa temporada em Ouro Preto e os dois não se viam há alguns anos.

“Que alegria encontrar-te, Raymundo. Como foi sua estada em terras mineiras? Que novidades nos trazes?”, Oswaldo levanta-se e saúda o amigo.

Raymundo retribuiu o cumprimento com um sorriso acanhado: “Meu caro Oswaldo! Que grande prazer rever-te! Nem queiras saber dos aborrecimentos do tempo de diretor da Secretaria de Finanças... Em compensação, muito prazeroso foi o período como professor de Direito Criminal, na capital mineira. Como sabes, tive a honra de pertencer ao corpo de fundadores da Faculdade Livre de Direito de Ouro Preto. E para lá vieram muitos dos meus contemporâneos de São Paulo. Outros amigos conquistei na terra de Marília de Dirceu. Lastimável, contudo, não mais poder frequentar os encontros literários promovidos por meus saudosos alunos”. E continuou: “Que lindeza de céu! Quantas estrelas! E que luazes! Montanhas que não se acabam! Passeios memoráveis! Entretanto, não me dei muito bem com o clima úmido e frio. Deves lembrar-te das impressões relatadas na carta que minha Mariana escreveu à senhora tua mãe”.

“Como não?”, disse Oswaldo com ar pensativo, afrouxando a gravata.

“E por falar em Mariana, ela teria apreciado presentear-te com um docinho caseiro e manda lembranças. Xandy, nossa filha caçula, como sabes, é muito doentinha, e, infelizmente, caiu novamente enferma. Faltava-lhe o ar! Deu-nos grande susto. Grave crise de asma”.

“Que maçada! Mande-me buscar sempre que necessário, Mundico”, ofereceu-se Oswaldo.

A conversa iniciou-se pelas notícias dos jornais locais, abertos sobre a pequena mesa. Depois, tendo à mão exemplares internacionais, passaram os olhos nas manchetes, sempre algo envelhecidas pois, naquela época, os vapores que saíam de Bordeaux alcançavam o Rio de Janeiro após cerca de um mês. Eruditos que eram, interessavam-se por temas variados. Na mesa do canto, os tímidos Oswaldo e Raymundo transformaram-se em falantes camaradas. Leram também críticas literárias das obras recém-chegadas e trocaram uma prosa sobre

temas científicos, pois novidades do campo da saúde pública instigavam o poeta. De fato, em seu tempo de juiz municipal em São Gonçalo do Sapucaí, Raymundo realizava visitas domiciliares e dava conselhos sobre higiene e saneamento rural.

Trazidos com regularidade pelos *colporteurs*, chegavam em suas residências volumes publicados em Londres, Portugal e Paris. Mas tal como acontecia com a maioria dos cariocas de então, Raymundo e Oswaldo preferiam as casas editoriais francesas. Deleitavam-se com a *Revue des Deux Mondes* ou com a edição mais recente do *L'Almanach Hachette, petite encyclopédie populaire de la vie pratique*. Por horas a fio, ciência, política, arte e literatura eram dissecadas por ambos. A prosa continuou sobre Paris, mais sóbria e grave; o assunto versava agora sobre as obras de Haussmann. Tempos de grandes transformações.

Oswaldo logo embarcaria para a capital recém-modernizada. Paris era a mais cosmopolita das cidades europeias, com vida intelectual e cultural riquíssimas. Novos modos de pensar e viver se descortinariam para ele e sua família. A ideia de lá morar era muito estimulante, comentou. O otimismo tomara conta da Europa, livre de conflitos desde 1871, fim da Guerra Franco-Prussiana. Entusiasmado, o cientista percorreu em detalhes sobre suas expectativas. Em breve estaria frequentando o novo polo de pesquisa fundado por Louis Pasteur.

Feliz também estava Raymundo, pois fora apontado à legação brasileira na capital portuguesa. Suas três filhas, Lavinia, Stella e Alexandrina, teriam vida não menos movimentada. E a tarde terminou animada e leve.

* * *

Beatriz ficou intrigada ao encontrar o documento bem preservado numa pasta de couro surrado, no fundo do mesmo baú verde escuro de ferragens douradas. Quem teria registrado aquele encontro da Cavé? A grafia era com certeza feminina, mas não havia assinatura ou qualquer outra indicação. Se não Mariana, às voltas com a crise de asma de Xandy, Dona Miloca era, assim, a principal suspeita. Teria ela testemunhado a conversa? Afinal, a esposa de Oswaldo ia com frequência ao encontro dele no centro do Rio, de onde seguiam juntos de carruagem para casa.

Às voltas com o baú, continuando a remexer seu conteúdo, Beatriz foi transportada às suas lembranças mais ternas. Da mãe, Regina, havia medalhinhas

de Santo Antônio e terços enferrujados. Da avó materna, Alexandrina, carinhosamente chamada Xandy, a caixinha metálica de esterilizar seringas e uma fita azul, bem gasta, de Filha de Maria. Também reconheceu o canivete suíço que pertencera ao avô Benedito, pai de Regina. Do pai, Walter, contudo, Beatriz encontrou apenas o retrato em que ele, menino, tinha em seu colo a irmã Waldira. Inexplicavelmente, nada mais havia dos ancestrais do lado paterno.

Mais lá no fundo ainda, jazia o retrato emoldurado de Mariana, a bisavó materna. No verso, colada a título de proteção, uma folha de jornal ressecada revelava a data aproximada do enquadramento, três de setembro de 1932. Do bisavô Raymundo, o último par de óculos, livros de sua autoria e poemas originais. E, dentro de uma bolsinha de feltro, três delicados pingentes que simbolizavam a Fé, a Esperança, a Caridade. A quem teriam pertencido?



Mariana, esposa de Raymundo Corrêa. Fotografia pertencente ao acervo da família.

Origem desconhecida. Data aproximada de setembro de 1932.

Beatriz retomou o livro. Escondido entre as folhas que se esfarelavam, descobriu um bilhete com a caligrafia típica do pai, dirigido ao primeiro filho homem, Gilberto, de partida para o internato em Belo Horizonte. Numa face, recomendações de cunho acadêmico, disciplinar e financeiro; no verso, em letras maiores, o pai lembrava a importância do asseio pessoal e alertava sobre os riscos de contágio por “terríveis” doenças venéreas.

Curiosa, ela prosseguiu e outro achado revelou-se. Desta vez, o envelope, ornado com belo selo comemorativo viera da França. Destinatário, Raymundo. Remetente, Oswaldo. Enquanto viveram na Europa, muitas foram as cartas trocadas entre os dois. Beatriz, entretanto, jamais havia lido ou tido em mãos qualquer uma delas, mas lembrou-se de que as correspondências seladas em Lisboa estariam, naturalmente, arquivadas na biblioteca do castelo mourisco em Manguinhos.

La vie en rose

Paris, primavera de 1898.

Caro amigo Raymundo,

Encontro-me hoje muito animado! A temperatura é amena, propícia para flaneios. Da 26 rue Marbeuf até o Instituto Pasteur é um bom estirão e sempre que posso vou a pé. O caminho tu conheces bem. Lá chegando, dirijo-me à minha bancada, iluminada por altas janelas. Sento-me no primeiro piso, próximo à biblioteca. Para cá vêm cientistas de todo o mundo. Diariamente, discussões interessantíssimas acontecem durante o chá da tarde. Tudo aqui me encanta! A cidade propriamente dita também está impecável. Que Baudelaire me perdoe, mas Paris é um primor de bela!

Quase chego às lágrimas toda vez que me lembro de ter tido em minhas mãos o texto de Fracastoro. Não falo da tradução inglesa ou francesa. Refiro-me ao texto original, aquele de 1531! Que honra! Que privilégio! Para muitos, parece sandice. Mas tu bem sabes o que significa tal sorte. Não imaginas a minha emoção! Tu te recordas dele? Daquele virtuoso cientista italiano? O Girolamo Fracastoro? Falei dele a ti em tantas oportunidades! Um gênio de homem que desconfiou, lá nos idos dos anos 1500, que pequenos organismos vivos poderiam transmitir infecções. E sugeriu a existência de “esporos” para explicar sua hipótese. Trezentos anos antes de Pasteur e Koch formularem a teoria dos germes. Parece-me até inspiração divina!

Recentemente, Miloca e eu visitamos o Le Procope, tão celebrado pelos poetas. Estivemos observando o vai e vem dos garçons, os casais a apreciar um bom “vèrre”, os pequenos arranjos de flores nas mesas e a agitação dos cavalheiros quando a porta se abria e avistavam um conhecido. Dia desses fiz uma viagem no tempo. Imaginei Victor Hugo sentado à janela pensando seus versos. Sim, agora vamos

amiúde aos bistrôs. As dificuldades financeiras dos primeiros dias amainaram. Dom Pedro II foi generoso nas doações a Pasteur e, por conta disso, acabei isento dos custos de bancada. Imagine minha satisfação! Tenho ainda colaborado com o Prof. Félix Guyon, urologista com volumosa clínica. Doenças venéreas. Sigo aqui também a contemplar misérias e sofrimentos humanos...

Quero contar-te da minha ida ao Champ de Mars. Encantei-me com a elegância da famosa torre - quão impressionantemente belo é o projeto de Gustave Eiffel! Incontáveis são seus desenhos espalhados pelo mundo afora. Imaginas Raymundo, em pleno coração do Amazonas, às margens do rio Negro, Eiffel plantou um mercado em estilo Art Nouveau inspirado no Les Halles parisiense. Tu te recordas de como era aquela imundície? Os peixes sendo vendidos a céu aberto? Com paciência, novos hábitos se incorporam. Devagar, civiliza-se nosso país. Um viva a Eiffel! E também a Adolpho Lisboa!

Por esses dias, passei pela rue de l'Arcade e deparei-me com o modesto Hotel Bedford. Inevitável não pensar no nosso Imperador... Triste fim no exílio, longe do Brasil que tanto amara. Como apreciador das artes, ele lamentava não dedicar mais tempo aos prazeres da boa leitura. Aqui, ao menos, pôde frequentar salões e desfrutar da companhia dos seus pares. E tornou-se amigo do famoso Professor Jean-Martin Charcot, o neurologista que assinou seu atestado de óbito. Se eu aqui tivesse chegado mais cedo, teria tido a sorte de conhecê-lo, mas Charcot se foi também dois anos após o Imperador.

Lembra-te do Doutor Vincent? Aquele francês sisudo que homenageou meu pai na Academia de Medicina? Pois dia desses acompanhou-me em visita ao L'Hôpital de la Salpêtrière, a casa de Charcot. Recordei-me então da tua visita ao Paço Imperial, quando Dom Pedro II mandou buscar-te com honras e rapapés para um chá em torno das tuas "Sinfonias". Também poeta, o Imperador havia lido e elogiado teu livro. Se Charcot vivo fosse, meu caro Mundico, com certeza eu lhe contaria da nossa amizade e parentesco.

Um abraço do teu amigo,

Oswaldo

Hausmann da Avenida Central

Prefeito entre 1853 e 1870, Georges-Eugène Haussmann arrasou quarteirões inteiros do centro velho e histórico de Paris e transformou-a em metrópole arejada, cortada por grandes avenidas, embelezada por parques, praças e jardins.

Apontado por Napoleão III, Haussmann concentrava poderes quase que ditatoriais. Era o “artista-demolidor”. Entre outros objetivos, seu projeto visava neutralizar o proletariado revolucionário a partir da destruição da estrutura material urbana, que servira anos antes aos motins promovidos pelos descontentes. As ruas, agora vias alargadas - os “bulevares” -, além de promoverem o empoderamento político e militar das classes dominantes, atenderiam às recentes determinações da ordem sanitária e da circulação urbana, consonante com a nova conjuntura industrial.

Entre os anos 1857 e 1860, o brasileiro Pereira Passos acompanhou as obras de Haussmann e observou de perto seus métodos de trabalho. Matemático de formação, Passos acabou ingressando na carreira diplomática. Adido à legação brasileira na França, frequentou em Paris cursos de arquitetura, construção civil, hidráulica, direito administrativo e economia política.

Vinte anos antes do início das demolições do centro do Rio, Passos fora presidente da Companhia Carris de São Cristóvão e convenceu seus acionistas a adquirir, do arquiteto italiano Giuseppe Fogliani, o projeto da Avenida Central. O empreendimento seria conduzido pela iniciativa privada. Na época, no discurso dominante impregnado na opinião pública por médicos, engenheiros, políticos, industriais e imprensa, a capital federal tinha fama de empestada e inabitável. Deveria se modernizar.

Anos depois, e alegando os mesmos motivos de então, o Estado assumiu a obra da Grande Avenida Central e o projeto de Fogliani pôde, enfim, sair do papel. Nomeado pelo presidente Rodrigues Alves em trinta de dezembro de 1902, Francisco Pereira Passos tomou posse como prefeito do Distrito Federal. As reformas se voltaram para três alvos principais: o porto, a cidade e a saúde pública.

O último deles, coube a Oswaldo Cruz consolidar. A partir de 1903, nomeado diretor geral de saúde pública, coordenou ações que incluíram invadir residências, comércios e indústrias com o propósito de identificar fontes de contágio e de adotar as medidas cabíveis. Em vinte e nove de fevereiro de 1904,

encabeçadas por Passos, iniciaram-se as demolições do centro histórico do Rio de Janeiro. No final do mesmo ano, o Senado aprovou a lei que tornava obrigatória a vacina contra a varíola. No dia seguinte, começaram os distúrbios que se tornaram conhecidos como “A Revolta da Vacina”.

Foram tempos furiosos. E Raymundo viveu à luz do dinamismo e das transformações daqueles anos. A desordem urbana não lhe era estranha, pois o botabaixo daqui assemelhou-se em muitos aspectos a aquele do lado de lá do Atlântico. Apesar de radical em seus ataques ao governo, o Jornal do Commercio publicou, em quinze de novembro de 1904, texto de Raymundo defendendo as reformas:

Honte

Tendo em vista o momento delicado e as recentes perturbações da ordem pública, considero meu dever de cidadão manifestar minha solidariedade a duas figuras muito honradas da nossa sociedade: Doutores Oswaldo Cruz e Pereira Passos. Venho aqui pedir-vos tolerância. E vosso voto de confiança.

Sim! Reconheço que os mais pobres foram os mais atingidos. E muito lamento por suas moradas destroçadas e suas vidas transferidas à força para a periferia da cidade. Mas creiam, Senhoras e Senhores, todo esse sofrimento não será em vão. Os novos tempos clamam por modernizações! Sim! Também sou sensível às vossas preocupações e temores. Mas há que se combater as doenças! Tornar nossa cidade mais bela, saudável e civilizada.

Meu ponto de descontentamento relaciona-se à publicação das “Notas de um viajante brasileiro”, do Senhor Senador Francisco Belisário Soares de Souza.

“... a politica da cidade do Rio de Janeiro deve ser outra—obter as condições de vida. ... Tudo o mais póde ser excellente, opt mo, mas está em plano inferior. Pois essa população inteira definha de febres intermitentes, morre de tuberculosos pulmonares, é victima immolada a toda a casta de febres que a natureza espalhou pelo mundo, a começar pela amarella, a typhica, perniciosa, billiosa, mucosa, ataxica, adynamica, o diabo a quatro, e não ha de quem saber até que ponto tantas calamidades podem ser attenuadas ou evitadas, e quaes os meios para isto adequados?”

Saibam que o ilustre senador é amigo de Passos e com ele empreendeu viagem pela Europa. Extraído do texto completo, o trecho final (sublinhado) paira no ar como um ataque às ações ora empreendidas com tanto esforço. Refuto, pois, com veemência, seu emprego distorcido. Fazer uso de tal sentença em menção intencionalmente descontextualizada? E justo agora? Quanta irresponsabilidade! Que vergonha, senhores editores! Que vergonha!

Sim! Possuímos em nossos quadros os doutores Cruz e Passos! E eles, sem dúvida alguma, detêm o conhecimento necessário e saberão como bem implementá-lo. Confiem, pois, em tempos melhores. Tudo irá passar e todos poderemos desfrutar dos resultados.

Lembremo-nos, enfim, dos versos do nosso amado poeta Baudelaire, que, em meados do século passado, também padecia de transtornos semelhantes em sua cidade. Sua obra de então soube revelar seu estranhamento com a nova Paris que surgia.

Raymundo Corrêa

Tableaux parisiens

*“A fécondé soudain ma mémoire fertile
Comme je traversais le nouveau Carrousel
Le vieux Paris n’est plus (la forme d’une ville
Change plus vite, hélas! que le cœur d’un mortel)”.*
(Baudelaire, 1861)

* * *

O recorte de jornal com o artigo assinado pelo bisavô achava-se em bom estado, ao contrário do pequeno livro que se despedaçava. Sua leitura provocou em Beatriz enorme saudade da avó paterna. Muitas foram as visitas de ambas à Confeitaria Colombo, na bela Gonçalves Dias. Naquelas tardes, ouvindo o piano ao fundo, conversavam sobre os costumes e modismos e o ambiente internacional do Rio da Belle Époque. Dos seus muitos conselhos, havia dois em particular que as netas Estela e Beatriz seguiram: “aprenda línguas e tenha um trabalho”.

Nascida nos fins dos anos 1800, e bem jovem em 1910, Amélia testemunhou a passagem do cometa Halley pela Terra. De origem açoreana e órfã de mãe, ela passou a infância na chácara do tio no Rio Comprido. Já moça, fez o “footing” e assistiu a touradas. E viveu numa época em que ainda era permitido ter uma vaquinha no fundo do quintal.

Amélia fugiu da casa do tio e padrinho para casar-se. O desconhecido com fama de jogador era um homem sem posses; dentista da Marinha, viajava com frequência, e certamente não seria um pretendente à altura. Amélia e Eduardo tiveram um casal de filhos, Walter e Waldira, que, ainda bebê, morreu vitimada por uma febre implacável. As dificuldades da vida de casada e o sofrimento com a perda da tão desejada filha, acabaram por fazer com que o romantismo da juventude desse lugar à uma pitada de amargura e a muito pragmatismo. Decidida e teimosa, conseguiu a façanha de retirar um ponto de bonde colocado à porta do seu sobrado na rua Barão do Bom Retiro, Engenho Novo.

Fossem agravos de saúde ou desconfortos relacionados às obras que alcançaram o subúrbio, Amélia experimentou variados infortúnios no decorrer da sua longa vida. Eduardo morreu ainda jovem, em casa, nos braços do filho Walter. Dispneia progressiva, possivelmente edema agudo de pulmão. O diagnóstico nunca se soube ao certo, posto que certidões, fotos e demais evidências do passado foram destruídas por Amélia. Bem idosa, foi morar com a família do filho na casa do Grajaú levando consigo pouca bagagem. Regina, a nora que tudo guardava, jamais compreendeu tamanho desapego. Amélia justificava-se dizendo que não queria dar trabalho, mas teria, talvez, suas razões. Razões que, só mais tarde, Beatriz compreenderia.

Adieu

Bordeaux, primavera de 1911.

Caro Oswaldo,

Agora, já instalado e descansado, sinto-me particularmente disposto e desejoso de dar notícias nossas. Como previsto, fizemos a travessia em março último. Quase trinta dias no mar! A viagem passou livre de grandes percalços. Mas tu me conheces. Bem custosa para meu ânimo, tenho horror a tempestades! Mariana e as meninas vão bem, embora Xandy se ressinta de saudades de seu amado Benedicto.

A chegada ao porto pela Garonne foi belíssima. Manhã sem névoa. De longe já se avistava a torre do campanário da Basílica de Saint Michel em estilo gótico, construída ao longo dos séculos XIV a XVI. Também na margem direita do rio, localizei a Place Royale. Em meados do século XVII, Bordeaux era a segunda mais rica cidade francesa, era o apogeu do comércio marítimo. Além de escravos, comercializava chocolate, café, especiarias, algodão e madeiras exóticas. De 1672 até os duzentos anos que se seguiram, dali partiram quatro mil expedições marítimas.

Por aqui, jardins algo floridos, fragrâncias no ar e aves que aparecem vez por outra, ainda discretamente. É já a celebração do fim dos meses frios, um convite para passeios a pé. Por toda parte, avistamos edifícios na tonalidade amarelada característica da pedra da região. Vamos assim distraídos, a observar fachadas ornadas com máscaras esculpidas formando belos desenhos. Do centro das portas de madeira encerada, brotam ferragens pesadas exibindo diferentes motivos. Como descrever tanta beleza? Como poderia eu ser fiel a tudo que enxergo?

Hoje deixei minhas pegadas neste solo sagrado. Visitei com calma os jardins do palacete da Académie Nationale des Sciences, Belles-Lettres et Arts e, no fim de tarde chuvoso, passeando quase sozinho, lembrei-me das nossas conversas na mesa habitual da Cavé, a mais francesa das casas francesas do Rio, com suas doces madeleines. Não que a paisagem cinzenta de hoje possa de alguma maneira me remeter ao cenário luxuriante do Brasil. Estou eu, novamente, a pensar em voz alta... Ocorreu-me que Bordeaux viu nascer Montesquieu, enquanto o Rio acolheu Raymundo.

Antes do trecho final até Paris, ainda estaremos aqui mais alguns dias, reunindo saúde e energia. Partiremos da Gare Bordeaux-Saint-Jean, cujo projeto da estrutura de ferro que abriga as plataformas de acesso aos trens é de autoria de Eiffel. Ele também fiscalizou a construção da Pont du Chemin de Fer du Midi, ligação metálica entre as duas margens da Garonne. Em 1861, Eiffel era um engenheiro recém-formado. Recordei-me de ti de quando eras jovem, da minha carta comemorativa por ocasião de tua formatura, das tuas impressões ao avistar a bela e elegante torre parisiense...

Sigo em busca de tratamento. Cura para males do corpo, paz para males do espírito. Despeço-me de ti daqui de Bordeaux, a pérola mais preciosa da Aquitânia, vila natal de Catulle Mendès e Leon Valade, meus estimados irmãos parnasianos.

Se for meu destino aqui morrer, morrerei feliz no país dos poetas que tanto admirei, embora deveras preocupado com o futuro de Fé, Esperança e Caridade, minhas amadas e jovens filhas.

Se eu me for em breve, que possa ao menos realizar meu último desejo... Revisitar os sons e os odores da Rue du Rivolie... Sentar-me no Café du Gaz... E deleitar-me sem pressa com poemas de Baudelaire... Por hora, todavia, desejo que troquemos ainda muitas cartas! Eu de cá e tu daí. Abaixo, saudando a primavera de Bordeaux, brindo-te com minha tradução do poema “Mai”, de François Coppée.

Raymundo

Maio

*Há um mês foste-te embora;
E eu sofro de ti distante,
Embalde viceja agora
O lilás fresco e odorante.*

*A sós, fujo ao claro brilho
Deste céu que me exaspera,
Pois aumenta o horror do exílio
O esplendor da primavera.*

*Contra os vidros transparentes
Da alcova de onde não saio,
Batendo as asas trementes
Ouço os insectos de Maio.*

*Do sol ao rútilo beijo
Cerro os lábios, desgostoso,
E só, do lilás desejo
O húmido ramo cheiroso;*

*Pois em meio às suas dores,
Do lilás, minh'álma em ânsia,
Vê teus olhares — nas flores,
Teu hálito — na fragrância.*

* * *

Beatriz encontrou a derradeira carta; lá esquecida, ainda por enviar, sinalizando o capítulo final do livro. Ela sabia, claro, da temporada de Raymundo em Paris, mas nada conhecia sobre sua passagem por Bordeaux. Suspeitava, entretanto, que a família havia estado na Suíça, posto que toda vez que sua mãe lhe preparava *crotons* com ovos mexidos “à moda de Lausanne”, Regina recordava em voz alta que a receita era de Xandy.

Regina falava sobre sua mãe com frequência, sempre com voz comovida e os olhos azuis molhados; olhos azuis como os de Xandy. Xandy era devota fervorosa de Nossa Senhora, fluente em francês, culta, fina. De saúde frágil, apresentava eczemas nas pernas e sofreu toda a vida com crises de asma. Partiu jovem, sem nunca ter ninado Beatriz, sua sexta e última neta.

Pena e Microscópio. Fardão e São João Batista

Poeta, juiz e diplomata, Raymundo da Motta de Azevedo Corrêa nasceu em 1859. “Sinfonias”, seu livro de 1883, é considerado marco do movimento parnasiano no Brasil. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, na qual assumiu a cadeira de número cinco. Sucedeu-o Oswaldo Cruz, em 1912. Este, por sua vez, nascido em 1872, formou-se médico aos vinte anos. Nos dois anos em que esteve no Instituto Pasteur, publicou artigos em português, francês e italiano. Ainda no plano internacional, destacou-se com filmetes sobre o combate à febre amarela e à doença de Chagas, demonstrando seu pioneirismo na utilização do cinema como meio de divulgação da ciência brasileira.

Em 1911, Raymundo passava o verão com a família em Lausanne, quando faleceu, aos 52 anos. Foi velado em Paris, na Igreja de Santo Agostinho, de onde saiu o cortejo para o cemitério Père Lachaise. Oswaldo partiu em 1917, aos 45 anos, em Petrópolis, sendo enterrado no jazigo da família Gonçalves Cruz, no

cemitério São João Batista. Em 1920, o mausoléu da Academia recebeu os restos mortais de Raymundo, trazidos da França. Desde então, os amigos imortais descansam próximos no sepulcrário de Botafogo.

* * *

Só bem recentemente, Beatriz tomou conhecimento de que a necropsia de seu avô paterno Eduardo revelara danos coronarianos graves e o estudo do fragmento retirado da aorta teria evidenciado lesão compatível com aortite sífilítica. Uma segunda revelação surpreendeu-a ainda mais: ao limpar o porta-retrato de prata com a foto de Amélia já senhora, encontrou, dobrada e redobrada, a certidão de óbito de Waldira. A irmãzinha de Walter morreu de meningite sífilítica aguda em 1924.

Acasos da vida...

Em 1911, Raymundo e Mariana, acompanhados das filhas Lavínia, Stella e Alexandrina, passaram por Bordeaux a caminho de Paris, cidade onde o poeta realizaria tratamento de saúde. Daquele porto, Alexandrina enviou uma carta a Benedicto, com quem viria a se casar.

Finda sua pesquisa em Bordeaux, Beatriz retornou ao Rio de Janeiro, onde doutorou-se em 2011 na instituição fundada por Oswaldo Cruz, possivelmente primo de sua bisavó Mariana, *née* de Abreu Sodré.

Entre as duas estórias, cem anos se passaram. Embora avó e neta nunca tenham convivido, Xandy e Beatriz contemplaram a mesma lua cheia sobre a Garonne. Cada uma em seu tempo, apesar de separadas pelos anos, caminharam pelas mesmas ruelas da cidade medieval. Frequentaram a missa dominical na mesma igreja onde perceberam a inscrição “Regina” em meio aos afrescos na abóboda do altar. Para Xandy, a visão determinou o nome da futura filha. Para Beatriz, “Regina” evocou a face da mãe já morta.

Posfácio

Raymundo e Mariana casaram-se em 1884 e tiveram três filhas: Lavínia (Fé), Stella (Esperança) e Alexandrina (Caridade). A caçula Xandy uniu-se a Benedicto

e quatro filhos vieram: Paulo, Fernando, Regina e Fábio, único ainda vivo. Regina desposou Walter e, entre 1946 e 1964, nasceram seis filhos: Estela, Gilberto, Walter, Luís, Eduardo e Beatriz. Neste ano de 2021, Regina faria cem anos.

Bibliografia

ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori (org). A Circulação Transatlântica dos Impressos [recurso eletrônico]. Campinas, SP : UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014, 324 p. Disponível em: <http://www.academia.edu>. Acesso em: 9 dez. de 2019.

BASTOS, Augusto Sérgio. Raimundo Correia: cadeira 5, ocupante 1 (Fundador). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. 68 p. (Série Essencial. 22).

BENCHIMOL, Jayme Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992. 358 p.

LYONS, Albert S. Medicine: an illustrated history. New York: Harry N. Abrams Publishers, 1978. 616 p.

McNEILL, William Hardy. Plagues and People. New York: Anchor Books Doubleday Press, 1998. 365 p.

* * *

Beatriz Rodrigues Lopes Vincent é médica e doutora em Saúde Pública. Professora Adjunta do Departamento de Tecnologia da Informação e Educação em Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Tecnologista em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz.

Aos meus irmãos, Estela Lopes do Amaral Menezes e Gilberto de Barros Rodrigues Lopes, agradeço as preciosas contribuições no resgate dessas memórias e na revisão ortográfica.

Dedico Morbus Gallicus ao meu irmão Walter, que partiu em maio de 2021. Desde pequena, mano, você torceu pelas minhas conquistas.



Carta de Ivan Ilich

Maria Angélica Beraldo Suzuki

São Petersburgo, 30 de janeiro de 1882.

Estimada Praskóvia Fiódorovna,

Não sei ao certo se estou me despedindo. Na verdade, as circunstâncias me levam a colocar no papel tudo aquilo que venho percebendo nesses últimos meses: um monstruoso teatro formado em torno da minha doença. Só lhe peço que não te aflijas com os indiscutíveis questionamentos, é só um simples relato sob a perspectiva de um doente lúcido.

Como tu sabes, estou completamente paralisado. Eu me transformei num imprestável moribundo. Sei que causo medo e pavor. Mas, para mim, o que mais me apavora é não saber o que eu tenho. Penso que são fundamentais a precisão de diagnósticos e a informação ao paciente sobre qualquer que seja o seu quadro de saúde. No entanto, nada me informam. Talvez, se alguém pudesse se colocar no meu lugar. Tu não podes imaginar o quanto estou sofrendo, minha cara. A bondade em palavras cria delicadeza, empatia, respeito e solidariedade. E estou à procura delas.

Sei que já não consigo e não posso mais fingir. Nesses últimos meses, estou me sentindo muito abandonado. Desde o meu afastamento, venho notando a indiferença dos meus colegas do gabinete. Sabes, há muitos processos para serem revistos e, talvez, estejam ocupados em travar estratégias para nomeação para o posto que, brevemente, estará vago. Mas o que mais me intriga é o silêncio. Durante esses meses, nenhuma mensagem de consolo e nenhuma visita. Acredito que estejam preocupados com suas próprias promoções, aumentos e transferências promissoras. Onde estão Fiódor Vassillievitch e Piotr Ivánovitch? Sempre foram os meus colegas e amigos mais próximos e, quando mais precisaram, eu os ajudei. Eu sei, minha esposa, agora já não sou mais útil a ninguém. Talvez, eu seja muito mais útil fora do Palácio da Justiça. Ah! E eu afirmo que logo não serei mais o Conselheiro da Corte de Apelação. Você já se deu conta disso? Pois eu já.

Hoje, sou apenas dor, sofrimento e solidão. Mas há algo que me estimula, no meio de tanta mentira, há muitas verdades que só agora ficaram mais claras para mim, minha cara.

Desde a minha queda na escada, venho definhando pouco a pouco. Não sei explicar, mas como já te relatei, começou com um mal-estar no lado esquerdo do ventre e um gosto muito estranho na boca. Sei que, muitas vezes, apresentei um mau humor terrível. Fui áspero, grosseiro e peço desculpas, mas tudo se torna muito difícil quando suas decisões, suas escolhas não são valorizadas. Sinto-me impaciente e muito ansioso por respostas. Mas e os médicos? Ah! Os médicos! Todos, sem exceção, dizem isto e aquilo, mas nada que me ajude a compreender meu estado. Como paciente impaciente, acredito que o médico deveria estar mais preparado para considerar as minhas condições específicas, todos meus anseios e dúvidas, além dos sintomas e hipótese. E eu falo isso como um enfermo, um paciente que pensa, sente, tem expectativas e que ainda quer e pode tomar decisões sobre sua própria vida e, quem sabe sobre como virá a morte. Mas nenhum deles parece me ouvir verdadeiramente e não sabem me dizer, com precisão, o que eu tenho.

Você sabe me dizer o que eu tenho, Praskóvia? Só lhe peço que não procure esconder nada. Desde o início, tenho comigo o medo e uma porção de perguntas sem respostas. Há muitos termos científicos, termos obscuros para explicar o que está acontecendo comigo e nada de certezas. Oh, cara esposa, quantas vezes voltei da consulta sozinho, perdido, triste e com uma dor que não me abandonava um só instante. Muitas vezes, quando sentia o desespero aproximar, logo eu tentava me confortar com pensamentos de que jamais um profissional da saúde abandonaria seu paciente. Sim! Meu pensamento era que ele jamais me abandonaria por eu ser portador de moléstia crônica ou incurável. Segui religiosamente recomendações deles, tomando os remédios indicados e observando todos os sintomas. Tentei, ao máximo, entender tudo o que parecia estar relacionado com a minha doença. Muitas vezes, também, deixei de lado as minhas vontades, decisões para respeitar os conselhos médicos, apesar de sempre achar que o meu estado piorava, quando eu os consultava. A cada nova consulta, a cada médico diferente, as minhas dúvidas e inquietações aumentavam, minha cara.

E, quantas vezes senti falta de compreensão, de um olhar sensível, um sentimento de confiança e solidariedade? Quanto mais passava o tempo, mais

me tornava estranho e doente. Mas o que mais me atormentou esse tempo todo, foi saber que minha família nunca compreendeu ou não quis compreender meu drama. Tu e nossa filha Liza esqueceram de me dizer o que tudo isso significava para tuas vidas. E, entre mentiras e simulações, aproveitei para dizer que sinto muito por ser um estorvo na felicidade radiante de vocês duas.

Tenho tantas perguntas sem respostas verdadeiras.... Quem é esse Fiódor Dmítievitch, o pretendente de Liza? Não faço ideia de quem seja. Temo indagar pensando que diferença fará a opinião de um agonizante. Só gostaria que tu tivesses me poupado daquela visita fria e sombria, naquele fatídico dia. Ficou evidente para mim que aquela visita só seguiu os procedimentos descritos no protocolo, nada mais. E aquela discussão entre Liza e tu, lembra? Foi tudo muito desagradável.

Peço perdão pelas minhas irritações, exigências e por ter estado tão infeliz, doente e rabugento. Mas faço saber que, muitas vezes, tive a sensação de que depositavam toda culpa em mim. Confesso que escutei, diversas vezes, comentários a toda gente que fui eu o responsável pela moléstia de que sofro. Como posso ser o causador de toda a desgraça? Será que meu sofrimento já não é suficiente? Tu realmente consideras algo simples não poder saber o que eu tenho? Não me deixarem falar? Não me ouvirem e nem dialogarem comigo? Sabes, minha esposa, é muito difícil ser tratado como um objeto, sem ser ouvido, sem poder relatar minhas angústias, temores, expectativas e nem sequer ser informado sobre o que está sendo feito comigo. Será que esse tratamento é habitual? Talvez, não seja uma relação desrespeitosa, agressiva. Talvez, seja assim a todos os doentes incuráveis.

Afirmo, caso seja de teu interesse, que tudo é muito novo e pavoroso. Algo muito estranho se instalou dentro de mim. Algo que, a cada dia, corrói e me leva para o abismo. E, o pior, sem um ente para me compreender e se lastimar por mim. É delírio pensar que um paciente poderia ser tratado como pessoa que é, com todos os tipos de sentimentos que a interação pode suscitar, e não apenas como um doente? Necessitei, todo esse tempo, continuar lutando para viver como ser humano, mas a angústia chegou de mansinho e não mais se distanciou de mim.

Quando teu irmão veio te visitar, a porta da sala do gabinete se fechou, mas eu fiquei à escuta. Escutei quando ele te perguntou o que eu tinha e afirmou que eu era um homem já morto, sem vida. Quando ouvi aquilo, voltei para o meu gabinete e tu jamais irás imaginar o que senti. Lembrei-me de tudo o que os

médicos haviam me explicado, ou melhor, não explicado. Na verdade, eu custava acreditar que aquilo pudesse ser o fim. Às vezes, o doente só quer ser amparado, cuidado, amado e até iludido. Nunca quis acreditar que eu pudesse ser apenas um objeto, um número sem nome. Naquele mesmo dia eu me senti muito mal. Uma náusea e dor de cabeça fizeram-me perder o sentido. Foi aí que percebi que não havia mais esperança e que, nesse tempo todo, eu havia mentido para mim mesmo. Sim, eu estava morrendo e estava evidente tanto para mim como para todos ao meu redor. Faço saber, Praskóvia, que me sinto muito sozinho e o medo toma conta de mim, mas algo me consola: estou indo primeiro, mas todos vocês também experimentarão a morte. Mais cedo ou mais tarde. Sim! Sinto medo, mas também sinto raiva! Sabes que, naquele dia em que tu me encontraste deitado, desesperado, ofegante e que me beijou na testa, tive vontade de te empurrar impiedosamente e de te dizer que teu beijo não foi uma mentira perfeita.

Todo o tempo senti que minhas forças estavam diminuindo e que a morte estava se aproximando. Será possível um bem-estar do paciente? Todo o tempo me vi morrendo e me senti imensamente desesperado. Quando iniciaram as injeções de morfina, sinto em te dizer que elas não aliviavam. Estava muito ansioso para o início delas, mas logo percebi que de nada valiam. E a falta de autonomia, sem poder participar das decisões sobre o tratamento realizado, sem me consultar sobre nada. Nem sobre o que eu gostaria de comer, como eu iria dormir. Aqueles pratos especiais, feitos de acordo com as recomendações médicas, me embrulhavam o estômago. Eles eram para mim insossos e repugnantes. Sabes, minha estimada esposa, eu só queria, nesses últimos meses, que respeitassem o meu direito de morrer com dignidade e tranquilidade. Mas a humilhação a que fui submetido foi deprimente.

Porém, nem tudo tem sido condenação. Pude experimentar um consolo: a presença de Guerássim. Sim, o rapaz que limpou a privada e cuidou de mim esse tempo todo. Nunca imaginei que uma pessoa tão simples se importaria tanto comigo. Eu que sempre fui tão soberbo com os empregados, tenho agora o rapaz como meu único e melhor amigo. Sim! Guerássim é o nome dele. E todo o tempo que estive comigo me ajudou muito. Esse humilde rapaz teve a sensibilidade de compreender e respeitar meus sentimentos, desejos e vontades. Cuidou de mim com toda a delicadeza e paciência que, talvez, alguém jamais poderia ter. Sabes,

quando descobri que, com as pernas levantadas e apoiadas em seus ombros, eu sentia menos dor, ele as levantava e segurava? Pode isso, minha cara? Quem tu conheces com tamanha dedicação? E quer saber mais? Gosto muito de conversar com ele. Por favor, depois da minha partida, não o mande embora. Ele precisa ficar, pois sinto que ele faz tudo bem feito e com muita boa vontade. Além disso, possui um excelente humor e é extremamente educado. Realmente, esse rapaz me conforta e me acalma. E eu confesso que só me sinto bem com ele. Acreditas que ele, às vezes, se recusa a dormir? Diz que ficaria comigo o tempo que eu precisasse. Agora posso lhe afirmar que só Guerássim não mente para mim e, talvez, seja o único que me compreende e que se sacrifica por mim. E o que é mais espantoso: não há interesse algum. Ou há? Pois quando eu lhe perguntava por que era tão atencioso e gentil, ele dizia que um dia ele poderia precisar de cuidados também. Por isso, não era sacrifício para ele ajudar ao próximo. Sabes, dedicada e querida esposa, ele acredita que, aquele que faz um favor a quem precisa, receberá de volta. Então, pergunto: se um favor é oferecido, esperando algo em troca no futuro, esse favor possui utilidade, concordas? Mas, por outro lado, qual a razão de alguém lhe ajudar sem uma possível troca? Compaixão? Pena? Talvez! Mas prefiro não refletir. Às vezes, ficar sem resposta é um caminho mais tranquilo.

Confesso que a saúde e a plenitude de vida nos outros me causam ressentimentos. Entretanto, o vigor e a energia desse rapaz não me irritam, pelo contrário, me enchem de serenidade. Talvez, ele seja a figura mais próxima do carinho e consolo que eu não tenho. Sabes, estimada, que tive muitos desejos e um deles era de que alguém, numa noite qualquer de solidão, me acarinhasse e me consolasse como uma criança desamparada.

Informo que esses relatos foram escritos em momentos diferentes, mas hoje, dia 30 de janeiro, é que estou tentando terminar esta carta. E, em todos esses dias, se te interessa, relato que minha dor tem aumentado de forma avassaladora. As noites estão intermináveis. Se ao menos tudo pudesse acabar mais rapidamente, talvez eu não sofresse tanto. Quantas noites sem uma luz de esperança. Quantas noites de desespero e uma dor e agonia imensas. Várias vezes fiquei olhando para a porta à espera de tua visita, mas o sono chegava primeiro e, por alguns minutos, o sofrimento pausava. Eu precisava de algo para parar aquela dor, aquela aflição, mas nunca encontrei.

Certa noite, o último médico chegou, acredito que tenha sido tu a chamá-lo. Porém, não estavas em casa. Perguntei a esse médico se não tinha vergonha de mentir daquela maneira. Sem se importar com minhas queixas, ele continuou com sua representação de médico eficiente e competente, apalpando-me e ouvindo a minha respiração. Mas sabes o que mais me aborrece, Praskóvia? É aquela fisionomia deles, quando estão te analisando. Presumo que todo paciente deveria ter direito, direito a não ser alienado do momento final de sua vida, direito de viver sua própria morte. Imaginas tu que esse mesmo médico me afrontou e me humilhou? Disse-me que eu não escuto o que eles dizem e que não tomo os remédios regularmente. Pode algo parecido? E ainda completou afirmando que eu não deveria dormir com os pés para cima. Mas a dor é minha, a sensação é minha e os pés também são meus. Onde estão os direitos dos doentes?

Quanto aos acontecimentos, não quero que sintas culpada por nada. Tu fizeste o que estava a teu alcance. Tu fizeste o que tua essência permitiu. Mas estou convicto de que só Guerássim e nosso filho se importam comigo. Ninguém mais! Naquele dia que foram ao teatro, a minha solidão veio de uma forma extremamente diferente, muito mais forte e muito mais insuportável. Guerássim me fez companhia até tarde da noite, pois eu não conseguia dormir. Mais tarde, Guerássim se retirou e eu me pus a chorar como uma criança, chorei pela minha situação desesperadora, pela minha solidão, pela crueldade dos homens, pela crueldade de Deus, pois ele me abandonou. Não consigo entender por que há de ser preciso morrer e morrer sofrendo? Por quê? Não é possível que a vida seja tão ilógica, estúpida e tão má!

Hoje faz três meses que estou lhe escrevendo esta carta. Não sei se perceberás, mas eu te escrevi por partes e hoje estou muito mais fraco. Faz duas semanas que já não consigo mais me levantar do divã. A forma que encontrei de me sentir um pouco melhor é ficar deitado, quase sempre com o rosto voltado para a parede. Assim não preciso olhar para ninguém e ninguém também tem o desprazer de me ver tão moribundo. E, assim, vou seguindo minhas poucas horas e me perguntando: será mesmo a morte?

Sabes, tenho plena convicção de que lidar com a morte não é fácil para ninguém. Se, ao menos, eu soubesse.... Pergunto-me: e quanto aos médicos? Penso que todo médico também deveria aprender a lidar com a morte, minha cara. Sinto

que cuidados ao final da vida podem fazer muita diferença ao paciente. Todos esses dias, o que eu mais precisei foi um pouco de alívio do sofrimento, um apoio psíquico-espiritual e social. Quem sabe tudo isso não promoveria o controle da minha dor insuportável? Sei que não há a possibilidade de cura, mas os cuidados de conforto, os cuidados de apoio e o gerenciamento dos sintomas poderiam ter amenizado a minha dor. Ou, talvez, tudo seja tolice da minha parte. Agora, minha esposa, acho que de nada adiantará, pois estou no final da caminhada.

E, caso importe, nesses dias de profunda solidão, estou tendo muitos pensamentos intrusivos do passado. Dizem que, quando a morte se aproxima, voltamos deliberadamente, ao passado. O presente está muito insuportável para mim. Por isso, tenho me lembrado muito da minha infância, das coisas que me deixava feliz, dos meus irmãos, meus brinquedos, mas sinto que não devo pensar nessas coisas. Doem muito mais do que o normal, Praskóvia! Penso que não vivi como devia, mas acredito que fomos felizes. Tenho lembrado muito da Escola de Direito, época muita boa para mim, lá conheci a alegria, o entusiasmo, a amizade e a esperança. Lembro-me, também, de quando eu trabalhava junto ao governante. Nessa época conheci muita gente e muitas mulheres. E nosso encontro? Nosso casamento? Uma mescla de acaso, desilusões, sensualidade e hipocrisia. Depois, vieram as perturbações financeiras e os problemas. Então, percebi que a vida se tornava cada vez mais vazia e mais insossa. Às vezes, penso que eu deveria ter vivido uma outra vida, bem diferente da que eu vivi. Difícil te dizer tudo isso, difícil concluir tudo isso, mas minha vida, talvez, tenha sido uma grande mentira. Eu deixo a vida com um sentimento de ter perdido, de ter estragado tudo o que foi concebido, mas tudo isso agora é uma coisa irreparável.

Nesses dias, está impossível lutar e eu só queria morrer em paz. Meus sofrimentos físicos são terríveis, mas meus sofrimentos morais são piores. São esses que mais me torturam.

Termino aqui esse diálogo contigo, minha estimada esposa, porque minhas dores, repetitivamente, estão insuportáveis e já não consigo mais segurar a pena. Aqui é o fim, o fim das minhas dúvidas sem solução, o fim do meu tormento. Sei que estou cada vez mais próximo daquilo que já me encheu de pavor, mas que agora surge como um alívio.

Adeus, minha Praskóvia. Fique bem! Cuide de nossos filhos e não te esqueças de que a vida, os momentos bons passam tão rápido que, quando percebemos, já ficaram para trás...

* * *

Maria Angélica Beraldo Suzuki é Bibliotecária na Faculdade de Tecnologia Rubens Lara (Santos), formada em Letras e Biblioteconomia e mestre em Educação e Saúde pela Universidade Federal de São Paulo. É idealizadora e coordenadora do Projeto Social de leitura para a Terceira Idade: Projeto de Leitura Laços e Letras da Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista.



Sociobiologia de porcos humanizados — uma quase ficção científica

Marcello André Barcinski

Ele vinha sofrendo muito. O seu único neto, doente renal devido a uma má-formação, estava em hemodiálise fazia quase um ano. Dependente total de uma máquina na qual passava horas a fio três tardes por semana, o menino estava deixando de aproveitar uma infância que deveria ser alegre e feliz. Um eventual transplante renal, capaz de livrá-lo desse pesadelo, dependia da compatibilidade com algum familiar que se oferecesse como doador ou com algum cadáver que viesse a surgir na fila do transplante.

O avô começou lendo sobre as dificuldades de se conseguirem doadores e sobre os progressos no conhecimento da genética, definidora do sucesso, ou não, de um transplante. Primeiro na literatura leiga. Depois, aventurando-se progressivamente pela literatura científica. Leu artigos que demonstravam que o problema da escassez de órgãos para transplantes poderia ser minimizado com o uso de animais como doadores. Transplantes entre espécies diferentes! Porcos eram os mais prováveis candidatos, em função do seu tamanho, da viabilidade econômica e da facilidade de criá-los, e do seu tempo relativamente curto de gestação. O grande obstáculo ao uso de órgãos provenientes de qualquer outra espécie animal parecia ser a incompatibilidade genética e funcional com os seres humanos. Órgãos de porcos transplantados eram prontamente rejeitados, em um processo que os especialistas definiam como rejeição hiperaguda. Além disso, havia a possibilidade da transmissão de infecções até então não encontradas no homem. Só a ciência teria respostas para tais problemas. Leu ainda que alguns grupos acadêmicos em escolas médicas e em outras instituições de pesquisa em saúde vinham incessantemente trabalhando no assunto. A abordagem experimental mais promissora seria humanizar os porcos. Humanizar significava criar porcos por fertilização *in vitro* e transplante de embriões. Nesse processo,

algumas moléculas típicas dos porcos seriam modificadas para se assemelharem a moléculas humanas e assim reduzir a chance de rejeição pelo receptor do órgão transplantado. Técnicas de manipulação genética recém-descritas tornavam tais manobras perfeitamente possíveis, mas, como elas eram altamente complexas e especializadas, o número de instituições de pesquisa que possuíam as instalações, a infraestrutura e a competência humana para realizá-las era muito reduzido.

Por uma dessas coincidências da vida, o avô tomou conhecimento de que, para aumentar a resistência de suínos a diversas infecções por vírus, um grupo de especialistas em melhoramento animal vinha injetando células de sangue de javalis no útero de porcas prenhes. O procedimento estaria dando bons resultados. A ideia era que as células dos javalis se fundissem com as do embrião de porco em formação: os porcos assim gerados nasciam com genes de javali, os quais conferiam a resistência almejada.

É sabido que as ideias só frutificam em mentes informadas. O avô, movido exclusivamente pelo amor ao neto, concluiu que daria para usar a mesma estratégia com células humanas. Decidiu então criar porcos em seu sítio de final de semana para humanizá-los e fornecê-los *pro bono* a especialistas envolvidos nesse esforço. Com seu gesto e iniciativa, certamente contribuiria para desatar um grande nó em termos de saúde pública. Talvez não a tempo de aliviar o padecimento do neto, mas deixando um legado importante para futuras gerações.

Ato contínuo, arregaçou as mangas. A primeira etapa foi relativamente simples: cercar a área destinada à criação, cobrir parte dela com um telhado, construir as baias e as manjedouras e garantir os procedimentos para a devida higienização do local. Comprou as matrizes e deu início à criação, tudo isso em menos de três meses.

Já a humanização era mais complicada. Foi atrás de um veterinário especializado em reprodução animal e fez um acordo com um hemocentro que lhe garantiria a obtenção de sobras de sangue doadas para as transfusões. Restava desenhar o projeto. Células do sangue humano seriam injetadas no útero de porcas prenhes no início, no meio e no final da gestação. Era óbvio que tal procedimento requeria competências multidisciplinares em áreas que iam da suinocultura à imunogenética. Definidas as estratégias experimentais e viabilizado um treinamento rigoroso e intensivo nos procedimentos a serem adotados, podia-

se partir para os protocolos de humanização. A fama do projeto cruzou fronteiras, a ponto de atrair professores, alunos, orientadores e estagiários do curso de pós-graduação “Reprodução Assistida de Suínos” da universidade estadual.

O interesse suscitado pelo empreendimento ampliou a sua dimensão e escopo. O aumento da população de ninhadas humanizadas gerou alguns imprevistos, como a progressiva escalada dos casos de óbito por inanição apesar da disponibilidade de alimentos, e de ferimentos perfuro-cortantes graves e às vezes letais resultantes de enfrentamentos principalmente entre adultos jovens. A situação agravou-se a ponto de, em dado momento, o número de óbitos igualar-se ao de nascimentos fazendo estacionar o tamanho da colônia.

Foi quando um doutorando com especial interesse na etologia de suínos decidiu em comum acordo com o orientador fazer um estudo observacional mais sistematizado da sociologia da população em questão. Era sem dúvida uma oportunidade única. Afora os dados relevantes sobre a sociobiologia de porcos humanizados e do título de doutor, o trabalho lhe traria a fama que julgava merecer. Afinal, como Simão Bacamarte, o jovem acreditava que a ciência era a sua vida e a colônia de porcos, o seu universo.

De fato, foram surgindo alterações comportamentais significativas que conduziram a observações interessantes. A primeira delas um aumento na agressividade de muitos dos indivíduos da colônia e a conseqüente formação de agregados populacionais até então inexistentes. As estatísticas de dentadas, brigas e embates violentos entre indivíduos e entre grupos cresciam a níveis inéditos em criações tradicionais. A beligerância e o medo eram generalizados e claramente perceptíveis. A demarcação do território e o uso dos espaços apresentavam nítidas modificações cuja origem, mesmo não sendo clara, definitivamente não seria atribuível a um aumento da densidade populacional. Alguns indivíduos, principalmente os mais robustos e mais fortes, passaram a se organizar em verdadeiras barreiras físicas, definindo e limitando o acesso de outros às baías, às manjedouras e às áreas cobertas. Algumas porquinhas mais parrudas, mesmo tendo pleno acesso à alimentação, passaram a comer menos e dedicar-se mais às atividades físicas. Crescia mais e mais a população barrada do acesso à alimentação, à guarida e à água. Começaram a surgir casos de subnutrição e desnutrição e um aumento concomitante na frequência de doenças transmissíveis. Observou-

se também um incremento bastante importante no número de relações sexuais sem qualquer correlação com os períodos de fertilidade. Tal prática dificultava o planejamento e a otimização dos cruzamentos produtivos e o diagnóstico de prenhez, e também do consequente cronograma dos procedimentos de humanização. Interessante notar que só a alguns indivíduos era dado acesso à lama para chafurdar, e os privilegiados o faziam com muita frequência e, aparentemente, com muita satisfação.

A situação piorava dia a dia, ao ponto de inviabilizar a continuidade do projeto. O experimento sociobiológico, na conclusão do doutorando, demonstrara que o comportamento inato do homem é destituído de humanismo. A progressiva humanização genética da colônia modifica a sociologia da população de porcos e demonstra que a presença de genes humanos não é suficiente para o aparecimento de um etos ético.

E assim foi, deflagrada pelo nobre binômio amor e compaixão, que se imprimiu a chancela científica ao mote orwelliano do bicho líder Major: — Quatro pernas bom, duas pernas ruim.

* * *

Marcello André Barcinski é médico, Doutor em Biofísica, Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor Titular Aposentado da Universidade de São Paulo, Pesquisador Sênior do CNPq, Membro Titular da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Ciências, e Pesquisador Visitante do Centro de Desenvolvimento de Tecnologias em Saúde da Fiocruz-RJ.



Auris

Jardel Lucas Garcia

“E então? Como ele está?”

“Estável.”

“Oi.”

“Por favor...”

“Eu te amo.”

Como vim parar aqui em cima? Quem são todas essas pessoas? Estou tonto... alguém pode me ajudar aqui? As cores mudam muito rápido...

Minha cabeça dói...

Ah! Melhorou.

Por que sempre acordo aqui? Nem me lembro como cheguei. Ei! Por que estão indo embora? Fiquem!

Também te amo...

— Doutor! O paciente sete!

Já fazia tanto tempo que aquela exaltação toda não seria justificável se a surpresa fosse algo ruim. Todas as enfermeiras do setor olharam naquela direção. O doutor Claudio Galeno estacou por alguns segundos ao ouvir o timbre trêmulo da voz da enfermeira numa mistura de nervosismo, entusiasmo e tensão. Com um inexplicável otimismo – conhecia bem os tons de voz da UTI -, correu para o leito número sete onde a enfermeira encarava imóvel o paciente.

E não era para menos. Ele jamais vira olhos fechados há tanto tempo brilhando com tamanha intensidade. Galeno verificou os monitores e aproximou-se do homem. Tocou seu braço e sentiu a resposta quente e trêmula imediata ao toque. Era difícil desviar o olhar daqueles olhos cinzentos e aquosos, que agora pareciam suplicar por respostas.

— Estou... – a voz saía fraca, quase inaudível. As outras pessoas da UTI, enfermeiros e visitantes de outros pacientes, acumulavam-se próximos ao leito.

Cochichos de espanto e incompreensão atrapalhavam o entendimento daquelas fracas palavras. – Estou... sede...

— Não sabemos, sinceramente... – doutor Galeno se esforçava ao máximo para dar uma explicação que fizesse sentido para o sobrinho do paciente. O nervosismo e a surpresa ainda não tinham passado quando a família chegou à UTI.

A mãe do rapaz soluçava segurando a mão do homem, passando as mãos em seu cabelo, e ele a encarava com um brilho ainda mais intenso nos olhos. O médico não sabia dizer se era alegria, surpresa, medo... talvez uma mistura de tudo, considerando que foram quase dez anos em coma.

— Eu sabia... eu sabia que esse dia chegaria! Eu não te disse, William?

— Sim, mãe... – a voz hesitante do rapaz transbordava incompreensão. Provavelmente, não se lembrava muito do tio antes do acidente. Já o vira em coma ao longo dos anos, mas vê-lo acordado depois de dormir por dez anos era estranho.

— O que você está sentindo, hein? – a mulher sorria, entre lágrimas, ao perguntar. – Diga. É tão bom ouvir sua voz!

— Senhora Virginia, ele não vai conseguir se comunicar muito bem agora. É quase impossível levando em conta todo esse tempo. Precisamos cuidar dele agora e entender melhor tudo isso.

— Sim, sim, claro!

— Se não se importam, vocês poderiam aguardar na sala ao lado? – O médico entendia a ansiedade da mulher ao querer ficar ao lado do irmão, mas era preciso ter cuidado nesse momento. Nunca antes havia testemunhado situação semelhante.

— Vamos, mãe.

— Vamos, sim. Sólon, voltaremos em breve, viu? – Com um último carinho nos cabelos do irmão, Virginia se afastou do leito e deu os braços ao filho, acompanhando o médico até a saída da UTI. O menino olhou mais uma vez o rosto do tio, encontrando seus olhos, estranhamente familiares.

— Por aqui, por favor.

O doutor Galeno indicou uma pequena sala de reuniões ao lado da UTI, parando à porta e deixando que os dois entrassem e se acomodassem ao redor da mesa circular. Uma enfermeira entrou logo em seguida e os dois se sentaram de frente para Virginia e William.

— Acredito que já entendem a situação – um certo desconforto tomava conta do médico ao dizer essas palavras. Como dizer para uma família que não se sabe o que aconteceu com um paciente sob seus cuidados? – Ele acordou, sem que tenha tido qualquer estímulo diferente daqueles dos últimos anos. Suas funções, é claro, estão bem distantes do normal, então, ele não vai conseguir se movimentar muito, falar ou se expressar como nós. Não sabemos muito bem ainda até onde isso será possível, mas esse é nosso próximo passo.

— Fisioterapia... um bom tratamento e ele deve conseguir, não deve?
- Virginia tinha consciência da própria ansiedade, mas a imagem do irmão convivendo de novo com eles era uma alegria difícil demais de conter.

— Será prescrito, sim. Mas, conforme disse antes, não sabemos ainda em que estado ele está em relação às funções motoras e cognitivas e quanto ele vai conseguir recuperar de cada uma. Vai levar tempo e vai depender de todos nós também.

— O doutor Galeno é um excelente neurologista. Queremos que se sintam seguros e entendemos que a surpresa e a felicidade de vê-lo acordado são imensas – a enfermeira tinha um ar tranquilizador ao dizer as palavras. – É algo inesperado até para nós, então, precisamos de mais um tempo com ele para providenciarmos o melhor tratamento.

— Sim, claro. Entendemos que não podemos atrapalhar ficando aqui o tempo todo. Por mais que minha vontade seja voltar lá pra dentro agora mesmo!

— Entendemos, perfeitamente, e agradecemos também. O momento agora é de alegria, mas também de atenção. O estado dele é frágil e o corpo dele vai consumir muito mais energia estando acordado. Por isso, precisamos monitorá-lo. Vou pedir que acompanhem a enfermeira Joana para resolverem algumas questões burocráticas, ok? Se tiverem qualquer dúvida, ou se precisarem falar comigo, já sabem que estarei aqui.

— Obrigada, doutor, muito obrigada. Podemos, pelo menos, dar mais uma olhada nele? Por favor?

— Claro.

E, apesar da real fragilidade de Sólon, sua evolução e resposta aos estímulos foram cada vez melhores nas semanas seguintes. Ele recebeu todo apoio médico, fisioterápico, fonológico e psicológico. Todos o consideravam um verdadeiro milagre. Seu caso foi parar na internet já no primeiro dia.

Em um dos encontros com a irmã, já conseguindo juntar mais palavras de uma vez, Sólon tentava dizer que queria saber o que estava acontecendo lá fora. Ainda era bem difícil articular palavras com precisão, embora suas funções cerebrais parecessem muito boas.

— Não sei ainda até onde você se lembra, mas logo vamos descobrir. Não tenha pressa. Temos tempo. Logo vou te contar tudo sobre esses dez anos.

O olhar preocupado do irmão dizia para Virginia que não era apenas curiosidade. Mais algumas linhas haviam surgido em sua testa. Como era possível – ela não sabia – que mesmo naquele estado, mesmo dormindo por tanto tempo, ele conservasse aquela preocupação toda? Ele ainda era a mesma pessoa, ela conseguiu concluir com alegria.

Os médicos detectaram, com o tempo, que a memória de Sólon não foi tão afetada quanto poderia. Os diversos testes que fizeram demonstravam que alguns trechos estavam confusos ou perdidos, mas nada comparado com outros casos em que o paciente tinha grande parte da vida apagada de sua memória. As principais perdas foram dos meses imediatamente anteriores ao acidente, além de alguns lapsos de momentos anteriores de sua vida.

Virginia seguia à risca as orientações médicas, sobretudo no que dizia respeito às conversas com o irmão. “O contato com a família é importantíssimo”, diziam. Por isso, ela fazia questão de trazer o filho e até alguns amigos, às vezes. Mas ela nunca tocava ou deixava que tocassem em assuntos pesados demais nessas conversas. Era recomendação médica: evitar surpresas desagradáveis.

Utilizando seus conhecimentos como professora de literatura, Virginia empregou algumas técnicas para tentar ajudar na recuperação da memória de Sólon. Todos os dias, ela contava histórias para ele, lendo trechos de livros ou recitando aquelas que ela já lembrava. Intercalava narrativas para força-lo a lembrar dos pontos onde parou e fazia perguntas após o fim de cada trecho. Perguntas simples tanto sobre datas, nomes e fatos da sua vida quanto sobre as próprias histórias.

Funcionou bem.

Com o passar do tempo, as melhorias tornavam-se mais visíveis. A fisioterapia possibilitava cada vez mais movimentos com as mãos e pescoço, a fonoaudióloga tinha avanços muito bons com a fala dele e a memória ia, os poucos, melhorando. Foram poucos os sustos ao longo dos meses.

— E agora... já... pode... contar?

Era a primeira semana de Sólon em casa. Os últimos meses foram totalmente dedicados à sua recuperação. Virginia conseguiu uma licença na universidade e William estava sempre por perto para ajuda-los. A irmã, ao ouvir a pergunta dita tão lentamente, com o máximo de clareza que Sólon conseguia, embora ainda fossem sons um tanto guturais, apenas suspirou. “Tenho que reconhecer, ele foi muito paciente todo esse tempo”, pensou.

É claro que Sólon já sabia de muita coisa. Assistia aos programas na TV e na internet sempre mesmo sem entender o contexto de muitos dos últimos acontecimentos. As previsões de sua época, inclusive, pareciam não ter se cumprido. Descobriu que a população, que indicava que pararia de crescer e diminuiria ao longo dos anos, disparou em um ritmo absurdo em decorrência de incentivos do governo e outras questões que ainda não entendia. Naquele exato momento, a TV exibia uma notícia sobre o êxodo de comunidades quilombolas em decorrência da transferência das escolas locais para os centros urbanos. Em seguida, o telejornal mostrou imagens de um templo religioso recebendo mais e mais fiéis e moradores de rua, mesmo após um decreto de que o mesmo deveria ser fechado. Achou polêmico.

— Já posso... saber...

Era verdade. Não era necessário esconder nada mais. Até porque era a sua própria história.

— Tudo bem – começou Virginia. Organizou os pensamentos em sua cabeça, desligou a TV e acomodou-se na poltrona ao lado da cama de Sólon. – Por onde você quer começar?

— Vencemos?

Ela já previa algo do tipo. Não era comum da personalidade do irmão preocupar-se consigo quando havia preocupações com os outros. Mas, ainda assim, toda aquela obstinação conseguia impressioná-la.

— Sim... e não. Muita coisa aconteceu... – Seu talento como contadora de histórias estava sendo posto à prova. – Você sabe, as pessoas esquecem rápido...

— Eu não... – um gracejo e um sorriso pra encorajar a irmã.

— Bem... – ela suspirou, escolhendo algum ponto por onde começar. – Semanas depois do seu acidente, o presidente foi deposto, acusado de uma série

de crimes (alguns você deve se lembrar muito bem): o assassinato da senadora Margarete Frankl, lembra? Aquela que lutava pelas mulheres e certamente poderia ter sido nossa presidente; o apoio aos ataques no oriente que quase nos colocaram em guerra... isso sem falar no escândalo da morte encomendada do líder da oposição quando ele voltou a aparecer na internet. – O cenho franzido de Sólon demonstrava que ele não se lembrava desse último caso. – Mas, enfim, nem consegui comemorar, apesar de ter sido uma espécie de vitória. Foi marcado um evento na esplanada, milhares estavam lá. Seria um pronunciamento do parlamento, com participação dos grupos dos dois lados. As pessoas queriam algo novo, mas, olhando pra trás agora, a onda de tensão que havia na época não permitia isso. – Ele notou que o olhar da irmã se perdia em algum ponto do piso limpo e brilhante. – Então, quando o Martin subiu ao palco – lembra dele, né? -, dizem que foi ensurdecedor. Nem os canais de transmissão conseguiram um bom áudio. Gritos de aprovação e de ódio estavam muito misturados. Eu só vi através de vídeos... foi tudo tão rápido...

Virginia hesitou por uns instantes. Sólon ouvia com total atenção, impassível diante dos fatos narrados pela irmã.

— Tiros, bombas, um palco em chamas, pessoas gritando... foi um horror, Sólon... muitos morreram: líderes, militares, civis...

— Alguém... amigo? – o olhar e o tom de voz do irmão sugeriam que ele já sabia a resposta.

— Sim... – Virginia respondeu, triste. – A essa altura, acredito que você já imagina quem estava lá...

— Continue – ele imaginava sim, mas preferia deixar esse sofrimento pra depois.

— O mais estranho é que o ataque não foi comandado por ninguém específico. Todos pensavam que aqueles fascistas do governo estavam tentando toma-lo de volta a força, mas logo descobrimos que foram pequenos grupos autônomos, pessoas comuns movidas à ignorância. Não havia um representante, uma figura. E isso só tornou tudo pior. Pensávamos que havíamos vencido uma guerra, mas toda aquela pressão explodiu de uma vez.

“Foi o estopim que faltava. Era início de 2022. Começou uma espécie de guerra civil entre duas frentes: eles se chamaram de Os Brancos, que queriam o retorno do presidente ou algo que o representasse, e Os Verdes, que lutavam na época

por restaurar a democracia e os direitos de todos, que, como você bem sabe, foram acabando aos poucos. E havia, é claro, os indecisos. Se você acha que em 2021 as coisas já estavam ruins é porque você não presenciou os próximos anos. No primeiro ano, os dois grupos focaram em propaganda. Os Brancos difamavam os Verdes e estes faziam o mesmo com aqueles. De repente, as pessoas começaram a se juntar em grupos organizados e a recrutar uns aos outros. Atos de violência, explosões, tudo o que você entende por guerra, começaram a acontecer. Não era só mais uma disputa ideológica. As pessoas estavam se matando, Sólon. Virou uma disputa de ódio entre os grupos. Nunca pensei que veria o exército tão presente nas ruas de novo.”

— Governo? – Sólon parecia ter mais perguntas a fazer, mas deixava a irmã narrar da forma que queria, pois ela parecia precisar disso também.

— O governo, o pouco que conseguiu se reorganizar após o ataque, nem sequer conseguia deixar clara a sua posição. O novo presidente, um novo eleito pelo senado após a morte do vice e de tantos outros, tentou fazer sua propaganda também. Queria unir todos, mostrar que era bonzinho, agradar... Mas, as pessoas já não queriam mais isso. É sério, ainda fico impressionada ao pensar que tudo aquilo aconteceu porque ninguém mais queria ouvir ou se enquadrar em algum modelo. A “solução” foi colocar os exércitos nas ruas, mas os soldados mais pareciam uma terceira frente do que um mecanismo de proteção do povo. Quando o governo percebeu que não conseguiria o apoio de nenhuma das frentes, partiu pra força bruta. Prisões, tiroteios e medidas mais drásticas começaram a ser tomadas até as prisões ficarem lotadas e começarem a improvisar novos presídios.

“Foi um ano terrível. Separatistas surgiram tanto no sul quanto no norte, os dois grupos só se fortaleciam e a onda de insatisfação só aumentava. As coisas começaram a faltar no ano seguinte e nada parecia ter um fim. Até os religiosos tentaram, como sempre, dar com uma mão para depois retirar com a outra. Não declaravam apoio aberto a ninguém mas cobravam apoio. É até difícil descrever tudo... cada vez que penso nisso me parece mais sem sentido... parece que não sei contar direito a história. Parecia que estávamos, sei lá, no oriente, numa guerra santa infinita que ninguém mais se lembrava por que estava lutando.

“Era preciso ter muito cuidado com o que se dizia na época. O sistema judiciário não conseguia funcionar, dadas às circunstâncias. Pessoas sumiam com muita facilidade. Ou pior: eram encontradas em estado deplorável. Autodecretou-

se a Lei do Silêncio: se não quiser apanhar ou morrer, melhor ficar calado, era o que dizíamos uns aos outros. Nem posso me excluir disso: escolhi me calar também. Você sabe, William era só um garotinho na época. Parei de me envolver.

“As universidades viraram verdadeiros templos: só os mais fiéis estavam lá. Era perigoso demais. Ficamos assim por mais de três anos, Sólon. No fim, o que queríamos? Chegou um dia que as pessoas começaram a olhar para os lados e a se fazer essa pergunta. E assim, a guerra civil terminou do jeito que começou: de repente. Minto, houve um único evento que motivou um ‘cessar fogo’, ou ‘cessar ódio’, sei lá. E, por incrível que pareça – você vai adorar isso –, partiu dos indecisos.”

Sólon franzia o cenho a cada pausa de Virginia. Procurou não interrompê-la e tentava entender toda aquela insanidade. Era inevitável pensar no que poderia ter feito se estivesse acordado naquela época.

- E eu não estou falando dos “partidos das sombras” que sempre existiram, você sabe. Chamaram de “indecisos” porque eram pessoas que normalmente não se envolviam nas causas. Os nerds mais introspectivos, professores (lembra como eu sempre critiquei a nossa falta de união, né?), funcionários do próprio governo, enfim, de quem menos esperávamos.

— Como assim?

— Eu não acho que a alcunha de “indecisos” cabia a eles. Acho que eles refletiam o que a nossa geração nunca entendeu. Nós, como professores, tentávamos, de maneira errada, ensinar a essa geração como há 30 anos atrás. E nunca dava certo. – Ela parecia meio perdida em pensamentos, talvez em alguma angústia, observava Sólon. Mas continuava em fluxo de consciência. – Não nos demos conta de que eles não se expressavam ou não davam importância ao que ensinávamos porque, para eles, éramos ultrapassados.

Com um sorriso meio triste, meio compreensivo, ela olhou para o irmão. Ele entendeu. Reconhecer erros nunca foi o ponto forte da irmã, mas parece que os anos haviam amenizado isso.

— Um homem, um nerd da computação, começou a aparecer em vídeos na internet - um *influencer*, vocês sabe - divulgando ideias sobre o que devíamos fazer, sobre uma solução para os conflitos. Ele afirmava com muita certeza para as pessoas que elas estavam insatisfeitas com tudo o que já tinham visto: monarcas, republicanos, fascistas, democratas, liberais, comunistas, anarquistas, tudo. Eram

vídeos curtos e muito convincentes. O aparato tecnológico que ele apresentava era formidável. Então, pra atrair mais gente, ele começou a viajar pelo país, mesmo sabendo dos perigos. Eu não me lembro se ele ia mesmo fisicamente até os locais ou se fazia algum tipo de transmissão... eu nunca entendi muito bem. Mas, sabe, as pessoas notaram isso e valorizaram. Você sabe, imagine uma mão vindo da luz quando você está no fundo do poço. A história nunca erra mesmo...

“Ele nos convenceu de que queríamos ser ouvidos, de que queríamos falar com nossas próprias vozes, e não mais sermos representados. Ele dizia com tanta convicção que aquilo pelo que passávamos não era uma crise política, mas sim uma crise de relevância... que havíamos chegado ao ponto de não sermos mais relevantes uns para os outros. Sim, eu sei, parece mais um daqueles anarquistas da democracia direta, né? Mas não. Ele prometia dar tanto aos sábios quanto aos ignorantes o direito de falarem e de serem ouvidos. E mais: o sistema que ele pregava iria fazer dessas falas as decisões oficiais do país. Iria nos tornar relevantes de novo.”

— Mas... isso já... essa ideia já tinha... sido discutida... mais ou menos...

— Sim, de certa forma. E que ótima lembrança! Desde quando a gente organizava as palestras já se pensava em uma espécie de democracia digital, né? Mas faltava algo. Sempre que pensávamos nela, acabávamos esbarrando nos problemas do governo daquela época. Era impossível forçar goela abaixo essa ideia naqueles tempos. Ele soube convencer o povo e se aproveitou do momento frágil em que vivíamos. Existem milhares de vídeos que explicam bem esse sistema que ele propôs, vou te mostrar. Mas, resumindo, foi a solução. As pessoas disseram “sim” para a tecnologia e “fim” para a democracia representativa. E como o governo já estava totalmente desestruturado, não foi difícil convencer os governantes que restaram. Muitos ainda ocupam alguma posição em algumas organizações, mas já não tomam mais decisões por nós.

Virginia olhou para o painel fixado à parede, ligou a TV novamente e pediu por um dos vídeos sobre o tal sistema. Disse “Seletor” em voz alta, apenas. Sólon viu centenas de vídeos serem listados em um segundo.

— Sólon... antes de ver tudo isso, você não quer saber nada sobre o acidente em si? Sobre você antes dele?

— Depois. Obrigado.

— É assim que funciona.

Nos dias seguintes àquela conversa, Sólon dividia o seu tempo entre os exercícios de fisioterapia e as pesquisas na internet sobre o Seletor. Virginia explicava, na prática, como as coisas passaram a funcionar nos últimos anos.

— Na verdade, é bem simples. Como você já viu em vários vídeos, é como se existisse uma versão digital de cada um de nós. Nossos gostos, perfis, conteúdos que consumimos, pesquisas que fazemos, enfim, tudo o que já fizemos interagindo com algum dispositivo digital ajuda a criar nosso “avatar”.

Embora Sólon já conhecesse os conceitos do uso de dados de usuários da internet, redes sociais, inteligência artificial e aprendizagem de máquina – ideias essas já em discussão e em prática dez anos antes –, acordar em um mundo onde não havia mais políticos era surreal. Por mais que se esforçasse, tudo parecia tão utópico quanto imaginar uma anarquia que funcionasse, com todos se respeitando e lutando pelo bem comum. “Nunca conheci um humano tão bom assim”, pensava ele. Em toda ficção científica que se lembrava sempre havia um problema no uso absoluto da tecnologia – e esse problema não era, no fim, a tecnologia.

— Acredite, dá certo - Virginia percebia o desconforto do irmão. – Acabou a idolatria política, as falsas promessas, o individualismo, a corrupção. Ou melhor, diminuíram muito. Não sou tão ingênua a ponto de acreditar que tudo é tão maravilhoso, né?

“Um, dois, três... quatro... cinco...”

A mecânica dos exercícios de fisioterapia servia agora, também, como uma oportunidade de reflexão. Sólon os aproveitava para reorganizar a mente, tendo em vista a torrente de informações que recebia todos os dias. Às vezes, sentia-se exausto. Chegou até a recusar algumas visitas de amigos, dado o cansaço que sentia.

“Antes, o algoritmo apenas coletava nossos dados, sugeria alguma decisão que era votada pela antiga câmara. Se fosse aprovada, virava lei automaticamente, podendo ser alterada depois por sugestão da população com base na média de aceitação. Agora, o Seletor é até capaz de criar as leis! No fim do ano passado, já foram aprovadas duas novas que já entraram em vigor. O senado é mero coadjuvante agora. Apenas fiscaliza o Seletor, sem tanto poder de decisão. A primeira lei criada pelo sistema gerou a reformulação do Estatuto do Servidor Público, que praticamente

pôs fim a todo cargo público comissionado ou por eleição. Para todos agora é exigido um concurso público por meio digital, cada um com sua especificidade. Nem o senado escapou dessa. E a segunda foi a Lei do Crescimento Sustentável, que define as diretrizes para o controle de natalidade no país”.

Vídeos explicativos assim substituíram por completo as histórias de Virginia. Sólon vivia imerso na internet, procurando saber de tudo sobre o Seletor.

— Deixa de ser tão pessimista, irmão! – Charles era amigo da família, e visitava Sólon às vezes. Tinha um grande apressado por sua irmã, o que parecia ser mais do que uma simples amizade. Em suas visitas, agora, discutiam sempre sobre a nova política. – Diz aí: quantas notícias sobre greves, corrupção, crimes ou pura propaganda política você viu desde que acordou?

— Pouco. Quase nada... isso não quer dizer... que não ocorram. Minha preocupação... é outra... Não conheço... o sistema... por dentro. Como vocês... confiam tanto... que estão sendo ouvidos?

— Ora, ele não perdeu o senso crítico mesmo, hein? – Charles cutucava Virginia com o cotovelo, em meio a risinhos diante do ceticismo de Sólon. Estava sentado com as pernas muito abertas no sofá. – É claro que estamos. Tudo funciona, e está bem explicado. Basta ficar ativo na rede todo dia. Nunca antes a gente participou tanto nas decisões do país.

— Sim, e sem ninguém pra dizer que nos representa – concordou Virginia.

— O que vocês... acham... da Lei... do Crescimento Sustentável?

— Um marco na história. A prova de que a gente está no caminho certo. Vários países tentam fazer isso, mas, ou fazem errado e oprimem o povo, ou fracassam – o orgulho transparecia na voz e no rosto de Charles. Sólon sabia que ele trabalhava na Inteligência Central do município, então, fazia sentido todo aquele amor pelo sistema.

— Não têm nenhuma... ressalva?

— Sólon... – a irmã balançava a cabeça em tom de desânimo. Conhecia bem a personalidade do irmão e o quanto ele questionava tudo à sua volta.

— Eu entendo – Charles tranquilizou, seguro. – Acordar bem no meio desse mundo novo deve ser difícil. Vai levar tempo, mas você vai entender e se acostumar.

Um silêncio perdurou por alguns segundos. Charles conferiu o relógio e se levantou, dirigindo-se à cadeira de rodas do amigo e apertando sua mão.

— Preciso ir agora, meu amigo. Como sempre, um prazer revê-lo! Volto em breve. Virginia, obrigado pelo café.

Ela levou o homem à porta e logo retornou.

— William! – Sólon chamou o sobrinho, com o máximo de força que conseguiu empregar na voz. O garoto estava no quarto ao lado, mas não o ouviu.

— William, seu tio está te chamando.

— Oi, tio - William estava com seu smartphone, assistindo algum vídeo. Sólon compreendeu logo o motivo pelo qual o sobrinho demorou a aparecer: o aparelho exibia uma imagem tão realista, tridimensional e imersiva que era realmente difícil não ficar absorto em seu conteúdo.

— Quero... te perguntar... umas coisas – indicou o sofá com a mão direita, um pedido para que o sobrinho se sentasse. O garoto deu de ombros e acomodou-se. – O que você acha... daquela história... dos quilombolas... de abandonarem o quilombo e... virem... pra cidade?

— Ah... sei lá, tio.

— E sobre as medidas de... controle de natalidade... e fertilidade? Sobre... as vacinas e... remédios?

O garoto deu de ombros novamente. Sua mãe apenas observava, com um olhar apreensivo.

— Não sei... acho que é uma boa. É pra reduzir a pobreza, não é? Então, tá valendo.

— Mas... qual a sua... opinião? Se você fosse... uma mulher... e tivesse que tomar... essa vacina? Ou se você... morasse num quilombo... e tivesse... que sair?

— Sei lá – o menino riu, ainda olhando para o smartphone. – Tanto faz, não sou eu quem escolhe. Não preciso saber isso.

— Mas... não é essa... a ideia? Cada um... poder decidir?

— Mas não sobre isso.

— Sólon...

— O que... te ensinam... na escola? Que... suas decisões... impactam... na vida dos outros?

— Ensinam sim. E eu sei disso. Mas não vejo problema em nenhuma dessas coisas. Se pessoas querem sair de um lugar ou não querem ter filhos, é problema delas. Escolheram isso.

Sólon refletiu por alguns instantes, encarando o sobrinho. Nesse momento, ele já estava de novo distraído com o smartphone. A irmã o observava da porta, esperando o próximo movimento.

— William... quando alguém... te pergunta... o que vai fazer... da sua vida... o que você... responde?

— Ninguém me pergunta isso.

A indiferença com que o garoto respondeu a última pergunta deu a Sólon novos instantes de reflexão.

— Sólon, tá na hora da fisioterapia.

O lado bom de acordar em um mundo futurista eram os recursos. Sólon praticava seus exercícios de fisioterapia com jogos e sensores de interfaces naturais e realidade aumentada conectados na própria televisão do seu quarto. A parte difícil era manter a sanidade. Sólon ainda tinha dificuldades de ver sua imagem no espelho, dez anos mais velha. Ainda tinha cabelos pretos, alguns grisalhos, mas a pele parecia ter ficado mais pálida e frágil, assim como o restante do corpo. A irmã tinha mais marcas da idade, provavelmente adquiridas nos duros anos de guerra.

— É... estranho. Dormir jovem... e acordar velho.

— Você não tem nem quarenta anos, meu jovem – a irmã o repreendia. – E eu diria que você está ótimo tendo em vista tudo o que você passou.

Era verdade. Era impossível imaginar que Sólon tivesse sobrevivido quando se lembrava do estado em que o carro estava após a colisão.

Contudo, os meses subsequentes mantiveram a rotina. Exercícios, consultas, visitas e internet. Com pouco mais de um ano, Sólon recuperou bastante as forças nos membros superiores e conseguia até mesmo se apoiar, levantar e permanecer de pé por alguns instantes. Ensaiaava pequenos passos como exercício e tudo indicava que dali a pouco tempo conseguiria andar novamente. Sua fala melhorou progressivamente, conseguindo articular as palavras com maior facilidade também.

Mas o que mais aumentou foi a sua angústia.

“Um novo senso aponta que população mundial já deve ultrapassar os 9 bilhões de pessoas no início de 2034.”

“Os sistemas de recrutamento ganharão nova atualização a partir do próximo dia dez. Um novo marco nos avanços desse segmento que permitirá

seleções mais efetivas vem para diminuir a rotatividade e o número de demissões nas empresas.”

“Radicalistas religiosos insistem em ocupar templos religiosos em várias regiões do país. Para atrair atenção, desenvolvem ações de atendimento às comunidades carentes, mesmo após o decreto de fechamento proposto depois das acusações de incitação à desordem”.

“Polêmica: a aprovação de cursos da área da saúde na modalidade EAD tem gerado insatisfação e processos judiciais por parte das universidades, que apontam irregularidades em diversos órgãos do setor.”

“Novas diretrizes sobre o transporte público nas grandes cidades acabam de ser divulgadas pelo Seletor e você pode conferi-las agora.”

Sólón acompanhava todas as notícias que conseguia. Como conseguia se movimentar melhor agora, navegava por horas na internet, lia e tomava notas quase o dia todo. Seus hábitos de professor de história estavam retornando.

— Virginia, estava pensando em dar uma volta hoje, se estiver tudo bem pra você.

— Claro, podemos ir agora mesmo se quiser. Só preciso me arrumar.

Virginia estava terminando de calçar os tênis de Sólón quando uma última notícia chamou a atenção dele:

“Acabamos de receber em primeira mão imagens da intervenção da polícia militar no Santuário do Consolamento, na capital do estado. Os militares tentam dissipar a multidão que se formou ao redor do prédio, que impede tanto a entrada de qualquer autoridade quanto a saída das pessoas lá de dentro. Os porta-vozes do movimento afirmam que os seus atos são decorrentes da discordância em relação às decisões do país em fechar os templos e proibir suas atividades.”

— Parece que a coisa tá feia por lá – Virginia comentou distraída.

— Sim...

Meia hora depois já estavam a caminho do shopping. Já dava pra perceber que estava lotado mesmo antes de chegarem, dado o número de carros estacionados em ruas não tão próximas do prédio.

— Pensei que você quisesse ir a algum pub, uma biblioteca ou algo do tipo. Shopping não é seu estilo.

— Quero ver gente.

— E vamos encontrar muita, inclusive conhecidos, eu aposto. Hoje é feriado.

Do lado de fora do estacionamento, Sólon observou vários moradores de rua. Assustou-se com o número. Na última vez que foi àquele shopping não viu uma cena como aquela. O que mais o assustou foi o número de crianças entre aquelas pessoas. Lembrou-se de ter visto muitas outras ao longo do caminho até lá também. Nos túneis e viadutos, ele perdeu a conta de quantas cabanas improvisadas com cobertores havia visto. Algumas invadiam um pouco a pista.

Já dentro do amplo complexo de lojas – bem maior do que a última vez, Sólon notou –, deram várias voltas pelos corredores cheios de gente. Sólon observava ambos os lados, a interminável fileira de lojas, um mar de pessoas, sacolas e anúncios coloridos – muito coloridos. Sólon sentia o nariz coçar desde que entrou. Havia um cheiro que lembrava álcool pairando no ar o tempo todo. Virgínia parecia não se incomodar. As lojas mais cheias eram as de artigos tecnológicos, que existiam em maior número no prédio. Os dois andaram por mais de uma hora, entrando em lojas e encontrando conhecidos pelo caminho. Por fim, decidiram parar na praça de alimentação. Virginia consultou um painel digital na porta do restaurante. Sólon viu o símbolo do Seletor acima da tela. Ela tocou a tela e após alguns segundos, sentou-se à mesa ao lado do irmão. Um garçom apareceu com dois copos cheios de alguma bebida que ela havia pedido.

— Você não deveria beber ainda...

— Olha, eu estou há quase doze anos sem colocar uma gota de álcool na boca – um ar brincalhão passou pelo rosto de Sólon, embora estivesse determinado a realmente beber aquela cerveja. – Dá um tempo.

— Você que sabe. Qualquer coisa, saio correndo com você.

Brindaram. Sólon continuava observando as pessoas. Elas iam e vinham, sem olhar muito para os lados, sempre absortas em algo, geralmente uma tela colorida. Seu nariz ainda coçava.

— Jessica! – A voz de Virginia o tirou do devaneio. Ela estava de pé cumprimentando a amiga. – Anna, quanto tempo! Como vão vocês?

— Olá! Estamos bem sim. Só dando um passeio pra distrair, não é, filha? Sólon, você está ótimo!

— Obrigado, Jessica. E você... é a Anna? Acho que me lembro de você.

A garota ao lado da mulher corou um pouco. Com certeza não o reconheceu.

— Sim, claro, aproveitar o feriado – disse Virginia.

— Pra mim, tanto faz. Continuo desempregada. Só pagando os empréstimos
– Jessica parecia ter um nível de intimidade com Virginia que Sólon se lembrava apenas vagamente. Ria muito e com aqueles olhos grandes ainda parecia uma menina. Alguns pontos de sua memória ainda estavam desconectados.

— E aí, Anna, já está na faculdade? – perguntou Sólon educadamente.

— Ah, ainda não. Não pensei ainda no que fazer...

— Ela resolveu esperar um pouco, não é, filha? – Jessica adiantou-se a responder.

— É... – recomeçou Anna, meio distraída. – O Seletor diz que eu tenho que fazer Educação Física, então, tô tranquila.

- Ah sim... mas é isso que você quer?

— É...

O assunto pareceu morrer ali.

— Bom, vamos indo – Jessica rompeu o silêncio. - Prazer ver vocês!

— O prazer foi nosso.

Os dois observaram mãe e filha se distanciarem com suas sacolas em meio aos outros passantes. Pareciam irmãs.

— Quantos anos a menina já tem?

— Ela é mais velha que William. Já deve ter mais de 20. Uns 22, mais ou menos - Virginia bebericava a cerveja distraída.

— Você não a achou meio evasiva?

— Um pouco, talvez. Mas me diga você: essa é a primeira vez que você fica no meio de tanta gente. Está tudo bem?

— É o que eu quero saber. Você acha que está tudo bem? – Sólon falava como um professor agora. – Quero dizer, não comigo, mas com todo mundo.

— Lá vem você... – ela reagiu bebendo um gole generoso.

— É sério, Virginia. Você não acha que as pessoas estão despreocupadas demais? Com tudo?

— Sólon, você sabe o que houve... foi tudo tão difícil. Ninguém aguentava mais tanta preocupação. Sobreviver, acreditar, confiar. Sabe, sempre foi assim. Agora todos estão querendo relaxar um pouco. Deixa eles!

— Eu entendo. Já pensei sobre isso muitas vezes. Mas acho que estamos nos entregando fácil demais. Não consigo dormir direito à noite com a sensação de que tudo está fácil demais.

— Calma. Você sabe que...

— Sim, eu sei. Pode acreditar. Sei melhor do que ninguém que tudo tem seu tempo. – E bebeu mais um gole. – Sou mestre nisso.

— Sim, sim, desculpe. O que eu estou tentando dizer é que é normal você ficar tão preocupado assim. É um mundo todo novo pra você.

— Mas certas coisas não são tão novas. E parece que vocês esqueceram. Essa bebida que você pediu... você, por acaso, me perguntou qual cerveja eu queria?

Virginia apenas respirou fundo. A cerveja parecia mais amarga do que o normal nos dois copos.

— Obrigado pelo passeio.

— Por nada. Achei que não tivesse gostado.

— Pelo contrário, foi muito proveitoso.

— Oi, filho!

Ao entrarem na sala, a TV ligada mostrava as últimas notícias. William assistia.

“...os bombeiros tentam combater as chamas enquanto a polícia se concentra em retirar as pessoas de perto do prédio. Alguns ainda resistem mesmo com o calor e os perigos de desmoronamento do templo. Os bombeiros conseguiram entrar para retirar as pessoas que ficaram lá dentro e... esperem! Temos novas imagens...”

A expressão da âncora diante das imagens foi assustadora, criando um clima de tensão ainda maior. Na grande tela 3D da sala foi projetada uma imagem em altíssima resolução captada na entrada do templo na qual, apesar da fumaça, conseguia-se distinguir inúmeras silhuetas humanas de mãos dadas no meio das chamas.

— O que é isso? – Exclamou Virginia, espantada com a cena, largando suas sacolas no chão.

“Temos informações de que são os fiéis de mãos dadas... que se recusaram a sair do templo, repelindo os bombeiros. As chamas se espalham com muita velocidade e o risco de desabamento é muito grande. É possível ver bombeiros puxando pessoas pra fora, outros correndo... nossa! O telhado!”

— Meu Deus... Eles...

Parte do telhado do templo começou a cair e as imagens ficaram indistinguíveis. Voltaram a transmitir imagens da parte externa que confirmavam

o desabamento. A âncora esforçava-se para articular as palavras, mas tudo era surpreendente demais até pra ela. O telhado continuava a cair e aquelas pessoas ficaram lá dentro, provavelmente já soterradas e queimadas.

“Continuaremos a cobertura do incidente dentro de alguns instantes até conseguirmos reestabelecer a transmissão ao vivo.”

— Loucos – dizia William, balançando a cabeça.

Sólón permaneceu colado na cadeira de rodas durante um tempo que não soube calcular depois. Ninguém falou nada por vários minutos.

— William! Preciso da sua ajuda – Sólón chamou, com um nervosismo a mais na voz. – Ajude-me aqui. Leve essas sacolas para o quarto e depois vamos conversar.

“Eu venho de um tempo que vocês querem esquecer. Talvez eu seja o único que possa falar desse tempo com tanta precisão porque, pra mim, foi ontem. Sou como um viajante interdimensional que caiu por aqui e tem tentando entender como todos nós vivemos agora. Acho fascinante a forma como evoluímos, as saídas que encontramos. Confesso que, dez anos atrás, ou um pouco mais, elas eram inimagináveis e não tínhamos muito fé nisso também. Quero que me veja não como uma versão sua de dez anos atrás, mas como um alguém que pode voltar no tempo e trazer alguma resposta, alguma coisa que complete alguma lacuna dentro de você ou dentro de alguém que você conheça. Não quero ser pretensioso, mas este canal é pra isso: viajarmos no tempo e descobrir o que perdemos. Quem nunca quis isso?”

Sólón gravou o primeiro vídeo. William instalou a câmera, as soft boxes, configurou o computador e operou os aparelhos com perfeição. A intenção de Sólón era fazer uma chamada, um pedido. Se iriam atendê-lo, aplaudir, vaiar ou ridicularizar, ele não sabia. Era uma aposta. Jogar o jogo do momento. Nos dias atuais, qualquer palavra jogada na internet automaticamente gerava mil interpretações e possibilidades. Bastava a proximidade com qualquer dispositivo digital que os usuários nem precisavam curtir mais as postagens. Os sensores já identificavam o engajamento com os vídeos pelas expressões faciais e sonoras das pessoas. Conseguiram captar até a diferença de temperatura corporal e intensidade da respiração do espectador. Quando descobriu isso, Sólón animou-se ainda mais.

— Tem certeza que não tem mais ninguém fazendo nada parecido? – Perguntava ao sobrinho.

— Sim. Certeza. Não achei ninguém falando nada parecido. Muito menos desse jeito. É como você disse, não é o que as pessoas querem ouvir.

— Você sabe editar?

— É claro! - William já estava trabalhando nisso, ao que parecia, concentrado na tela do computador.

— O que acha de gravarmos mais alguns de uma vez? Tenho conteúdo para mais alguns vídeos.

— Você que sabe.

Sólon gravou mais alguns vídeos curtos, contando sua história, citando pequenos exemplos de situações que tinham dois lados, um positivo e um negativo. Criou um termo comum para todos os vídeos: análise de sensibilidade. Era como chamava os vídeos que traziam essas comparações.

“Nossa população está quase insustentável. Há alguns anos, não acreditávamos que isso aconteceria. Os níveis de pobreza são altíssimos e, enquanto você e eu estamos aqui conectados, formando opinião e decidindo nossos futuros, há pessoas lá fora que continuam sendo representadas por outros. Pessoas que não têm voz. Como isso pode ser democrático e libertador? Estamos amarrando essas pessoas à nossa vontade, não estamos? Ressuscitando fantasmas.”

Procurou firmar discursos como esse em pequenos blocos.

— Pronto. O canal tá pronto. O primeiro vídeo sai hoje às dezenove horas. O segundo sai amanhã ao meio dia.

— Ótimo - Sólon afirmava com certa ansiedade. Sentia-se jovem de novo, embora com menos certeza das coisas. - Obrigado.

— Já terminaram? - Virginia estava parada na porta, com aquele olhar de impaciência. - Já são quase duas horas. Não vão almoçar?

— Eu sei, Virginia, não sou um adolescente que sonha em ser *youtuber* - Sólon tentava explicar os planos à irmã enquanto ela lavava a louça com mais força do que o necessário. - Só quero testar, descobrir se as pessoas realmente se importam, se tanta mudança não tirou a sensibilidade delas. Não estou começando outra guerra.

— Você está obcecado. Como sempre. Acha mesmo que uns poucos vídeos vão fazer diferença? A internet tá cheia disso. As pessoas já têm isso aos montes. Até mais do que deveriam.

— Sim, exatamente. Quero usar isso a meu favor. Não é a tecnologia quem manda? Quero que ela me note. Assim as pessoas vão me notar. Você já parou pra pensar que nesse sistema só tem voz quem tem acesso à tecnologia? Já parou pra pensar naquelas pessoas que vimos do lado de fora do shopping e em praticamente todas as ruas em que passamos? Que chance elas têm de decidir algo? Elas continuam sendo representadas. E o pior: por nós, que nem queremos isso!

— Por favor... sem frustração, ok? E tome cuidado: as pessoas não gostam mais de gente que quer comandá-las – o pedido da irmã era mais do que impaciência. Era preocupação de verdade. Ela o olhava nos olhos agora, apenas segurando a louça molhada.

— Fique tranquila. Prometo que vou ficar bem. E você sabe que odeio dar ordens.

À noite, com a cabeça no travesseiro e sem ter acessado nada após as dezenove horas, Sólon lembrou-se dos amigos com quem lutou nas antigas manifestações, pra ele tão recentes. Muitos se foram... podia ouvir suas vozes...

E, então, aconteceu.

Na manhã seguinte, a casa era uma explosão de sons. Notificações, telefonemas, conversas.

— Tio, todo mundo quer saber sobre “O Viajante”!

Sólon não sabia dizer se estava mais feliz pela repercussão dos seus vídeos ou pela rara empolgação do sobrinho ao observar os números no computador. O nome não lhe pareceu ruim: O Viajante. A ideia da viagem no tempo realmente deu certo. Toda revolução precisa mesmo de um rosto, lembrava ele.

— Esse foi só o primeiro passo, garoto – a excitação pulsava em sua voz. – Vamos gravar. Os roteiros estão prontos.

Virginia observava os dois trabalhando. A respiração acelerada e o ritmo do seu coração diziam a ela que o irmão estava bem, finalmente...

“Não sou contra o Seletor. Pelo contrário: quero melhorá-lo!”

Com algumas semanas e milhares de seguidores, Sólon ganhava espaço, tendo artigos escritos sobre suas sugestões para o Seletor publicadas com frequência.

“Ir contra essa tendência é dar vida ao nosso terrível passado, mas precisamos dar voz a todos se quisermos sobreviver por mais tempo. Pensem nas

peças que morreram no Santuário. Elas deixaram uma mensagem para nós. Não a de um Messias que virá nos julgar por nossos pecados, mas a de um povo que se lembra de um tempo em que tomar decisões era importante. De um povo que era dono de si próprio, de sua individualidade. Que era relevante.”

Subitamente, Sólon começou a ser convidado para se apresentar em outros canais e programas. Seu tom, ao mesmo tempo amigável e visionário, chamava cada vez mais atenção tanto das pessoas mais simples quanto das elites.

“Do que adianta captar vozes e desejos se não sabemos ouvir? Pra que servem nossos dados se sempre são tomadas as mesmas decisões? E se você pudesse escolher sem ser influenciado?”

Convites para palestras em universidades chegavam cada vez mais.

“Por que as pessoas se matam? Por que entram nas chamas sem medo do fogo? Porque acreditam que são menores que seus propósitos. E um propósito é o que dá sentido às nossas vidas. Você já encontrou o seu? Posso te ajudar nisso.”

Milhões de seguidores, aparições na TV e “O Viajante” se tornou um personagem na cibercultura nacional e internacional ao longo dos meses. O criador do Seletor, John Newmann, recebeu Sólon em sua própria casa e transmitiu uma conversa ao vivo pela internet. Os *trending topics* mundiais ficaram ocupados por dias com esse evento.

“Não precisamos deixar de tomar decisões. Precisamos manter ouvidos abertos e usar com sabedoria aquilo que nos diferencia de todas as outras espécies: nossa habilidade de contar boas histórias. Somos a única espécie que consegue fazer isso, mas já não fazemos mais. Por quê?”

O auge da fama de Sólon aconteceu quando uma conferência foi convocada para implantar novas atualizações no Seletor. A repercussão das suas ideias gerou essa necessidade e o Conselho da Inteligência Central da União se reuniu na capital do país para discutir as mudanças que seriam necessárias para a manutenção do sistema para os próximos anos. As organizações que mantinham o Seletor participaram juntamente com outros órgãos do país inteiro. A reunião durou sete dias e cada segundo foi transmitido pela internet. As pessoas conseguiam opinar em tempo real, conscientemente ou não, e um sistema de mediação apresentava um filtro com as opiniões mais populares para os participantes considerarem.

“Investimentos devem ser feitos para que todos possam ser ouvidos. De verdade.”

Na cerimônia de encerramento da conferência, Sólon e John Newmann anunciaram, juntos, as decisões sobre mudanças no sistema. A sincronia com que falavam passava a sensação de harmonia que todos tanto precisavam. Virginia assistia emocionada.

“O dia de hoje prova que não perdemos nossa sensibilidade.”

“A tecnologia que criamos trabalha para o bem do homem e não da máquina, como juramos fazer.”

“Em todo o país, Ouvidorias serão criadas para incluir todos aqueles que não têm recursos próprios.”

“Todo município terá centros como esse, com pessoal capacitado para ajudar. O exercício da cidadania da maneira mais simples e acessível será garantido.”

“A partir de hoje, o sistema conhecido por todos nós como Seletor...”

“...não mais selecionará opiniões de uns poucos.”

“O Seletor, no dia de hoje, foi rebatizado de: AURIS.”

Sólon conhecia bem as dificuldades de se manter um programa político e fazê-lo funcionar. A memória é sempre algo muito volátil. Não estava ali, na frente de milhões de pessoas, prometendo uma utopia. Dessa vez era diferente: o acidente, os dez anos de sono profundo, a reabilitação do seu corpo, tudo aquilo o conduziu a esse momento para que pudesse dar a todos aquilo que era tão simples, mas tão escasso na vida de tanta gente: um ouvido atento.

* * *

Jardel Lucas Garcia é coordenador de curso e professor nas Faculdades CMB e IBCMED (Porto Alegre), é também professor da Rede Pública Estadual de Minas Gerais e das Faculdades Promove. Possui formação em Letras e em Sistemas de Informação com especialização em Desenvolvimento de Aplicações e atua como docente e pesquisador na área das tecnologias aplicadas à educação. Cursa atualmente o Mestrado em Pedagogia do eLearning na Universidade Aberta de Portugal (UAb) e dedica-se a projetos que unem suas paixões: literatura, educação e tecnologia.



Ecos

Jardel Lucas Garcia

— Atenção, participantes: a sétima seção da Audição Universal pela Revitalização Ampliada terá início em dez minutos. Por favor, dirijam-se à câmara do Conselho e ocupem seus lugares.

As portas duplas se abriram com um clique assim que a doce voz anunciou o início da reunião. Os seis representantes selecionados para o dia se levantaram e adentraram o corredor em direção à câmara onde a Audição aconteceria. Na entrada, acima de uma grande porta de madeira artificial, um letreiro holográfico digital indicava: “Dia 7: Educação, família e sexualidade”. As portas também se abriram automaticamente.

Os participantes, três homens e três mulheres, entraram na câmara circular, dirigindo-se aos seus lugares indicados numa mesa redonda com sete cadeiras em volta, seis delas para os conselheiros do dia e uma para o presidente da seção, que ainda não estava presente. Sua cadeira ocupava uma posição de destaque no círculo perfeito. Os seis participantes se acomodaram em seus lugares e organizaram suas anotações, tablets e materiais de consulta enquanto aguardavam o início da seção.

Passados cerca de cinco minutos, as portas se abriram novamente e três pessoas entraram no recinto. A mulher de pé em frente para a extremidade mais oposta encarou o homem que aparentava ser o presidente, que vestia um terno simples, porém bem ajustado ao corpo, e reparou na sua aparência jovem, provavelmente próximo aos quarenta anos, um rosto gentil, bonito e bem expressivo com seu par de olhos verdes.

— Bom dia, Conselheiros! – Cumprimentou, dirigindo o olhar a cada um dos presentes, com um sorriso bondoso no rosto.

— Bom dia – responderam os participantes da reunião, de pé.

Os dois acompanhantes deixaram a sala, deixando apenas os sete reunidos.

— Por favor, sentem-se – todos se acomodaram, ainda sem trocarem

nenhuma palavra entre si. – Todos nós sabemos os motivos pelos quais nos reunimos aqui hoje. Mas, não faz mal lembrar o propósito desta Audição. Estamos no sétimo dia de reuniões. Em cada dia nos reunimos com grupos diferentes de várias esferas da sociedade: segurança, comércio, meio ambiente, saúde. Cada participante foi selecionado com base nos dados e opiniões disponíveis na rede. Vocês foram ouvidos, selecionados e notificados por mim para que estivessem presentes aqui hoje, representando a opinião máxima dos grupos aos quais pertencem, tornando-se, então, os conselheiros deste dia. Quero ouvir, de verdade, o que cada membro dessa sociedade sente e pensa em relação ao que estamos enfrentando hoje. Precisamos entender o que fizemos de certo e errado ao longo dos anos. Preciso que me ajudem. – Pronunciou essas últimas palavras com pausas bem longas.

Alguns participantes olhavam com curiosidade para a figura que conduzia a seção, que conservava seu tom amigável em cada palavra. Percebendo os olhares, continuou:

— Peço que me perdoem a indelicadeza. Apresento-me a vocês de várias formas todos os dias e hoje acabei por não me apresentar. Sou AURIS. Presidirei esta reunião, já que não temos um governo representativo. Minha função aqui é apenas ouvir, como sempre fiz, e mediar nossas discussões. Prometo ser breve, já que nossa reunião não deve ultrapassar os trinta minutos.

Os conselheiros se entreolharam, a maioria um pouco surpresa com tamanha naturalidade.

— Hoje, neste sétimo dia, temos aqui reunidas pessoas que representam diversos movimentos e expressões sociais ligadas à família, à mulher, à educação, à sexualidade, aos idosos e às expressões religiosas. Contudo, o que requer nossa presença aqui hoje, indo direto ao ponto, é a seguinte pergunta: o que devemos fazer frente à crise populacional que o mundo enfrenta hoje? Já são praticamente doze bilhões de pessoas no planeta. No nosso país a proporção se mantém. Senhoras e senhores, quero ouvi-los.

— Se me permitem – começou um dos participantes, o primeiro à esquerda de AURIS. Era um homem de aparência mais velha que os demais, de cabelos grisalhos. Vestia uma camisa preta e clérigima. – Meu nome é Jonas Calvino e fui selecionado pra representar a expressão religiosa de nosso país, em sua totalidade. Gostaria de começar, se o senhor não se importa.

— Sinta-se à vontade.

— Como o... senhor disse – começou o homem chamado Jonas, encarando o outro homem de meia idade, cabelos brancos e roupas impecáveis que o observava da cadeira central -, indo direto ao ponto: acredito que todos concordam que a contracepção, assunto já amplamente discutido, deve continuar em todos os níveis, certo? - Jonas percorreu todos os participantes com o olhar enquanto falava.

— Pensei que nenhuma religião incentivasse métodos contraceptivos – interrompeu um dos conselheiros, sentado exatamente à frente do religioso, que encarou pela primeira vez o homem de trinta e poucos anos, bem vestido, de pele negra e cabelos formando pequenos cachos bem definidos. – Não achei que fôssemos começar de maneira tão direta.

— Temos que ser práticos. Focar no que traz resultados. São outros os tempos, meus amigos. Acredito que fui selecionado por isso. Represento aqui essa nova geração de religiosos que entendem que existem problemas que requerem mais atenção do que outros. Em uma situação como essa, com mais gente do que podemos sequer contar, deixar a decisão nas mãos de cada um é totalmente ineficaz. A ausência de um governo humano central não justifica uma regressão a esse ponto! Tanta coisa já foi feita e, mesmo assim, estamos aqui. E estar aqui hoje é uma oportunidade única. Recursos como as pílulas ITG são um bom exemplo de...

— Métodos como as pílulas ITG são um verdadeiro absurdo! – A exaltação na voz da mulher sentada à frente da cadeira central, no outro lado da mesa, era evidente. O tom de voz alto e a respiração acelerada passavam a sensação de que há muito tempo aquela opinião fervia dentro dela e precisava caber dentro dos trinta minutos seguintes. Ela apertava a caneta em sua mão com muita força enquanto encarava Jonas com um olhar feroz. – Um desrespeito com pessoas que nem sequer nasceram, um abuso de poder. Tirar um direito essencial de alguém assim é cruel e desumano... não podemos cometer um erro desses novamente...

Os outros participantes a encaravam com surpresa diante da exaltação. As palavras travaram em sua garganta. “Não posso deixar isso passar... lutei tanto pra chegar aqui. Não posso me deixar vencer agora.” Aquelas memórias, para sempre recentes, se faziam presentes sempre que precisava defender o seu ponto de vista...

O dia amanhecera cinzento, típico daqueles dias que não são nem quentes, nem frios, cuja indecisão se reflete no ressentido despropósito que se sente quando eles acabam. A ponto de se atrasar para o trabalho, Angela saiu de seu quarto apressada em direção à cozinha para comer nem que fosse um pão seco antes de sair. Assustou-se quando viu a mãe sentada no sofá da sala, com uma xícara de café na mão, os cabelos desgrehados e ainda de pijamas.

— Bom dia... o que faz aqui embaixo tão cedo, mãe?

— Oi... – a mãe trazia um olhar vazio, um pouco assustada com o aparecimento repentino da filha. Parecia que estivera perdida em pensamentos por algum tempo. Não sabia dizer por quanto tempo, mas o café na xícara em suas mãos já estava frio. – Acordei e não consegui dormir mais.

— Aconteceu alguma coisa? - Angela perguntou da cozinha, apressada.

— Não, não. Só uma dorzinha de cabeça mesmo...

— An... Já vou indo, ok? Tô atrasada.

— Tá bom...

Já estava na porta, com um pedaço de pão nas mãos, quando a mãe continuou:

— Filha...

— O que foi, mãe?

O olhar da mulher no sofá não condizia com sua aparência naquele momento. Seus olhos se destacavam na luz fraca.

“Lá vem ela de novo...”, pensou com raiva.

— Sei que você está com pressa, mas...

— Já falamos demais sobre isso, mãe. Não tem porque falarmos mais, ainda mais uma hora dessas. Vou indo, ok? Beijo.

— Mas eu queria que...

Ela fechou a porta atrás de si com mais força do que gostaria. Mesmo não perdoando a mãe, e nem o pai também, não conseguia esconder de si mesma o arrependimento que sentia naquele momento. “Isso não muda nada.”

Mas, talvez, tivesse mudado.

O pequeno arrependimento daquela hora da manhã em nada se comparou com a cena que testemunhou naquela noite. A figura da mãe pendurada pelo pescoço na área dos fundos da casa a assombrava todos os dias, mais do que qualquer ressentimento que tivesse em relação aos seus pais. A carta escrita à mão, com traços

febris, deixada em cima da cama de Angela, trazia todos os pedidos de perdão que a mãe acumulou ao longo dos anos, mesmo nunca tendo sido perdoada pela filha.

As memórias em volta daquele momento eram um tanto turvas devido ao choque, mas a essência ela entendia muito bem.

— Prossiga, conselheira.

A voz de AURIS a trouxe de volta. “Ela se parece com minha mãe, inclusive a voz...”, Angela se deu conta, um pouco assustada. Recompondo-se, continuou:

— Sim. Perdão. Meu nome é Angela Maya. Estou aqui representando toda uma geração, principalmente as mulheres. Uma geração inteira que será a última de muitas famílias. Não digo isso por causa dos nomes que não terão continuidade, mas sim pelas pessoas que nunca serão mães ou pais, que tiveram seus corpos violados antes mesmo de nascerem...

— Desculpe-me, conselheira – interrompeu o conselheiro Jonas. – Mas a intenção das pílulas ITG era inibir a reprodução de quem a tomasse, uma medida opcional lançada pelo governo para o controle de natalidade. Não acho que ninguém tenha sido forçado a toma-las.

— Tivemos governos que se preocupavam muito com o peso das palavras, conselheiro. A palavra “forçar” foi trocada por “incentivar” muitas vezes ao longo da história. Há mais de trinta anos as propagandas eram tão convincentes e os efeitos colaterais tão menosprezados que muitas pessoas sequer tinham consciência do que estavam fazendo. As senhoras e senhores se lembram o que significa ITG?

— Era um nome em latim, não era? – uma das conselheiras perguntou. – Inhibend... era algo como inibidora de gravidez.

— Sim. Dificultaram no nome, mas depois a sigla ficou mais clara: Inibidora da Terceira Geração. Em tradução livre. Acredito que não precisa de explicações. Ela não inibia a gravidez de quem a tomava, mas a de seus filhos. Em outras palavras, eutanásia. – Enfatizou a última palavras olhando nos olhos de cada um dos presentes.

Alguns mostraram certa perplexidade. Segundos de silêncio se passaram, a conclusão óbvia se formando nos cérebros de cada um. O conselheiro Jonas, no entanto, permaneceu com expressão cética.

— Ora, mas acredito que estamos discutindo algo inútil. Esses métodos já foram abolidos há anos quando o sistema mudou...

— Mas é preciso que nos lembremos dos seus efeitos – o olhar de Angela passou de novo por todos na câmara. – Minha mãe tomou essa pílula. – Pronunciou essas palavras devagar enquanto acompanhava o olhar de surpresa de alguns. – Como consequência, eu não posso ter filhos, algo que sempre quis. Egoísta, vocês pensam? Pois bem. Acredito que não podemos simplesmente optar sempre pela solução mais simples. Afinal, proibir é sempre mais fácil. Mas certas proibições são muito arbitrárias, sobretudo aquelas que interferem em fatores biológicos. Governos passados já erraram assim. Será que temos mesmo que retroceder dessa forma?

— Educação, senhoras e senhores – a conselheira ao lado direito de Angela disse, com firmeza. – É a solução. Este é meu tema. Por mais que todos aqui considerem isso um clichê, mas já está na hora de prestarmos mais atenção neste ponto. Falo aqui por todo esse segmento.

— Sim, conselheira Margareth Freire. A senhora representa todas as manifestações com o tema Educação. Por favor, prossiga.

— Obrigado. Bom, já não é novidade para todos aqui, muito menos pra senhora – voltou o olhar para AURIS, que retribuiu com um sorriso de compreensão - que o ensino presencial, o ensino da convivência e da socialização, está prestes a ser extinto. Pretextos não faltam para isso – ela olhava e balançava a cabeça afirmativamente em direção aos colegas. O coque no alto da cabeça e as grandes argolas nas orelhas compunham muito bem o visual junto ao terno roxo e amarelo. Com uma pele negra reluzente e jovem, impressionava tanto pela voz forte quanto pela beleza. – Sou professora e tenho alguns dados, provavelmente já de seu conhecimento – encarou, novamente, a presidente – mas que valem a pena ressaltar sob um ponto de vista menos... quantitativo – sorriu levemente, ainda encarando-a. – A educação básica presencial atingiu níveis absurdos de superlotação de sala de aula, escassez de profissionais (contraditoriamente, sim) e deficiência de infraestrutura em níveis totalmente incondizentes com a nossa realidade. Se a população é maior do que conseguimos atender, por que os recursos continuam sendo reduzidos? Essa tendência existiu décadas atrás, antes de AURIS, antes mesmo das pandemias pelas quais passamos, e parecia ter sido superada por alguns breves anos. Mas, sinto dizer-lhes: não foi.

— A senhora, atualmente, leciona na educação básica, conselheira?

— Estou desempregada – à resposta curta e direta seguiu-se um breve silêncio. – Tornei-me professora já sabendo dos desafios e que a situação iria piorar, ao contrário da atmosfera de otimismo que nos foi encorajada desde sempre. Pouco depois do Incidente de Novembro de 63, creio que todos se lembram, fui dispensada. Desde então, leciono em caráter particular na comunidade onde vivo.

A lembrança do ocorrido naquele trágico dia transpareceu nos olhos de alguns. Nos de Margareth estava mais evidente ainda, mesmo mantendo sua postura forte.

— Atenção, pessoal! – A agitação quase incontrolável na sala estava em seu potencial máximo. – Conforme falei, vamos corrigir isso antes do término desta aula. Vocês só têm mais quinze minutos.

Margareth sentiu uma pontada de orgulho quando, ao som grave de sua voz, grande parte da turma voltou suas atenções para o exercício que tinham que fazer. Mesmo com mais de setenta alunos dentro de uma sala um tanto pequena e um sistema de amplificação de voz precário, a maior parte dos professores não conseguia manter a disciplina e desistiam com frequência.

— Deixe-me ver – Anna sempre terminava antes dos demais. Uma das melhores da turma. Margareth conferia o exercício enquanto a menina aguardava ao lado da sua mesa. Os óculos de armação fina acentuavam o ar de inteligência da menina, pequena para a idade, de apenas quatorze anos. – Muito bem! – Incentivava cada um deles o máximo que podia.

Olhando por cima da cabeça de Anna, Margareth viu que uma fila de alunos começou a se formar para que ela corrigisse as atividades em seus cadernos. “Que bom”, pensava. O barulho aumentava gradativamente, mas ela sabia até que ponto poderia considera-lo normal. “Final, são adolescentes. Impossível ficarem parados e mudos como uma estátua. Queria poder dar mais atenção a cada um...”. Na verdade, os barulhos vindos do lado de fora da sala de aula estavam incomodando muito mais. “Quem será o sortudo?”, estava dividida entre ter compaixão do colega de trabalho na outra sala ou julgar suas aptidões para esse tipo de situação.

— Certo... – a fila diminuía e o barulho apenas aumentava. – Falem mais baixo, por favor!

Mas, as últimas palavras nem sequer foram ouvidas. O estouro encobriu o som da última palavra, e os gritos de desespero chegaram antes da compreensão. Os alunos começaram a correr, a se jogar no chão ou por cima das mesas, caindo pelos degraus da sala. Ela olhou em todas as direções e só conseguia ver desordem. “Mas o que...”

Então, ela viu de onde vinham os estouros. Na verdade, eram tiros.

Um vulto preto atirava freneticamente em direção aos alunos. Margareth, sem raciocinar direito, jogou-se no chão, por puro instinto. Levou o que pareceu serem alguns segundos para pensar, enquanto se arrastava para perto do atirador. Esbarrou em pernas e pés, além de corpos jogados no chão.

Não soube dizer depois como foi que conseguiu abraçar o atirador por trás e jogá-lo no chão, imobilizando-o. Ao lado de onde caíram, o corpo da pequena Anna jazia sem vida.

A cena final permanecia estática em sua cabeça.

— Ele era meu aluno... – Margareth disse devagar. – Quando retiraram a máscara, pude ver. Apenas quinze anos. Ele matou quase cem pessoas naquele dia. Cem pessoas. Quase a metade da minha turma. Depois disso, a escola foi fechada.

— Disso eu não sabia – Angela afirmou.

— Imaginei. É disso que quero tratar aqui: a justificativa para fechar a escola foi uma decisão coletiva, baseada em dados, aparentemente muito sensata, de que ela se situava em uma zona de alto risco, com taxas de criminalidade, problemas psicológicos e sanitários altíssimos. Pergunto às senhoras e senhores: foi mesmo a melhor decisão? Não. O fato de ser coletiva não quer dizer que seja a melhor. É justamente nesses locais que precisamos ensinar.

Alguns conselheiros tomavam notas, outros olhavam com expressão vazia para algum ponto enquanto os demais encaravam a conselheira Margareth. AURIS também se demorou um pouco sobre ela, claramente pensando os relatos e somando-os aos dados que já possuía.

— Entendo – afirmou, por fim. – As intenções aqui são justamente essas. Esclarecer os significados dos nossos dados. Observá-los sob outras óticas para entender onde erramos. Conselheiro Jonas, creio que o senhor deseja retomar a palavra neste momento?

A expressão do homem denotava exatamente isso. Estava ansioso para expor logo suas considerações.

— Sim, desejo – confirmou, enquanto passava os olhos por suas anotações e pela conselheira Angela. – Como sabem, represento a base religiosa de nossa sociedade. Permanecemos com as mesmas preocupações que conservamos desde o Incêndio do Consolamento de 2034. Desde sempre, na verdade. Essa mesma sociedade que nos renegou antes daquela tragédia também nos deu uma nova chance desde então. Como todos aqui, passamos por situações difíceis. Tem gente demais precisando de nós, mas está cada vez mais difícil continuar pregando nossa fé com tantas manifestações contrárias a ela.

— Por exemplo? – indagou a conselheira Margareth.

— Entendemos os problemas ligados à reprodução desenfreada e que devemos controlar... quero dizer, educar nossa população a respeito disso. Mas, como a conselheira Angela Maya bem disse, certos métodos contrariam nossa própria natureza – ele gesticulava à medida que falava. Ajeitou o colarinho mais uma vez antes de prosseguir. – Os senhores já devem ter notado os programas de incentivo ao casamento homoafetivo. Existem até propagandas em várias mídias que incentivam as pessoas nesse sentido. Mas estão forçando, quase obrigando. A homossexualidade está sendo vendida como solução para nossos problemas, o que tem desviado as noções de família e sexualidade saudável em nossa...

— O senhor não irá concluir essa frase do jeito que penso, irá? – Perguntou em tom desafiador o conselheiro de cabelos cacheados sentado à frente do religioso. – Falar sobre a família tradicional e “sexualidade saudável” em uma circunstância dessas e com esse curto e precioso tempo que temos? É demais!

— Não vejo o porquê – retrucou o religioso. – Ou o senhor não concorda que a propaganda homossexual tem sido exageradamente forçada goela abaixo de todos nós?

— Uma coisa é tratar do excesso de propaganda e da banalização do tema. Outra é camuflar com boas intenções esse discurso retrógrado de tradicionalismo religioso. De ódio.

— O senhor não entendeu – o tom de voz subia gradativamente. – Não estou camuflando nada. É meu dever enquanto representante religioso defender os valores morais de nossa sociedade. Nem sequer temos mais noção do que é ou não uma família. Imagine as pessoas que moram nas ruas. É uma questão social!

— Parece que o senhor é quem não entendeu – respondeu, calmamente, o homem à frente. – Com a licença de todos, ainda não me apresentei. Sou David Rivera, representante da comunidade LGBTQIA+ designado para esta seção. Trabalho há anos na defesa dos direitos de nossa comunidade e também na orientação de pessoas com problemas decorrentes de situações que envolvam sua sexualidade. A parte que me preocupa do seu discurso, caro conselheiro, não é a que fala da propaganda, da qual também vou falar. Mas sim, da repetição desse velho discurso de “nossos valores morais”. Sugiro que o senhor economize nosso pouco tempo e tratemos do que realmente importa.

— Ora, mas isso é...

— Senhores, por favor – AURIS interrompeu, calmamente. – Concentremo-nos em nosso propósito, evitando desentendimentos. Senhor Jonas, pelo que consta em seu perfil, realmente o senhor foi designado para tratar de temas ligados ao papel social da religião. Peço que mantenha seu foco neste ponto. Senhor David, por favor, prossiga.

— Obrigado – ele desviou os olhos do presidente, que sorria para ele mostrando seus dentes extremamente brancos em contraste e sua barba farta e bem feita em sua pele jovem. David voltou a encarar Jonas. – Não é minha intenção ofendê-lo, senhor, apenas acredito que há problemas reais nesse assunto. E o senhor apontou bem qual é. Eu também vejo muitos problemas nessa propagandização da homossexualidade. Sempre lutamos por igualdade de direitos, mas, por uma confusão entre problemas de naturezas distintas, foi decidido, erroneamente, que “gerar” casais homossexuais diminuía a taxa de natalidade. Um absurdo.

— Mas o senhor há de concordar que a situação da aceitação melhorou muito nos últimos anos – afirmou o conselheiro Jonas. – Casos de violência contra homossexuais diminuíram muito.

— Apenas porque o senhor não vive a nossa realidade. Leis foram criadas sim, orientações foram dadas. Ótimo. Mas, além de ser uma aceitação momentânea para, aparentemente, resolver o problema da população, os grupos LGBTQIA+ passaram a sofrer outros tipos de pressão além de toda a violência que sempre enfrentamos.

Ele mesmo já os experimentara antes.

— Mais alguma pergunta? - David mantinha sua expressão leve diante do público. Já havia respondido muitas perguntas naquela noite, mas sempre se

esforçava para esclarecer e dar atenção a todos.

— Eu tenho uma! – Uma mulher na segunda fileira se levantou.

— Pois não?

— O senhor disse que se considera gay, certo?

— Certo.

— Você não acha que restringir-se assim a uma única orientação sexual não é também uma forma de preconceito? O senhor disse que sempre lutou para acabar com a necessidade de rotular as pessoas por sua sexualidade, mas parece que deu um rótulo a si mesmo, não acha?

David já tinha escutado todo tipo de pergunta, mas temia que algumas desse tipo começassem a surgir. Apesar de já ter conhecimento desse tipo de problema, não deixou de ficar surpreso com a determinação da mulher.

— Então, entendo seu posicionamento – começou escolhendo bem as palavras. – Mas não, não acho que seja preconceito da minha parte. Cada pessoa sabe muito bem por quem sente ou não atração. E isso não tem nada a ver com rótulos ou gênero, como já discutimos. Eu disse que me identifico como gay porque sempre me senti atraído por homens...

— Mas ficar preso a um gênero é meio preconceituoso sim, não acha? Quando o senhor diz que é gay, se diferencia dos outros e exclui todos que não o são.

— Não, de forma alguma – já se acostumara à ousadia durante entrevistas, mas ser interrompido assim não era nada agradável. – A identificação é individual e...

— Isso não me parece um discurso de liberdade.

O tom de desafio na expressão da mulher o assustava. Não pela sua eloquência, mas pela cena que criava, pelas aparentes intenções que demonstrava.

— O senhor discorda que o ser humano é potencialmente bissexual? Ou pan? – Perguntou um homem na primeira fila, impulsionado pelo discurso da mulher.

David observou o público por alguns instantes antes de responder. As expressões nos rostos das pessoas revelavam que a grande maioria ansiava por seu posicionamento. Ou seja, aquelas questões, aparentemente absurdas, também estavam nas cabeças de muitos ali, uma mistura de incompreensão e necessidade.

— Vejam bem. Eu sou um homem gay, meu marido é um homem trans bissexual e nós... – teve que interromper a fala, pois as pessoas começaram a aplaudir e falar alto demais.

— Isso aí, aprende com ele! – Gritou alguém. David sentia a cabeça girar, tentando reorganizar as palavras.

— Tem exemplo dentro de casa e fica nessa de dizer que é só gay... – Outra voz gritou.

Como tinham chegado àquele ponto? Sempre discursou por todo o país defendendo as causas LGBTQIA+, sempre se orgulhou das conquistas de seu grupo e de seus feitos, mas, naquela hora, David se sentiu, de novo, impotente.

— São problemas como esse que me preocupam, senhores - David exemplificava para que os demais conselheiros e o presidente compreendessem. - Vivemos anos acorrentados em um estereótipo dominante. Não podemos resolver um problema criando outro. Ninguém tem o direito de dizer qual é a sua sexualidade ou o seu sexo. Eles são seus, de mais ninguém. A forma como estão ensinando é que é errada. É como se nos dissessem que devemos todos estar no mesmo grupo.

— Dividir em grupos tem lá suas vantagens, certo? - Margareth afirmou.

— Essa divisão só serve de maneira didática para que as pessoas entendam o que sentem e onde elas estão. Pertencimento. Para que não se sintam sozinhas. Mas, o que está acontecendo hoje é justamente o contrário daquilo contra o que sempre lutamos: a criação de um novo grande grupo e a noção de que todos devemos fazer parte dele. Se não fizer, a segregação continua. E não é assim que deve ser. Isso também é estereotipar, criar novas amarras. E outra grande preocupação minha é que isso inflame demais as pessoas e acabe explodindo um dia, resultando em mais violência. Na verdade, isso já está acontecendo.

— Certo – o presidente, mais uma vez, afirmava com um olhar de quem fazia cálculos e sentia empatia pelo conselheiro.

Até mesmo Jonas parecia satisfeito com a explicação. Depois de refletir por alguns momentos, voltou a perguntar:

— Entendo, mas e quanto ao casamento em si?

— Acredito que o senhor esteja analisando sob uma perspectiva religiosa – respondeu prontamente David. – Sobre isso, realmente não tenho nada a dizer, pois nada mudou na sua perspectiva. O que discutimos aqui é o aspecto civil, humano. Se a frente religiosa não está disposta a reconhecer as uniões de todas as naturezas até hoje, não vou discutir, não tenho nem sequer paciência mais pra

isso. O senhor já sabe como me posiciono. Mas, na esfera social, é inegável que devemos esclarecer para as pessoas sobre o que resolve ou não os seus problemas. E sobre o que os cria também.

— Entendi. Acabamos por criar novos grupos e separações quando, na verdade, deveríamos acabar com a necessidade de fazer isso – concluiu o presidente. – Ao criar um senso de obrigação, excluímos aqueles que não se sentem impelidos ou não se identificam a ponto de fazer parte daquele grupo.

— Exato – confirmou David.

— Ótimo. Acreditem, considero este um dos dias mais produtivos desta Audição. Senão o mais produtivo – o tom de otimismo do presidente era bem claro, enquanto certa incredulidade passava sobre os olhos de alguns, principalmente daqueles que nem sequer tinham se pronunciado ainda.

Com um súbito olhar de estranheza, o homem à direita do religioso, que ainda não havia falado nada, levantou-se:

— Então, qual o sentido disso aqui? Você já não tem todos os nossos dados? Já não sabe nossa opinião? Pra que essa discussão? – Olhou para os outros conselheiros. – Esse AURIS foi criado há mais de trinta anos justamente pra não precisar de governo, de parlamento, conselho, seja lá o que for, não foi?

Todos encararam a figura de AURIS, aguardando sua resposta. Permaneceu imóvel, com o olhar fixo à frente. Alguns esboçavam um desconforto com a situação. Minutos de silêncio se passaram, que pareceram mais longos do que realmente foram. Finalmente, AURIS dirigiu o olhar para o último conselheiro a falar. Foi desviando o olhar, encarando em silêncio cada uma das pessoas presentes até a última. Depois, como quem conclui algo depois de muita reflexão, disse:

— Curioso. Se bem perceberam, não discutimos nada que se deve fazer para resolver o problema da superpopulação. Pelo contrário: discutimos o que não fazer mais, e muito do que foi dito é, simplesmente, senso comum, como bem acha quem nos lê neste momento. – Falou em tom de gracejo. – É com gratidão que recebo as considerações de todos vocês. Eu não conseguiria enxergar todas essas situações não binárias sem ajuda. Essa é a intenção desta reunião, deixar que as memórias e opiniões mais profundas em vocês ecoem até mim.

— Perdoe-me, senhor presidente – Jonas interrompeu, com a polidez reverencial de quem se dirige a um bispo. – Imaginei que estivéssemos aqui pra

tomar decisões, resolver os problemas. Você se apresenta para nós como um humano parecido conosco, ouve uma porção de histórias assim todos os dias desta audição e faz mais o quê?

— Devo lembra-los que a única razão da minha personificação aqui à imagem e semelhança de vocês é porque o ser humano se sente mais à vontade com aquilo que parece com ele. Com o que o atrai. Vocês sempre precisam de algo palpável – o tom calmo permanente da voz do sistema personificado se mantinha, quase realmente humano. O conselheiro que originou a discussão sentou-se. – Sim, precisamos tomar decisões, mas não as tomarei sem ouvi-los. A intenção desta audição é, obviamente, ouvir, humanizar meus dados. Ouvir sempre foi a intenção deste sistema. Falhas foram cometidas de várias formas: quando pensávamos que já tínhamos ouvido todas as opiniões, quando separamos as pessoas em grupos menos homogêneos do que julgávamos, quando demos os pesos errados a certas considerações.

— E como se calcula esses pesos? – A outra mulher, que também não havia se pronunciado ainda, perguntou.

Antes de responder, o presidente, que para a mulher que falou por último mais se parecia com um boneco pouco articulado, acionou o projetor 3D à sua frente. Escolheu dentre algumas imagens na tela à sua frente e uma cena se projetou no centro da mesa redonda.

— Essas imagens são do primeiro dia desta audição. Peça que observem esse trecho.

Todos direcionaram suas atenções para a projeção. A cena parecia uma réplica da situação atual. Outros conselheiros de outras áreas discutiam entre si e expunham suas opiniões. Naquele momento, a cena focou em dois homens que discutiam freneticamente.

— Está sugerindo que provoquemos uma catástrofe global?

— Controlada, é claro. E é claro que não seríamos nós que faríamos isso...

— Sugerir já é o bastante, meu caro! Só essa sua intenção já diz muito sobre você!

— Não se trata apenas de mim, amigo. Temos contatos em diversas partes do mundo que concordam que algo dessa natureza deve ser feito se quisermos sobreviver...

— E quem pode escolher quem sobrevive e quem morre?

— Não escolheríamos. Seria totalmente aleatório...

— Já ouvimos essa história várias vezes! Bombas, derretimento do polo sul, vírus calculadamente espalhados pelo mundo... francamente...

— Peço que não se exaltem, caros conselheiros! – AURIS interrompeu os dois, com um tom de voz um pouco mais alto que o habitual. – Alguns de nossos irmãos em outros países já tiveram essa ideia, mas, felizmente, pude detectar essas intenções. Estão ficando bem mais sutis ultimamente, mas continuo em alerta.

Ele encerrou a projeção

— Inacreditável! - David exclamou. Alguns conselheiros conversavam entre si, mostrando sua indignação.

— Sim, certamente. Mostrei isso a vocês para que vejam o tipo de opinião que escuto em cada dia. E essa é apenas uma dentre bilhões. Cada seção desta é totalmente diferente das demais. Pontos de vista, visões de mundo, aspectos psicológicos, todos divergem. E precisamos conhecer todos eles. Vocês me criaram e eu quero entendê-los. Trouxeram-me para este mundo querendo que eu fosse diferente de vocês. Mas, assim como todos, ainda não consegui, em todos esses anos, chegar a conclusões definitivas. Talvez elas nem existam, mas a intenção do projeto A.U.R.I.S. é, e sempre foi ouvir. Não há outra forma de entender.

— E a qual conclusão chegamos até então? Nosso tempo está acabando.

Outro momento de silêncio. O presidente voltou a encarar o vazio, o olhar fixo e concentrado.

— Alguns ainda precisam se pronunciar – lembrou Margareth. – Nada foi dito ainda sobre os cidadãos da terceira idade. E olha que eles são a maioria no país – ela olhou para a conselheira à sua direita, uma mulher simpática de cabelo grisalho, que retribuiu com um sorriso amigável.

AURIS permaneceu imóvel por mais alguns segundos.

— Eu... – começou a dizer. – Eu...

Todos encaravam, esperando pela resposta, enquanto piscava repetidamente.

— Ele está em dúvida? – o religioso Jonas perguntou, para ninguém especificamente.

— Ela – responderam Margareth e Angela ao mesmo tempo.

David as encarou, confuso. Sob sua perspectiva, AURIS era um homem jovem e atraente.

— Estranho.

— Eu... também concordo que os centros de audição são uma boa opção, senhores. Os orçamentos...

Ele encarava um ponto fixo à sua frente e dizia as palavras em um ritmo um tanto acelerado. Perdeu-se em silêncio por mais alguns instantes.

— Perdão? - Jonas, confuso, perguntava.

AURIS falava palavras sem sentido, como se o assunto ou o local fosse outros. Seu queixo tremeu por alguns segundos. Um fio de suor escorreu por sua têmpora. David pensou, por uma fração de segundos, que ele parecia ter envelhecido de repente, como se fios grisalhos tivessem subitamente aparecido na barba que admirava nele há poucos minutos. A sensação passou rápido.

- Eu... - recomeçou o sistema personificado. - Desculpem-me - recompôs-se, voltando a sorrir para os conselheiros confusos. - Sugiro que façamos um intervalo. Podemos? Retornaremos para concluir, não se preocupem com o tempo.

Os conselheiros se entreolharam, sem entender. O presidente retomou seu ar cordial, aguardando a resposta dos participantes enquanto os dois homens que o haviam acompanhado no início da seção entraram novamente na sala.

— É claro - disse, por fim, Angela. - Creio que a senhora realmente se esforça.

Sorrindo, AURIS se levantou. Todos se levantaram em seguida.

— Senhora? - Jonas parecia mais incomodado do que antes.

AURIS se retirou primeiro. “Felizmente, ainda são diferentes de mim. Mas precisam entender quem eu realmente sou.” Parou para observar o quadro pintado na parede da antessala na qual entrou. Deus, o homem, o cérebro. Se observá-los e ser observado já produzia tais efeitos, o que aconteceria se, um dia, se tocassem?

* * *

Jardel Lucas Garcia é coordenador de curso e professor nas Faculdades CMB e IBCMED (Porto Alegre), é também professor da Rede Pública Estadual de Minas Gerais e das Faculdades Promove. Possui formação em Letras e em Sistemas de Informação com especialização em Desenvolvimento de Aplicações e atua como docente e pesquisador na área das tecnologias aplicadas à educação. Cursa atualmente o Mestrado em Pedagogia do eLearning na Universidade Aberta de Portugal (UAb) e dedica-se a projetos que unem suas paixões: literatura, educação e tecnologia.



Pestilentia

Raísa Rios Lodi Guedes

Ela já tinha acordado há algum tempo, mas preguiçosamente sonhava acordada como aumentar o hospital. Fez planos de quebrar paredes e reconstruir telhados, mesmo sabendo que isso não iria acontecer. Em algum momento lembrou, irritada, de todas as vezes que havia pedido uma tenda médica, já que obviamente a reforma que sonhava não era possível. Enquanto xingava os poderosos da cidade mentalmente, o celular começou a tocar. Demorou alguns segundos para perceber que não era o alarme e sim o toque de chamada, mas assim que percebeu pulou da cama. Não estariam ligando a essa hora se não fosse importante. Antes que pudesse responder uma voz falou do outro lado.

— Outro paciente chegou. Tem alguém que possa ir para casa?

Maíra respirou fundo várias vezes. Era exatamente o que estava temendo. Não, nenhum deles estava dando indício de melhora. Teriam que escolher baseado na chance de vida. De novo.

— Estou descendo.

Apesar de morar dentro do hospital, estar pronta para o trabalho não era uma tarefa fácil. Ela correu para tomar um banho escaldante e passar um composto antisséptico na pele, depois retirou um dos uniformes em sua embalagem de plástico rígido e o colocou com cuidado, amarrando enfim a touca no cabelo recém lavado na frente do espelho.

Maíra era uma mulher de estatura mediana e pele cor de oliva, com olhos de um castanho tão claro que pareciam âmbar. Seu pai costumava dizer que eram olhos de gato. O cabelo, escondido pela touca, era longo e em cachos. As mãos compridas e o corpo longilíneo a faziam parecer mais magra do que era e escondiam sua real força física. Na barriga, onde poderia ser o local de uma cirurgia de apêndice, ela tinha um sinal também âmbar, quase dourado. Ele se curvava em si mesmo fazendo desenhos que pareciam um H estilizado, imitando os antigos padrões de letra da idade média. Não era uma tatuagem.

Hora de ir, ela pensou, andando pela sala até a porta da frente. Com uma última olhada para o relógio, que agora marcava 7h e 40, bateu a porta e encarou

o corredor à frente. Com suas paredes de pedra e seu piso branco brilhante, o contraste era algo a que ainda não havia se acostumado, mesmo após tantos anos.

O local era um antigo convento onde há alguns séculos foi a moradia de padres em estudo e contemplação, e em outros tempos foi usado para turismo. Hoje estava modificado para servir como hospital e morada para os funcionários. A cidade tinha pouco mais de dois quarteirões habitados ao redor do hospital. Eles eram poucos depois de quase meio século desde o aparecimento da Doença.

Maíra correu até a escada que marcava a entrada do hospital, respirou fundo e foi direto até a área de admissão. Rafael, que havia telefonado, organizava o cuidado em torno de uma senhora idosa deitada em uma cama, urrando de dor. Ela já sabia, pelo tamanho da cidade, que encontraria alguém conhecido, mas nada a preparou para ver quem era dessa vez. Era sempre horrível ver a fase inicial da doença, mas ver em uma senhora idosa, principalmente essa senhora idosa, era pior. Íris era extremamente influente e querida por todos, já que acabava fazendo o papel de avó para a cidade inteira.

A primeira fase era dor intensa em todo o corpo e sem nenhum medicamento ou ação que a melhorasse. A segunda fase era um coma com imunodeficiência grave, em que mesmo um resfriado comum poderia matar o paciente. Por fim, na terceira fase, se tivesse por acaso sobrevivido às outras duas, a pessoa acordava não só sem sintomas, mas mais ágil, forte e com um envelhecimento mais lento, como uma espécie de prêmio de consolação por tudo que havia passado. No fim, fisicamente, a única característica indesejável era uma marca âmbar e saliente em algum lugar do corpo. Seria talvez uma boa troca, se a doença não demorasse no mínimo três anos até chegar à fase três e matasse a maior parte dos infectados nesse período. Após anos de tentativas tinham conseguido diminuir esse número para 85% de mortalidade. Sabiam bem, há mais de 20 anos, o que causava a doença. Algo próximo de um príon, mas curiosamente sempre em mutação. O que não conseguiam entender era como pará-lo. A Doença tinha sido diagnosticada pela primeira vez há mais de 70 anos e desde então todos os esforços haviam sido feitos para criar uma cura ou ao menos aliviar os sintomas. Havia estudado, infindavelmente, métodos de prevenção primária, buscado fatores de risco, manipulado o agente para tentar criar vacinas, imunoglobulinas, o que fosse possível. Houve até mesmo a tentativa de modificar

os infectados geneticamente. Nada resultou. E, aos poucos, vinham notícias, cada vez mais frequentes, de cidades que sumiam do mapa, de laboratórios que fechavam, sem recursos, de enfermarias sem capacidade para continuar. Por toda a volta parecia que os seres humanos estavam perdendo a guerra, de forma lenta, mas inexorável. Algumas previsões diziam que se continuassem a morrer nesse ritmo a humanidade entraria em extinção no próximo século, outras, mais sombrias, falavam sobre décadas.

Ela andou até a senhora e inspecionou a situação. Tudo estava já como devia estar, um tubo em cada braço ligado a uma máquina de dispensa de medicamentos, as mãos e pernas já restritas, a quantidade enorme de anestésicos e relaxantes musculares que não ajudariam tanto quanto deveriam.

— Íris - Maíra chamou em um sussurro.

Não esperava resposta, nessa fase a maioria já estava em transe pela intensidade da dor, mas a mulher idosa, de maneira impressionante, a olhou nos olhos. Ainda um pouco impressionada pela situação, ela foi até os arquivos e inspecionou os nomes dos internados, parando em um por um, mesmo já sabendo todos os pacientes de memória.

— Rafael, mande o senhor Paulo para casa, por favor, e arrume o leito dele para a Íris. Mande uma bomba de oxigênio com ele e ensine a família como devem se comportar.

— Ele ainda precisa de cuidados intensivos – disse Rafael, após alguns desconfortáveis momentos, mais para si mesmo do que discutindo.

Ele se virou e caminhou até a porta, apenas para voltar e olhar o mapa com Maíra.

— Não há outra forma? – Com isso, a senhora que estava acabando de ajustar a cama para Isis, Tereza, fez um barulho de desprezo, mesmo sem olhar para os dois. Apesar da gravidade da situação Maíra sorriu. Tereza tinha mais experiência que os dois juntos, havia trabalhado em hospitais desde os primórdios da Doença.

— Sabe que quem passa dos cinco anos sem acordar raramente volta, temos de dar a chance para quem pode voltar.

— Sim, eu sei – disse já voltando até a porta, que bateu suavemente, sem falar mais uma palavra.

Mesmo assim, Maíra voltou a inspecionar o mapa do hospital pregado na parede da sala de admissão. A sala de admissão e os banheiros eram os únicos espaços fechados que tinham. O resto era um espaço aberto em todo o primeiro piso do convento com camas pouco espaçadas, num total de 80 leitos. Havia um corredor que separava a parte do hospital da parte utilizada por todos. Nos últimos sete anos, as 80 camas haviam sido ocupadas continuamente, a despeito do que fizessem. Os pacientes que não estavam infectados com a Doença e possuíam outras condições eram tratados em suas próprias casas, mesmo que tivessem de montar uma unidade intensiva no quarto, o que já tinham feito muitas vezes. As regras de limpeza em toda a vila eram extremamente rigorosas, e esse era um dos motivos. O outro era o medo intenso de doenças infecciosas. Já tinham uma doença que não conseguiam impedir ou tratar, não precisavam de um surto de cólera para acabar de dizimar a humanidade.

Depois de sonhar por alguns segundos em abrir uma nova ala, desistiu de encontrar outra solução e virou-se novamente para a paciente. Íris tinha uma loja de roupas e era chefe da guilda dos comerciantes. Tinha também uma quantidade de filhos e netos imensa que trabalhavam com ela, inclusive um ex-namorado da adolescência de Maíra. Ela teria de se certificar que já estavam sabendo da situação.

Curiosamente, Maíra percebeu após alguns momentos, a senhora começou a relaxar como se os remédios já estivessem fazendo efeito. Isso nunca havia acontecido. Além de todos seus pacientes, Maíra tinha acesso aos arquivos extremamente detalhados dos colegas das outras cidades no computador e aos arquivos antigos do início da doença. Mesmo com doses cavaleares de medicamentos, o suficiente para fazer alguém não infectado entrar em coma, eles continuavam gritando até perder a voz, o que não costumava demorar muito. Era impossível sedar alguém o suficiente nessa fase para que relaxasse sem matá-lo. Todos os músculos pareciam se estirar até seu limite e os pacientes faziam opistótonos na maioria dos casos.

O tempo mínimo para a primeira fase da doença era de quatro dias, mesmo assim se dava apenas em crianças pequenas, que normalmente faleciam por não aguentar a rabdomiólise instaurada. A média era uma semana. Mas à medida que os minutos iam passando, Íris visivelmente relaxava, deixando-se cair em cima da cama e até mesmo flexionando os dedos. Maíra rapidamente ligou a câmera do computador mais próximo e a do próprio telefone e começou a filmar a cena. Após alguns minutos

se certificando que realmente não estava vendo coisas, a médica chegou ao pé da cama e fez alguns testes neurológicos. Íris realmente estava entrando na segunda fase da doença em questão de horas. Pouco a pouco, como se tivesse apenas muito cansada, Íris fechou os olhos. Voltando a si mesma, Maíra olhou para a colega na sala, que também olhava boquiaberta para a cena. Tereza, sem tirar o olho da paciente, pegou o kit para entubação e preparou rapidamente enquanto Maíra preparava a própria paciente para uma via aérea invasiva. Nesse momento Rafael voltou à sala, distraído. Elas haviam acabado de entubar a paciente.

— Rafael— a voz saiu muito baixo para ser ouvida. Estava em choque. Tentou de novo, mais forte. — Rafael!

— Sim, já está quase tudo pronto, só me dê um minuto.

— Venha ver isso, por favor.

— Estou indo. Só falta a documentação dela.

— Agora!

E então finalmente ele olhou para a forma imóvel na cama, primeiro com desinteresse, mas logo seus olhos se arregalaram ao perceber o que havia acontecido.

— Como isso é possível?

— Não sei, não fizemos nada de diferente. Tem chance de que ela estivesse doente há mais tempo e ninguém ter percebido?

— Não, ela estava se apressando para abrir a loja quando começou a apresentar os sintomas. Os filhos e funcionários estavam presentes e nos acionaram em menos de cinco minutos. Em menos de dez minutos trouxemos ela para cá e te liguei.

Maíra olhou para o relógio. Tudo tinha acontecido em menos de três horas. Como era possível? Seria uma característica específica da senhora? Um novo tipo de doença? Isso melhorava ou piorava a chance de Íris sobreviver?

Todos sabiam que, em situações normais, a quantidade de dias na primeira fase demonstrava a força física da pessoa inicialmente, pessoas jovens e fortes duravam mais dias, como regra, e crianças e idosos, menos. Mas isso não era a variável mais importante para quem sobrevivia à doença. Sobrevivia quem demorava menos na segunda fase. Apesar das estatísticas nada era certeza. Às vezes alguém com pouca chance simplesmente acordava.

— Eu vou ligar para a Central – talvez eles soubessem o que estava acontecendo, pensou Maíra. Talvez já houvesse algum caso com essas características

e ainda não soubessem. Ela se virou para o telefone exatamente no momento que esse começou a tocar.

— Hospital – respondeu com impaciência.

— Máira, Cláudio está doente. Estamos na loja de roupas – disse uma voz chorosa do outro lado. E continuou a chorar abertamente do outro lado da linha.

– Primeiro a mãe, agora ele! Santíssima, quais são as chances! E no mesmo dia!

— Estamos indo – disse, gelada.

Quais eram as chances de isso acontecer, realmente? Sabiam que a doença era transmitida pelo ar, mas não o que fazia alguém susceptível a ela. Obviamente era um dos pontos mais estudados em todos os laboratórios. O que sabiam é que alguém que se infectava com a doença parecia dar imunidade a seus contatos próximos, sobrevivendo ou não. A família imediata raramente ficava doente nos primeiros anos após alguém da casa ser infectado. Provavelmente foi a única coisa que impediu que a humanidade fosse simplesmente dizimada inicialmente.

— O filho da Íris também está doente.

— Como também está doente? – disse Rafael, já claramente pálido.

— Eu não sei. Senta, vou buscá-lo. Talvez não seja isso. Talvez seja só um infarto.

Mas ela sabia bem que a primeira fase da Doença era conhecida o suficiente na cidade para que qualquer um a reconhecesse imediatamente. Isso não era bom, isso não era o normal da Doença, o que significava que talvez tivessem algo ainda pior em suas mãos.

A Doença como era, devagar em infectar e matar, tinha dizimado grande parte da população mundial e feito com que o restante se separasse em pequenos grupos. Mesmo assim conseguiram a controlar apenas em parte. Tinha se tornado parte da vida, e todos sabiam que podia acontecer com um ou outro, mas não duas pessoas ao mesmo tempo, no mesmo ambiente. Epidemia, pensou. Mas não, não poderia ser.

— Pode pedir à equipe para arrumar tudo, por favor. Ainda tenho que falar com a central.

— Ok – disse Rafael ainda um pouco pálido, levantando-se para começar a se organizar. Máira sabia que teria pouco tempo até estar tudo pronto.

A Central foi criada ao mesmo tempo que escolheram viver em pequenos grupos. Era necessário um sistema de vigilância que abrangesse a todos, tanto para o

estudo da doença quanto para manter todos informados rapidamente do que estava acontecendo. Antes de fazer a ligação, Maíra checkou a câmera direcionada para Íris, além da monitorização normal. Logo após iniciou uma videochamada. Em poucos segundos estava falando com o supervisor-geral. Ele confirmou o que ela temia. Não, não havia casos registrados de ninguém que sáísse vivo da primeira fase tão rapidamente. Não, não havia casos de contatos próximos infectados ao mesmo tempo.

Ao desligar o telefone, viu a equipe já pronta para sair. Correu para alcançá-los e saíram juntos do prédio. O convento ficava relativamente mais alto do que o resto da cidade, construída em cima de um morro, mas tanto esse quanto os demais prédios ficavam ao redor da praça. Na praça via-se brinquedos para as crianças e, em uma das pontas, bancos para contemplar a vista do mar que batia nas pedras vários metros abaixo. Lojas ficavam ao redor da praça onde moradores podiam circular e ver as vitrines. Era ainda uma cidade linda, apesar de tudo, pensou Maíra, enquanto se encaminhava para a maior das lojas. Era óbvio que todos já sabiam do que estava acontecendo na cidade. Várias pessoas conversavam em pequenos grupos ao redor da praça e olhavam de longe para a loja em questão, mas ninguém se atrevia a chegar muito perto.

Ao entrar a equipe começou imediatamente a fazer o necessário, já mais do que treinada em seu serviço, e Maíra se virou para a senhora aguardando ao lado do doente. Ela segurava as mãos à boca como se tentasse segurar o choro e parecia evitar olhar para ele. Com cuidado segurou o braço da senhora e a empurrou para longe dos outros.

— Aconteceu algo diferente esses dias?

— Não, nada diferente.

— Comeram ou beberam algo diferente, viajaram, receberam alguém de fora da cidade? Algo tem de ter acontecido.

— Recebemos um novo carregamento de tecido nos últimos dias, mas isso acontece frequentemente. Veio com a comitiva do Rui, como sempre.

— Posso dar uma olhada no que chegou?

— Sim, são os que estão na mesa do fundo, ainda não tivemos tempo de preparar para apresentar.

Maíra foi imediatamente até eles e procurou por qualquer substância estranha que poderia estar entre os tecidos, pegou amostras, olhou os selos de

entrada. Não havia nada de diferente e ela também não esperava encontrar. Como isso poderia ser a causa da mudança no curso da doença? Não fazia sentido, pensou, mas assim mesmo pegou amostras de cada tecido para estudo.

Com tudo pronto, se preparou para seguir a equipe que já voltava ao hospital com o paciente quando um grito a fez se virar. Vinha do armazém ao lado. Em pouco tempo uma menina de aproximadamente 12 anos saiu de lá, ainda gritando. Máira correu até ela e a segurou, procurando por ferimentos. Não parecia haver nada.

— O que aconteceu?

A menina parecia tão assustada que só conseguia apontar para dentro do armazém. Ao entrar no armazém viu qual era o problema. Um homem de cabelos pretos e com o uniforme da loja estava deitado no chão e já começava a apresentar os sinais da primeira fase da doença. Um menininho de um ano aproximadamente chorava ao lado dele. Pegando a criança no colo, Máira ligou novamente para a equipe e pediu que viessem buscar o homem. Preocupada, lembrou-se que já não tinham espaço nem mesmo para os que estavam lá. Ainda com a criança no colo, foi conversar com a menina mais velha, fazendo as mesmas perguntas de por onde o pai tinha andado e o que havia feito de diferente nos últimos dias.

– Não fizemos nada de diferente. O pai foi buscar mais comida na comitiva que chegou, com o prefeito, e ele ficou para jantar, mas toda vez que o prefeito traz mais coisas ele fica para jantar com os outros.

Nesse momento o choro do bebê ficou mais agudo. Logo começou a se debater. Máira, atemorizada, percebeu que ele já estava também infectado. Sem esperar por mais nada saiu correndo para o hospital com a criança nos braços, sabendo que chegaria mais rápido que qualquer equipe. No caminho o bebê fez um opistótono e Máira, já muito ofegante, apertou o passo ao máximo. Ao chegar ao hospital, percebeu que Rafael chamou a todos que podiam ajudar para o trabalho. No pouco tempo em que ficou fora já havia mais sete pessoas em macas abarrotando a sala de admissão, algumas delas já surpreendentemente em estágio dois. Colocou a criança na primeira maca que viu e seus colegas imediatamente começaram a prepará-la e puncionar uma veia para medicação. Antes mesmo do medicamento ser iniciado a criança relaxou. Por alguns segundos Máira achou que tivesse morrido, mas logo depois viu o vai e vem da respiração. Isso não fazia sentido nenhum, pensou.

Mas não é como se todo o resto fizesse sentido anteriormente, ela concluiu. A lenta aniquilação da população humana por uma doença que deixava milhares incapacitado por anos, até finalmente matar ou libertar os infectados por algum motivo desconhecido, como se tudo tivesse sido apenas um sonho ruim. Que atacava sem relação com idade, classe ou fatores de risco. Que parecia, apesar de tudo, controlada, exatamente pela sua lentidão em infectar e matar. Agora tudo era mais imprevisível, as regras haviam mudado. Eles teriam a cidade inteira doente nas mãos, em poucas horas, e nenhum recurso para ajudar.

Assim que viu a criança já a ser tratada, virou-se e correu para a rua, parando apenas para avisar a primeira pessoa que viu o que pretendia fazer. Precisava achar esse novo foco de infecção. Tudo dependia de que o achassem rápido, para tentar pará-lo. Apesar de saber que no mundo pós-Doença as coisas não eram tão fáceis, ela precisava tentar.

O convento, apesar de transformado em hospital, ainda possuía sua estrutura anterior, e em seu centro havia um pátio grande, descoberto. Para a surpresa de Maíra, várias pessoas se encontravam ali, montando uma tenda médica para casos de epidemias. Era exatamente o que havia pedido e sido negado diversas vezes ao longo dos anos, com o prefeito sempre alegando falta de fundos. Apesar disso, ao invés de se sentir melhor com a novidade, o *timing* a deixou preocupada. Seria apenas uma coincidência? Mas como não poderia ser? – se questionou. A central não sabia de nenhuma epidemia até o momento e nada indicava que estavam à beira de uma até então. Ela chegou até o pátio e cumprimentou o pessoal que estava montando a barraca.

— Olá. Bom ver vocês aqui, montando isso. Quando acham que estará tudo pronto?

— Bom dia, Maíra. – respondeu Carlos, o senhor obviamente responsável pela montagem, enquanto o resto respondeu com rápidos grunhidos ou inclinar de cabeças. –

Acho que até o final da tarde tudo estará pronto. O prefeito pediu que nos apressássemos.

— E em bom tempo. Estamos precisando de uma tenda médica faz anos!

— Já fiquei sabendo. Mas Rui deveria ter nos deixado montar ontem, quando chegou, não esperar até agora.

Maíra achou mais estranho ainda. Tinha tudo sido arrumado ontem e Rui nem mesmo havia ligado para dar a boa notícia? Normalmente ele ligaria assim que tivesse conseguido a tenda, antes mesmo de chegar à cidade, e passaria dias falando disso para que ninguém esquecesse quão bom ele era em conseguir as coisas.

— Ele te pediu para esperar até hoje?

— Até agora, na verdade. Ele disse que não queria que começássemos a montar antes das duas da tarde.

— Ele disse o porquê?

— Não, só que tínhamos que esperar.

— Ok, obrigada Carlos, te vejo mais tarde. – Disse Maíra com falsa tranquilidade, enquanto raciocinava com medo.

Ela já tinha perguntado o que podia às famílias dos doentes e nada chamava atenção. Não tiveram contato com nada de diferente nem haviam saído da cidade. Mas havia algo que todos tinham feito em comum. Ela sabia quem eram os outros sete doentes. Todos faziam parte do comércio da cidade e com certeza tinham ido até o prefeito receber os novos produtos que chegavam de tempos em tempos, assim como as duas primeiras pessoas que apresentaram essa nova forma de adoecimento. Todos, provavelmente, tinham jantado juntos por lá após a reunião dos comerciantes que acontecia após a chegada do comboio. Pelo comentário da filha, Maíra sabia que ao menos um deles havia jantado por lá. E agora o próprio prefeito parecia estar agindo estranhamente. Era pouco para achar que havia alguma relação, mas sua intuição dizia que podia ser algo. Começou a correr a curta distância até a casa do prefeito. Não era a maior ao redor da praça, mas era a mais luxuosa, já que ele usava o primeiro andar como prefeitura.

Maíra conhecia bem Rui. Ele tinha sido prefeito desde que ela se lembrava. Quando era criança ele ia na escola e passava horas conversando com as crianças, uma por uma, tentando os aconselhar. Isso significava diversas horas conversando com ela, uma das crianças mais problemáticas da pequena cidade. Olhando para a casa imponente, ela se perguntou se ele ainda fazia isso. Respirou fundo e entrou nas portas abertas da prefeitura. Curiosamente não havia ninguém na recepção. Olhou nas outras salas próximas, também sem ninguém. Isso está ficando cada vez mais estranho, pensou. Com cuidado subiu as escadas que davam ao segundo andar da casa, quebrando o silêncio com cada passo. Não tenho motivo para ficar

nervosa, ralhou consigo mesma, mas sentindo-se ainda uma intrusa. Assim que chegou ao segundo andar percebeu que tinha alguém no fundo da casa, na parte onde deveriam estar os quartos.

— Rui? – Chamou um pouco alto demais para a quietude que rondava o local, como se fazer barulho o suficiente fosse quebrar a sensação de terror.

Com isso uma cabeça branca levantou ao fundo. O homem chamou, muito mais baixo:

— Aqui, querida – respondeu. Máira seguiu em sua direção.

— Rui, onde estão todos? Não há ninguém na prefeitura. – disse um pouco mais baixo, mas ainda andando com passos cautelosos.

— Mande-os embora por hoje. Para estar com a família.

Nesse momento Máira já tinha seguido a voz dele o suficiente para o ver sentado na varanda com uma taça de vinho ao lado, um livro nas mãos e a pequena Luiza, sua neta, comendo um biscoito de chocolate polvilhado com açúcar que parecia maior do que o livro. O pai de Luiza estava internado no hospital há dois anos. Ela não se lembrava exatamente o que aconteceu com a mãe, mas não era nada bom. A vista da varanda dava para o jardim bem cuidado no primeiro andar, e depois do muro para um precipício e o mar. Máira sempre adorou aquela vista.

— Mas por quê? Não é nenhum dia especial. Bom, não deveria ser – continuou, lembrando do dia que teve – Ouviu sobre o que aconteceu hoje, todas as pessoas doentes? Parece que estamos no início de uma epidemia. Talvez uma mutação tenha acontecido?

Com isso Rui simplesmente sorriu para ela, o mesmo sorriso que dava quando pregava uma peça nas crianças da escola e estava esperando que elas percebessem o que tinha acontecido.

— Rui, sabe algo sobre isso?

Ao ouvir isso Rui riu abertamente, soltando uma gargalhada rápida.

— Sabe, estava esperando por você. Sabia que chegaria aqui primeiro. Uma epidemia já começou minha querida, e não vai conseguir com que pare seu fluxo.

— Como assim? Estamos fazendo o possível para isolar todos e...

— Não vai adiantar, nada vai adiantar. Toda a guilda de comerciantes já estava infectada essa noite, e suas famílias já foram infectadas com o contato pela manhã. Isso é um terço da cidade. A essa hora, mais da metade da cidade já deve estar infectada.

— E como você poderia saber disso? – Ela respondeu quase inaudível.

— Porque eu os infectei durante o jantar.

— Você está doido?! – gritou, batendo as mãos na mesa próxima – Quem pensaria em algo assim? Como... como você fez isso? Essa é sua cidade, esse é o seu povo, sabe quantos vão morrer?

Mas Rui não se levantou, não tentou discutir, nem mesmo tentou falar. Apenas continuou olhando para frente. Quando Maíra finalmente se sentou, sem escolha entre se acalmar para saber o resto ou sair dali sem respostas, Rui continuou como se não houvesse interrupção nenhuma.

— Todos estamos trabalhando em uma cura desde o início, e nunca conseguimos nada. Não conseguimos cura ou vacina, nem mesmo melhorar a qualidade de vida dos doentes, apesar de todos os esforços. Não conseguimos sequer descobrir quais os fatores de risco para a doença, após todos esses anos.

— Eu sei disso! Eu fiz parte disso. Eu faço parte disso!

— Mas nós não encontramos nada, ou pelo menos não o que queríamos. Buscamos em todo canto por uma cura, ou ao menos por uma proteção. A única proteção que temos agora é infectar a todos e acabar de uma vez com isso. Imunidade de rebanho, à moda antiga. Ao tentar encontrar uma cura, encontraram um jeito de acelerar a doença e infectar a todos. E decidimos fazer disso nossa cura. Se não podemos vencê-lo, vamos nos juntar a ele – Rui riu novamente, mas sem graça, quase um reflexo. – Aceleramos o processo o máximo que conseguimos, fizemos com que a doença se tornasse o mais infecciosa possível, e agora vamos ver o mundo queimar.

— Mas isso vai obviamente matar mais pessoas, não salvar! Não temos recursos para todos! Não podemos cuidar nem de uma parcela... – Ela viu que ele estava sorrindo de novo, amargamente, e calou a boca. Ele sabia, claro que ele sabia disso.

— Não se engane, não fizemos levemente. – Ela abriu a boca novamente para falar e ele fez o sinal de silêncio, com tanta rigidez que ela não teve escolha a não ser continuar a ouvir – Passamos anos estudando saídas, estudando estatísticas. Não tínhamos recursos antes para todos do mesmo jeito, Maíra, não se engane. O que acha que acontece com as pessoas que tem outros tipos de enfermidade? Há anos que os hospitais são específicos para a Doença. E as crianças que perdem seus pais por anos, esperando que eles um dia acordem como se nada tivesse acontecido. O que vai acontecer quando não tivermos mais

gente suficiente para manter serviços básicos funcionando? E em alguns anos, quando todos que souberem fazer esses serviços tiverem morrido ou pela doença ou por outros motivos? Não se engane, nós sabemos o que fizemos. Não existe almoço grátis nesse mundo, Maíra, e decidimos pagar o preço agora, ao invés de passarmos gerações pagando juros.

— Por que “nós”? Quem são vocês? De onde veio essa mutação?

— Nós, o governo. Essa é uma estratégia assinada pelo presidente. Em segredo, obviamente. Cada prefeito recebeu o suficiente para começar uma epidemia em sua cidade. Não somos a primeira, e nem seremos os últimos. Nesse momento há milhares de cidades, exatamente como nós, passando pelo mesmo.

— Isso vai destruir o mundo – disse Maíra, mas dessa vez ela nem mesmo tentou gritar.

Rui riu uma última vez, pegou o copo de vinho e respondeu:

— Querida, o mundo já acabou faz tempo. Você só estava muito ocupada para notar.

Nesse momento Maíra reparou no pó branco no fundo da taça de vinho que Rui levou à boca e nas mãos brancas da Luiza, cheias do que pensou que fosse açúcar no biscoito de chocolate. Mas biscoitos de chocolate não têm açúcar por cima, pensou. Tarde demais, Luiza já tinha começado a se debater.

* * *

Raísa Rios Lodi Guedes é médica pediatra, mestre em Saúde Pública e doutoranda em Ciência de Dados da Saúde (Health Data Science) pela Universidade do Porto.



III

Outras razões



Ensaio clínico

Ana Lúcia Mandelli de Marsillac

Escute minhas notas
Perceba a sutileza dos meus contos
A princípio, você é o sujeito suposto saber
Não reconheço meu percurso
Seu testemunho ajuda a criar contornos às minhas dores e delícias

Você é o estranho em minha casa
É como eu ou de outra matéria?
Desconstrução das causalidades simples
E.., e..., e..., não...

Minha casa é meu corpo
Dessemelhanças
Decifra-me
Você sabe sobre mim, mais do que eu?
Me vejo em seu olhar
Seus retornos, minhas respostas
Fascínio

Curar-se de quê?
Espera, entrega
Não é isso!
Tempo, corpo, experiência
Perda de controle

O saber amarra, organiza
Como tomar decisões?

Quem as faz?

Você exerce poder sobre mim
Fuga, recusa
Como fazer de outros modos?

Tornar-se humano
Jogos de linguagem
Atos que abrem brechas

Tempo do ato
Fechar e abrir
Como habitar o paradoxo?
ProtoColo, ArreMedo
Medo de quem? Do quê?

Sombras
O escuro atrapalha o ver, borra fronteiras
Muitas luzes nos cegam
Distância
Como dar colo sem engolfar?

Humano, animal, inanimado
Qual o ponto do corte?
Qual o ponto da mudança?
Do estilo somos eternos reféns?

Não vivemos no presente
Instante, passado, futuro, ausência de presença
Somos onde não estamos
Agora e memória
Palavras, letras
Falas vazias e plenas

Sintomas endereçados

Enigmas

Diagnósticos: estigmas

Camisa de força

Como habitar a incerteza?

Escolhas

Gozo na repetição

Prazer, desprazer, sofrimento

Reconheço-me no meu mal-estar

Como extirpar aquilo que me constitui?

Ensina-me o caminho

Perder-se exige habilidade, envolve risco

Recusa Entrega ao acaso

Como articular o singular?

Manuais de segurança

Quem está seguro?

Nossos saberes nos protegem, nos guiam

Lanternas, vaga-lumes, faróis

Qual seria a boa medida?

A gota faz transbordar

As bordas nos defendem, nos protegem

Bordas do corpo, vejo algumas

Você me vê de todos os lados?

A imagem é apenas parte

O simbólico é apenas parte

Sonhos

Impossíveis nos convocam

O amor permite trilhar caminhos juntos
Reedita-se
Quero saber mais
Você não sabe - Sabe demais - não quer saber
Como dizer?
Caminho, memória, descobrimento e reelaboração

Seria possível mudar o passado?
Seria possível viver sem sintomas?
Mudança de posição
Outra margem do rio

Rir é o melhor remédio?
Qual a dose que difere o remédio do veneno?

Paixão e seus excessos
Medo
Se me entrego, devoras-me
Desejo Horizontes
Fuga

Excessos do sintoma
Como desatar o nó, sem desfazer a forma?
Instabilidades

Haveria sossego nas imagens?
Sede de verdade
Imagens signo
Estagnação da forma
Evidências, estigmas, fâcies
Grito desfaz a boa forma

A técnica e a repetição

Saber é feito para cortar
Saber é feito para moldar
Voracidade intelectual aprisiona

A máquina é moldada
Densidade do ser não é

Sintomas resistem, insistem
Você escuta seus paradoxos?
Usa o saber como escudo?
Escutar, olhar os não sentidos
Incoerência
Como cuidamos do que escorre pelos dedos?

Furor *curandis*
Fragmentações, excessos
Quem não tem vícios?
O outro retém o que não quero em mim?

Transgressão, estranhamentos
Atravessamos as dores
Construímos juntos um saber jovial, alegre, poroso
Tempo lento de caminhar, elaborar
Cura e crença

Seguimos enigmas

* * *

Ana Lúcia Mandelli de Marsillac é psicanalista, psicóloga. Pós doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Professora do Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Processos Criativos e Interações Políticas (LAPCIP/UFSC). Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).



O Endereço

*Aleff Silva Aleixo
Camilla de Melo Silva
Maristela de Melo Moraes
Alyne Alvarez Silva*

*Pára-me de repente o Pensamento...
-Como se de repente sofreado
Na Douda Correria... em que, levado...
-Anda em Busca... da Paz... do Esquecimento.
- Pára Surpreso...Escrutador...Atento
Como pára... um Cavalo Alucinado
Ante um Abismo...ante seus pés rasgado...
- Pára... e Fica e Demora-se um Momento...
Vem trazido na Douda Correria
Pára...e Fica...e Demora-se um Momento...
E Mergulha na Noute, Escura e Fria
Um Olhar d'Aço, que na Noute explora...
-Mas a Espora da dor seu flanco estria...
- E Ele Galga...e Prossegue...sob a Espora!
(Ângelo de Lima)*

Despertei com os gritos de um dos meus colegas. O dia, aqui, inicia com a alvorada. Eu estava nu, como gosto de dormir. Levantei-me, realizei alguns movimentos de rotina para quebrar a preguiça matutina e me dirigi ao banheiro. O espelho estava pela metade havia algum tempo, o que me obrigava a realizar algum contorcionismo para contemplar minha imagem. Os gritos ecoaram mais uma vez pela casa, desta vez mais agudos e barulhentos. Àquela altura, já imaginava quem seria o emissor e de onde vinham aqueles sons, mas minha atenção se voltava à janela contígua ao meu quarto. Lá eu poderia tragar o aroma de fora que se esgueirava por entre as grades: cheiro de cidade, de vida em movimento – embora eu poucas vezes tenha experimentado essas coisas. Meu entusiasmo se deve às revistas que li e às

imagens que vejo por entre as grades da TV, que, enjaulada, parece ser poupada de mais uma avaria. Não sei dizer ao certo se o charme daquele cheiro vem da própria cidade ou do que se fala sobre ela – ou ambos.

Os gritos começaram a me incomodar, quando percebi que algo neles suplicava pela minha averiguação. Era o meu colega de quarto em plena revolta por não ter recebido a encomenda esperada para aquele dia:

— Malditos! Malditos sejam! Ninguém me disse que para receber sonhos é preciso ter endereço! Rita, por favor, providencie um endereço para mim!

Aquilo me deixou atônito. Receber encomendas é algo corriqueiro para quem vive em cidades, aquelas mesmas que povoam os meus pensamentos e o meu olfato todas as manhãs. Mais ainda: receber encomendas, como o próprio colega acabara de descobrir, só é possível quando se tem um endereço. Em um instante, dei-me conta de que nunca soube o endereço dos lugares por onde passei e morei. Aliás, o sentido do “morar” começa a remexer nas minhas entranhas. Como morar sem saber onde se está? Como situar-se e ter como seu um espaço em constante movimento? Como andar sobre um solo que desmorona e é diferente a cada passada? Na caminhada coletiva do parque, sempre sob olhos vigilantes e atentos de quem diz saber o que é melhor para nós, o tempo que corre na alternância entre um pé e outro em contato com o chão é mais que suficiente para que cada passo seja dado por uma pessoa diferente que, no entanto, é também o mesmo. Num espaço que não é meu, o que sou jaz exatamente no hiato entre o ser e não ser, como nos momentos nos quais meus pés não estão apoiados no terreno e, assim mesmo, eu não caio – apenas assim me permito afirmar que estou em casa.

Naquele momento, me deparei com uma outra grade. Dessa vez, uma que me separava de cada um dos meus lares. As coisas começaram a desmoronar ao meu redor: aqueles lares foram meus algum dia? Danem-se os sonhos! Eles também estão gradeados, como a TV! Quero mais saber onde estive. Como vigas de aço numa construção em decadência, apenas as grades persistem. Meu pai dizia: *vão-se os anéis, ficam os dedos*. Eu digo: vão-se os tijolos, madeira, concreto, mas o aço – aquilo que dá forma aos edifícios – permanece. Eu também quero estar entre os que vão.

Comecei, então, a explorar os confins da minha memória. Muito conteúdo para alguém de meia idade, porém o que eu mais possuía naquele momento era tempo para escrutinar o passado. Aqui, os dias e meses parecem iguais, embora bem diferentes do

que um dia foram, e o controle sobre eles está separado de mim por mais uma grade, ainda que menos enrijecida. Antes de iniciar uma das atividades planejadas por aqueles que dizem saber o que deve nos fazer bem, sou surpreendido por Rita: está na hora de tomar uma daquelas pílulas, mas não é nada que vá me atrapalhar.

As primeiras lembranças me levaram a um lugar enorme, onde concreto e arbustos espinhosos me separavam dos meus colegas – que, a propósito, foram sempre os mesmos, com

exceção de alguns que, por algum motivo, foram embora ou morreram. Lá eu estava nu, até mesmo nos momentos em que não estava dormindo. A relação com os colegas era mais conturbada. Éramos obrigados a disputar cada quarto de chão, cada cobertura – quando havia uma – e cada espaço capaz de nos amparar do sol e da chuva. A comida era escassa e não era raro observar um colega perder sua refeição para algum outro de tamanho maior. Não era a inveja pelo alimento do outro que nos movia em direção à extorsão, mas a necessidade. Os alimentos eram sempre iguais, bem como o nosso interesse por eles.

Não era uma selva qualquer. Havia concreto, muros, teto e toda uma gama de animais que são encontrados na cidade: ratos, baratas, escorpiões. Era como se houvéssimos, não se sabe quando, regredido em uma escala cujo topo é a humanidade. Tudo remetia à decadência: se as construções humanas são sinais de civilização, os arbustos e raízes que começavam a brotar entre o concreto da nossa selva eram signos do hiato que ali se formou. A civilização, ali, regrediu a um estado anterior. O espaço parecia nos comprimir de uma maneira avassaladora, reduzindo o que, em nós, havia de dignidade. Meu cabelo foi raspado, meus estimados objetos me foram tomados. Estava despossuído até de mim. Havia sempre uma equipe de profissionais nos rodeando, tão atingida pela atmosfera da selva quanto nós, mas de uma maneira diferente: se na escala eu havia regredido ao mesmo nível dos ratos e baratas, eles regrediram menos, sendo equiparados aos predadores “naturais” dos animais que estavam ali. Reduzidos todos à animalidade, passávamos os dias naquele espaço, sem compreender as razões que levavam à manutenção de um empreendimento tão dispendioso. Estávamos submissos à lei do mais forte. É pela falta de substantivos adequados que a este lugar dou o nome de Selva.

Meus devaneios mnêmicos são surpreendidos por Rita: estava na hora de tomar a pílula. Bendita pílula. O amor de Rita por um objeto tão pequeno era estranho.

É estranho! Nossa companheira atribuía poderes místicos ao maná psiquiátrico: num passe de mágica, de acordo com a credulidade de Rita, aquele que gritava à espera dos seus sonhos desistiria e procuraria coisa mais pacífica para fazer. Trato de tomar a minha para ver aquele rostinho maternal sorrir mais uma vez e bradar:

— Meus meninos! Minhas crianças!

Das poucas coisas que posso atestar, o amor de Rita por nós é uma delas. Passaram-se trinta anos desde que vi uma Rita pela primeira vez. Ela estava lá também, na selva. Contudo, naquela época e lugar, não havia muita aproximação. Só conseguia vê-la à distância, sempre com um olhar horrorizado e uma mangueira apontada para nós: era a hora da chuva diária para lavar a alma e o fedor da noite dos corpos amontoados. Quando se vive na umidade da floresta, a chuva diária é uma dádiva. A dor proveniente dos fortes jatos não supera o prazer do frescor daquelas águas vespertinas e do cheiro bom que toma brevemente o lugar da fedentina. A presença de Rita estava associada ao banho de chuva, como um xamã que é capaz de modificar as vontades de Adade. A nós restava apenas esperar pelos seus desígnios. Ahh, Rita e sua magia! Que Deus perdoe as suas heresias.

Lembro-me de olhar para o céu e notar que, de repente, em seu lugar estava um teto. Nada havia mudado em terra, nem mesmo as chuvas; mas, acima de nós, aço, concreto e um pouco de amianto. Foi quando eu parei de sonhar e o desamparo subiu pelas minhas pernas. A vista do céu era o que me ligava à minha mãe; a composição era a mesma de quando nós compartilhamos a mesma morada. Embora eu pudesse tê-la comigo algumas vezes na semana, podia notar que ali ela não se sentia bem. O aspecto de seus olhos lembrava o horror ocular de Rita. Meus colegas, de alguma forma, assustavam-na. Alguns nus, outros deitados em meio às próprias fezes. Cada um fazia o que era possível para se distrair.

Eu, por exemplo, apreciava bastante o fumo, o qual carinhosamente chamava de burrinho. O torpor maior a cada trago me ajudava a desviar os olhos do teto que se instalou sobre nós. A fumaça que saía da minha boca, subia em liberdade e parecia ter a capacidade de atravessar o concreto. O meu esforço se direcionava a tragar, expelir a fumaça e, rapidamente, tentar agarrá-la com as minhas próprias mãos. Acreditava, assim, que as propriedades físico-químicas daquelas cortinas brancas poderiam a mim pertencer, o que me tornaria capaz de levitar a bordo daquele burrinho e poder sonhar novamente. Ainda posso ouvir o meu cavalgar celestial.

Sinto falta do burrinho.

Não posso mais fumar. A mim não é permitido. Rita diz que é por amor e ordens médicas. Eu acredito. Amor e ordens médicas, aqui, são a mesma coisa: como uma mãe, o profissional de jaleco já dizia o que me é permitido, alegando que, assim, teria uma vida longa e feliz. Aqui abro espaço para uma confissão: dirijo-me à janela do quarto todas manhãs por um motivo extra: lá posso sentir o cheiro do burrinho. A minha hipótese é de estar reencontrando aquelas velhas baforadas dos meus tempos de selva. Como Rita sempre diz que nós ganhamos a liberdade, deve haver uma casa igual para abrigar as milhares de baforadas de burrinho que dei durante a minha estadia na selva. Eu posso ver, todas as manhãs, a minha imagem montada num equino.

Sinto-me como São Jorge, mas aqui não há dragões. Isso me faz lembrar o dia em que derrotei meu primeiro inimigo: o teto. Conversava já há muito tempo com um dos meus companheiros vindos do sul do país. Estava curioso para saber sobre o gosto do chá mate. Aquele aroma, de alguma maneira, me remetia a uma liberdade que, talvez, esteja em mim associada ao chá, devido às horas de filmes aos quais assistíamos. Jamais era nossa a escolha do que seria exibido, então torcíamos para que a atração-nossa-de-cada-dia agradasse. Entre idas e vindas, surgia um daqueles filmes sobre os pampas, gaúchos de galocha e chá mate. Daí a lembrança e curiosidade. O cheiro fazia-me sentir livre. Já imagino, pois, o que o gosto proporcionará. À medida que o colega descrevia, com minúcia, as nuances daquele gosto esverdeado, minha alma ganhava força. As fronteiras entre as paisagens dos filmes e os horizontes do lugar insípido onde eu me encontrava se mesclavam. Já não conseguia distinguir o que era cavalgada, fogueiras noturnas e chá mate do teto desbotado, dos banhos de mangueira e das caminhadas sinuosas dos meus colegas.

Certa feita, um estrangeiro, portando um crachá de um tal ministério da saúde, vindo com o objetivo de fazer uma “intervenção” – não espere que eu saiba do que se trata – disse que minha vida tem conteúdo suficiente para um filme. A princípio, não acreditei. A abjeção tomava conta de mim. Minha vida, para mim e para quem dela partilhava, não possuía valor. Não via conteúdo para filmes nos meus dias iguais: acordar-caminhar-tomar-as-pílulas-dormir-acordar. Havia o teto, mas era possível também enxergar o sol – que sempre nasce no nascente e se põe no poente. Contudo, inesperadamente, quando descobri que, na verdade, o que jazia dentro das pílulas era chá mate, passei a dar algum crédito à pessoa do

crachá. A revelação veio a mim através de Rita: para convencer um certo amigo gaúcho a tomar a medicação, disse que, envolto pela pílula, estava o bendito chá.

Finalmente compreendi: cada pílula possuía a palavra “MATE”. Por cada mão pela qual passava, a palavra ganharia uma nova significação. Fico curioso para saber o que aquilo significaria para Rita. Minha morte? Pois, sim, eu já havia morrido para quem estava fora dali. Pouco importa. A palavra impressa naquela pílula, para mim, era um imperativo. MATE! Com chá mate e a possibilidade de tudo ser diferente, do “depois” da minha vida ser como o “antes” dos filmes. Passei a entender o porquê da afirmação daquele estrangeiro com o crachá: minha vida não é uma grande epopeia, tampouco uma tragédia, mas há um protagonista. As rédeas estão comigo. Por um momento, encontrei-me com os gases das minhas sessões de fumo. Quando voltei a mim, já estava fora da selva.

Não demorei para me dar conta de que havia cumprido o imperativo. Matei o teto. Era 6 de abril de 2001. Quando perguntei aos meus colegas, fui informado de que estávamos em um lugar provisório pelo fato de a selva estar passando por uma reforma. Fiquei feliz. Rita, não. Rumores diziam que teríamos as nossas próprias casas, nossos próprios endereços. Rita, como uma mãe que vê os filhos partirem, chorava incessantemente. Também pranteava por saber que seu emprego estava em risco. O rapaz com o crachá, eventualmente, dava as caras. Era a oportunidade que todos tinham para tirar suas dúvidas. Rita, coitada, era uma das primeiras. Seus colegas de trabalho também. A insatisfação era tanta que até eu e meus companheiros chegamos a perceber. Os colegas de Rita praguejavam e amaldiçoavam o rapaz do crachá por todos os lados.

— Vocês estão loucos! – Diziam, em plena revolta.

Geralmente, essas palavras, ditas dessa maneira, eram direcionadas a nós.

Desde então, passamos a encontrar nossa família com mais frequência. Todos os dias, liturgicamente. Naquelas horas, eu tinha acesso aos alimentos mais variados. Poderia também cantarolar com meu velho pai aquelas canções que costumávamos cantar juntos, em casa, antes

da selva. O velho não escondia a preocupação. Dizia que os colegas de Rita estavam dissuadindo a todos sobre a reforma da selva. Acreditava que estaríamos correndo algum perigo com aquilo tudo.

A mim também chegavam tais indagações, e, nesses momentos, me punha a pensar sobre o que me satisfaria. Conhecia a selva como ninguém e, ademais,

todos que ali desempenharam alguma função não eram relutantes em dizer que somos todos sortudos e que ninguém jamais recebeu cuidados melhores. Pergunto-me se sou digno de tal cuidado. Melhor: terá o destino decidido quem cuida e quem será cuidado? Algo me falta para que seja eu aquele que cuide. Algo falta para que eu me cuide. Cuidado comigo! Cuidado para mim! Coitado de mim! Cuidado! Palavra vazia: percebo que “cuidado” pode assumir qualquer roupagem, dependendo apenas da boca que a profere e para quem é proferido. Assim, sou cuidado em qualquer lugar, mas nunca é possível que eu me cuide.

A verdade é que passei tanto tempo na selva que não me recordava bem dos outros lugares onde estive. Naturalmente, senti medo diante da perspectiva de mudança. E, ademais, as pessoas que lá conheci – entre pares e trabalhadores – estavam entre as poucas que conheci na vida. E se, subitamente, eu perdesse tudo o que eu tinha? Onde me apoiar? Sinto medo. Medo? Por outro lado, não suporto mais estar entre areia, arbustos e concreto. Sinto que ali desvaneço e começo a fazer parte da paisagem: não vejo diferença entre mim e os ratos que atravessam os corredores e salões antigos, tomados por raízes e caos.

Decido apoiar a minha própria saída.

Por fim, fomos informados que receberíamos um novo lar.

— Desta vez, um lugar que vocês possam chamar de seu – Disse o rapaz com o crachá.

Meus amigos começaram a gargalhar. Pensavam que se tratava de mais uma das ironias às quais fomos expostos durante toda a vida. Não há garantias, é verdade. Há apenas palavras e crachá. Com o tempo, nós aprendemos com São Tomé a acreditar apenas naquilo que podemos ver. Reparem: eu sempre preferi acreditar que os gases das minhas sessões de fumo se uniriam novamente a mim, pois assim consigo suportar meu cotidiano – algo que eu sempre pude ver. Quando o riso cessa, somos divididos em grupos e colocados em uma minivan idêntica aos tatuzinhos de jardim que havia na selva.

No caminho, quando abri uma das janelas e pus as mãos para o lado de fora, estava certo de que havia tomado a decisão certa. Depois de muito tempo, sentia novamente o ar fresco deslizar por entre meus dedos. Os raios de sol eram diferentes, mais suaves e revigorantes. Da janela pude ver, após muito tempo, a minha cidade, suas cores, luzes e movimento. As reações são diversas entre mim e meus amigos:

alguns se agitaram, começaram a falar sem parar, outros choraram e a impressão que tenho é que, mesmo entre aqueles que não reagiram, a alegria foi geral.

A caminho do “novo lar”, fomos informados de que seríamos cadastrados no PVC: Programa de Volta para Casa. Como nunca, receberíamos dinheiro para adquirir o que quiséssemos. Comecei, de imediato, a listar as coisas que desejava comprar e ter para mim. Sem saber de onde vinha o dinheiro, criei a hipótese de que era uma espécie de restituição pelos danos a mim causados. Dão-me dinheiro para que eu compre o que jamais pude ter. Esperam que, pagando, eu esqueça o que é irreparável. Ou estão a me comprar? Tornei-me mercadoria? Foi uma forma encontrada para me conceder os meios necessários para existir nesse mundo. Finalmente, eu poderia chamar algo de meu: o dinheiro. E aqui, fora da selva, só se reconhece como ser vivente aqueles que o têm. Possuir objetos me proporciona um enorme entusiasmo, haja vista que, até então, meu pensamento era a única coisa que eu possuía. Nem meu corpo era propriamente meu: intervenções eram feitas sem a minha permissão ou ciência – por e para a ciência. Eu era levado de um lugar para outro sem nenhuma informação prévia. Nada!

Era inevitável pensar nos meus pais e em como meu dinheiro poderia suavizar sua situação. As visitas diárias certamente tinham seu custo e, se bem me lembro, o dinheiro não era algo abundante na minha família. Por mais que sua visita fosse o momento do dia mais aguardado por mim, me doía um pouco saber que meus pais se faziam presentes ali a duras penas. O dinheiro que eu receberia do PVC e também do BPC (conhecido entre nós como aposentadoria) poderia ajudar meus velhos no transporte e até na vida cotidiana de sua casa. Quanto a mim, a alegria de ver a precária condição de meus pais atenuada e tê-los todos os dias em visita, sem a preocupação com os custos, se somaria à satisfação de apresentar a todos meus novos objetos, vestes e investimentos.

O novo lar se aproximava. Precisaria justificar a mim e a alguns colegas: foi-nos dada a opção de retornar à casa de nossas famílias. Alguns, assim, o puderam e fizeram. Outros não. Em conversa com meus pais, decidimos que eu iria morar no lar oferecido pelo rapaz do crachá. Muito tempo já havia transcorrido desde a minha partida. Sou, agora, um homem de meia idade cujo tamanho exige muito espaço disponível. Ademais, meus pais já estão em idade avançada e sua residência mal comporta os dois. Apostar em um outro lar me permitiria também alçar

voos em direção à independência e autonomia exigida de todo ser humano em idade adulta. No que diz respeito aos meus amigos, a situação ocorreu de maneira similar: alguns almejavam a independência, outros já não tinham seus pais vivos ou não puderam encontrar a família. Alguns poucos estavam em situação mais difícil: a família não desejou recebê-los de volta.

Nossas histórias, em certa medida, são parecidas. Fomos separados de nossas famílias ainda na juventude em decorrência de uma trajetória de vida marcada por diagnósticos e dificuldades na socialização. O meu diagnóstico veio ainda na infância, algo que transformou completamente a minha família e as minhas relações. Minha permanência na escola foi curta e, em decorrência da condição a mim imposta pelo diagnóstico, meus dias se passavam apenas dentro de casa, sem muito o que fazer. O ócio abria espaço para a minha criatividade: corria pelas ruas, dissecava animais e esboçava o que, no futuro, com certeza, seriam obras de arte.

Rita apontou para a nossa casa. À primeira vista, parecia um lugar adorável e espaçoso. Quando a porta do tatu foi aberta, não foi em direção à casa que nos dirigimos: corremos pela rua, nos agarrando a cada pedaço de asfalto e a cada tronco de árvore como se o nosso lar fosse menos a casa que a liberdade de locomoção, o contato com os vizinhos e a possibilidade de subir em árvores, colher frutos, acenar para os carros que passam e ir até a feira próxima para conhecer as infinitas formas de perceber-se humano.

Dirigimo-nos à casa após muita insistência e desespero de Rita. Alguns de nós foram arrastados até lá. A sensação, analisando como quem volta no tempo, é de que temíamos o retorno à “casa dos mortos”. Assim, seguramos cada poste e cada tronco de árvore como se ventos fortes estivessem nos impelindo para dentro da casa e nos separando de uma das poucas oportunidades de liberdade que teríamos. É preciso reconhecer que o ceticismo tomou conta de nós. Uma vida em desamparo deixa máculas inapagáveis.

Hoje vejo que tínhamos razão.

— Eis a sua residência! – Bradou Rita, que, desde então, passou a se referir ao lugar como “RT”, uma sigla para Residência Terapêutica, esse espaço que, no lugar da selva, seria nossa nova morada.

Já nos domínios do novo lar, dei as costas para a rua e me pus a observar a casa: tinha um aspecto antigo e charmoso. Fico imaginando quantas histórias ali já se

passaram e quantas mais se passariam. É repleta de árvores e tem uma área de lazer considerável. Seu interior é espaçoso e, certamente, comportaria a todos nós com tranquilidade. Apesar de ter aspecto antigo, a casa proporciona a esperança de um futuro diferente. Conheci aquele que seria o meu quarto e pus a configurar o espaço à minha maneira. Ali já estavam presentes a minha cama, a janela por onde contemplo o que me é possível e o espaço onde, no futuro, haverá o televisor enjaulado. Nasce rapidamente uma relação de intimidade que jamais tive nos lugares por onde passei.

Algumas horas se passaram desde a nossa entrada no novo lar. Não sabíamos exatamente o que fazer e estávamos todos sentados em nossos quartos, nos perguntando qual seria o próximo passo a ser dado. No corredor, uma mulher passa inquieta. Era novidade para mim ter contato com mulheres além de minha mãe e Rita. Ponho-me de pé e vou em sua direção. Trata-se de uma companheira de residência. Na selva, homens e mulheres viviam apartados e, agora, havia a possibilidade de vivermos em residências mistas. Começamos uma conversa e, após alguns dias, já estávamos apaixonados.

Tereza era o nome da minha paixão.

Nas primeiras semanas, tudo era novo para nós. Cada jornal recebido e lido, cada novo carro que passava pela rua e cada passeio conferiam-nos emoções ímpares. E é verdade que pudemos experimentar graus de liberdade inéditos em nossas vidas. Passávamos, pois, pela feira, pelos parques e praças próximas. O namoro com Tereza decolou e voltávamos para casa com diversos objetos adquiridos nas ruas com o nosso dinheiro. Com o tempo, tais objetos passaram a ser alvo das críticas de Rita, que dizia:

— Gastam todo o dinheiro com tolices! Vejam!

Com o passar dos anos, demos nossa cara ao lar: pintamos as paredes, colocamos coisas da nossa estima no quarto e acumulamos tantas peças de roupa que já poderíamos afirmar que cada um de nós tinha um estilo e preferências próprias. Havia um jardim no quintal e, lá, eu poderia cultivar com carinho minhas parreiras. Outros colegas construíram seu próprio campinho de futebol. O espaço é nosso quando podemos moldá-lo a ponto dele dizer algo de nós. É, como a cidade, o que confere a marca da humanidade a um mundo inóspito. Fomos crescendo e encorpando nossas personalidades. Embora tenha passado vários anos da minha vida na companhia daquelas pessoas, sinto que é apenas no

novo lar que eu passei a conhecê-los de verdade: como se, na selva, o ambiente fosse opressor a ponto de podar as formas de existir de cada um.

As coisas começaram a mudar quando um de nossos colegas comprou uma passagem para São Paulo. Até então, estávamos nos sentindo plenamente livres. Ele estava decidido a ir à maior cidade do país para encontrar um antigo amor. Assim, reuniu todos os seus pertences em uma mala e partiu. Quando foi informada da jornada, Rita entrou em desespero. Dois dias depois, nosso colega voltou arrastado por dois homens. Foi nesse dia que Rita proferiu um discurso na sala de casa:

— Quem vocês pensam que são? Pensam que podem fazer de tudo? Vocês são como crianças e estão sob nossa responsabilidade. Aqui, por amor, nós mandamos e vocês obedecem. Mudou a política! Não temos mais recursos! Por acaso vocês leram a nova lei?

Rita parecia não entender que ali tudo deveria ser diferente. Prometeram-nos, afinal. O rapaz do crachá deveria ter lhe orientado. Rita, capturada pelas armadilhas da selva, não conseguia se desvencilhar daquela prisão. Ela estava conosco em nossa residência, mas os anos de selva lhe impediam de enxergar as novas possibilidades.

Dali em diante, percebemos que naquela casa não éramos todos iguais. Há quem manda e há quem obedece. A ilusão de liberdade começa a cair ao passo que as sanções de Rita aumentam – sempre sob a justificativa do cuidado e do amor. A primeira das sanções incide sobre nosso dinheiro: Rita passa a mantê-lo longe de nós, assim não há o perigo de comprarmos tolices e passagens para São Paulo. Com isso, meus planos de ajudar meus pais com as finanças caem por terra, bem como os passeios apaixonados com Tereza deixam de existir.

Paulatinamente, nossas saídas foram restringidas e, quando aconteciam, eram completamente privadas de sua essência maior: embora fosse uma imensa satisfação contemplar mais uma vez a urbe, é uma lástima que, dali em diante, meu contato com ela aconteça apenas pelas janelas do tatuzinho de jardim ou pelos aromas e sons que entram pela janela do meu quarto. Em raras exceções, os desígnios de Rita me levam até alguns lugares específicos da cidade, mas estou sempre cercado por pessoas e percebo meus movimentos sob vigilância – e é esta uma das várias formas sob as quais as grades podem surgir. Assim, gradeado, tenho o prazer do encontro com a vida urbana cerceado.

Grades começam a povoar a casa: primeiro as janelas, para não fugirmos. Depois, todo e qualquer lugar que possa representar uma possibilidade de saída. Quando um de nossos colegas, em revolta, arremessa o televisor no chão, o próximo viria também entre grades. Percebemos que os talheres usados por quem manda jamais se misturam aos talheres usados por quem obedece. O que somos? Por fim, há uma grade que demarca o lugar de quem manda e de quem obedece.

Quando dois colegas são diagnosticados com diabetes, suas dietas, para a comodidade de quem manda, foram generalizadas para todos os seis habitantes da casa. Percebi que não posso escolher o que comer.

Quando, em certa manhã, acordei de sonhos intranquilos, Rita me informou que Tereza, sem justificativa razoável, foi transferida para outra residência. Mais uma vez percebi que não escolhemos onde morar. Como, então, ter como lar um lugar e uma vida que não escolhemos viver? Não demorou muito até eu descobrir que Tereza começara a me trair com um novo companheiro de residência. Não reajo mal: Tereza, sem perspectiva de escolha do próprio lar e do próprio destino, decidiu ir em busca da felicidade dentro de seu horizonte de possibilidades. E esse horizonte, na nossa condição, se restringe ao lugar onde vivemos.

Sou louco por excesso de razão e, ciente disso, desenvolvi um método singular de investigação do meu próprio passado: a ciência do aço. Assim, sou capaz de remover a maquiagem de todos os edifícios que povoei – pois sou muitos – e revelar o seu esqueleto. Um fluxo bastante visível de informações parece vir em minha direção. O espaço se dobra e se volta para mim. Agora sei de coisas ancestrais, proibidas. Na verdade, o espírito repousa sobre mim. Para-me o pensamento... Para... E fica... E demora-se um momento. A sensação constante de vigilância é ampliada – embora, efetivamente, ninguém esteja me vigiando no momento. O que Rita vai pensar das minhas investigações? Ela jamais pode tomar conhecimento disso. Não posso deixar nada escapar. Será que meus colegas estão percebendo? Estou eu demonstrando, via corpo, algum sinal da minha descoberta? A presença dos outros é dos sons: não há endereço. Mas minha atenção se voltava à janela contígua ao meu quarto. Lá eu poderia tragar o aroma de fora que se esgueirava por entre as grades: pude observar que raízes e plantas cresciam do lado de fora. O cheiro era de selva e a umidade também. Quando adentro o corredor, percebo que a estrutura da casa está bastante deteriorada.

A madeira estava podre, as paredes sujas e raízes cresciam por todos os lugares. O que era nosso ali começa a desvanecer. Rita, imponente, aparece no fim do corredor com cada vez mais poder. Acabou o jardim, o jogo de futebol e o amor. Os gritos permanecem. Quando me aproximo um pouco mais do emissor, percebo que fora eu todo o tempo:

— Tereza, eu te perdoo!

Primeiro, não há o endereço para as encomendas, mesmo as encomendas sendo algo próprio de quem vive em cidades. Agora, me tiram o amor! Há o endereço, mas não há encomenda. Agora sem encomenda e sem o amor. Eu não sei o endereço do amor!

O endereço é o mesmo. O lar, não. Nem eu. Eu não moro mais aqui. Não existe mais “lar”. As grades e tetos que se impuseram na minha vida tornam a figurar na minha visão. A selva insiste em voltar, mas eu não estou disposto a aceitá-la. A ciência do aço é poderosa. O caminho da liberdade é sem volta e os passos dados durante a luta me mudam a cada vez que toco o chão.

* * *

Aleff Silva Aleixo é psicólogo e doutorando em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Camilla de Melo Silva é psicóloga, mestra em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e professora do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Patos (FIP).

Maristela de Melo Moraes é psicóloga e doutora em Psicologia Social pela Universidad Autonoma de Barcelos e professora adjunta do curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Alyne Alvarez Silva é psicóloga, doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora adjunta do curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).



Leonor e o futebol de garagem

Fabício Silveira

Quando a mãe do Pito morreu, ele era um quarentão estranho e cheio de manias. Éramos vizinhos. Eu morava com minha família, meus pais e meus três irmãos, num apartamento amplo, num prédio de seis andares, no centro da cidade. A família do Pito vivia há quatro gerações num sobrado antigo, de arquitetura clássica, espremido entre as construções modernas da minha quadra.

Não me lembro quando vi o Pito pela primeira vez. Sei que nos reuníamos todo domingo para jogar bola, no final da tarde. As partidas aconteciam na garagem do nosso prédio. Vinham os meus irmãos. Vinha o Ardeba – o Ardeba se chamava Aderbal, mas não conseguíamos pronunciar o nome dele. Vinha o alemãozinho Ricardo, vizinho do Ardeba. Vinha o Flecha, que morava um pouco mais à frente, em direção ao Patronato. Vinham o Getúlio e o Bruno Guaraná, que depois virou baterista de uma banda de rock. O Pito era o tiozão desengonçado, meio bobo-alegre, que apitava as partidas. Acho que ficava cuidando os movimentos na vizinhança, mordendo-se de curiosidade, encorajava-se e então aparecia, sem pedir licença, sem avisar ninguém.

No começo, ele ficava de lado, encostado numa parede. Em pouco tempo, já estava apitando o jogo. Mas apitava sem apito – o Pito –, assobiando e fazendo gestos, dizendo como a jogada havia sido, se daria falta ou não, onde ficaria a barreira, quem levaria o cartão amarelo ou acabaria expulso por causa de um lance violento, catimba ou indisciplina. O Pito era quem mais se divertia. Era quem mais corria e quem mais suave. Quando dava briga, o Pito se transformava numa grande risada ambulante à solta pela garagem e desaparecia num instante em meio a pancadaria.

Na segunda-feira, ele estaria fumando um cigarro, recostado num Chevette Hatch que estacionara diante da sua casa. Tiraria o fone de ouvidos e viria até mim, com as golas da jaqueta de brim levantadas, perguntar como tudo havia terminado e desculpar-se por qualquer coisa que tivesse feito, embora não tivesse nada a ver com o desfecho abrupto do jogo e os ânimos exaltados. Com os ares de Michael J. Fox – *De Volta para o Futuro* já havia entrado em cartaz –, ele iria se afastando e o ciclo

se completaria para reiniciar na semana seguinte, sem qualquer alteração relevante, exceto a cor e o modelo do automóvel. Foi assim por quase uma década.

Quando a mãe do Pito morreu, eu devia ter vinte anos, no máximo. O nome dela era Leonor. “Dona Leonor”, nós a chamávamos. Não sei como nem por que ela havia se tornado amiga da minha mãe. Acho que começaram a trocar receitas, reclamar da prefeitura e agendar as visitas da capelinha, que ficava uns dias ali na sala, exposta numa estante, ao lado do televisor, até ser enviada para outra família.

Dona Leonor tinha os traços delicados resistindo às rugas, ao cabelo branco e à saúde debilitada. Trajava conjuntinhos discretos, vestidos estampados com cores neutras, abotoados até o pescoço. Passava laquê no cabelo e esmalte Rebu nas unhas pintadas de vermelho. Usava brincos de pressão e sapatos de salto médio. Havia se casado muito cedo e perdera o marido num acidente de carro, um ano depois do casamento. Dona Leonor andava sempre ao lado da mãe, Dona Mercedes, a avó do Pito, que ficou viúva assim que nasceu sua única filha.

As duas eram muito apegadas. Viviam juntas. Apoiavam-se uma na outra, conversando sobre os novos vizinhos e os encantos do Pito. Zelavam pelo antigo sobrado que haviam herdado. Às vezes, sentavam-se na calçada para tomar chimarrão. Acenavam aos conhecidos, tentando puxar conversa. Contavam histórias envolvendo o pai ou o avô do Pito, homens valorosos que deixaram saudade, mas que ficaram inscritos nas feições do Pito, no modo como ele andava, no modo como falava, no corpanzil do Pito, que exibia desde jovem o mesmo porte físico, a mesma altura do pai e do avô que ele não conhecera.

“Essas velhas estragaram o Pito”, cochichava minha mãe. “Onde é que já se viu?”, ela prosseguia. “Um homem feito que nunca saiu de casa...”

De fato, o Pito nunca havia arrumado um emprego, jamais fora visto com namorada, quase não frequentara a escola primária, não possuía carteira de motorista. Não tinha amigo nenhum, além da turma do futebol de domingo. Aprendeu a ler e escrever, na prática, porque a mãe e a avó o ensinaram. Elas lhe davam dinheiro todo início de mês. Costuravam as roupas que ele iria vestir. Cortavam os cabelos do Pito. Cozinham para ele. Assistiam televisão e passeavam com ele. Jantavam fora e iam ao cinema toda quarta-feira, os três sempre juntos.

Quando Dona Leonor faleceu, nossas famílias ficaram chocadas. Não sabíamos que ela enfrentava um câncer cruel e persistente. Eu e meus irmãos,

mais o Aderbal, o Ricardo, o Sérgio Flecha, o Bruno e o Getúlio comparecemos ao velório na companhia dos nossos pais. Cumprimentamos o Pito, vestido num terno de linho preto. Ele tentava não se abater junto ao caixão aberto forrado de veludo, imóvel entre as coroas de flores. Cada um de nós lhe deu um abraço. “Lamentamos muito, companheiro”, eu lhe disse, “meus pêsames, Pito”. Abraçamos Dona Mercedes e ficamos ali vendo aquele choro travado no rosto do Pito.

Depois disso, ele desapareceu por alguns meses. “Trancou-se em casa”, sussurrava a vizinhança, “está deprimido”. As janelas do sobrado permaneceram fechadas por quase um ano. Dona Mercedes só era vista dispensando o lixo na frente da casa, de manhã bem cedo, em dias alternados. Saía e voltava depressa. Estava fraca e encurvada. Não se dava mais com ninguém. A capelinha de Nossa Senhora havia sido suspensa. Já não passava nem perto da família do Pito. Uma tele-entrega chegava à noite, quatro ou cinco vezes por semana. Um silêncio grave e aflitivo, na maior parte do tempo, dominava o casarão antigo.

* * *

Discutimos o caso O. J. Simpson na cadeira de Comunicação e Ética, durante o primeiro período da faculdade. À tardinha, encerrada a aula, eu voltava para casa quando me deparei com o Pito, sorrateiro, chaveando a porta do sobrado.

“Tudo bom, Pito?”, cumprimentei.

Ele não falou nada. Arregalou os olhos na minha direção. Ficou me encarando por alguns segundos, como se estivesse dizendo: “Tudo bom o quê, monte de bosta? Tá tirando sarro da minha cara, filho da puta?”. Desviou o rosto e retomou o rumo tal qual um corredor de marcha atlética. Reparei que as janelas do sobrado não estavam abertas. Sequer havia luz acesa lá dentro.

Comentei com a mãe que havia encontrado o Pito antes de entrar no prédio. “Foi um encontro rápido”, eu disse. “Estranhei bastante”.

“Eu também passei por ele num dia desses...”, ela me respondeu. “Mas acho que ele não me viu”, complementou.

“Tudo bem”, pensei, “ele poderia estar atrasado para algum compromisso. Outra hora, com certeza, topo com ele”. Me acomodei no meu quarto, intrigado, mas com certo alívio: o Pito estava de volta, havia rompido o luto.

* * *

Por coincidência, em maio daquele ano, falei com o Ardeba. “Dr. Aderbal”, ele brincou, referindo a si próprio, todo orgulhoso pela aprovação em Medicina na Universidade Federal.

“Sabe que vi o Pito?”, ele me interrogou, lá pelas tantas. “Tava tomando cachaça num bar ali perto da Reitoria. Fez que não me viu. Baita falcatrua”.

Contei o que havia se passado comigo dois meses antes. Disse que vinha enxergando o Pito com frequência nos últimos vinte dias, sempre escorado no portão, em frente da casa. Quando me aproximava, contudo, quando me preparava para cumprimentá-lo, soltar um “oi!” ou algo assim, o Pito virava as costas e sumia no interior do sobrado, como se tivesse levado um susto. Parecia um foragido da Justiça.

“Eu acabo passando reto”, acrescentei, “com uma bruta cara de tacho. Isso já me aconteceu umas seis ou sete vezes”.

“Não te disse? O Pito é um baita falcatrua”, Ardeba resumiu.

Descrevi inclusive o teste que eu havia feito: dobrei a esquina, certa vez, e avistei o Pito, sentado, uns metros adiante; fui me aproximando; tive certeza de que ele também me viu; quando cheguei mais perto, ele se levantou, abriu a porta e entrou; mantive meu rumo como se nada tivesse acontecido; fiz de conta que havia entrado no meu prédio; esperei alguns minutos, corroendo as unhas, ao lado da portaria, e saí de novo. O Pito estava lá, no lugar previsto, na pose prevista. Comportou-se como eu tinha imaginado: me localizou outra vez, no canto do olho, e voltou a esconder-se dentro de casa.

O Ardeba escutou atento. Avaliou que era caso psiquiátrico (“ou falta de laço, vai saber”), engasgou-se dando risadas e me convidou para comer um xis com batatas fritas, tomar quatro ou cinco cervejas no fim de semana.

* * *

O comportamento do Pito não se alterou em nada ao longo daquele semestre. Eu já vinha me acostumando. Nem esperava que voltasse a ser como era antes da morte de Dona Leonor. Sabia que, a partir dali, o Pito seria assim: um sujeito recluso e constrangido. O cara bonachão e educado que ele havia sido não existiria mais e uma conjunção de desencaixes seria a nossa comédia, nosso balé particular.

Dona Mercedes, conforme se ouvia dizer, estivera doente. Recebeu a visita de um médico. Recuperou-se, mas andava muito fragilizada, inspirando sérios cuidados. Ela tomava medicação pesada, remédios de tarja preta, em intervalos curtos e regulares.

* * *

Veio então o dia em que flagrei o Pito, junto ao portão, conversando com um morador de rua. Vi que se divertiam. Quem não os conhecesse os julgaria amigos de longa data. Cruzei perto deles, senti um forte cheiro de merda e o Pito me interpelou com toda a naturalidade.

“Fala, vizinho!”, manifestou-se. “E aquele futebol, hein?!”, imitou um jogador driblando. Ele estava irreconhecível daquele jeito. Me ofereceu um cigarro. Estendeu o braço como quem brinda, segurando uma garrafa plástica de caninha Valverde. Ele e o companheiro se abraçaram. Trocaram congratulações e tapas no ombro. Gargalhavam como nunca, imersos numa bolha de fumaça, fedor e álcool. Eu mesmo achei graça. No fundo, nem me importei.

Na semana seguinte, a cena se repetiu. Por um momento, pensei em parar e me juntar ao *happy hour* daqueles dois. Mudei de ideia quando reparei o quanto já estavam chumbados. Mal paravam em pé. Cambaleavam sem sair do lugar. Tropeçavam nas garrafas e nas próprias pernas. Choravam e riam ao mesmo tempo.

Minha mãe começou a se preocupar seriamente quando o encontro se tornou diário, quando bebiam até cair no chão e desfaleciam na calçada, babando, por horas e horas. Pensou em tomar providências quando dois outros parceiros somaram-se a eles e os palavrões que diziam retumbavam na portaria do nosso prédio.

Uma vizinha relatou sentir-se ameaçada sempre que precisava sair de casa e atravessar aquela turma de mendigos bagaceiros, bêbados maltrapilhos que mexiam com ela, homenzarrões barbudos e insolentes com as barrigas à mostra, os cabelos sem corte, os dentes apodrecidos, bebendo às custas do Pito, da pensão que ele passou a receber após a morte de Dona Leonor.

Ardeba e Getúlio começaram a se preocupar com a saúde de Dona Mercedes, se estava tudo bem com ela, se não lhe faltava nada. Desconfiavam do modo como Pito a tratava ou poderia estar lhe tratando. Eu e minha mãe demos total razão: não era tarefa simples imaginar a rotina daquela casa.

Certa vez, minha mãe resolveu visitá-la. Bateu à porta, num sábado à tarde. Esperou alguns minutos. Bateu novamente. “Ô de casa! Posso entrar?”, anunciou-se.

Acenderam-se as luzes. Rangeu a engrenagem da fechadura. O olho do Pito apareceu vidrado no vão entreaberto, contido por uma fina corrente de segurança. “Não”, ele reagiu. “Ninguém pode entrar. Sou o dono da casa”, sublinhou.

Minha mãe teve a impressão de ouvir uma segunda voz masculina resmungando ali dentro. Saiu assustada, ela me contou, expulsa pelo mofo, pelo bafo de bebida e pelo cheiro de lixo acumulado.

* * *

Quando Dona Mercedes faleceu, um ano e meio após a morte da filha, ficamos ainda mais preocupados com a sorte do Pito, o destino que daria ao sobrado e a si próprio. Eu e minha família inteira fomos ao velório. Getúlio, Ardeba e os pais dele também compareceram. O Pito esbravejava como um louco. Foi difícil vê-lo naquela circunstância, ajoelhado no piso frio da capela anexa ao cemitério, abalado com a falência múltipla dos órgãos da avó.

Uma semana depois do enterro, porém, as folias recomeçaram. O grupo havia aumentado e contava cinco integrantes fixos, sem falar no Pito. Uns arrumavam as comidas e faziam o supermercado; outros controlavam o gelo e as bebidas, preparavam a caipirinha. No início, o Pito mandava, exigia respeito e hierarquia.

Um dia, durante um churrasco, brigaram entre si. Foram três sujeitos para cada lado. Causaram uma confusão pavorosa, com xingamentos e estiletes, ameaças de morte e a presença da Polícia. O trânsito na minha quadra foi bloqueado por cerca de uma hora. Pedacos de pau ficaram em brasa, espalhados pela calçada. Ao Pito, restou um olho roxo, um corte no braço e dois dentes quebrados.

Muitas vezes, as bebedeiras varavam as madrugadas povoando os cômodos da casa. Era possível acompanhá-las através das janelas, escancaradas agora, dia e noite. Com o tempo, reparamos que os convidados do Pito, tendo dormido ali dentro, saíam carregando móveis de luxo, os talheres e as pratarias, as peças da cristaleira. Levavam sacolas de roupas e miudezas diversas. Iriam vender o que pudessem, arrecadar algum dinheiro adicional para comprar fardinhos de cerveja, pizzas grandes e maços de cigarro.

Não demorou muito, descobrimos que três mulheres estavam frequentando as reuniões. Através da basculante da cozinha do nosso apartamento, equilibrando-se num banquinho, conseguíamos ver as orgias que faziam no pátio dos fundos da casa do Pito. Eram cenas de nudismo a céu aberto, vômito e defecação à luz do dia. Havia cantorias noturnas, risos iguais a grunhidos e copos de vidro se espatifando. Havia impropérios de todo tipo, arrotos, peidos e vociferações indecifráveis.

Mas nosso ângulo de visão era pouco privilegiado. Certas janelas e sacadas dos prédios em volta haviam se convertido em camarotes especiais, dos quais se podia protestar em vão, frustrar-se pedindo um pouco mais de decência e jogar bexigas d'água.

Na época, circulou a notícia de que o Pito estaria financiando a vida do grupo: eles o acompanhavam todo início de mês à Caixa Econômica Federal para garantir o saque da pensão que o Pito recebia, queriam certificar-se de que o dinheiro lhes seria repassado e seria gasto sem comedimento algum, sem perda de tempo, numa festa com duração de uns seis dias ou mais. Depois disso, passariam o resto do mês sem maiores apuros, confiando na venda dos quadros da família e das joias deixadas pelas duas senhoras recém-falecidas.

Não sei como – ele não quis me dizer, envergonhou-se ao tentar explicar – o Ardeba descobriu que o Pito havia sido enrabado pelos mendigos. Pegaram-no à força. Entre cinco. Bateram nele. Mijaram na cara dele e o deixaram inconsciente, com o cu estourado e a casa vazia, dilapidada por inteiro. Uma semana depois, retornaram e foram recebidos para o último brinde.

Os bombeiros chegaram junto com a Polícia na manhã em que a casa pegou fogo. Encontraram o Pito deitado num colchão velho, umedecido e malcheiroso. Não falava coisa com coisa quando o resgataram. Era incapaz de compreender o que estava ocorrendo. Um primo distante foi chamado e assumiu a hospitalização do Pito. Iria monitorá-lo.

* * *

Três anos depois, um prédio de oito andares ocupava o lugar do sobrado, eu estava quase me formando e o futebol de garagem se tornara uma lembrança prosaica no seio da minha família. Certo dia, minha mãe foi à missa dominical na Catedral Metropolitana, no centro da cidade. Ao atravessar a Avenida Rio Branco,

voltando para casa, suspeitou ter visto o Pito, a certa distância, trabalhando como guardador de automóveis. Caminhou até ele, sem intenção de abordá-lo. Queria vê-lo de perto. Gostaria de certificar-se, ela me disse. Aproximou-se e reparou que ele diminuía o passo. Parecia vibrar pelo reencontro. Quando se aproximou um pouco mais, antes de desviar e ultrapassá-lo, fingindo desconhecê-lo, minha mãe o escutou murmurar, cabisbaixo, terno e amoroso:

“Leonor...”

* * *

Fabrcio Silveira é jornalista, mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Ciências da Comunicação (Unisinós / RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral – bolsa PNPd Capes – junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. E-mail: fabriciosilveira@terra.com.br.



Pomposas Alienações

*Maxsuel Mendonça dos Santos
Clara Caroline dos Santos Silva
Jayara Mikarla de Lira
Jocellem Alves de Medeiros
José Jailson de Almeida Júnior
Henry Walber Dantas Viera*

Da Maria

Há tantas Inconstâncias, vastas crônicas
E vindouros acontecimentos,
Compõe Maria uma narrativa
Em um instante,
Tornar o branco em sua vida
A deriva de um mar sem fim.

Da Emoção

Nesse vórtice de emoções
E pensamentos incongruentes,
Tanta gente a me julgar
Nesses muros me ponho a sanar,
Sanar as inconstâncias
Que um dia se fizeram raiar.

Da Rotina

Os costumes submetidos
A implantarem rígidas raízes,
Raízes nos manicômios,

Ceifando a esperança
Na espera de curar.

Da Previsão do Tempo

O surgimento de homens do tempo
Enunciava a tempestade de cima,
Trazendo uma resolução
A devastar como um trovão.
A tempestade de raios
Soava como abusos,
Evitando a felicidade.

Da Transição

O branco não mais existe,
O mar encontrou o seu fim,
O vórtice se desfez,
A sanidade, a quem pertence
As raízes que perpetuam
E os raios, Oh! Os raios
Adentram minha mente e me deixam a padecer.

* * *

Maxsuel Mendonça dos Santos é discente do curso de graduação em enfermagem da faculdade de ciências da saúde do trairí da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FACISA/UFRN).

Clara Caroline dos Santos Silva é discente do curso de graduação em enfermagem da faculdade de ciências da saúde do trairí da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FACISA/UFRN).

Jayara Mikarla de Lira é discente do curso de graduação em enfermagem da faculdade de ciências da saúde do trairí da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FACISA/UFRN).

Jocellem Alves de Medeiros é discente do curso de graduação em enfermagem da faculdade de ciências da saúde do traíri da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FACISA/UFRN).

José Jailson de Almeida Junior é doutor em educação, docente do curso de enfermagem da faculdade de ciências da saúde do traíri da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FACISA/UFRN).

Henry Walber Dantas Viera é doutor em enfermagem, docente da escola de enfermagem de Manaus/Universidade Federal do Amazonas (EEM/UFAM).



Desenclausurando Paolo

Stefano Fontana
Tuliola Lima

*“Escrever não é assunto privado de ninguém. É se lançar no universo”
G. Deleuze*

Eu vi Paolo pela primeira vez no mês passado. Estava chovendo e eu, aos poucos, começava a perder a paz que este lugar estava me oferecendo. Estava flutuando, fumando cigarros de palha e bebendo qualquer tipo de bebida de última categoria, para me confundir, para esconder um aperto no coração, uma dor sufocada que já me levou a chorar e rir ao mesmo tempo... em estado de graça, quase insuportável para o meu corpo. Absorvido nessas sensações, comecei a escrever alguns versos:

“Momentos únicos.
Eu sei que tudo acaba
mas eu não quero sair, não
ainda não, ainda não
ainda não, ainda não”.

Bebia e fumava um pouco, outra vez...

Olhando então para Paolo, pareceu-me que ele se deslocava no espaço da cidade como quem dança. Seus joelhos estavam levemente flexionados, a pélvis nem muito atrás nem muito longe, e ele começou a balançar da direita para a esquerda enchendo bem o abdome de ar. Esse balanço continuou por alguns minutos. Então ele começou a andar, dobrando os joelhos quase até o peito, de modo alternado: primeiro um, depois o outro, descansando o pé; começando do calcanhar, lentamente, até os dedos, enquanto a outra perna já estava flexionada para cima... De repente seus braços também começaram a se mover, balançando no topo, fazendo um contraponto às pernas. Ele estava se movendo para frente,

mas fazendo algumas reviravoltas em si mesmo, ocupando todo o universo com uma imagem deliciosa! Deixei o cigarro, ofereci minha bebida aos antepassados e segui respirando a dança de Paolo.

Algumas características de seus movimentos poderiam ser consideradas demasiado excêntricas, ou absurdas, desafiando a capacidade descritiva de quem o vê. Mas fato é que o espaço da cidade não seria o mesmo sem ele: Paolo carrega pedaços do mundo dentro de si e os vê refletidos em diferentes formas, conforme seu estado de espírito.

Naquele dia, havia acordado com o som das gotas de chuva, ao mesmo tempo em que outros borbulhamentos internos começavam a deslocar seus sentimentos, alterando seus fluxos e irrigando suas articulações. Seu corpo parecia gelatinoso e ele não entendia bem o que era aquela matéria que vibrava dentro dele mesmo. Sentiu-se provocado pelos barulhos do ambiente ao seu redor. Esticou os braços, respirando lentamente, e soltou seu tronco em direção ao chão. Subindo, de volta, começou então a evocar lembranças que lhe ajudassem a acordar a mente. Observou um gato passando pelo muro, com os pelos das costas arrepiados preventivamente; seus olhares se cruzaram, e Paolo percebeu como a sua disposição e a da vizinhança caminhavam juntas.

Paolo está acostumado a transitar pelos bairros distintos, conversando com quem tem oportunidade. Tem tentado, há anos, aprender a mensurar sua sensibilidade para lidar com as afetações e agressividades que a vida lhe traz através do vento, sem se submeter totalmente a ele, mas tendo consciência de como isso o atravessa. Na região onde mora já é bem conhecido, e a familiaridade traz também possibilidades mais leves de convivência. Frequentemente entra nas lojas para pedir café ou conversas, sempre objetivas, mas nunca despretensiosas. Pode se misturar com os demais homens, bem vestidos e apressados, mas também com as crianças que brincam de bola nas praças. Traz consigo um caleidoscópio, que serve frequentemente como objeto de troca em suas relações. Aliás, serve também como ferramenta, bengala, flauta - com a qual toca Bach, o seu compositor preferido - ou telescópio, para olhar as constelações de Orion e Andrômeda, que se beijam... além de ter inúmeras outras funções.

Ao entrar na banca para conversar com o vendedor de jornais mostra o caleidoscópio, agora como se fosse um arco: “veja que instrumento maravilhoso...

Antonio Stradivari mandou-me pelo correio!” Os dois sorriram. O vendedor já estava acostumado com aquele jeito do outro.

Começaram a discutir a conjuntura política. Comentaram algo sobre os últimos pronunciamentos do presidente da república, a quem consideram um idiota. Então Paolo se lembrou da proposta de alteração da lei que assegura o tratamento em liberdade das pessoas com necessidades de saúde especiais. Foi imediatamente perfurado por um arrepio. A memória (nunca esquecida) de Barbacena e o medo do futuro atravessaram o seu corpo. Depois tiveram oportunidade também de tratar sobre a verdadeira receita de pizza, sobre o processo fundamental de massa fermentada e se a pizza com quiabo poderia ser uma inovação interessante no panorama gastronômico mundial.

Paolo segue o caminho. Para ele pouco importa a referência sobre a sua origem; não se prende a ninguém a quem possa chamar de familiar. Aprecia a passagem do tempo e das estações. Sabe que os elementos naturais desse espaço onde circula garantem de algum modo sua permanência simbólica, numa época pouco afeita a apreciar detalhes da interação entre os humanos e seus jardins, as respirações animais e outras intimidades cutâneas que podem ser encontradas pelos que procuram outras cenas, que não as previstas, em seus cotidianos. Mas é preciso saber desejá-las de outro modo. Pensa sobre isso, enquanto espera o ônibus.

Entra e se dirige ao assento reservado para idosos, mesmo não tendo documento de identidade que possa comprovar sua idade. Quando precisa mostrar o comprovante apresenta uma sequência de números escritos à caneta na palma da mão, chegando perto da câmera de segurança com a convicção de um gesto sempre repetido. Nem sempre é bem aceito pelo motorista, mas felizmente há aqueles que não se opõem e o deixam descer sem maiores enfrentamentos. Esses são os que riem dele e até gostam de contar para outros sobre o que o veem fazer.

A cidade tem seus viadutos lotados de carros, avenidas cinzentas, milhares de pessoas que circulam tendo o trabalho como centralidade. Em algumas esquinas há canteiros bonitos, espaços arborizados, refúgios de pássaros que convidam outros organismos a desacelerar seus ritmos. Paolo se lembra de ter entrado em um dos parques, certa vez, onde encontrou uma garota que lia um livro, e ele queria saber se se tratava de um romance. “Romance, como?”, ela perguntou. “Ora, pessoas que se veem e se apaixonam, testam algumas experiências pra ver se conseguem

viver juntas, essas coisas...”. Mas não. Ela lia outro gênero, não achava que o amor era um tema que valesse a pena procurar cultivar. Mesmo que romances abordassem as vivências humanas comuns. Essa moça usava o livro como forma de refletir o que via e tinha esperança de isso a ajudar a conversar com as pessoas - o que era uma quase semelhança com Paolo, embora ele não soubesse disso. Sentiu-se provocada pela presença de Paolo e disse: “mesmo quando leio um tema técnico, penso em como melhorar a civilidade dessa gente. Você não acha que as pessoas são estranhas, sem se preocuparem umas com as outras?”. Na verdade, ele pensou, era mesmo estranho que ela dissesse isso, pois estava ali justamente buscando um contato que não servisse para corroborar esse alheamento comum.

Foi quando percebeu que o caleidoscópio que trazia consigo havia virado um mapa, com indicações para se chegar a uma mata preservada, com uma queda d'água portentosa e onde ele nunca tinha ido, mas da qual já havia ouvido falar. Perguntou à jovem se ela queria acompanhá-lo, e ela disse não. “Mas te desejo sorte!”. E ele assim seguiu.

Resolveu pegar o metrô para ir ao centro de convivência¹. No trajeto observava as casas simples, algumas pessoas vivendo precariamente nas ruas, lixos jogados a qualquer canto. Viu um velho descendo a rua, sujo e descalço, desembaraçando os cabelos longos com suas mãos e com insuspeitável zelo. Paolo não estava à parte disso. E sentia o movimento e o barulho do vagão deslizando pelos trilhos, ressonando em suas vísceras.

Logo na entrada do centro de convivência Luciana passou por ele, gritando e chorando. Paolo já a viu deste modo, antes, e sabe quando ela não está em um bom momento. Ele sente um grande amor por ela e por isso guarda consigo essa imagem, em que ela passa por ele, misturando cores e perturbando a composição atmosférica ao seu redor; tenta, assim, aceitar essa sua forma de amor.

Ele frequenta o centro de convivência três vezes por semana: duas vezes a oficina de música e uma vez a de letras e poesia. No centro de convivência são ofertados diversos tipos de oficinas, mas Paolo, como todos os seus colegas, artistas por paixão, escolheu o que mais permitia ao seu coração bater em todas as partes do seu corpo. Desde muito

1 Os Centros de Convivência (CC) são serviços da rede de atenção à saúde mental do SUS que oferecem oficinas de arte e artesanato, além de outras iniciativas que contribuem para a inserção social dos cidadãos em sofrimento mental ou em uso prejudicial de drogas. São áreas de fronteira, margens ou mesmo membranas timpânicas entre o sistema de saúde mental (do qual fazem parte) e a cidade; lugares onde mais mundos são colocados em comunicação através da prática e a convivência artística cotidiana.

tempo Paolo havia escolhido que o corpo inteiro era o verdadeiro coração e que sua mente era distribuída em todos os órgãos... só assim podia ser parte consciente do universo, parte integrante do mesmo. Esta sua escolha não era absolutamente reversível, mas sim uma luta cotidiana. Acreditava que os momentos de felicidade intensa e de futuro incerto recompensariam os de compressão, opressão e de curto circuito.

Começou então a observar o som delicado dos alicates que, na sala ao lado, na oficina de mosaicos, quebravam os azulejos em pequenos pedaços, que depois serão recompostos em uma obra maior. Geralmente não é chamado “som” algo que é semelhante a um ruído; mas a mente poética foi capaz de integrar esse *clac* a um processo artístico. Como se cada claque carregasse consigo a imagem colorida quebrada, compondo fragmentos de algo novo através de uma metamorfose. E isso também era poesia, e, portanto, inspirador.

Paolo se sentou na minha frente, depois de cumprimentar o grupo, um a um. A monitora distribuiu uma folha para cada, com o tema sobre o qual criar, em três palavras. O doce silêncio da composição poética nos envolveu.

Todos os corações podiam pulsar em sua singularidade e cada pulsação se transformava em uma palavra com sua própria subjetividade... Há quem escreve em itálico, quem escreve em letras grandes, em letras pequenas, quem utiliza o espaço na vertical, em diagonal ou horizontal e todas essas possibilidades encontravam ali algum cabimento.

Nós todos acabamos a escrita e começamos a declamar, recitar e ler as nossas poesias, um de cada vez. Naquele dia eu chorei pelo que escrevi e percebi como ler é reincorporar as coisas que saem. Também o momento da leitura foi uma descoberta daqueles diferentes modos, altos e baixos, que os participantes da oficina têm para se expressar.

Mas a tranquilidade de cada pulsação ficava como um copo cheio ali, na mesa; para todos os que se tornaram poetas. A única coisa comum, os aplausos e cumprimentos recebidos certamente não eram como os de qualquer conferência, onde é apenas a voz que é emitida e ouvida e parabenizada artificialmente... Naquele espaço nos ouvimos a sério. Neste processo, em que estamos colocados em condição de nos espremer, bebemos cada um um pouco do outro, tirando o que temos sem nos desorganizarmos, compondo assim uma força que está em aceitar o que todo mundo tem para espremer, em uma comunidade espontânea.

Foi a vez então de Paolo, mas antes de declamar ele disse que este escrito agora era poesia. Mais tarde na oficina de composição musical viraria uma canção. Então esta era uma oportunidade de aproveitar para ouvir a poesia, porque depois as palavras iriam usar outro vestido, outra roupagem.

“..... Bom dia mulheres!!

Mulheres bonitas pra mim não precisam de PASSAPORTE

Pois os seus fortes atravessam minhas fronteiras

Umam ficam e vão deixando paz e alegria no meu coração”

Paolo levantou-se e começou a cantar. Já estava tudo a virar canção! E continuou:

“ CANTO CANTO PARA MULHER BONITA

EU NÃO DEIXO DE CANTAR

CANTO PRA QUALQUER MULHER BONITA

EU NAO CANSO DE CANTAR

Ontem mesmo eu cantei, hoje vou cantar, já sorri, já chorei e hoje vou comemorar

Não sei se vou encontrar um corpo ideal,

Mas o corpo ideal para mim é qualquer mulher que curta o meu astral

Meu corpo é 0800 a qualquer forma de sorriso feminino

Um anseio carinhoso vindo de uma mulher retribuo com flores, poesias, canções

e - ou com o que ela quiser

PRA MULHER BONITA EU NÃO PEÇO PASSAPORTE

ABRO TODAS AS FRONTEIRAS E DEIXO ELA INDEPENDENTE

LIVRE DA MORTE

O QUE É BOM

FICO EM PAZ, COMPLETO, COM MUITO, MUITO AMOR

CANTO CANTO PARA MULHER BONITA”

E Paolo, enquanto isso, cantava e dançava...

*“EU NÃO DEIXO DE CANTAR
CANTO PRA QUALQUER MULHER BONITA
EU NAO CANSO DE CANTAR.... MUITO, MUITO AMOR!!!”*²

Terminou a declamação, guardou o papel dobrado em um caderno. Todos aplaudiram, parabenizando Paolo, que levantou, acariciou sua barba branca, olhou para mim e disse: “Vamos”, “Aonde?”, “Na exposição lá no centro.... tem uma exposição de arte *naif*... um colega está expondo e tem comida a vontade”; “Vamos”.

Chegamos no ponto de ônibus, onde o painel eletrônico indicava quatro minutos de espera. Eu queria tanto estar com Paolo e estes quatro minutos foram necessários, pois ele me dava paz e eu realmente precisava disso, naquele instante. A poesia declamada no centro de convivência deixou-me em descoberto e vulnerável...

“Eu aprendi a ter paciência e tolerância”, falou-me, “é por isso que às vezes estou em paz total. E nesse momento eu entendo quem no mundo me discrimina, chamando-me de doido. Eles não têm informações sobre ‘nós’ e sobre como nós atuamos no mundo”; seu olhar ficou então muito doce. E continuou, “assim temos que entender e integrar no nosso ser”.

Nós entramos no primeiro ônibus que passou. Subitamente Paolo deixou de ser filósofo e o ímpeto do poeta enamorado incorporou-lhe. Logo que se sentou, virou-se para a direção de uma mulher, aproximou-se, pegou o caderno que acabara de fechar e, olhando diretamente nos olhos dela, declamou poeticamente seus sentimentos, buscando o mesmo ritmo da pulsação do coração dela. Era bonito ver como ela se emocionava, ouvindo-o atentamente, com brilho nos olhos e o rosto em rubor! Em seguida uma nuance de silêncio se fez.

Paolo desceu do ônibus de repente, me cumprimentou com um determinado movimento de olhos, sem dizer nada. Lembrou-se do local com a queda d’água, fez da sua poesia uma bicicleta, acrescentando mais um pouco de papel; e através de dobraduras complexas pôde sair sobre ela, deslocando-se com graça e velocidades alternadas. Ia pensando no contato com a água, e só isso já o fazia ver peixes ao seu redor: alguns eram seres misturados, com rostos humanos, enfurecidos, outros tantos tranquilos, nadando pela cidade indiferentemente. Suas mãos estavam molhadas e sinalizavam uma pequena expectativa quanto ao local desconhecido.

2 Poesia de Edmundo Zeus Caetano, gentilmente autorizada para compor este trabalho.

Um sujeito jovem passou por ele, olhando-o de modo incômodo, e Paolo sentiu no deslocamento de ar provocado, mais uma vez, o vento da discriminação. Mas ele não ousou lhe dizer nada. “Melhor andar armado, com uma faca, além da poesia”. Da mesma forma que pretende se preparar para tocar piano com raiva, quando necessário. “Estarei forte e atento o suficiente? Sem perder a minha poesia?”, indagava-se.

Passando pela periferia da zona norte, chegou ao parque indicado no mapa que trazia consigo. Na portaria observou algumas aves pousadas sobre um carro estacionado, que logo voaram até um poste próximo. A princípio pareciam enfeites arquitetônicos estáticos, monumentos delicados colocados por mãos humanas naquele cenário. Mas olhou novamente e viu que eram três corujas brancas e a menor delas seguiu-o, virando atentamente seu pescoço, ambos se perguntando o que o outro estava fazendo ali. Achou que esse encontro era um bom sinal, já que nessa terra onde vive, os que voam alto, predominantemente, são os urubus.

Percebeu que o pio da coruja se endereçava a ele, e começaram a conversar: “Bom dia humano” disseram juntas, “Bom dia corujas, tudo bem ???”, “Bom, humano, estamos um pouco cansadas com a jornada conturbada, mas tudo bem... qual o seu nome?”, “Meu nome é Paolo e o de vocês? E por que um dia conturbado?”, “Nós estávamos quietas aqui para treinar um *blues*, que nós tínhamos composto ontem sob a lua cheia, mas de repente um grupo de pequenos humanos começou a nos perseguir, nós tivemos que ficar de árvore em árvore durante toda a manhã e não pudemos fazer nosso descanso”. Começaram a rir. “Meu nome é Lili, esse é meu irmão Mohamed e aquela é minha tia Fátima. E você, de onde você vem, humano?”, “Eu venho desta cidade, que me define todos os dias. Tem quem me chama de louco, quem me chama de doente mental, quem me chama de poeta e quem me ignora ou exclui, porque tem medo de mim... Mas sou apenas Paolo, cidadão da cidade”. “Paolo, você sabe que vocês, seres humanos, são esquisitos... o medo de si mesmo é maior que o sentimento natural de fraternidade...”.

O diálogo continuou por um tempo, passando por temas densos e filosóficos. Aquela coruja sabia de muitas coisas! Comentou sua forma de andar, deu conselhos sobre como lidar com as mulheres. Depois disse, “Sabe, Paolo, considerar sua sensibilidade, ouvir a materialidade do corpo, não é ingenuidade. É um tipo de relação com a expressão da vida. Não deixe as pessoas tirarem isso de você”. Esse comentário lhe causou impressão especial. Refletiu um pouco e

disse, “Ah, sim! Agora, querida, eu tenho que ir, tenho que ir comprar”, “Claro. Tchau, Paolo, tenha um bom dia! Lembre-se que na saída do parque há urubus. Não lhes dê atenção, porque eles são seres que não conhecem poesia... e então eles não querem que ela exista. É por isso que eles a matam”, “Obrigado, eu vou lembrar disso”. Paolo ficou de fato impressionado, pois antes nem imaginava que era capaz de falar com as aves.

Cumprimentou as corujas e dirigiu-se para a saída do parque. A noite estava chegando e ele sabia que na escuridão seu espírito não ficaria seguro. A saída estava na frente dele a um quilômetro mais ou menos... assim, ele continuou caminhando, dançando.

Logo começou a ouvir o barulho das águas. O cheiro da vegetação modificava intensamente o ar, penetrando o corpo de Paolo de maneira vívida. Sentiu vontade de dançar e foi com uma coreografia singela que chegou à cachoeira. Deixou o seu silêncio interno crescer, enquanto a contemplava.

E ele dançou, se concentrando em respirar e descansar os pés... “A respiração é nômade”, disseram-lhe um dia. Ele nunca entendeu o que isso queria dizer, mas quando começava a dançar ficava mais claro... Quando ele dançava, seu ouvido era preciso, quase absoluto. Ele sentia tudo por dentro e por fora de seu corpo, tudo permeava tudo, o universo se fundia numa infinidade de sons.

Tum tum tum tum... Sua doce dança foi novamente interrompida (ele amava as interrupções! Chamava-as de passagens de estrelas, estrelas que ele queria contemplar um pouco para beber do copo da ternura necessária para amar).

Paolo voltou-se suavemente para o som do que parecia ser um surdo. Na beira do lago tinha um coelho, que com as patas traseiras batia no tronco de um pinheiro. “Que diabos faz um pinheiro aqui”, pensou, e foi até o animal. Quando este viu que Paolo se aproximava, parou de tocar a árvore, sentou-se de cabeça para baixo com as patas dobradas para cima e na direção de Paolo. Este sentou-se com as pernas cruzadas na frente dele, as mãos do Paolo faziam *tauc papapum* e as patas do coelho se batiam, em um samba maravilhoso!

Estava começando a escurecer. Paolo se levantou e cumprimentou o coelho, em reverência, e continuou até a saída, deixando sua dança e andando normalmente, um pé atrás do outro, depois cada vez mais rápido, esquecendo que anos atrás sua musa inspiradora lhe dizia “a pressa mata a poesia”; esquecendo

também o que as corujas lhe disseram sobre os urubus. A única coisa que passava pela sua cabeça, nesse momento, era o samba e o *blues*.

O encontro com o coelho lhe lembrou das possibilidades de reposição de equilíbrio após eventos traumáticos. O que seria traumático para um coelho? Poderia tornar-se um louco? Lembrou também de uma peça de teatro feita no centro de convivência, certa vez, em que interpretaram uma adaptação da história de Alice. Agora pensava em trazer o mundo maravilhoso de Alice para a selva urbana. Queria sensibilizar as pessoas para as diferenças pessoais que carregava em si e queria o mesmo para tantos amigos e conhecidos que sofrem diversas formas de discriminação. Queria um bom espaço para uma outra história de amor. Queria que Luciana estivesse com ele, para ajudar a criar um novo roteiro para suas vidas. Que fosse provisório, e durasse talvez só até a próxima chuva. Era feliz, mas tinha pressa.

Na saída do parque três figuras vazias começaram a cercar Paolo e a girar em torno dele, lentamente. Começaram a sussurrar “você não serve, você não presta pra nada, você não serve”, repetidamente. Aos poucos as vozes se elevavam, o giro se tornava mais rápido e mais estreito, “VOCÊ NÃO SERVE, VOCE NAO PRESTA PRA NADA, VOCE NAO SERVE”, sempre mais forte e cada vez mais perto. Paolo começou a girar a cabeça, caiu e imediatamente começou a vomitar, sentindo que o que saía da sua boca era algo de íntimo, da sua liberdade, da sua poesia. Começou a chorar.

Então as figuras, que agora ele podia identificar como os urubus, foram embora, com um sorriso de vitória e com um poema na mão, o qual imediatamente queimaram em um crematório. Atrás do forno estava escrito “CEMITÉRIO DE POESIA” e em volta dele havia um espaço isolado, feito de cinzas.

Paolo estava no chão e não podia se mover. Pior do que isso, ele não podia mais ouvir o poeta clandestino dentro de si. Levantou-se machucado, com o cabelo revolto, e começou a correr gritando, gritando, aos prantos, chamando “poetaaaaa poetaaaaaa!!”. Atravessou a cidade desta maneira; passou na frente de um CERSAM³, para onde já foi encaminhado pela equipe que o acompanha há não muito tempo, mas não o reconheceu; talvez lá eles o acalmassem... mas sua única preocupação não era se acalmar, era encontrar o poeta.

³ CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE MENTAL (CERSAM). Serviço de urgência psiquiátrica que compõe a rede de saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade onde Paolo vive atualmente.

Finalmente chegou ao centro de convivência, lugar que ele podia visualizar e reconhecer. Chegou completamente suado, com o coração na garganta, com os olhos bem abertos e inundados. Entrou impetuosamente na oficina de música e sentou-se com uma força barulhenta, me olhando diretamente nos olhos. Os seus estavam cheios de lágrimas e as pupilas estreitas os transformavam em dois lagos salgados. Segurando a cabeça entre as mãos, continuou chorando, mas aos poucos se reencontrando.

O violão e a voz do monitor dessa oficina acompanhavam precisamente, com delicadeza, quem tinha o microfone e cantava a música escolhida; o seu conhecimento musical era impressionante, bem como sua capacidade de criar rapidamente a convivência pela música! Logo uma música termina e outra começa imediatamente:

“... Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito
eu gosto de você...”⁴

Naquele momento Paolo começou a cantar. Chora, chora, ri. Chora, canta, ri. Chora e ri. Ele canta e começa a dançar, fechando os olhos, abraçando o seu amor, a lembrança de Luciana. Ouvindo o poeta que, ternamente, começava a se aproximar de novo.

Paolo saiu do centro de convivência cansado e satisfeito. Retornou aos espaços cinzentos da capital. Olhava as pessoas com menor curiosidade. Era como se naquele período do dia tivesse perdido a capacidade de comunicação com o mundo exterior. E seu corpo mantinha-se relativamente sólido. Podia se alimentar dos acontecimentos quase de maneira anônima, mas oferecendo seu corpo substancialmente por onde passasse. Assim digeriria os fenômenos, assimilando-os a um nível demasiadamente humano e nem sempre simples de compartilhar com outras pessoas.

Chegou em casa. Esta era uma caixa de papelão com alguns pertences em volta, umas poucas roupas, um canivete que nem sabia como tinha conseguido

4 Canção de Tribalistas, “Velha Infância”.

e várias peças de artesanato. Do lado de dentro havia uma série de poesias escritas por ele mesmo, que ele gostava de carregar consigo. Um cheiro particular lhe fez pensar que o coelho havia estado ali, sinal de que podia já se mudar e construir nova provisoriedade. O amigo, vizinho da mesma marquise, percebeu o movimento e perguntou onde ele ia. “Preciso encontrar outra casa. Foi muito bom conviver aqui com você. Não esquece de me pagar os cinco cigarros que você pegou comigo!”. Apenas acenou com os ombros e os pés, em resposta.

Depois de tanto andar, sujo e suado, parou para descansar. Seu cristal cintilava no bolso ao alcance das suas mãos. Deitou-se para ver umas poucas estrelas, reintegrando-se ao solo, que lhe queria fértil, apesar de tudo.

Ainda hoje me lembro de Paolo, com frequência, especialmente ao me olhar no espelho para fazer a barba e enquanto danço pela cidade.

* * *

Stefano Fontana é atelierista independente, graduado em ciências políticas sociais, doutorando em antropologia na Universidade de Milão Bicocca em co-tutela com a UFRRJ, professor de saúde e sociedade na UNILUDES de Lugano (Suíça), militante da luta antimanicomial.

Tuliola Lima é psicóloga, trabalhadora e pesquisadora do SUS, doutoranda em psicologia na PUC Minas, dançarina e militante da luta antimanicomial. Autora do projeto Occupy Belly Dance.



Diário de um Cláudio

Luna Cassel Trott

“27 de setembro de algum ano que já não me lembro qual é

Ontem me encontrei com pessoas que falavam de amor.

O sonho de um amor,

o doído do amor,

o amor de si.

Ontem acreditei que o amor move para alguma direção.”

Havia uma pequena manta de lã antiga, marrom e embolorada que cobria Cláudio, quando se levantou naquela manhã, que se iniciava como usual, com uma neblina que cobria a árvore do pátio do vizinho.

Como era de costume, ele deixava a cama, que mais bem era um estrado afogado com uma espuma que havia ganhado em algum dia das crianças de um cunhado que não lhe dava a menor importância. Ele lembrava que era um dia das crianças porque se sentiu feliz, quando Lia, a gata filhote, foi dormir com ele na primeira noite com o novo amortecedor. Sentiu-se por algum momento como protetor daquela infância felina, presenteando-a com uma bela noite de aconchego no dia das crianças. Ele lembrou que não se recordava mais de como havia passado o dia das crianças com os seus filhos quando eram pequenos.

No dia anterior, que era uma quinta-feira, assim como as outras tantas quintas-feiras, Cláudio estava sentado no banco de madeira, colocado no pátio interior do serviço de saúde mental, quando vivenciou o que descreveu em seu diário. Sobre como iniciou a escrita de um diário, é uma história que somente Cláudio poderia nos contar, embora que os dias em que ele escrevia, poderíamos ter pistas, já que nesses momentos, ele fazia questão de almoçar sozinho na sala dos fundos.

O fato é que este dia havia amanhecido com sol, como era aquela primavera que chegava depois dos dias frios e chuvosos de inverno. Ele havia se sentado naquele velho banco à espera do que ela mesma poderia lhe ofertar.

Cláudio nem sabia que era quinta-feira, mas Letícia, responsável por acompanhar as atividades de convivência daquele dia, já estava impaciente, aguardando quais eram os usuários que iriam chegar para compor a atividade. Depois das nove horas, Letícia desistiu da delonga e logo deu por si que a própria espera, já era a insígnia da atividade coletiva que se instaurava no pátio do serviço de saúde mental. Foi na espera que os corpos presentes se encontraram no banco, buscando se esquentar na brecha de sol que aparecia dentro da grande sombra da árvore. E foi nela, que as esperas dos outros se encontraram com a espera de Cláudio por algum acontecimento novo.

Roberto foi quem começou a falar de amor. Mas Rita, que também se fazia presente, que deu sentido àquele momento, dizendo que o próprio amor era uma espera. Roberto dizia que seu peito doía, que ele gostava de ouvir os passarinhos cantarem em dias de sol como aquele, mas que de nada adiantava se não houvesse alguém para amar. Ele se sentia um romântico fora de cena, dentro do enredo moderno de amores voláteis.

Era comum que Cláudio pensasse sobre o que a gata Lia iria achar se ele demorasse mais que o comum fora de casa. E neste dia pensou que amou um dia quem foi sua mulher, mas achava aquilo de falar de amor, uma viagem. Talvez por isso que ele tenha escrito que o amor move a alguma direção.

“28 de setembro

Eu não sei, mas desconfio que quando um olho brilha, ele solta uma substância que dá efeitos de imã. Outros olhos tragam no mais profundo do aparato visual, o brilho lá escondido, para que este se complementa com outros opostos. Na oposição, o encontro estelar.”

Cláudio havia visto Rita uma única vez, antes de escutá-la falar sobre o amor. Fazia tempo que o velho Cláudio de costas curvadas, não olhava na direção reta, em vez de olhar o solo. Ele vivia querendo olhar mais para si do que para o que havia em sua dianteira. Talvez para se perceber, talvez para não se deparar com o olhar dos outros.

Havia dias em que ele estava mais disponível ao olhar do mundo. Havia dias em que o que o mundo imaginava como mundo era completamente diferente do que

ele achava. Por exemplo, nesse mesmo dia, Cláudio comeu o macarrão do almoço com as mãos, para sentir a comida com mais um sentido e alimentar-se de maneira mais completa. Foi nesse dia que lhe ofereceram mais uma pílula de nova cor.

Ele pensou sobre a incompletude da alimentação ao se deparar mais um dia com Rita no banco de madeira. Quando se encontraram ali pela manhã, Rita contou que desde ontem pensava que não devia esperar mais pelo amor, porque os raios de sol já lhe satisfaziam. Foi à noite que Rita tomou essa conclusão: sob a luz da lua. Foi sob o sol que Cláudio escutou Rita falar sobre sua decisão. Foi em algum espaço de tempo misterioso que esse encontro se fez estelar.

“Terça-feira, 14 de outubro

Quem tem pautas?”

Depois de Ivanete chegar para abrir o serviço, era Cláudio que chegava e deixava sua bicicleta no mesmo local. Por vezes o que carregava amarrado na lateral da bicicleta variava. Como também variavam as bolsas que aquele senhor, de tanta juventude, carregava. Tinha a bolsa de couro ou a mochila preta de pano lateral ou a sacola do supermercado Bourbom. Dentro, uma bíblia, um livro espírita ou alguma solicitação para a farmácia municipal. Cláudio surpreendia a todos com a variável escolha de vestimenta a cada dia. Das que se possam lembrar: a camisa colorida, a corrente de prata, o terno amarronzado, a calça jeans e o sapato fechado. Tinha um apreço pela sua aparência: era como expor algo que não saía de suas poucas palavras. Em um dia de convivência, Letícia entregou uma foto de Cláudio, que havia revelado. Ele olhou para foto e disse mais uma vez “Que viagem!”. Ficou em silêncio. Logo disse que nunca havia visto que suas costas eram tão curvadas.

Entrou na antiga casa que agora virava serviço, o dos loucos, mas isso não importava. Sabia onde estava a vassoura para varrer as folhas do pátio. Nesse pequeno trecho de caminhada, entre a entrada no portão e o pátio interno, viu a equipe reunida na sala da frente e escutou esta frase anotada. Ficou esperando por alguma música que não apareceu.

Não se sabe porque cargas d’água Cláudio escreveu essa frase. Sabe-se que no dia que Letícia foi embora, Cláudio levou de presente um vestido

verde, já gasto, a ela. O vestido era cheio de linhas, como essas de cadernos de pautas musicais.

“23 de dezembro

A história é a de um peixinho que virou amigo do homem que o pescou. O homem colocou o peixinho no bolso da calça pra sarar no quentinho. Viraram grandes amigos...”

Quando todos achavam que nada mais poderia ser novidade para Cláudio, ele fazia entender que o mistério do mundo podia até ser a grandeza dele, mas mais que o tamanho, o entendimento sobre ele.

Cláudio foi certo ao aceitar o convite de Letícia para que alguém do grupo pudesse ler e comentar sobre uma história. Absolutamente ninguém conseguiu entender a lógica que Cláudio usava para interpretar a história do peixinho, mas todos estavam absolutamente perplexos com a dedicação e a profundidade do que Cláudio falava sobre sua leitura. Ele falava com tanto entusiasmo e segurança sobre o homem e o peixinho que esse seu afeto era mais relevante do que qualquer lógica racional possível.

“15 de janeiro

Descer na primeira parada antes de dobrar para COHAB. No mercadinho não dobra para o mercadinho, segue esquina. Na esquina dobrar para direita na rua que desce. No portão número 70. Não precisa se assustar com os cachorros.”

Estiveram sentados por três horas no banco lateral (não mais o de madeira) sem dizer uma palavra- Cláudio e Roberto. Cláudio saiu com essa anotação na mão. Nunca se soube se fez a visita ao amigo, mas todos estavam completamente convencidos do cuidado oferecido por ele naquele silêncio demorado.

“30 de fevereiro ?

Dia . Mapa. Carlito”

Carlito chegou com um grande pacote de plástico transparente na mão. Dentro do pacote um tantão de folhas brancas amassadas. Eram folhas de cadernos arrancadas e coladas com fita durex uma a uma. Abriu-se e ocupou toda a sala. Abrindo as folhas anexadas umas às outras se formava um grande mapa. Era um mapa mundi. Não qualquer. Ele tinha demorado seis meses para desenhar à mão, com as fronteiras dos países e os nomes das grandes capitais. Ele era o desenhista daquele grande mundo. Cláudio, Carlito e o restante dos participantes da convivência da manhã foram de Jerusalém à América Central. Quem guiava a viagem era o próprio desenhista/pesquisador/mapeador com novas informações sobre os lugares do qual tinha aprendido na enciclopédia que tinha tirado como modelo para construir o mapa. Cláudio se espantava ao ver alguém com o mundo na mão. Alguém uma vez disse que ele poderia ter o mundo na mão se voltasse a estudar. Durante dias ele só pensou nisso. Foi até a escola. Voltou. Olharam feio pra ele pela dificuldade em falar devido à falta da dentadura. Ele estava acostumado, já se havia curvado. Mas ele poderia ter o mundo na mão assim como Carlito, pensou. Se seu mundo era aquele do casebre de madeira úmida atrás da casa dos familiares, junto de suas galinhas e de gata Lia, ele poderia ao menos levá-los para passear por outros países. Poderia levar Rita também, com seus olhos. Falava disso diariamente, mas não conseguiu ter o mundo nas mãos. Faltou o histórico escolar para a matrícula.

“17 de março

Mais um dia cinza na casa dos loucos”

Esse lugar, que tanto a Cláudio pertencia e ocupava, não tinha placa de identificação. Apenas uma pintura na parede com letreiros azuis. Chegava-se no portão marrom na dianteira da casa e se adentrava por meio de um corredor. Logo, lá estavam: a sala de grupos, a recepção, para atrás, o pátio tão circulado por Cláudio e a sala da churrasqueira. Ao lado da recepção, a sala das pílulas e ao seu lado, a escada que levava às outras salas de atendimento. Nunca se viu, durante aquele ano, Cláudio subir as escadas. Seu espaço era o terreno. Qual a diferença entre os grupos que aconteciam nas salas do andar de cima e nos espaços do térreo? Essa pergunta deveria ter sido feita a Cláudio. Nunca a fizeram. Foi em um

dia tão cinza quanto este, descrito pelo seu diário, que encontraram seu caderno com essas anotações. Soltos entre as páginas havia a foto revelada por Letícia, o endereço com as orientações de Roberto, algumas fichas de encaminhamento médico e um bilhete escrito em um guardanapo com a letra de Rita. Nas páginas finais havia o desenho de um peixe e o nome de um país do Oriente Médio. Rita havia explicado no bilhete a Cláudio que poderia até ser amor o que havia sentido em seus olhos, mas que resolvera se arriscar em uma outra sensação ao fugir com uma mulher. O que foi encontrado foi o diário. Cláudio não voltou a sentar na sala dos fundos a escrever naquelas linhas.

* * *

Luna Cassel Trott é psicóloga graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Saúde Mental Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestranda em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ.



Entre ruas e muros, um sonho de liberdade

*Débora de Bitencourt Fél
Vera Lúcia Pasini
Analice de Lima Palombini*

“Como é bom ser livre! Ver os carros passando, as árvores... Poder sentir o vento. Como é boa a liberdade” (Carolina, outono de 2019).

Prólogo

O que escrevo é criação que surge de encontros, uma mistura do que vivemos com o que sonhamos viver. Nada é fidedigno. Às vezes, o excesso de real exige invenção.

Gritam-na louca. E afirmam com convicção que a cidade não lhe pertence. Uma cidade que não a quer (livre). Há milhares como ela espalhadas por aí, e, no meio do caminho, já não sei se falo de uma ou de mil. Embora múltiplas, pode ser que poucos saibam de suas existências. Pode ser que nunca tenham se perguntado “como será viver as suas vidas?”. Não passa pelas suas cabeças que poderia ser uma existência tão incrível e cheia de sabedoria. Talvez porque poucos consigam vê-las e, menos ainda, escutá-las.

Alguns dizem que sua língua é incompreensível. Mas também ouvi dizer que há quem compreenda e não tenha a coragem necessária para admitir tal entendimento. Talvez pela afronta que algumas palavras provocam. E pela angústia que outras nos fazem sentir. Talvez. Há também aqueles que não conseguem vê-las ou as viram pouquíssimas vezes. Questiono se não se trata apenas de uma escolha. Penso que, para estes, vê-las causa incômodo, o que os leva a criar mecanismos para não enxergá-las.

Os poucos que conseguem compreendê-las fazem suas próprias traduções, cada um à sua maneira. Alguns lucram com sua existência e isso não é nenhuma novidade por aqui. Sim, isso mesmo. O fato é que ninguém sabe explicar se o que

elas dizem é real, embora muitos afirmem que (quase) tudo é mentira, delírio ou alucinação - esse é um dos motivos pelos quais grande parte delas não tem liberdade.

Optei por não correr atrás de respostas para essas dúvidas persecutórias. Não que eu desconsidere a importância de diferenciar, em determinados momentos, o que é real ou fantasia, mas porque talvez não caiba a mim tal descoberta. O fato é que não me sinto confortável em traduzi-las. Seria uma traição, ouvi dizer. O que seria a verdade se não a própria verdade do sujeito?

Decidi acompanhá-la pelas ruas de uma cidade que resiste a fazer laço com a diferença. Na qual gritar a palavra louca é sinônimo de dizer de alguma doença que atinge o cérebro, a alma ou o coração. Decidi escutar as palavras que poucos querem ouvir, de um corpo que ousa experimentar o sabor efêmero da liberdade. Optei pela liberdade como ética. Como presença.

Do silêncio fez-se palavra

Todo corpo escapa pelas lágrimas que escorrem, pelo silêncio que ecoa, pela boca que grita. Agora é proibido chorar aqui. Não quero mais ficar neste lugar. Escorre, ecoa, grita. Grito em silêncio pelas lágrimas que não podem rolar. Olho mareja, vira oceano. A cama de um quarto sem porta é o único refúgio possível agora. Ao lado, um radinho de pilhas que acompanha o som das ondas de um mar agitado, bem baixinho, quase inaudível. Escrever, desabafar. O único som que se propaga, além do radinho, é o das folhas sendo arrancadas do caderno. Para que ninguém leia. Caso contrário... LOUCA! Ela mente, não acredita! Eu fui amarrada e assim fiquei até o outro dia. Até criar moscas, me disseram. Tive que dormir desse jeito. Não cometi nenhum crime, por que estou presa aqui? Quero a minha liberdade. Me ajuda a ter minha liberdade. Silêncio!

* * *

Eu costumava encarar isso que convencionamos chamar de loucura com estranhamento, pois desde criança fui ensinada que algumas pessoas, “assombradas pela desrazão”, são temíveis, e que eu sempre deveria manter distância. Lembro-me bem de uma pessoa da minha cidade natal, um distrito de menos de duzentos habitantes. Seu nome era Eva. Era temida por todas as crianças e ignorada pelos adultos.

Mas, quando pequena, eu não sentia medo e também não estranhava. Achava diferente seu jeito de percorrer as ruas, sorrindo e conversando sozinha - descobri que era justamente por isso que a chamavam de louca. É que já tive amigos imaginários, sei bem como é. Entendia que precisava me esconder para poder conversar livremente com eles, mas nunca havia me perguntado o porquê. Talvez temesse que me chamassem de louca também.

Tentavam curá-la de todas as formas possíveis. “Onde já se viu, andar pelas ruas falando sozinha e rindo à toa?!” Eu compreendia que tentavam ajudá-la, mas talvez não do jeito que ela queria. Não perguntavam a ela, como iriam saber? Às vezes ela não conseguia cuidar de si, alimentando-se mal e ficando doente. Por vezes, a vizinhança se esforçava para construir uma casinha para que ela e seu pai tivessem um lugar para morar, e essa parte da história eu achava bonita. Mesmo em meio a tanta pobreza, todos tentavam colaborar de alguma forma. Eu pensava que ela teria um lugar quentinho para dormir, depois de suas longas aventuras pelas ruas tranquilas de uma cidade pequena.

A ajuda dos vizinhos para que pudesse viver bem era como moeda de troca para sua cura, mas a missão de torná-la normal nunca teve êxito. Recordo de um dia em que ela foi até uma igreja e, enquanto todos estavam conectados por um momento de choro coletivo, ela ria, sem parar. Eu, criança, não entendendo bem todo aquele ritual, também achava graça, mas continha o riso. Assim como ela, eu só ia de curiosa.

Logo em seguida, em um movimento brusco, ela saltou da cadeira e foi embora no meio da cerimônia. Eu queria fazer o mesmo, mas não tinha a coragem daquela mulher. Mais uma vez, a expulsão do que acreditavam ser o seu problema não era alcançada. Os membros da pequena igreja lamentavam-se e convocavam o público a clamar por sua alma errante. O choro continuava - era uma mistura de soluço e lágrimas - enquanto ela caminhava e ria à toa.

Quando a encontrava na rua de casa, longa e deserta, arriscava dar um “oi”. Recebia de volta a sua típica gargalhada, seguida da pergunta de como estava meu pai. Foram amigos de infância. “Ela era normal, tornou-se assim depois de adulta”, conta meu pai. Essa cena repetiu-se muitas e muitas vezes, até que deixei de encontrá-la pela rua. Bem mais tarde, recebi a notícia de que ela morrera há anos e que sua família por muito tempo não soube de sua morte. Estava internada em uma dessas casas terapêuticas. Não conseguiram fazer com que ela voltasse ao

normal. É que ela gostava muito de caminhar e lá não era permitido. Ela talvez quisesse a sua liberdade e decerto por isso fosse considerada louca. Nada pude fazer. Eu era apenas uma menina.

Passados alguns anos, tomei uma das decisões mais importantes da minha vida: decidi escutar as loucuras que habitam cada um de nós. Foi assim que conheci a personagem principal desta narração. Às vezes, caminhando juntas pelas ruas, outras, acomodadas em uma sala pequena... Mas essa já é outra história...

O encontro

A primeira vez que escutei a seu respeito foi pela boca de outras pessoas. Não me restavam dúvidas de que já havia escutado sobre sua vida antes. Porém, disseram ser impossível. Sua história nunca havia sido contada e, além disso, aquela havia sido a única vez em que ela havia falado, o que foi uma grande surpresa para quem a conhecia. Questionaram o porquê de ela nunca ter falado antes. Sua resposta foi um largo sorriso. Contou que desde que lhe caíram os dentes de leite fora presenteada com dentes de mentirosa e, a partir de então, parou de falar. Percebeu que a vida havia ficado mais difícil, e a decisão de se manter em silêncio parecia ser a mais adequada.

Oito anos se passaram, e eu finalmente a conheci. Soube que estava muito falante e que agora seus gritos incomodavam mais do que o silêncio de outrora. Confesso que no início eu ficava tímida ao encontrá-la, pois sabia que ela gritaria meu nome tão alto que todos sairiam à rua para presenciar nosso encontro. Sair daquela casa era um evento raro, e não era incomum alguns pedidos dos demais para que pudessem sair conosco. Inúmeras mãozinhas atravessavam as grades implorando para dar uma volta. “Só uma voltinha, minha amiguinha, por que não?”. Ao sentir o balanço que as mãos produziam ao agitar o pequeno portão, pude compreender melhor e aos poucos ir acolhendo o seu grito, não mais como um estranhamento incômodo, mas como abertura, desejo.

Uma enorme euforia tomava conta de seu corpo ao ultrapassar as grades de um lar sem liberdade. Trinta minutos naquele lugar pareciam horas. Atmosfera asfíxiante. “Bem-vinda à vida”, pensei comigo. “Bem-vinda ao manicômio”, gritava ela pelos corredores afora. Diziam que manicômios eram coisas do passado, que não existiam mais. Mas ela tinha convicção de que era disso que se tratava. Fiquei um tanto confusa

com seu comentário, mas não a corrigi, mesmo tendo plena certeza de que manicômios não eram mais permitidos por lei. Certeza que aos poucos fui interrogando.

“Podemos sair, não tem risco de fuga”, mencionou com um largo sorriso no rosto (algo que nunca vou esquecer é o seu sorriso naquele dia). Achei engraçado e automaticamente deixei transparecer uma leve expressão de espanto, como quem diz “por que eu pensaria isso?”. Contou-me que nunca havia fugido antes, mas, como o medo de que escapasse manifestava-se em tantas pessoas próximas, chegou a cogitar fugir de verdade. “Pelo menos assim seria coerente”, contou desanimada. Mas logo desistiu da ideia. Não queria mais que desconfiassem dela, embora a vontade de sair correndo daquele lugar transbordasse com facilidade.

“Fique atenta, pois ela mente muito. Sempre verifique o que ela diz”, alertavam os responsáveis pela casa, com um ar de seriedade. Parecia realmente muito perigoso. Em seguida, pensei comigo: “como vou saber que o mentiroso não é você?”. Mas, no fim das contas, preferi não entrar nesse paradoxo verdade-mentira e acabei não dando muita atenção, afinal, eu não sou um detector de mentiras, sou?

Sáímos pelo portão. “Sáímos do portão!” Naquele momento ela se parecia com uma coelhinha, de tanto que pulava. Sua alegria me contagiou, de uma forma tão intensa, que antes mesmo de pensar me vi pulando também. Nós duas sorriamos e pulávamos com tamanha alegria que acabamos perdendo a noção do tempo. Haviam-se passado três horas e eu precisava ir embora. Apesar de ter sido um encontro tão alegre, fiquei chateada de termos apenas pulado. Podíamos ter aproveitado mais, pensei.

No caminho de volta para casa, uma dúvida se fazia insistente nos meus pensamentos. Será que eu tinha feito certo em pular com ela? Juro que não lembrava de ter lido em nenhum lugar sobre a indicação de pular. Fiz tudo errado, e agora? Eu era apenas uma aprendiz e, por isso, costumávamos compartilhar nossas experiências como forma coletiva de aprender. “Mas como iria compartilhar um encontro desses?”, pensei comigo. Fiquei desesperada. Ao imaginar a cena da minha narração, mais angustiada ainda eu ficava.

Foi então que uma remota lembrança chegou até mim repentinamente. Lembrei-me vagamente do dia em que nossa professora nos relatou que ela também havia pulado em uma de suas experiências. Outras narrativas semelhantes, de algumas colegas, surgiam na minha frágil memória, o que me levou a pensar que talvez eu não tivesse sido tão despropositada assim.

Foi surpreendente o quanto a mudança de cenário - da sala fechada para o espaço aberto da rua - nos impôs um rearranjo de posturas e certezas, antes tão cristalizadas e impermeáveis. Arrisco dizer que esse encontro a céu aberto foi a experiência mais intensa que pude vivenciar. E eu sabia que, mesmo voltando para o espaço fechado, a rua seguiria me acompanhando - as marcas deixadas não se apagariam facilmente. Agora tudo estava diferente e o imprevisível das ruas já não me causava tanto estranhamento.

A cada passo percorrido, algo novo ocorria. Planejávamos ir para a direita e lá estávamos, novamente à esquerda! E quando pensávamos que tudo sairia conforme havíamos planejado, nos deparávamos com mais imprevistos. Uma moça nos parou e a reconheceu. Isso a deixou tão feliz. Lá íamos nós, caminhar por outros arredores. Disse a elas que eu era aprendiz, não sabia bem o que podia ou não fazer. As duas quase morreram de rir de mim e questionaram se eu não percebia que elas também eram iniciantes nessa coisa de encontro a céu aberto. Me explicaram que não queria dizer que eu não soubesse o que fazer só porque eu nunca fizera antes. “É que antes fazíamos diferente”, contaram entusiasmadas. Agora a rua estava presente e exigia que aprendêssemos a experienciar de forma singular o imprevisto e o impensável.

Mesmo um tanto desconfiada com os rumos dessa conversa nada comum, segui questionando se o que estávamos fazendo era, de fato, o correto. Eu não sabia se pulos eram ou não adequados, ou se andar à deriva pela rua realmente fazia sentido. “Leituras, preciso de mais leituras”, pensava comigo. Mas, enquanto estudamos esses acontecimentos incomuns, seguimos com a contação.

A grande dúvida

Em meio a essa contação nada linear, é chegado o momento da nomeação da personagem principal da nossa história. Ainda não revelei sua identidade, pois, sendo muitas, também possui muitos nomes, o que acaba dificultando a missão de escolher apenas um. Alguns destes nomes eu sabia que ela não gostava, já outros, adorava.

“Ah que dor escolher apenas um, mas vamos lá. Pensando bem, pode ser interessante escolher meu próprio nome, eu nunca fiz isso antes!” Depois de hesitar entre dois nomes, que por fim não escolhe, finalmente chegou a uma decisão: “Carolina! Quero me chamar Carolina!”

Antes dessa escolha, porém, nossa personagem se demorou em dúvidas. “Preta, quero me chamar Preta. Não, melhor não. Quero me chamar Alemoa, o apelido dado pelo meu avô. Não, melhor Preta. Ou melhor Alemoa? Ah, não sei!” Contou que a acusaram de racista em uma das clínicas onde morou. Sem compreender o porquê de toda a acusação, negou de pés juntos que tivesse reproduzido tal atitude.

“Disseram que eu não poderia ser racista, pois eu tenho um pé na África. O que isso quer dizer? Eu sou negra ou branca? E agora?” Extremamente aflita, chegou à provisória conclusão de que se encontrava na fronteira. “Acho que sou meio a meio. Mestiça. Olha a minha pele, eu não sou branca, também não sou escura. Meu cabelo não é crespo, mas também não é liso.” Chateada por não conseguir chegar a uma resposta definitiva, continuou se perguntando quem, de fato, ela era.

“E tu, o que tu és?”, me perguntou com extrema curiosidade. “Como assim o que eu sou?”, acho que pensei um pouco alto demais. “Tu nunca te perguntou sobre a tua raça?”. Enquanto ela aguardava pela minha resposta, eu continuava pensando. Então, refleti mais um pouco, e eis que sua pergunta foi motor de uma reflexão importante. Percebi que nós, pessoas brancas, não costumamos nos enxergar como sujeitos racializados. “Ah, mas raça tem a ver com negritude”, diriam algumas pessoas. “Racismo é uma questão de pessoas negras”, diriam outras. Talvez seja mais cômodo pensar assim, não é mesmo?

Foi então que descobri a existência de uma palavra certa: branquitude. Já ouviram falar? É que talvez o fantasma da tão falada e defendida “democracia racial brasileira” continue nos assombrando. E, com isso, impeça que possamos enxergar coisas como a tal da branquitude, que acabei de mencionar.

Aprendi que branquitude é o nome que se dá à identidade racial branca e que as suas expressões podem colaborar para manter as hierarquias raciais, ou seja, os privilégios do grupo branco em virtude do racismo. Ao que parece, pessoas brancas estão implicadas diretamente com o racismo. Dizem por aí que a escravização havia “deformado” as pessoas negras; mas não teria, de fato, “deformado” as pessoas brancas?

Parece-me que, de tão deformados que estamos, mal conseguimos pensar sobre esse assunto sem aquela intensa resistência, que muitas vezes se manifesta em forma de silêncio, omissão ou deturpação acerca do lugar que nós, pessoas brancas, ocupamos nas relações raciais brasileiras.

Com o desenrolar de toda essa conversa, fico cada vez com mais questões. Mas uma delas surge com mais força, pois diz respeito à forma como meus encontros com Carolina eram vivenciados. Afinal, o que temos presentificado, através de nossos corpos brancos, na relação interracial, mas também entre sujeitos brancos, onde parece não haver relações raciais? Estamos atentos à nossa branquitude? As poucas palavras que trocamos sobre esse assunto puderam iniciar, mesmo que timidamente, um assunto tão complexo e importante.

Retomando o fio da nossa história, Carolina continuou sentindo-se aflita por não saber qual era, afinal, a sua identidade racial. Contudo, fico me perguntando o que - e como - eu estava escutando, quando ela trazia para nossos encontros tais aflições. Pergunta importante, eu diria.

Entre Preta e Alemoa, precisou de um tempo para decidir, mesmo que provisoriamente, como se reconhecia. Compreendi que não cabia a mim responder-lhe a pergunta que exigia resposta: “Afinal, sou branca ou negra?” Embora, da dúvida, não tenha surgido a tão esperada resposta, ela seguiu me contando mais e mais histórias. E eu segui escutando, atenta.

Um segredo

Carolina guardava para si um segredo indizível. Fazia questão de dizer para todas as pessoas desse grande segredo que guardava, mas nunca o revelava. Essa atitude fazia com que ganhasse inúmeras inimizades nos poucos espaços por onde circulava - inclusive esse era um dos motivos pelos quais era frequentemente contida, isto é, amarrada à cama da instituição psiquiátrica que um destino funesto tornara sua casa.

Comigo, a sua atitude repetia-se. Mas, ao contrário do que ela esperava, nunca lhe perguntei sobre o tal segredo. Tampouco “perdia a paciência” com ela, como relatava que costumava acontecer às pessoas com quem convivia. Eu apenas acolhia o que ela trazia, fazendo uma ou outra pergunta relacionada ao tal segredo, mas nunca exigindo que me fosse revelado.

Confesso que muitas vezes a curiosidade de saber do que se tratava quase transformou-se em pergunta. Pode ser que pareça bobagem, mas a forma como ela abordava o assunto fazia com que muitas pessoas implorassem pela sua revelação. Alguns momentos tornavam-se tão angustiantes que eu não sabia mais

o que fazer. Certo dia, passamos todo o tempo do nosso encontro falando sobre o tal segredo, e eu não via nenhum sentido naquela conversa. Todas as vezes em que eu tentava mudar os rumos do diálogo, logo ela trazia o assunto novamente. Foi então que o inesperado aconteceu.

Em meio a uma praça lotada, Carolina começou a chorar incessantemente. Preocupada com o fato de todos estarem olhando, chorava ainda mais. Isso nunca havia acontecido. Enquanto caminhávamos juntas, costumávamos apenas rir e conversar. Aquela foi a primeira vez que vi suas lágrimas, e eu não sabia qual seria a melhor forma de estar ali naquele momento. “Tu não vai dizer pra eu parar, pois estou fazendo um escândalo?”, gritava ela, ao mesmo tempo em que pedia que eu fosse embora e não voltasse mais. Pensei que, certamente, eu tinha feito algo muito errado. Mas o que seria? Na dúvida, permaneci onde estava, disponível. Muito tempo depois ela conseguiu falar.

“Era um teste”. Um teste? “Como na casa é proibido chorar, queria saber se contigo é permitido.” Ela queria saber, também, se eu continuaria ou não do seu lado, pois na maioria das vezes não era o que acontecia. Contou-me que era comum ser amarrada, permanecendo assim por horas ou, até mesmo, passando a noite atada às cordas. O motivo? Havia chorado. A primeira vez que ela chorou não sabia da proibição. As seguintes foram porque simplesmente não conseguia conter o choro.

Contou-me que estava treinando intensamente para cumprir as regras da casa e precisava da minha ajuda para alcançar tal objetivo. Não estava sendo fácil. Para facilitar sua vida, havia comprado um radinho de pilhas, de modo a amenizar o som das lágrimas, enquanto fingia estar dormindo. Funcionava parcialmente, relatou aborrecida.

Carolina surpreendeu-se com meu espanto. “Como assim você não sabia? Nossa, pensei que você soubesse das coisas! Mas não se sinta menosprezada por isso, não foi isso que eu quis dizer... Aliás, chorar não é a única proibição. Há uma série de outras coisas que acontecem em casas como essa. Eu, que já passei por várias delas, vou contar tudo o que aprendi. Sei de todas as regras e punições. Vou te ensinar, detalhe por detalhe, como é ter a vida presa no próprio lar.”

Escutei muitas histórias. Algumas tão tristes que mal conseguia respirar ao escutar. Já outras, tão engraçadas que a falta de ar também se fazia presente, só que de outra forma. Soube, inclusive, que ela mesma havia escutado muitas narrativas também. Dizia que gostava de ouvir as histórias de seus companheiros, mesmo as inventadas. Não consideravam um problema ser real ou não, muito pelo

contrário. Era como um ritual que costumavam praticar. Mas tudo escondido, pois também não era permitido conversar sem a presença de alguém vigiando. “Vidas que dariam um livro”, relata, com um sorriso no rosto.

A parte que ela mais gostava era a das escapadas. “Quando se é livre, as histórias ficam mais interessantes, com mais vida, sabe? Você deve saber, você é livre.” Justificava que nenhum deles havia cometido um crime para estar ali. “E, mesmo que tivéssemos cometido, se paga e depois vai embora, não é mesmo?” Estavam presos, pois tinham a interdição da palavra. “Somos interditados, nossa palavra não existe”. Devia haver um jeito de desinterditar, e esse era um desejo que lhe parecia distante. Tão distante quanto a sonhada liberdade.

Da verdade fez-se pergunta

Eram dois homens. Eu apenas podia enxergar a cor castanha dos seus olhos. Corri, mas não foi o suficiente. Já não eram dois, mas três. E o meu corpo já não me pertencia. Um deles, meu namorado. Ciúmes. Tudo por ciúmes. Consegui fugir momentos antes da tentativa de atear fogo no meu corpo. Foi o dia mais triste da minha vida. Perdi a consciência. Acordei e estava em um hospital. Dez dias se passaram e eu não lembrava de nada. Eu contei, mas ninguém acreditava. Diziam que as palavras que eu utilizava não eram compreensíveis. Estava fora de mim, sem controle sobre nada. Meu avô morreu, meu avô que para mim foi pai. Um pai que nunca existiu. Uma mãe morta, de causa por mim desconhecida. Lembro do crack, de longas caminhadas pela rua, da dor. Meus treze anos marcados com cor de sangue e um forte cheiro de gasolina. Já não lembro mais de nada e não sei o que eu falei ou fiz. Me perguntam o que é ou não verdade. Pouco importa se foi ou não verdade, não é mesmo? Que valor possui a minha palavra? Eu estava sozinha e perdida. Por isso estou presa aqui. Por isso estou presa aqui?

* * *

Frequentemente a pergunta do porquê de estar presa ali fazia-se presente. De todos, restou-lhe apenas a avó. Tentaram morar juntas por um tempo, mas, após aquele dia, tudo ficou diferente. Não conseguiam mais se entender e a avó se viu levada a abrir mão de seus cuidados.

Foi então que a casa terapêutica se tornou a única opção. Ela nunca aceitou estar ali, onde a repetição do dia mais triste de sua vida acontecia com frequência. Ser mulher e não ter liberdade era uma espécie de alvará para que pudessem fazer o que quisessem com seu corpo. Não consideravam violência sexual, pois possivelmente a culpada era ela. “Ninguém vai acreditar em mim, e, se tu contar, vão me machucar mais ainda”, relatava com desespero. Assim como no passado, a descrença em suas palavras insistia. “A corda sempre escapa para o mais fraco”, repetia as palavras daqueles que a ameaçavam. Passou por muitas casas até chegar àquela. Lugar mais seguro e adequado, diziam alguns. Ela então estava protegida pela lei. Mas, mesmo assim, ainda sonhava em voltar para sua casa de verdade.

Chorava todos os dias implorando por outra chance da vida. Porém, havia poucas apostas de que sairia dali algum dia. Alguns especialistas diziam que seria melhor não lhe apresentar essa possibilidade, pois as chances seriam mínimas. Afirmavam que, possivelmente, a passagem pelas casas foi o que a manteve viva. Do contrário, talvez estivesse em situação de rua, passando por inúmeras violências. Suposições, é claro. Nitidamente ela não teve e não tem outra escolha. Tinha a sua palavra interdita e nada podia decidir, como ela mesma costumava dizer.

Eu não entendia por que a violência das casas era considerada menos grave. Todos sabiam, o tempo todo, de tudo que ocorria ali dentro. Todos consentimos. E continuamos permitindo, cotidianamente. Já não nos surpreendia tanto quanto no passado, pois agora a sutileza do ato não deixava tantas marcas no corpo - será? Afirmar que ela estava segura ali dentro não era verdade, e todos tínhamos conhecimento disso. Mesmo assim, insistimos.

O eletrochoque já não existe mais, tem outros nomes agora. A produção de novas tecnologias - indolores e altamente seletivas - surgem com a promessa de conter aquilo que antes somente a cela podia prender. Mas, quando a química falha e o corpo já não consegue mais conter a dor, as amarras tomam o lugar da palavra. Imobilizá-la parecia ser então a única saída possível.

Seus pulsos guardam as marcas desses momentos.

Fronteiras

Carolina entendia como castigo a restrição de liberdade recomendada pela equipe de especialistas. “Foi liberdade demais que fez mal a ela”. Confesso que fiquei confusa e saltei da cadeira ao escutar tais palavras. Será mesmo que foi isso o que ouvi? Voltei a sentar. Eu e ela estávamos sozinhas ali, embora a sala estivesse cheia. Eu não concordava que a liberdade pudesse adoecer alguém, mas como falar isso quando se é apenas uma aprendiz em meio a tanta gente experiente?

“Pensamento concreto”, repetiu, inúmeras vezes, ao pé do meu ouvido, uma das especialistas, como se essa fosse a única definição possível para a existência de Carolina. Naquele momento, percebi o quanto o olhar que lhe era direcionado dizia de um desprovimento de desejo e subjetividade.

“Eu vou morar pra sempre em clínica?” Pela primeira vez o silêncio fez-se presente por longos segundos, e apenas então foi possível escutar a sua voz: “Eu quero a minha liberdade. Não foi liberdade demais que me fez mal. Foi um momento de crise, apenas isso!” dizia, aborrecida, aos especialistas.

É verdade que vivenciamos juntas alguns momentos de crise. Também posso afirmar que não foram momentos fáceis. É desesperador, angustiante e extremamente demandante. A experiência humana tem desses momentos, não é mesmo? Dentre as experiências de Carolina, as crises também se fazem presentes. Assim como tantas outras vivências. Eram muitas as suas histórias engraçadas. Amores e desamores. Seu jeito espontâneo de ser e a capacidade de transformar em riso aquilo que tanto nos aflige. A vida é tão mais que um momento inoportuno...

Disseram-me que talvez ela estivesse “na fronteira” e que, nestes casos, não havia muito o que fazer. Por esse motivo, os muros eram necessários para que sua experiência pudesse ser protegida de si mesma e dos outros. Dessa forma, não era recomendado que circulasse muito, pois isso poderia ser-lhe causador de grande sofrimento - poderiam machucá-la. Naquele momento, um nó tão grande fez-se presente que pensei que tudo aquilo em que eu acreditava havia sucumbido.

Realmente, quando falavam sobre ela, pareciam dizer de outra pessoa, totalmente diferente. Diziam que o que ela me contava eram apenas meias palavras, com pouco valor. Compreendi que eles possuíam um saber outro, palavras outras, mas que também não deixavam de ser “meias”. Seus encontros com ela eram muito diferentes dos

meus. De fato, Carolina era muitas, como ela mesma costumava dizer. E não era por isso que suas histórias seriam menos importantes. Desafio alguém a contar a verdade sobre si. Quantas versões nossa vida pode possuir? Que triste se for apenas uma!

Mas como será possível compor uma vida com narrativas que parecem tão antagônicas? Há apenas uma verdade sobre a história de uma vida? Qual escolher? Se é que o que está em jogo é apenas uma escolha. São tantas as perguntas que apenas me coloco a fazê-las. Porém, quero ainda contar-lhes sobre nossos encontros depois da “grande crise” de Carolina. E da minha também!

Uma aposta

Tomadas por uma enorme angústia após o veredito dos especialistas, eu e Carolina nos vimos desenhadas em uma página em branco. Uma olhava para a outra buscando alguma saída para continuar criando, ou não, novos caminhos pela estrada afora. Embora deixassem de apostar no nosso encontro como produtor de novas histórias, decidimos não paralisar. Ainda não sabíamos, mas havia outras pessoas que concordavam conosco e que foram muito importantes naquela ocasião.

Nós não concordávamos, em alguns aspectos, com os especialistas. No entanto, compartilhávamos de muitas outras perspectivas. Percebíamos que seus saberes eram muito importantes, mas que nem sempre precisaríamos concordar em tudo para que nossos encontros fossem possíveis e potentes. Há, nessa discordância, algo que se acrescenta e que permite a construção dessa rede de saberes, práticas, concepções e modos de criar tão diversos. Ao invés de paralisar no primeiro impasse, insistimos nele. Aliás, impasses não nos faltavam! Aos poucos, fui percebendo que nossos encontros começavam a produzir novas questões. Algumas um tanto paradoxais, eu diria.

Carolina às vezes me apresentava como sua amiga, e percebi que essa era uma questão importante para nós. A rua tem isso de nos aproximar, mas eu não sabia quais eram os limites dessa amizade. Como eu falaria para ela que, na verdade, não éramos amigas? Aliás, quais são os limites e as possibilidades de pensar a amizade no nosso encontro? Eu sabia que, ao mesmo tempo que não fazia sentido adotar uma postura rígida e tecnicista, também não se tratava de uma amizade tal qual convencionamos experimentar.

Eu notava que esse tangenciamento com a amizade foi o que permitiu a emergência de muitos movimentos e tinha receios de que uma ruptura abrupta fosse motivo de desmoronamento de tudo o que havíamos construído até então. O fantasma que começava a me assombrar logo ganhou outras formas. “Eu sei que tu é minha amiga entre aspas, mas isso não é menos importante. É uma amizade diferente”, contava Carolina, com aquele sorriso no rosto. Ser sua “amiga entre aspas” começou a ganhar novos significados, assim como outras aberturas ao que antes parecia tão inflexível e impensável.

Foi então que comecei a compreender que a amizade que atravessava nossa relação não era aquela que se manifesta a partir da ideia de reconhecimento do mesmo, entre iguais, mas sim uma amizade à diferença, aquela que acolhe o que se apresenta como diferença radical. É a partir dessa política da amizade que se pode, muito além de construir um espaço de intimidade e fraternidade, também conquistar, no espaço público, o direito de ocupá-lo, transformá-lo - fazer a loucura circular e ser transformado por ela.

De repente, não mais que de repente, fez-se da vida uma aventura errante

Carolina acreditava que, para reconquistar sua liberdade, era necessário, antes de tudo, extirpar seus dentes de mentirosa. Como havia mencionado no começo desta história, desde que lhe caíram os dentes de leite, fora presenteadada com um diastema, esse pequeno espaço entre dentes vizinhos e geralmente frontais. “Tu tem dentinhos de mentirosa”, costumavam dizer em tom de piada, o que lhe deixava muito aborrecida. Segundo ela, nunca havia mentido, mas foi como ficou conhecida. Por isso, desejava corrigir seu “defeito” a qualquer custo. Assim, ganharia a confiança de todos na casa e também a dos especialistas, para que, no final das contas, deixassem-na sentir o tão desejado sabor da liberdade.

Talvez esse não fosse o único jeito. Começamos a pensar juntas se ela estava, de fato, preparada para experimentar a rua sozinha. Confesso que eu não via motivos para deixá-la trancada naquele lugar, mas também não era possível, de forma alguma, avaliar tal situação solitariamente. Foi então que criamos alguns mapas. Mapas de liberdade. Sabíamos que não era um consenso com os especialistas, mas a casa havia concordado com a nossa invenção, o que já era um grande passo!

Inicialmente nosso mapa tinha apenas um ponto. Tratava-se da casa, único lugar em que era possível deslocar-se. Carolina contou que estava sendo sufocante e que não conseguia mais viver apenas com um ponto em seu mapa. Foi então que colocamos um segundo ponto. Começamos a retomar nossos encontros, e a rua começava a ganhar espaço em sua vida novamente. A diferença é que agora ela ia ao meu encontro e isso a deixava tão feliz. E a mim também! Algumas vezes ela pedia para que eu a acompanhasse na volta, mas não víamos problemas nisso. Muito pelo contrário...

A partir de então, decidimos habitar o mundo dos sonhos. Aos poucos novos pontos começaram a surgir em nosso mapa, antes tão esvaziado. Era-nos possível sonhar, e isso nos abria muitas possibilidades. Tínhamos consciência de que nem sempre os sonhos se realizam, ou não da forma como gostaríamos. Mas não importava, já era bom simplesmente sonhar, o que antes talvez não fosse tão permitido assim.

Alguns diziam que éramos sonhadoras demais e que não deveríamos insistir nessa ideia. “É perigoso e vocês podem se machucar muito. Quem vai ser responsável pelos danos que os sonhos de vocês podem causar?”, questionavam alguns especialistas. “Nós apoiamos, mas desde que ela siga à risca as nossas regras”, diziam os responsáveis pela casa. “Eu não sei se isso vai dar certo, mas, se acontecer alguma coisa, o que tu vai fazer?”, perguntava sua avó, apreensiva e descrente da ideia.

Em contrapartida, havia aqueles que apostavam nos sonhos como possibilidade de criar outros mundos. “Sonhar é tão importante quanto respirar”, diziam com uma certa empolgação. “Não há nada de mal em sonhar, aliás podemos fazer parte dos sonhos também?”, comentavam outros.

Foi então que compreendemos que tanto aqueles que eram moderados em relação à intensidade de nossos sonhos quanto os que nos impulsionavam a sonhar eram extremamente importantes nesse processo. Ao mesmo tempo que precisávamos de uma intensa aposta para continuarmos existindo, alguns freios também se faziam necessários. Assim, nos momentos de aterrissagem, nossos pés poderiam alcançar a terra, não sem a ausência de impactos, mas com a suavidade necessária para seguirmos de pé.

Travessias

Era outono. Estávamos sentadas no banco de uma praça pública. Uma tarde ensolarada de temperaturas amenas. Poder ver a paisagem que nos cercava era como

uma dádiva. Mais nada parecia preciso naquele momento. Foi nesse dia que aprendi o que era a tal liberdade de que ela tanto falava. O vento fazia presente no corpo o que a palavra sozinha não era capaz de descrever. Afinal, liberdade é palavra tão complexa. Inúmeros filósofos, sociólogos, poetas, escreveram acerca desse curioso termo, mas o que mais me interessava naquele momento era o significado que ela lhe atribuía.

A palavra liberdade, apesar de parecer tão inteligível, de fato, não o era. A travessia sobre esse mar turbulento nunca foi simples. Não há sossego - e será que um dia haverá? Talvez sequer exista esse desejo. O desassossego, por vezes, é o que nos lança neste mar de perguntas tão preciosas. Talvez o seu desejo por mais e mais liberdade tivesse inúmeras leituras. Das interpretações feitas, não me atrevo a fazer a minha. O que pode ser nomeado de sintoma, diagnóstico ou estrutura, por vezes escapa, deixando-nos em silêncio frente às intensas ondas de interrogações. Parece loucura. Desejo impossível, impensável. Por que apostar?

Insistimos. Entre voos e aterrissagens, dias de sol e de chuva, lá estávamos nós novamente. Diziam que, depois de conhecê-la, eu jamais seria a mesma. Falavam, também, que se despedir não seria uma tarefa fácil.

E é nesse exato momento que precisei ir embora. De todos os encontros, esse foi o que mais me deixou marcas. Aquele vento, seu sorriso, o desejo daquilo que não parecia possível. Eu vou, mas ela continua. Outros encontros, outras histórias. Aos poucos, a distância vai aumentando e já não estamos mais ali. O tempo já é outro. Olho para o banco e vejo uma outra pessoa sentada ao seu lado. Despeço-me e saio. Mesmo já estando distante, ainda consigo ouvi-la pronunciar: “Ah! Como é boa a liberdade...”

* * *

Débora de Bitencourt Fél é psicóloga, ex-integrante do Projeto ATnaRede. Residente do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Criança - violência e vulnerabilidades (UFRGS/HMIPV).

Vera Lúcia Pasini é psicóloga, doutora em psicologia social (PUC/RS), professora do curso de psicologia (UFRGS) e coordenadora do projeto de extensão ATnaRede.

Analice de Lima Palombini é psicóloga, doutora em saúde coletiva (UERJ), professora do Instituto de Psicologia (UFRGS) e coordenadora do Projeto de extensão ATnaRede.



Lampejos, apesar de tudo

Amanda Cappellari
Lilian Rodrigues da Cruz

Desde pequeno Magnum se sabia vagalume. E como todos os vagalumes, só era visto quando acendia: por vezes tentou acender tirando notas boas na escola, cozinhando para sua avó ou escrevendo poesias... mas não tardou a aprender que o viam melhor quando gritava, quando dizia que não ia fazer, quando pulava o muro da escola ou do abrigo e demorava dias para voltar. Antes, quando morava com a família, passar a madrugada na rua com os amigos também o fazia vagalume, nem tanto para o pai e a mãe que durante a noite já estavam tão esgotados da dureza dos dias e acreditavam que aos 11 anos o menino já era grande para se defender da vida, mas fazia luz aos olhos de alguns vizinhos que não dormiam devido ao barulho noturno, ao conselheiro tutelar que percebeu o cigarro em sua boca e aos professores que não suportavam seu sono durante as aulas.

Nos primeiros acontecimentos, ele não queria ser visto, “se pudesse, eu não acenderia”, ele me contou, mas acontece que algumas existências não podem não ser vistas. A invisibilidade é privilégio de muitas e muitos, mas não de Magnum. Com seus gestos ele incomodava e, na insurgência de sua vida considerada não adequada, ele se tornava visível.

Esta não é a primeira vez de Magnum em uma instituição de acolhimento. Foi em uma manhã gelada de uma quarta-feira que poderia ser parecida com outras tantas que aos seis anos, despertou da cama quentinha, que dividia com o irmão mais novo, sendo arrancado por duas pessoas desconhecidas. Tudo aconteceu tão rápido que ele nem conseguiu ver as lágrimas de tristeza e raiva que molhavam o rosto de sua mãe. No caminho até a instituição, as duas pessoas sem nome e sem rosto repetiam a ele que já poderia parar de chorar. Ao chegar, alguém o acolheu e explicou que ele passaria alguns dias ali, mas que poderia ver seus pais. Magnum não entendia nada.

Eu soube que esse primeiro acolhimento institucional aconteceu por motivo de negligência: *muito abaixo do peso e sujinho, marcas nas pernas por ter sido agredido, provavelmente pelo pai, que faz uso de drogas e tem envolvimento*

com tráfico. Magnum não ia para a escola e suspeitavam que estivesse em situação de trabalho infantil, pois havia sido visto catando papelão com sua mãe e irmão. Os profissionais entendiam que não era adequado dividir uma cama de solteiro com outra pessoa e que suas condições de moradia eram precárias. Na casa, além de duas camas, havia um fogão a lenha, uma geladeira, uma pequena televisão e dois sofás velhos, *mas a casa estava organizada e limpa*, escreveram no papel.

Magnum não lembra muito bem por quanto tempo ficou acolhido, pensa que menos de um ano, mas não esqueceu das noites em que conversou com Deus pedindo desculpas por o que quer que seja tivesse feito de errado para ser punido daquele modo. Lembra disso com certa irritação, não gosta de se deixar ver na inocência dos vagalumes. Assim como alguns pirlampos desavisados sobem em postes de luz e se deixam expostos às queimaduras solares, também os meninos vagalumes se machucam por culpas das quais não são donos.

Queria poder lhe contar essa história com exatidão, mas tudo é impreciso. Ainda bem. São nas frestas que a vida pode acontecer. Depois de muito circularem pela rede de saúde e assistência social, Magnum e sua família, decidiram que ele poderia voltar para a casa dos pais. A decisão para que retornasse à família de origem estava fundamentada no bom vínculo existente, na preocupação da mãe em visitá-lo semanalmente na instituição e, por entenderem, que dividir a cama para dormir dizia de pobreza e não de negligência de pai e de mãe. Em um de seus prontuários consta uma série de faltas às consultas psiquiátricas, dificuldade de contato com a mãe do menino e que *percebe-se que os pais não sabem impor limites, permitindo que o menino fume maconha e chegue tarde em casa*. Aos 11 anos ele foi retirado da família novamente por destituição do poder familiar.

Foi encaminhado para o Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência – CAPSia. Um encontro bonito aconteceu. Alguém se fazia presença-escuta. Alguém ofertava palavras que o ajudavam a dizer de sua vida. É preciso um espaço acolhedor para que a palavra possa circular. Ora o guarda do CAPS o escutava, ora a psicóloga residente apostava em sua possibilidade de autoriar a vida e o acompanhava, de bicicleta, em seu modo de ocupar a cidade. Logo o diagnóstico de Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) ficou opaco e a vida pode pulsar, até voltou a escrever poesia. No entanto, Magnum sofria. Dizem que feridas de abandono não cicatrizam nunca. *Abandono* da família ou do Estado?

Quando diagnosticado e medicado, Magnum passa a fazer parte de outra coletividade de meninas e meninos em acolhimento institucional. Nessa realidade, as intensidades de sentires que se apresentam no cotidiano logo recebem nome e remédio. Parece que fica menos complicado habitar espaços de juventudes que aparentam estar controladas de alguma maneira. Por isso tantos diagnósticos. Qualquer episódio de exaltação pode ser chamado e registrado como surto, transformando a ideia de vidas em sofrimento por vidas adoecidas que, assim, precisam de medicação; medir ação, diminuir ação. Será mesmo mais fácil?

Costumavam dizer que Magnum era menino forte. Era, sim. Mas quem podia olhar para sua fragilidade? Quando lhe diziam “isso é porque tu tens TOD” ele costuma responder “bem que eu queria ter mesmo”. Magnum sabia de onde vinha sua revolta. TOD lembra Toddy, aquela marca de achocolatado que prometia deixar as crianças mais fortes. Ele nunca tomou Toddy na infância. Mas outros meninos tomaram, era desejado que fossem meninos fortes. Porque a coragem, a inteligência e insubordinação é agraciada em alguns, mas não em menino-vagalume? Em Magnum vira transtorno. Para ser medicado, para ser menino-menos-forte, para amenizar a revolta que nascia da raiva.

Sua irredutibilidade era encarada como sintoma, sua explosividade o paroxismo do transtorno. Pois também penso que eram sintomas: sociais, não de Magnum. Menino-vagalume também precisa de reação química para acender. A terapeuta ocupacional e a psicóloga do CAPS prestavam mais atenção quando ele se fazia *Big Bang*. Estratégia de sobrevivência provocava efeitos. *Como podemos te ajudar, Magnum? O que precisa nesse momento? Vamos fazer bolo de cenoura com cobertura de chocolate na oficina da tarde. Quer passar o dia com a gente?* Ele queria, adorava bolo de cenoura. Algum vazio diminuía naquelas cozinhas... e não era no estômago.

Foi no auge de sua vida vagaluminosa, quando Magnum estava com 14 anos, que o conheci. Ele havia voltado de uma internação compulsória por uso de drogas e recomendaram que participasse da oficina que eu e outra colega fazíamos no serviço de acolhimento. Não lembro bem qual era a atividade naquela tarde, tínhamos um cartaz, canetas coloridas, tintas, revistas, giz-de-cera e *glitter* espalhados pelo chão de uma sala com sofás velhos, quando ele entrou aceso e pegou o papel nas mãos para em seguida deixá-lo em três pedaços. Sem o dispositivo de construção coletiva que havíamos proposto, a estratégia precisava

ser outra: escutar o que é que faz, na vida de um jovem, rasgar qualquer coisa que tenha sido investida por outros. Sinceras, afirmamos o desejo em conhecer suas histórias de vida, com a expectativa de também tornar sensível o gesto violento de Magnum. O menino transbordava e precisava falar: “Minha mãe morreu ontem, meu *cupincha* me contou. Eu queria ir no velório, falei com as tias e não me deixaram ir, disseram que não posso ver ela! Agora ela já foi enterrada. Eu só queria dar tchau...”. É duro, né? Tive que pausar a escrita para suportar. Eliane Brum escreveu uma vez que “enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida”. Concordo, em alguns casos. Ouvi dizer que a mãe de Magnum faleceu devido a uma tentativa de aborto, não sei se é verdade. Talvez precisasse ser ela a arrancar o que ainda estava dentro de si, antes que alguém o fizesse.

Após a morte de sua mãe, o menino mostrou com maior intensidade seu poder de dizer não. Obrigavam que fosse para a escola: “não vou!”. Insistiam, sua revolta crescia e, às vezes, precisava quebrar algo para que entendessem que seu *não* era definitivo. Irreversível. Insubmisso. Pois não nos enganemos, ora! O lirismo dos vagalumes não reside unicamente em sua inocência. Não são as fêmeas de algumas espécies que atraem os machos, com sua luminescência, para em seguida alimentarem-se deles? Como os vagalumes, Magnum também cria estratégias para sobreviver.

Durante o acolhimento institucional seguiram-se muitas evasões. Às vezes conseguiam trazer Magnum de volta através do uso da força da guarda do município, outras ele voltava por uma conversa afetuosa com sua psicóloga. Por vezes, inclusive, voltava sozinho, sempre na hora do almoço. Sabiam que ele saía do serviço de acolhimento para ver seu pai e que outras tantas voava pelas ruas com meninos que nem tão inocentemente entregavam drogas em um lugar ou outro. Solicitaram que o Conselho Tutelar explicasse ao pai que ele não poderia ver o filho, já não possuía sua guarda e que isso fazia mal ao menino. Orientaram que fosse incisivo e ligasse para a instituição caso o menino aparecesse. Diante da orientação, o pai respondeu que preferia ver o filho no meio dos outros meninos do que no abrigo. Parece até que o pai já havia lido *Capitães da Areia*, do Jorge Amado. Mas é que ele já foi menino de rua, essa leitura não lhe fazia falta.

Nas tantas idas e vindas, Magnum cumpriu medida socioeducativa na FASE. Assaltou uma farmácia, acompanhado de um *cupincha*. Era noite e carregava nas mãos uma arma de brinquedo, o suficiente para honrar o nome que lhe foi

dado. Magnum, o menino com nome de arma, demonstra toda sua obediência fazendo valer, naquele momento, o futuro profético que lhe ofereceram. Depois de me contar a vitória em ter conseguido não se aliar a nenhuma facção - devido a um conhecido que também cumpria medida-, ele pareceu tentar acalmar a mim e a ele: “Tudo bem, tia, sempre me disseram que eu ia acabar preso”.

Às vezes Magnum me chama de tia, outras de dona, em poucos momentos deixa escapar meu nome por entre os lábios. Nossas palavras denunciam os lugares por onde nos constituímos, transitamos e subjetivamos. Na instituição de acolhimento, as monitoras e os monitores são chamados de *tias* e *tios*, na FASE ou nos Centros de Atendimento em Semiliberdade (Casemi) os profissionais são nomeados de *seu* ou *dona*. Lembro que ao voltar da FASE, Magnum estava sempre preocupado com a punição que poderia receber por seus comportamentos...

Aprendeu a fazer do CAPS um esCAPS. Escapava para o serviço quando a vida doía muito. Se na escola e na instituição de acolhimento demandavam saber de seu diagnóstico para medicar e diminuir a intensidade de suas expressões, no serviço de saúde, com cuidado, desconstruíam a dureza do diagnóstico e criavam espaços para a vida aparecer. Encontros que acreditam na sensibilidade como produtora de saúde abrem frestas para a existência escorregar por outros trajetos.

Tenho conversado com Magnum uma ou duas vezes por semana. Hoje ele me mandou uma mensagem pedindo para que o encontrasse na instituição de acolhimento, queria ajuda para fazer um novo currículo. Antes de irmos para uma sala pequena, quis me mostrar algo no quarto que divide com mais quatro meninos: as medalhas e troféus que ganhou em campeonatos de futebol e em olimpíadas de matemática. Me contou sobre como adorava as aulas de matemática e terminava os cálculos com rapidez, “algumas contas eu fazia de cabeça mesmo, não precisava colocar no papel ou usar a calculadora”, mas eram também nas aulas de matemática que frequentemente ele era mandado para a diretoria. Uma vez mais o que o fez vagalume não foi a tão admirada capacidade de calcular, mas os gritos decorrentes do tédio e as brincadeiras que fazia. O que incomodava mais intensamente não era a bagunça, mas o barulho causado pelo lugar de *primeiro da turma* ser ocupado por um menino negro e pobre. Sensibilidade, é sempre ela que falta. O que fazíamos com nossas vidas que não conseguíamos enxergar a potência de Magnum? Teriam os adultos perdido a capacidade de enxergar a vida que aparece apesar de tudo?

Enquanto trabalhávamos em seu currículo, Magnum me falou do medo que sente do seu aniversário de 18 anos. Está próximo, faltam poucos meses. Com 18 precisa sair do acolhimento e por isso quer conseguir um emprego. Mas desta vez não aceita trabalhar como empacotador em mercado. Ele tinha deixado currículo em muitas empresas, mas ninguém entrou em contato, o emprego no supermercado foi a irmã de uma das cuidadoras quem conseguiu. Entretanto, Magnum precisava trabalhar aos sábados e domingos e não se sentia querido pelos colegas. Começou a faltar e foi demitido logo que terminou o contrato de três meses. Ele disse que os amigos que não possuem emprego conseguem ganhar dinheiro guardando drogas em casa, mas que nem isso pode fazer, “já que moro em um abrigo”. Já pensou em “passar a noite na boca com um ferro na mão”, mas tem medo de ir para a FASE de novo e ficar longe dos irmãos. Precisa de um emprego bom para alugar uma peça quando sair do acolhimento, quer que os irmãos possam morar com ele. Mas, se não conseguir, não sabe o que vai fazer. Não vê o pai desde que o mesmo foi preso, há dois anos. Então, mesmo que cogitasse retornar para a casa do pai, não poderia.

Talvez precisasse fazer como Pedro Bala ou como o Gato ou como o Sem-Pernas: arranjar um trapiche para morar. Lucas, seu amigo, quando completou 18 anos, passou algumas noites em um albergue da cidade, contou coisas horríveis. Magnum jurou que preferia dormir em calçada qualquer do que passar as noites naquele lugar. Lucas, no ápice de seu desespero, virou reportagem de jornal. Ao não encontrar um lugar com teto e paredes para existir, passou a perambular pelas ruas e dormir ao relento. Logo que foi desligado da instituição de acolhimento conseguiu um emprego, mas após uma vida de tutela e pessoas controlando seu horário de despertar, não foi capaz de acordar sozinho todas as manhãs para chegar na empresa em horário pontual de trabalhador. Alguém contou para Lucas que, em Porto Alegre, existe uma república para pessoas de 18 a 59 anos que estão em situação de vulnerabilidade social e sem local de moradia. Mas o que é que Lucas faria em Porto Alegre? Magnum treme só de pensar em morar em cidade em que não conhece ninguém. Assim, uma república também não é possibilidade para Magnum.

Nesta semana uma menina foi desligada da instituição de acolhimento, fez 18 anos há três semanas. A mãe de uma amiga do *jiujitsu* disse que ela poderia ficar em sua casa por algum tempo, até conseguir outro lugar para morar. O

próximo a sair será Magnum, aniversário no próximo mês. A equipe da instituição de acolhimento não sabe o que fazer. Magnum não sabe. *E eu também não sei...* A equipe do CAPSia decidiu que ele poderia seguir vinculado ao serviço até os 21. Um lugar a menos para se desligar aos 18. O Pedro Bala, o Gato ou o Sem-Pernas, se conhecessem Magnum, diriam que ele tem uma estrela no lugar do coração, porque só os meninos valentes têm uma estrela no lugar do coração.

* * *

Amanda Cappellari é psicóloga formada pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Consultora no projeto “Construção intersectorial de estratégias de enfrentamento às Piores Formas de Trabalho Infantil - tráfico de drogas e exploração sexual” realizado pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e Instituto Gaúcho de Educação Superior (IGES). Integrante do Grupo de Estudos em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades (GEPS).

Lílian Rodrigues da Cruz é doutora em Psicologia, professora e pesquisadora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades (GEPS).

A janela

Tátia Rangel

entrei aqui, doutor, nunca mais saí. que lugar é esse? minha filha me deixou aqui, disse que voltava logo, mas não sei o que esse logo quer dizer. acho que tem uns dias, não lembro mais. porque aqui não tem relógio, nem televisão,



que dirá jornal. aqui, doutor, o tempo não passa. ele fica nos esperando enlouquecer para dizer que sempre esteve aqui. sabe, doutor, nunca tive uma vida fácil. quando criança me diziam que eu era estranha, e depois de mocinha, me diziam que isso não tinha mais jeito. eu nunca liguei pra nada disso, até porque, quem sabe o que é a verdade? o senhor sabe? eu não acredito em tudo que me dizem, não. só acredito nos pássaros, nos cachorros, nas joaninhas, e em alguns gatos. do contrário, só acredito na água do rio. essa sim é verdadeira, não pára. segue seu caminho sem perguntar pra ninguém se pode ou não, se tá certo ou errado. teve uma vez que fiquei sentada numa pedra, na beira do rio, lugar lindo. estava me sentindo como uma rainha. lá fiquei conversando com os pássaros e com Teodoro, meu cão-amigo. estava dizendo a eles, que a vida é um tanto estranha: tão grande, tão sábia, tão tanta coisa, e a gente, que quer se dizer humano, fica querendo saber mais que ela. fica tentando controlar tudo, saber mais do que nossa barriga. o pior – querer saber mais da vida do que ela mesmo nos deixa saber dela. eu não sou dessas. não falo nada sem primeiro ouvir minha barriga, meu peito, meu fígado, e, às vezes, ouço os ossos também. porque eles guardam tutano, e minha avó sempre disse: “isso faz bem para saúde da cabeça da gente”. então, acredito que eles sabem do que falam. me lembro de minha avó dizendo que eu deveria comer muito tutano, para ver se meu tutano melhorava, eu não sei se quebrei muitos ossos quando criança. mas para ela dizer isso, deve ter sido, né, doutor? dia no rio... nesse dia, como estava falando ao senhor, contei minha história para Teodoro, que, por mais meu amigo que seja, nem aos amigos

contamos tudo. fui falando algumas coisas que considero importantes ele saber, e uma delas é que quando eu morrer, quero ficar em silêncio. e que todos fiquem em silêncio. porque dizem que a morte é um descanso, e eu nunca descansei, sabe, doutor, meu pensamento não para. são muitas coisas o tempo todo. e tem vezes, que me perco nas águas do rio, em fluxos de pensamentos que passam, e nunca mais são os mesmos. até tento segurá-los, mas não consigo... então, aprendi que é preciso só acompanhá-los, se assim eu fizer, tudo flui. Teodoro já entendeu.

quando estou sentada com a mão no queixo - tipo aquela estátua do pensador - é nosso código: não me atrapalhe, pois estou me encontrando com algum pensamento importante. ele me respeita. fica ao meu lado, e se alguém se aproxima, ele late no tempo suficiente para eu voltar ao modo humano, e assim, ninguém fica sabendo do nosso segredo de pensador. é muito trabalhoso se esconder o tempo todo, porque sei, se eu falar pra qualquer um sobre pensamento, sobre o corpo que fala, e a capacidade dos bichos sentirem a vida, irão me achar doida.



o senhor me acha doida? ... ah, doutor, nem precisa responder. não fico mais preocupada com isso, só não quero que me esqueçam num desses lugares em que louco fica trancado, ou melhor, escondido da vida. isso não quero. porque se perde a dignidade de ser o que é. e sabe, doutor, uma vez estava olhando uma vitrine, dessas bonitas que têm no centro da cidade, e tinha um livro pequeno, com um nome muito difícil - estrangeiro - nunca vi de novo, então não sei dizer ao senhor o nome, mas isso não importa. tinha uma frase que nunca mais saiu de mim: "Como alguém se torna o que é". isso, doutor, deveria ser respeitado porque ninguém sabe como é estar dentro do corpo do outro. ser o outro. e cada um só pode ser o que é, não é mesmo? ... já estava esquecendo, doutor, que lugar é esse aqui? porque preciso avisar a Teodoro. ele ficou lá fora. sinto o cheiro dele. não foi embora. ele deve estar com fome, sede, e, claro, saudades de mim assim como eu estou dele...

já faz tempo, doutor, a mesma sala, e eu ainda aqui. doutor, ninguém me respondeu que lugar é esse. e o senhor sabe de uma coisa? estou achando muito

estranho que ninguém fala comigo. tem momentos que acho que só o senhor me enxerga, mas não tenho muita certeza disso. o mais importante que preciso dizer ao senhor é que tomei uma decisão. depois de pensar muito, e conversar com meus ossos, já sei o caminho: me tornar o que sou... não ia falar nada pra ninguém, mas como o senhor é o único que me enxerga, acho de bom tom o senhor saber: sempre deixei guardado na caixa dos meus pensamentos alguns possíveis, algo do tipo de futuro que vivemos no agora. acho que o senhor não sabe entender dessas coisas, mas talvez um dia o senhor aprenda. mas isso não importa agora, e tem um deles que deixei para usar num espaço-tempo que fosse importante. e é hoje, vou me tornar um carrapato. é isso mesmo. estava esperando o momento exato, e agora já sei que há uma janela e por ela vou pular. já despertei meus sentidos, sinto o cheiro do quente sangue do Teodoro me esperando embaixo da janela. e será no seu pelo que vou voltar à vida. e de tanta alegria vou me alimentar de seu sangue-vivo, e assim, correndo pelas ruas no corpo do meu amigo. vou explodir no êxtase da vida, porque aqui, doutor, é a morte que está me esperando a cada dia.



* * *

Ilustrações da autora.

¹**Tátia Rangel é psicóloga**, escritora, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).



O ouvido e a formiga

Aline R. Nascimento [Aiakos]

Uma mulher se perde da outra. Essa outra desaparece de seus olhos. Não mais a encontra, some de seu raio de ação. Conversa então com alguém do bar e este aponta sua localização. Ela segue a pista, mas continua sem vê-la. Havia seguido boêmios, músicos, indo em direção a um matagal, contagiada pela sonoridade e por imaginar que aquele grupo, era seu ninho. Desespera-se achando que podiam ter abusado da outra mulher, que era sua. Ao entrar no mato, de repente olha para o chão e vê uma formiguinha com vestido verde sob uma folha em tom ocre. Era a sua mulher. Reconhece-a por conta do vestidinho verde. Coloca-a com delicadeza em seu ouvido e a transporta através dele para um lugar longe dali. Pergunta para a pequena mulher-formiga: você consegue me ouvir? A pequenina mulher, frágil e minúscula, diz, de forma quase inaudível: “consigo, mas com alguma dificuldade”.

De um lado um ouvido gigante que não deixava a mulher-formiga enxergar a boca que perguntava “você pode me ouvir?” talvez, essa mulher-ouvido percebesse que sua boca, ao transportar o som até o ouvidinho da mulher-formiga, era também gigante, de modo que a sonoridade chegava muito alta para a escuta delicada da mulher-formiga, mas, ao mesmo tempo, também sabia que sua mulher-formiga precisava de seu ouvido como veículo dela para que fosse transportada para além dela mesma, por isso o oferece. A mulher que se transformou em ouvido e este meio de transporte da mulher-formiga, não tem como escutar direito a voz da mulher-formiga. Não foi à toa que a mulher-formiga se perdeu entre músicos e mato. A mulher-formiga tem ouvidos sensíveis, está buscando os elementos de sua composição, mas não era entre humanos, entre humanos, amava a sonoridade musical, mas precisou efetuar uma transformação mais radical para encontrar sua natureza: virou formiga-com-vestido-verde. Podia ouvi-los e segui-los e não ser percebida por eles, mas corria o risco de desaparecer por pisadas distraídas e/ou calculadas; o mundo humano é um gigante colocando-a sempre em risco de desaparecimento, mas segue, sabe que precisa seguir a música e o mato, como seguisse um alimento. Algo nela sabia que as formigas, juntas, tem maior peso que a humanidade inteira. A mulher-formiga quer ser ouvida e quer cantar. Quer ser outro corpo. A mulher-ouvido quer

ouvir e entender. Mas os tamanhos de uma e outra dificultam o diálogo e, se não fosse o vestido verde, a mulher-formiga poderia ter sido pisoteada pela mulher-ouvido. O risco desse desastre assusta a mulher-ouvido, a apavora. Mas ela a achou mesmo assim e não estranhou sua metamorfose, algo nela sabia que sempre a encontraria. A mulher-formiga, por seu lado, percebe que não pode perder os signos da humanização e de localização amorosa, por isso manteve o vestido verde em seu corpo. Ele permite também que ela transite no mato e se confunda com ele, se proteja em alguma medida, mesmo que de maneira frágil. Mas ela encontra aconchego nesse ouvido gigante, úmido e quente, embora saiba que ele não é capaz de ouvi-la como necessita sua natureza de formiga. Ela grita, mas seu som, quando chega na mulher-ouvido, chega faltando palavras. Elas se perdem em função da distância de tamanhos. A mulher-ouvido não tem como virar formiga, sua natureza humana, demasiado humana, não lhe permite transmutações radicais, não tem como se abandonar no devir- animal-formiga tal como a sua mulher, mas se esforça em ouvir seu sussurro, quer ajudá-la, mas não sabe como e não têm como. Ofereceu seu ouvido como gesto amoroso, mas não pode ouvir. Mesmo assim, a transporta de um lado a outro para impedi-la de morrer, acolhendo algumas sílabas da voz, quase inaudível, da mulher-formiga que, até chegar ao seu ouvido, perde o sentido, mas ela se esforça em reunir os fragmentos de ruído e busca defini-los como uma frase que jamais é igual a que a mulher-formiga-de-vestido-verde proferiu e a mulher-formiga, por sua vez, não consegue escutar as frases da mulher-ouvido num tom baixo, porque o que lhe chega é sempre um estrondo. Ambas começam a ter incapacidade de audição em função da diferença de natureza e tamanho. Mas, mesmo assim, as duas vão levando a vida.

O dia a dia da mulher-formiga não é fácil. Enxerga com dificuldade, conhece a vida por cheiros. O cheiro humano por exemplo, é percebido de longe, de modo que se afasta antes de qualquer aproximação. O cheiro das outras formigas é percebido pelo traçado deixado por elas, pelos caminhos, mas embora os encontre e deseje aproximação, não pode ser acolhida por elas, seu vestido produz distância, impede o encontro, produz estranheza. Para isso, teria que tirá-lo, mas ficaria em perigo de não mais ser encontrada pela mulher-ouvido. Mesmo assim, encanta-se com as miudezas, como também as escuta. Mas não consegue comunicá-las à mulher-ouvido. Nesse mundo de miudezas há muita beleza, mas os riscos de morrer podem ser maiores porque o mundo é um gigante maior que o da mulher-ouvido. Ela, a mulher-formiga-com-vestido-verde, percorre dois mundos, ela explora esses dois mundos, captando o que está para frente, ao redor e para

cima, jamais para o que está abaixo, porque não existe embaixo para ela, sua natureza não lhe dá essa dimensão de sentido, mas conhece a dimensão de profundo, pois é lá que faz morada. Pode também andar para trás, mas não pode olhar para trás. A anatomia de sua cabeça não permite. Assim, quem pode lhe avisar de algum perigo que vem por suas costas será sempre outra formiga que porventura esteja virada de frente para ela, mas ela não a encontra com facilidade por conta de seu vestido. Ela sabe que está só, então, quando a mulher-ouvido não está por perto, mundo menor e mundo maior se tornam perigosos, mas o maior ainda mais, porque é nele que a mulher-formiga enxerga com menor precisão. Sentir o cheiro do perigo também não é suficiente porque os odores são numerosos e a confunde. O mundo é gigante e ela, sozinha, é incapaz de marcá-lo com seu corpo. Ela não cabe, sozinha, nesse mundo maior, porque é facilmente engolida por ele e sofre de surdez constante e enxaqueca permanente. Também não cabe completamente no mundo menor, embora se desloque melhor nele. No mundo maior, deslocar-se é uma tarefa quase impossível e exaustiva. Não tem pernas humanas, agilidade humana, velocidade e, mais que isso, como formiga, precisa de outras para se orientar e se defender. Aprendeu, observando as formigas, a arte do bom encontro das antenas. Arte capaz de criar uma base coletiva e protetiva para enfrentar os desafios diários e, assim, ter peso maior do que o da humanidade. Aprendeu que só em comunidade de formigas pode encontrar seu corpo e sua potência. Entendeu também que uma formiga desgarrada de sua comunidade facilmente morre porque não encontrará os rastros das demais, somente os seus e andarás em círculos; andarás em torno de si mesma, até morrer de exaustão. Porque só encontrará seu próprio cheiro. Em conjunto ela consegue selecionar o tipo de contágio que pode atingir o seu ouvido e nariz; consegue sintonizar-se aos ruídos de seu mundo de miudezas, através do encontro de suas antenas com a de suas semelhantes, numa espécie de camada de proteção que as ajudam a sintonizar a estação certa para a sua audição. Dessa maneira é também capaz de encontrar moradia em lugares seguros e profundos e se deslocar com as outras quando, juntas, cheiram o perigo. Só funciona juntando inteligências. Sozinha, sem essas antenas tocando as suas, os demais ruídos da cidade, os ruídos humanos e das coisas inventadas pelos humanos, ficam altos demais para seus ouvidinhos. Tudo se torna demasiado grande e assustador. Sua inteligenciazinha caduca. Ela só funciona agenciada a outras e por ajuda mútua e voluntária.

Para a mulher-ouvido só existe o mundo grande, embora ela saiba da existência do menor porque ela tem a noção de embaixo. Mas ela não pode olhar para baixo,

senão pode perder seu caminho para frente. Pode desviar-se sem querer e cair em espaços desconhecidos dentro do mundo grande. Também não tem como habitar o espaço menor. É grande demais para ele. Sua suavidade, nesse mundo minúsculo, vai se manifestar como força bruta por conta do tamanho de suas formas, mesmo se ela reduzir a sua força. Seus passos vão ser rápidos demais e podem ferir as miudezas, sem intenção de feri-las. No entanto, diferente da mulher-formiga, ela pode andar sozinha sem se perder, porque a cidade grande é sua morada, ela sabe entender seus sinais. Ela precisou construir seu tamanho de maneira compatível a tudo que a cerca, para não ser engolida. Ela sabe sobreviver e sabe também viver nesse espaço grande. Isso não significa que a solidão pode lhe deixar feliz e que não precise escutar, mesmo que com dificuldade, o que diz a mulher-formiga. E a mulher-formiga não pode abandonar o vestidinho verde, caso contrário perderá sua humanidade; deixará de ser mulher. Não pode abandonar também ser guiada pelo ouvido humano da sua mulher que dá contornos mais precisos ao vestidinho verde, mas precisa aprender a encontrar, de vez em quando, outras formigas-com-vestido para seguir os movimento sutis de seus corpos, guiar-se por seus cheiros e aprender a girar com elas, devindo mulher quando seus vestidos dançam com o bater do vento e, no mesmo lance, movimentam os minúsculos corpos nesse giro, que crescem esplendorosamente; girar, também, junto ao espalhar das folhas, lhe permitindo brincar, devindo criança e, assim, encontrar as antenas-abrigo que não provocam ruído, mas compõe vida quando com ela dança, dando passagem aos circuitos abertos de energia, alegria e cuidado. Parar de andar em círculos, tal como faz quando está sozinha, e, nesse gesto, deixar a mulher-ouvido tranquila. Quem sabe assim a mulher-ouvido não precise mais se preocupar em encontrá-la para transportá-la para aqui e acolá e também possa ser cuidada, pois carrega o peso humano... quem sabe assim consiga, finalmente, ouvir com melhor precisão o som que sairá do círculo das outras formigas-com-vestido, que é mais rico e sonoro que a humanidade inteira, sem precisar abrir mão de seu corpo de trabalhadora do manicômio-cidade?

* * *

Aline R. Nascimento [Aiakos] é psicóloga (UFF), Mestre em Psicologia (UFF), Doutora em Memória Social (UNIRIO) e concluiu estágio de pós-doutoramento em Psicologia Social na UERJ.



Atrás dos muros as pessoas são azuis

Ana Lúcia Silva

Vida

A mim foi negado tudo.

Até o absurdo

(Rodrigo de Souza Leão)

— Abra a porta, filha! Abra a porta! A batida seca na madeira, a insistência. Não podia abrir, não podia. Eles iriam entrar e ainda não estava pronta. Eles não deixavam.

“Não abra a porta, não abra. Você precisa saber o restante.” Colocou a mão nos ouvidos. Sentia medo, iam invadir. Precisava terminar a penitência.

“Penitência, penitência, penitência.” O anjo lhe apontava o caminho. Subiu as janelas para se proteger do mar de fogo. Uivava, gritava, a urina escorria entre as pernas. Ouvia os demônios a chamar-lhe. “Vistes o Inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores. Se fizeste o que eu disser salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar”.

Um segredo, ainda havia um segredo a ser revelado.

Arrombaram a porta. Manifesto tornou-se o que era latente. Aos olhos, ao toque, ao olfato. O opaco ante a porta, translúcida agora a imagem de uma mulher louca.

O mundo deflagrado. Depois, como se estivesse envolta em uma bruma, longe, distanciado. Uma dor no braço, uma dor fina, a picada de uma agulha. A maca com cintos. As vozes silenciaram-se. Um rosto coberto de lágrimas, talvez, o rosto de sua mãe.

Uma luz forte, um sol, uma lâmpada. Tudo impreciso. Tentou olhar a sua volta. Um estranhamento. Tentou focar, a visão: embaçada. Poderia ser uma cadeira. Uma janela, umas grades. Moveu os braços. Pareciam atados.

Novamente, o sol ardia seus olhos. O chão gelado, seu corpo depositado num frio, por vezes quente, um cheiro forte de urina e fezes.

O ar abafado, a respiração ruidosa, sentia sufocar. Uma gota gelada molhou seu rosto, depois outra e outra e todo o seu corpo.

Uma luz, não lembrava se a luz era dia ou noite. Uma dor lancinante na cabeça. A boca seca. Um grito ao longe, ao lado, de dentro da boca.

Um dia, uma noite, um claro, um escuro. Um tempo sem marcas, sem horas. Um espaço qualquer, indefinido.

O pé caminha e o outro arrasta. Na frente, as costas, a bunda, as pernas. Atrás, dois peitos enormes. Uma voz mandou encostar à parede. Dois braços a mais de cada lado, mais dois ombros a recostar-se aos seus, uma cabeça a mais de cada lado. Um jato de água gelado arrepia o corpo. Trança os braços até cruzarem os ombros para diminuir a sensação de frio. Recebe uma trouxa de roupa, roupa azul. Veste com dificuldade devido ao corpo molhado. A roupa fede, mas sente-se bem com o corpo banhado. Ouve gritos ao longe, de cima, de baixo, da boca um sorriso.

Uma mulher começou a gritar que não eram animais. O cheiro da comida lembrou-lhe que tinha fome, uma dor na barriga, um ronco, o vazio. Avançou no cocho, junto a tantas outras mãos, conseguiu apanhar um tanto de comida. Dobrou a blusa e depositou a comida ali, para que pudesse pegar um pouco mais. Empurrada, a comida caiu ao chão. Agachou-se rapidamente, e comeu o que foi possível.

Uma cabeça raspada a frente, vestida com uma roupa azul, atrás, outra cabeça raspada com a mesma roupa azul, a mesma roupa que ela vestia. Azul. Diante dela, uma moça de roupa branca dava-lhe um comprimido, mandava engolir, abrir a boca e verificar se havia tomado o remédio.

Terminadas as filas da manhã, recebia um cigarro, podia ir para o pátio, ficar ali deitada até a chamada para a próxima fila. Às vezes, ia até o muro, gostava de lambar sempre no mesmo lugar, lambara tanto que havia um orifício que encaixava bem sua língua, queria furar o muro até que sua língua passasse para o outro lado, queria sentir o sabor do lado de fora.

Alguns dias, aparecia o moço de branco, o médico. Ele tinha uma pasta na mão, cheia de papéis, chamava por números, o seu era 7687. Tinha que ficar de pé diante dele, mas ele nunca lhe fazia perguntas. Indagava a outra moça de branco. Por fim, entregava um papel com o nome dos remédios que deveria tomar e depois podia se sentar.

A moça que gritava que não eram animais, começou a cochichar em seu ouvido, não compreendia o que era. O que ela dizia. Pensava ser ela um animal?

Um dia compreendeu “Precisamos nos unir”. Era uma moça bonita, ouviu de alguma boca que ela era estudante, estava internada por causa de uma tal revolução. Depois, ela sumiu. Por um período, apareceram muitas moças como ela. Tomavam choque todos os dias e depois desapareciam.

A comida demorou a ser servida, sentia fome. Algumas pessoas estavam agitadas devido à falta de remédios. Não havia banho nem troca de roupas. O mau cheiro impregnava o ar. Uma mistura de urina, suor e poeira. O calor escaldante tornava o ar denso, sufocante. As baratas e moscas infestaram os quartos, os consultórios. Os ratos passeavam pelos pátios. As funcionárias pediam para todos terem paciência por causa da greve. Não gostava dessa pessoa. Ela deixava tudo sujo e sem comida.

Uma moça riu, disse que a greve não era uma pessoa, era um movimento dos funcionários para melhorar a vida de todos. Era uma revolução? Sumiriam todos depois de tantos choques?

Depois de alguns dias a greve acabou. Apareceu um monte de gente nova. Chegaram alguns homens com uma mesa, trouxeram cadeiras. Agora podia sentar-se para comer. A comida vinha em pratos com colheres. Podia repetir se tivesse fome. Depois do almoço, umas moças de uniforme diferente lavavam o chão do refeitório, lavavam os quartos, lavavam todos os lugares. Tinha muita espuma, um cheiro bom.

A médica nova era bonita, passava batom e pintava as unhas bem compridas. Olhou para ela e sorriu. Perguntou seu nome. Nome, pensou. Ninguém perguntava seu nome. Lembrou da palavra que a mulher gritava: segredo. O segredo de Fátima, deveria ser este. Este é o seu nome. Meu nome é Fátima, eu me chamo Fátima.

Fátima, eu vou mudar os seus remédios. Não entendeu porque lhe dizia aquilo. Você gosta de pintar? Não lembrava como era pintar, mas disse que sim. Então vou colocá-la nas oficinas de pintura.

Depois de dias, ficou sabendo que o manicômio iria fechar, teria que ir embora. Ir embora, repetiu para si mesma. Contataram um irmão, único parente vivo. Um irmão. Ele viria buscá-la no dia seguinte.

O diretor a chamou em sua sala, havia um moço sentado, havia uma mulher do lado dele. Quando ela entrou segurou-lhe o braço. Abraçou-a forte e chorou. Era bonito, tinha barba, cabelo preto. Entregaram-lhe uma pasta. 7687. Aqui está seu prontuário, deixe com seu irmão, ele vai encaminhar para

o médico que vai atender você agora. Maria das Graças Silveira, leu na folha de rosto. Esquizofrenia. Data da internação 27 de fevereiro de 1967. Estava cansada de tantos enigmas. Lembrava que 1989 era o ano que a médica havia lhe dito.

Pode ir, Maria das Graças, disse o médico. Você tem marcado essa semana, uma consulta no Núcleo de Atenção Psicossocial, é importante que dê prosseguimento ao tratamento e tome os remédios nos horários corretos.

— Doutor, eu preciso entrar. Fazer uma coisa, antes de ir.- disse Maria das Graças.

Correu para dentro do manicômio, até o muro. Juntou um pouco de saliva entre os dedos, pegou alguns papéis jogados pelo chão, pequenas pedrinhas, pedaços de folhas. Remendou o buraco no muro. Não precisava mais sentir o gosto do muro que a aprisionava. Entraria com a língua e tudo para o outro lado.

* * *

Ana Lúcia Silva é psicóloga, psicanalista, militante do movimento antimanicomial, escritora e poeta. É autora dos livros de poemas “Segurar aonde tudo flutua”, “Desenhava meus olhos para me cegar” e “Panela de barro”. Atualmente prepara um livro sobre pandemia e luto.



louca poética da vida

Mário Francis Petry Londero

julgada,
encerrada,
encarcerada,
alinhada ao meio,
equilibrada a marteladas no crânio.
vida no claustro,
com fé religiosa ou científica,
a loucura, para não transbordar a
cidade,
fica domada por paredes concretas ou
químicas,
anestesia e gira em torno de si mesma,
mas vaza, sempre vaza...
está além do homem,
explode eus!

medicação
medica a ação
médico em ação na internação
terror de todo organismo louco
interna a ação
exclui a ação
invade a ação desejante
e a substitui por ações químicas
oração

no universo o devir irrompe como
possibilidade quando uma estrela
cadente arranha o céu com a incerteza
de onde irá pousar.

o problema do homem nunca foi
imaginar possíveis futuros, isso sempre
foi estupendo, força ativa que até hoje
faz com que se saia do lugar, puro
movimento utópico. o problema foi
quando passamos a fabricar futuros
para vendê-los em quantidades
estrondosas. desde o momento em
que se criou uma relação de excedente
para com as possibilidades de futuros,
não os imaginamos mais de maneira
independente e lúdica, passamos a ser
apenas consumidores de futuros ao
invés de inventores do que está por vir.

mata-se o presente em função de uma
promessa preventiva sobre o futuro...

que uniforme mais justo,
Injusto!

cabe em quem segue cegamente a
medidinha certa,
somente cães adestrados se alimentam
dessa ração!

queria me alimentar dessa ração,
apaziguaria ao menos...
por demais a razão animal é moldada,
ai que medo da pulsão animalesca!

a escrita resiste,
não desiste,
insiste,
faz-me desaparecer,
torna-me palavra,
e nem o mais vigilante gramático
consegue me esmorecer...

destino trágico esse do desamparo das
inscrições,
tão belo e terrível ao mesmo tempo.
vida e morte não cansam de pulular,
de ensaiarem-se em um outrem...

a melhor maneira de conhecer uma
cidade é perder-se nela escrevera
benjamin. imagino que isso não seja
válido apenas para as cidades. os bons
encontros, seja com qual corpo for,

estão repletos de perdições. eles exigem
que tenhamos um devir flâneur para
conhecer o outro e a si mesmo na
invasão das intensidades produzidas.
quanta dor há em um encontro, mesmo
que seja bom, nele ficamos em pedaços,
rachados pelo outro que insiste em nos
habitar em sua diferença. o desamparo
trágico do encontro nos faz vacilar,
ativa certas defesas para a não efetuação
da alteridade proposta pelo outro.
resistimos. o que pedimos ao outro,
neste momento de vertigem, para além
de sua diferença catastrófica em nós,
é um abraço. abraço que nos envolve
com sua alteridade, mas que ao mesmo
tempo nos embala para que nossa
fragilidade possa ser afirmada e não
escondida pela vergonha de ser fraco.
morremos e nascemos a partir de um
abraço, flanamos por suas intensidades,
desvelamos o outro em nós, a pequena
morte insiste em ser abraçada...

a arte da escuta da loucura
passa pela abertura do corpo para a
poética da vida!

* * *

Mário Francis Petry Londero é psicólogo, doutor em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Diretor do Serviço de Psicologia Aplicada da UFRN e professor no Programa de Pós-Graduação de Psicologia da UFRN.



IV

Emergência



Emergência

Ricardo Augusto Pessoa Braga

Planejei as férias direitinho. Com duas amigas iríamos curtir Bariloche e ver pela primeira vez neve e vulcão. A ideia era comemorar meu aniversário na divisa do Chile com a Argentina, justo durante a mudança de barco na travessia dos Lagos Andinos. Muito chique, ralei para pagar as prestações. Nesse lugar há um hotel maravilhoso, onde os turistas passam a noite e ficam distantes de tudo, nem telefonemas recebem. No dia seguinte embarcam no lado argentino.

Aí veio a pandemia. Tudo cancelado e o mundo em isolamento. Lá se foram as férias. Mamãe, de 85 anos, adorou que eu e minha irmã caçula ficássemos em casa. Nos primeiros dias administramos muito bem a nova dinâmica de vida, até que me deu uma neura incontida de sair, ver gente, trabalhar.

Foi quando recebi a ligação de uma colega do hospital, dizendo que lá, a situação estava uma barra. Os leitos de UTI ocupados, competição por respiradores e carência de médicos e enfermeiros para dar conta da demanda. Não resisti: decidi voltar ao trabalho.

Mamãe até que compreendeu rápido a minha posição, enquanto Elvira implorou que eu não fosse. Não só por ser muito ligada a mim, desde pequena, mas porque enxergava um enorme risco, vez que eu estava para completar sessenta anos. Em dois dias venci as resistências e assumi meu posto na enfermagem. Para não comprometer a saúde de mamãe e de Elvira, dividi um apartamento alugado pelo governo com três colegas.

Aplicava soro e remédios, fazia curativos, lavava doentes, auxiliava em operações médicas de emergência, corria para um lado e para o outro, virando turno quando necessário. A rotina era cada vez mais cansativa e quase fui à exaustão. Apesar das mortes, compensava assistir à melhora de jovens e idosos, sem nem precisarem de respirador; alguém sair da UTI para a enfermagem; ou o paciente deixar o hospital, recuperado.

Por dezoito dias acompanhei Seu Manoel, um velhinho de 92 anos, amor de pessoa. Antes de ir para a UTI brincava sempre com o médico que aparecia

para vê-lo, quando não, com as enfermeiras, dizendo que ia sair mais forte do que entrou. Ao ser dispensado da terapia intensiva, voltou a ter o mesmo humor, o que lhe atraía mais afeto nos plantões. Até que foi para casa, sob aplausos.

Comemorei meu aniversário na cantina do hospital, com direito a flores, enviadas pelo Diretor. Me senti vaidosa e recompensada pelo carinho dos colegas. Pena que minha família não participou. Mas, enviei, na hora, muitas fotos e um filminho dos parabéns.

No dia seguinte, amanheci com dores nas costas e um cansaço incomum. A fadiga do trabalho leva muita gente a esses sintomas. Depois, tive febre. Tentei fazer o teste do Covid-19, não havia disponível. Fui dispensada e orientada a ficar em casa, em auto-observação. Como não podia voltar a conviver com as colegas naquela situação, tive que me trancar em um quarto do apartamento que dividia com elas, saindo, apenas para usar o banheiro de serviço. Nos dias seguintes piorei e fui levada a outro hospital, porque o meu estava lotado. Lá, eu não conhecia ninguém, sequer sabiam que eu era enfermeira e que até dias antes estava na mesma frente de luta.

Por não haver UTI disponível, fui transferida para outro município, sendo logo intubada. Perdi contato com todos e fiquei só na angústia do pensamento. Elvira estaria me procurando?

Alô! Quero falar com a enfermeira Clarice. Ela não está de plantão. Onde se encontra, não atende celular nem telefona pra casa. Quem fala, é parente? Sim, sou irmã dela. Olha, Clarice adoeceu e foi internada. É grave? Não sei dizer, mas infelizmente foi do Covid. Meus Deus, estou apavorada, posso falar com ela? A Clarice é muito querida aqui, mas não tínhamos vaga. Foi levada a outro hospital. Estou tentando descobrir qual, mas nesse inferno que enfrentamos, ainda não consegui.

Eu não tinha mais nada a fazer do que continuar imaginando, enquanto meu corpo parecia dilacerar. Precisava continuar pensando na mãe e na mana, para não pensar na morte.

Elvira, descobriu onde está Clarice? O que aconteceu? Ela teve uma estafa, mãe, vai se recuperar logo. Não minta pra mim, ela pegou o vírus. Não... Sim, estou sem saber o que fazer mãe. Não descobri onde ela está. Já bati todos os hospitais que conheço e não a encontrei. Nem sei se está viva.

Só tenho um fiapo de lucidez, não sei onde terminei de pensar e no que estava pensando... Acho que estou em coma.

Elvira? Mamãe?

* * *

Ricardo Augusto Pessoa Braga é biólogo, Mestre em Ecologia e Doutor em Engenharia Hidráulica e Saneamento. É professor e pesquisador aposentado da UFPE e presidente da Associação Águas do Nordeste (Ane). Nos últimos anos tem se dedicado à literatura ficcional com os livros *Ecologia do Cotidiano* e *A Flor Lilás e outros Contos*, este, ganhador do Prêmio Nacional Cepe de Literatura, 2018.







A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa as vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



Publicações da Editora Rede UNIDA

Séries:

Pensamento Negro Descolonial
Mediações Tecnológicas em Educação e Saúde
Educação Popular & Saúde
Saúde Mental Coletiva
Atenção Básica e Educação na Saúde
Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde
Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde
Saúde & Amazônia
Saúde Coletiva e Cooperação Internacional
Vivências em Educação na Saúde
Clássicos da Saúde Coletiva
Outros

Periódicos:

Revista Saúde em Redes
Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br

